O BANDEIRISMO PAULISTA

:: E O RECUO DO MERIDIANO ::

PESQUIZAS NOS DOCUMENTOS SEISCENTISTAS PUBLICADOS PELOS GOVERNOS ESTADUAL E MUNICIPAL ::

POR

ALFREDO ELLIS JUNIOR

Possessões castellhanas do Vice reino do Perú
hoje territorio brazileiro

Brazil portuguez

TYPOGRAPHIA PIRATININGA

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 16 - S. PAULO

DO MESMO AUTOR

JA' PUBLICADO

"*Ascendendo na Historia de S. Paulo*"

Conferencia realisada no Rio de Janeiro, a 17 de Julho de 1922.

IMPRENSA NACIONAL

NO PRE'LO

"*Novas bandeiras e novos bandeirantes*"

Trabalho apresentado ao Congresso Internacional de Historia da America, promovido pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por occasião do centenario da Independencia.

IMPRENSA NACIONAL

"*Alguns paulistas dos seculos XVI e XVII*"

Idem.

IMPRENSA NACIONAL

"*Meio seculo de bandeirismo*"

Memoria historica, para a Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

EM PREPARAÇÃO

"*Raça de Gigantes*"

Estudo historico, ethnographico, anthropologico e genealogico dos bandeirantes.

"*A immigração italiana em S. Paulo*"

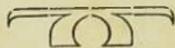
Estudo ethnographico, anthropologico e demographico.

"*Genealogia dos Cunha Bueno e Oliveira*"

Estudo genealogico destas duas familias paulistas contemporaneas, com arvore genealogica, remontando ás epocas da colonisação da Capitania de S. Vicente, e interessando dezenas das maiores familias paulistas actuaes; varios mappas genealogicos dos troncos povoadores portuguezes, hespanhóes e flamengos.

ALFREDO ELLIS JUNIOR

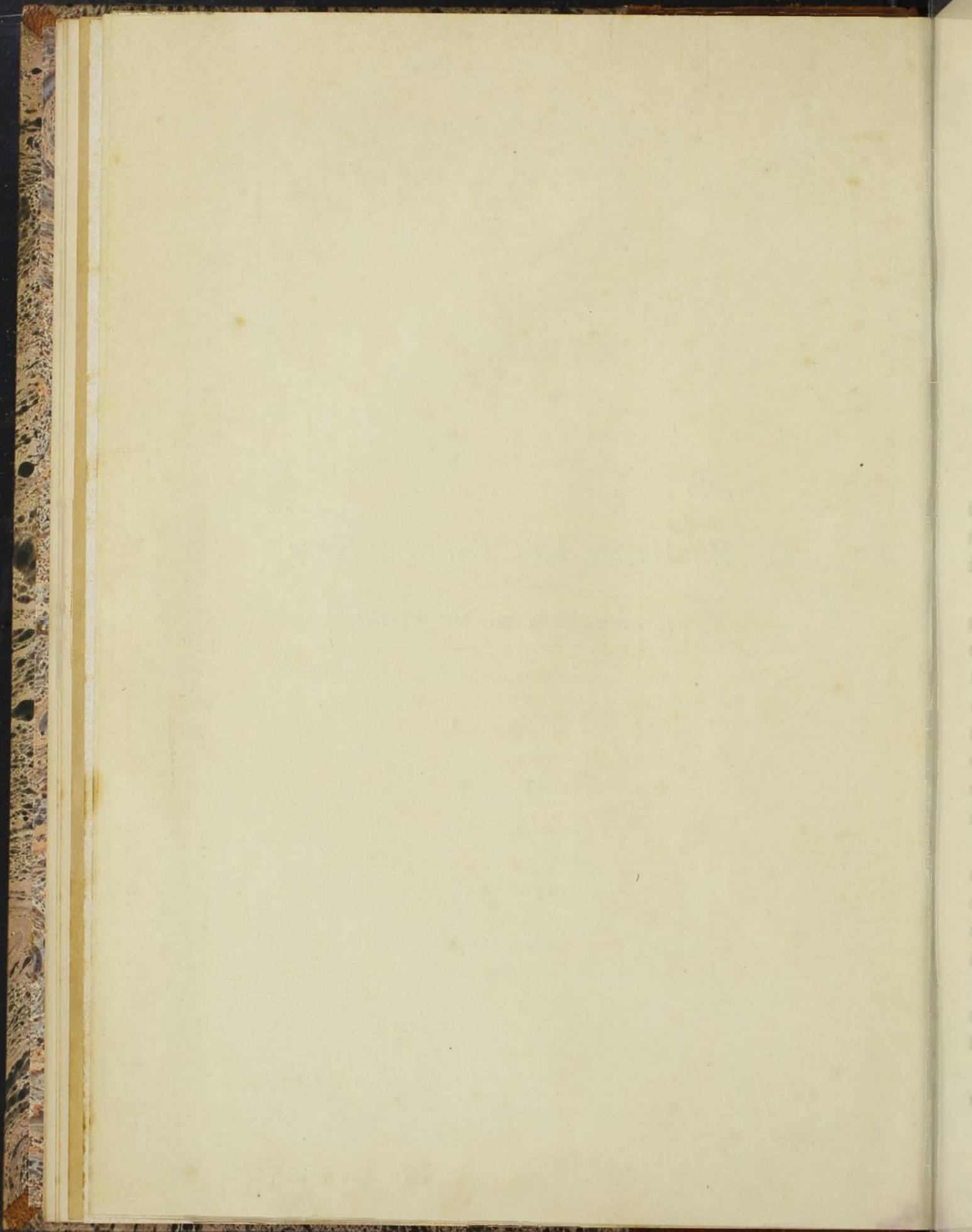
O BANDEIRISMO PAULISTA E O RECUO DO MERIDIANO

PESQUIZAS
NOS DOCUMENTOS SEISCENTISTAS
PUBLICADOS
PELOS GOVERNOS ESTADUAL E MUNICIPAL

SÃO PAULO
TYPOGRAPHIA PIRATININGA
RUA BRIG. TOBIAS N. 16

Galvão

Ao

Dr. Washington Luis Pereira de Sousa

homenagem muito grata

PREFACIO

Não tem este trabalho a pretenção de ser uma historia do bandeirismo, e nem mesmo a da conquista territorial, que sobrepujou o meridiano de Tordezilhas.

E' elle tão sómente a reunião de alguns artigos que publicámos no «Correio Paulistano», fructo muito modesto de pesquizas que procedemos nos documentos officiaes, que o benemerito Dr. Washington Luis, como Prefeito da Capital e como Presidente do Estado, fez publicar, franqueando, assim, aos que se interessam pelas cousas do nosso brilhante passado um riquissimo cabedal que, até então, se achava quasi inexplorado.

Assim, pois, não é este volume um tratado, onde se possam estudar todos esses «raids» phantasticos, que fizeram essa epopéa rutilante das bandeiras, nem é nelle que se possa acompanhar esse phenomeno do nosso passado, em suas causas e consequencias.

Outros, mais competentes, farão essa obra necessaria, que virá certamente preencher uma enorme lacuna, no conhecimento exacto dos nossos maiores.

Com o trabalho, que óra apresentamos, só tivemos em mente trazer um pequeno concurso, original,

e baseado em provas documentaes, para quem futuramente queira escrever a historia definitiva das bandeiras.

Assim, procedemos ás nossas pesquizas, procurando adaptar os conhecimentos novos nellas colhidos, a respeito do bandeirismo, ao que já era fartamente sabido, atravéz dos muitos escriptos dos sabios historiadores como Pedro Taques, Azevedo Marques, Silva Leme, Orville Derby, Toledo Piza, Capistrano de Abreu, Washington Luis, Basilio de Magalhães, Diogo de Vasconcellos, Padre Carlos Teschauer e Affonso d'E. Taunay, que com precisão nos têm revelado tanta cousa a proposito do capitulo magno da nossa historia.

As nossas buscas, foram, principalmente orientadas pelo que nos tem ensinado Taunay, na sua preciosa analyse da documentação hespanhóla, no que diz respeito ao passado paulista.

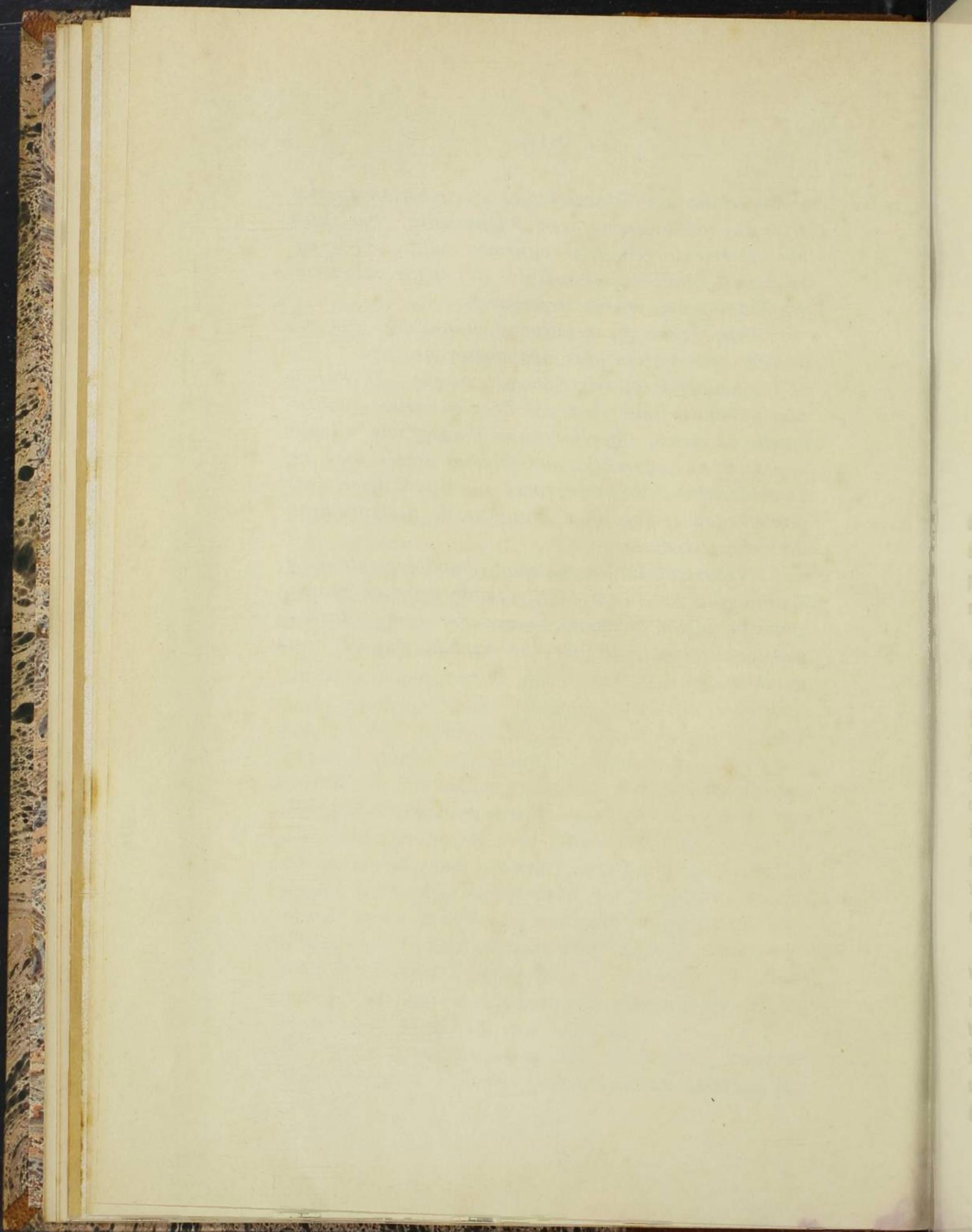
Desta norma de proceder, resultou a verificação de que a publicação da documentação official paulista, tanto municipal como estadual, veiu revelar innumeros feitos de bandeirismo, que até então eram desconhecidos, tendo atravessado incolumes aos olhos perscrutadores dos muitos que se têm dedicado ao desvendamento do nosso mysterioso passado. Além disso essa abençoada publicação veiu reformar muitos pontos tidos até então como axiomas, nas paginas da nossa expansão territorial, modificando por completo idéas erroneas, que já se achavam radicadas no estudo das bandeiras e que eram constantemente repetidas, pela multidão inconsciente e ignorante, de copiadores de cousas já impressas, que, divulgando seus escriptos perniciosos, espalhavam a mentira e a falsidade.

Com a publicação desses documentos, tambem, foram cortadas algumas controversias de opiniões, que

se entrechocavam, obscurecendo o conhecimento dos feitos dos nossos memoraveis antepassados. Por outro lado finalmente veiu ella confirmar muitos sadios ensinamentos, dos velhos estudiosos das épocas primiévas, firmando-os em provas irrecusaveis.

Estes foram os resultados produzidos pela publicação dos documentos dos nossos archivos.

Analysando-a, seleccionando o que se relaciona com o bandeirismo, comparando com outros conhecimentos já certos, e applicando as illações que a logica imparcial nos permittiu, acreditamos trazer uma pequena contribuição nova, para o estudo desse cyclo immorredouro, que foi a conquista de desbravamento do nosso territorio.

Neste trabalho, encontrando bondosamente o Dr. Washington Luis, com o seu grande amor ao passado paulista, algum prestimo, houve por bem ordenar a sua publicação, pelo que lhe hypothecamos a nossa gratidão.

INTRODUCÇÃO

E' muito sabido que, logo após a descoberta da America, Hespanha e Portugal, com a mediação de Alexandre VI, o papa hespanhól Rodrigo Borgia, se entenderam em um tratado, pelo qual delimitavam as suas possessões.

Descoberto o Brazil, após este tratado, que se chamou de Tordezilhas, deveriam as suas clausulas vigorar nos limites americanos dos dois reinos ibericos. E, como estabeleciam ellas uma linha imaginaria, que, pelas dimensões das distancias, deveria penetrar no continente, nas cercanias de Belém do Pará, e sahir em Laguna, em Sta. Catharina, cortando em recta inflexivel o territorio brazileiro, a Castella ficavam tres quartos da nossa actual área territorial, restando a Portugal apenas uma quarta parte, nos estados do nordéste e do centro.

De accôrdo com o tratado de Tordezilhas, Castella tinha todo o Amazonas, quasi todo o Pará, todo o Matto Grosso, quasi a totalidade de Goyaz, dois terços de S. Paulo, parte de Minas, todo o Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul, que bem internados se achavam nas terras que a linha pontificia deixava a Hespanha.

Mais de 6.000.000 de kilometros quadrados eram graciosamente attribuidos ao imperio de Fernando e Izabel, ficando apenas a Portugal 2.500.000 kilometros.

Nem toda esta immensa área, porém, foi logo aposseada pelos dous reinos peninsulares. Portugal se limitou ao litoral de seu quinhão, dividindo-o em capitanias, que entregou a pessoas de pról da sua côrte, que semearam por ellas parcos nucleos de colonisadores.

Hespanha, a quem coube a parte de leão na divisão, e a quem já pertencia o resto da America sulina, foi tanto mais favorecida, porquanto tinha a sua área cortada por duas grandes vias naturaes de penetração, que facilitavam senão o povoamento, ao menos a tomada de posse. Ao norte era o Amazonas que, descendo das geleiras andinas, do vice reinado do Perú, rasgava, estensamente com seus numerosissimos affluentes, o territorio castelhano, que assim podia ser navegado e penetrado com grande facilidade. Ao sul eram o Paraná e o Paraguay, em continuação, que davam accesso ao centro matto grossense do Brazil hespanhól, dissipando as difficuldades de uma laboriosa penetração.

Não foi assim a Portugal, a quem faltaram, na sua porção, essas vias de entrada, onde as proprias caravellas transatlanticas, pudessem singrar até os reditos longinquos de um agreste e barbaro sertão. Na sua faixa, não tinham os lusos senão o S. Francisco, esse mesmo encachoeirado, logo acima da sua fóz. Nenhum outro grande caudal permittia aos portuguezes communicação facil com o seu *hinterland*.

Hespanha, porém, com tão immensa quantidade territorial, não fôra dado se aproveitar de tudo,

para, com sua população excedente, colonisar de gente sua, incorporando, assim, a seu grande imperio, toda a generosidade do meridiano de Tordezilhas. Para cumular a impotencia castelhana, em absorver esse colosso, a occidente da linha demarcadora, havia no Perú a prata e ouro em abundancia, de forma que o brilho dos metaes attrahia para a sua mineração as energias que poderiam estar espalhadas a povoar o paiz immenso.

Com isto e, talvez, devido ao clima e ás intempéries do norte, Hespanha despresou todo o vale amazonico, com as suas optimas estradas liquidas. Toda a bacia do rio mar, até aos contrafortes andinos, abandonou Hespanha, para apenas aproveitar a bacia platina, parano-paraguaya, por onde os hespanhóes se internaram, fundando as agglomerações humanas do Paraguay e sul de Matto Grosso, bem como as que margeavam o Uruguay, o Paraná e seus affluentes, onde se espalharam os jesuitas hespanhóes á frente de suas myriades de reducções.

Com este blóco importantissimo de população dos rios da bacia platina, não só Hespanha se apossava de grande área ao sul, concretisando o seu direito, como criava um intransponivel entrave a qualquer progressão portugueza, para o occidente, que partisse de S. Vicente, o nucleo mais meridional de povoamento das terras lusitanas. Em synthese, Castella, abandonando o norte, povoava fortemente o sul, impedindo o accesso aos seus rivaes.

Portugal, si desprotegido fôra na partilha da America meridional, e, si a natureza o desamparou, na hydrographia do seu quinhão, foi-lhe grandemente prodiga na aventurosa, temeraria e audaciosa psychologia, com que doára os herdeiros dos conquistadores

heroicos do «mar tenebroso», e das tradições homericas, que ainda gravavam as fragas graniticas do promontorio de Sagres.

Não paravam ahi porém, os paradoxos com que a natureza primordiava a conquista da America do Sul, em rectificação ás clausulas tordezilhanas.

Puzera ainda a suprema mater, para proteger o povoamento castelhano do vale parano-paraguayo, um impecilho giganteo, logo em seguida ás niveas praias vicentinas. A capitania de S. Vicente, para onde o luso Martim Affonso conduzira o seu pugillo incomparavel de aventureiros povoadores, era ao sul a sentinella avançada da gente portugueza, na lucta que iria travar para a colonisação do continente.

Antes, porém, de poderem os portuguezes se apossar das terras dessa capitania mistér se fazia galgar a formidavel muralha de Paranapiacaba, collosso granitico vestido da luxuriante vegetação da matta virgem tropical.

Nem este obstaculo, porém, era de fazer demorar por muito tempo a invasão portugueza.

Si, pelas consequencias, muitas vezes é facil se conhecer as causas, desde que se acompanhe um determinado syllogismo, em sentido inverso, não é de mais se concluir que a capitania vicentina foi nos primeiros annos o repositorio da nata da emigração portugueza quinhentista. Para ahi deveriam ter refluido os melhores elementos ethnicos, portadores das mais accentuadas virtudes da raça e os typos mais eugenicos dos que se aventuraram a abandonar a patria lusitana, no seculo dos quinhentos, em busca da fortuna e a conquista de ideaes, que não cabiam na estreita faixa do pequenino reino peninsular.

Sim, porque os portuguezes povoadores vicen-

tinos, mais que quaesquer outros, em terras da America souberam honrar as tradições, que traziam ainda quentes das guerras da reconquista, dos campos de Aljubarrota e dos mares ignotos desvendados pelos tritões do infante D. Henrique.

Só assim, se explica haverem os mais colonisadores das outras circumscripções se limitado a arranhar, quaes carangueijos, o litoral brazilico, como pittorescamente se referia Frei Vicente do Salvador, sem ousar penetrar no interior, emquanto que os companheiros de Martim Affonso, de uma só arrancada ganhavam o sertão sem se intimidar, com o vulto phantastico da Serra do Mar, que, como gigantea esculca das terras de Castella, dominava de longe os horizontes, qual a figura tetrica e imponente de Adamastor, impondo o terror e a estacada aos mais valentes.

Franqueado este primeiro entrave e attingido o planalto piratiningano, ahi fincaram esses portuguezes de selecção o marco primiévo da conquista, que pelo seiscentismo afóra se estenderia, por immenso raio, invadindo os estabelecimentos castelhanos, sem parar mesmo ante o espectro soturno e negro da roupeta loyolana, a quem Castella pedira auxilio, para se assegurar dos direitos que lhe dera Tordezilhas, fazendo emfim recuar o meridiano divisorio, até aos confins, que, hoje orgulhosa, ingrata e ignorantemente contempla o brazileiro no mappa de sua patria immensa.

Conhecidos são já, em parte, os detalhes dessa penetração bandeirante, nas terras castelhanas, fructo unico da audacia, temeridade e heroismo paulista, filhos dos lusos povoadores, em cruzamanto com a raça de 'bronze, se bem que a união das duas corôas ibericas, na testa acanhada dos Habsburgos hespanhóes,

tenha, de certo modo, concorrido para a impunidade das algáras de S. Paulo, pelo *hinterland* americano.

Com o duplo fim da conquista do indio e da busca de preciosidade do sub-sólo, desvirginaram os paulistas as selvas do novo mundo, despresando o ronco bravio da féra, o rugido do incola anthropophago e o bramir monumental da cyclopica natureza.

Na phase da caça ao indio, logo aos alvores do seiscentismo nascente, avassalaram os paulistas as terras castelhanas ao sul, supplantando a formidavel organização jesuitico-guarani, que, sob a egide dos leões de Castella, dominava os Estados do Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul.

Cedo, já em 1602, de S. Paulo, tremenda *razzia* se fazia, sob o commando de Nicoláu Bárreto, que deveria ter atravessado os sertões do Paraná, para penetrar no Paraguay e dahi na Bolivia, chegando ás nascentes do Pilcomayo, bem proximo a Potosi, com quatro longos annos de peregrinação pelos invios sertões da deserta America. Se bem que, tenha ella sido uma bandeira, que demandou descobertas metalliferas, deve ser encerrada no cyclo do indio, porque só trouxe de preciosidades, desillusões, juntamente com um bom numero de servos tememinós.

Outras entradas se succederam para o sul, seguindo a directriz deixada por Nicoláu Barreto, e o territorio das araucarias foi trilhado, em todos os sentidos, pelos rudes companheiros de Manoel Preto, Henrique da Cunha, Lazaro da Costa, João Pedroso de Moraes, Sebastião Preto, Matheus Grou, Pedro Vaz de Barros, e tantos outros, até que, em 1628, Manoel Preto e Raposo Tavares militarisaram esses emprehendimentos, dando verdadeira organisação bel-

lica ás bandeiras, de maneira a serem os seus resultados mais completos. Nessa data os paulistas, ao mando destes dous caudilhos intemeratos, deram tremenda batida nos jesuitas do Guayrá, conquistando todo esse grande territorio que é o nosso Estado do Paraná, e não contentes com isso, atravessaram o caudal desse nome, passando ao Matto Grosso, cujo sólo tambem limparam de castelhanos e ignacianos.

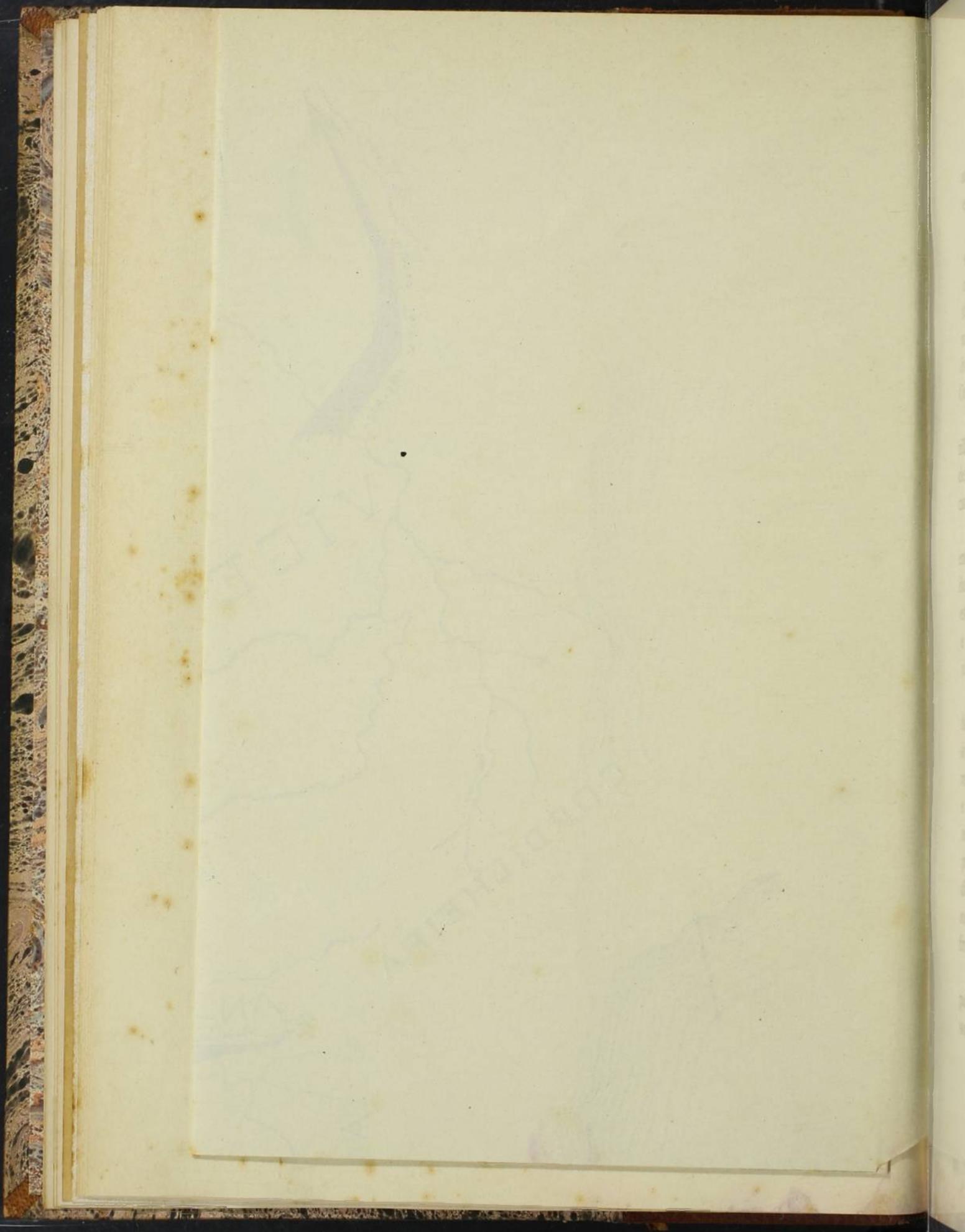
A invasão do Rio Grande do Sul foi iniciada em 1635, com uma bandeira, que tomou o caminho maritimo, embarcando em Santos, S. Vicente ou Conceição de Itanhaem, rumando á Lagôa dos Patos, na fóz do Jacuhy, por onde atacou esta região de possessão hespanhóla. Em 1636, succedeu-lhe a expedição do já famigerado Raposo Tavares, quasi concommitante com a dos Buenos, seguindo-se-lhes mais trez ou quatro, que expulsaram de vez, os da Companhia de Jesus, para além Uruguay e, certamente, teriam os paulistas se assenhoreado dos terrenos mesopotamicos entre o Paraná e o Uruguay, si empreitadas outras como a guerra hollandeza e acontecimentos varios, como a acclamação de Amador Bueno, enchotamento dos jesuitas de S. Paulo e a lucta de «clans» entre Pires e Camargos, não tivessem distrahido a actividade dos sertanistas, concorrendo para que estes fossem estacados em M'Bororé, ultima escaramuça travada, já na margem direita do Uruguay. E assim foi o sul do Brazil trazido á nossa communhão, arrancado do poderio dos Felippes, depois da conquista confirmada pelas expedições do occaso seiscentista a mando de Campos Bicudo, Bixira, Paes Linhares, Manoel Lobo, Pedroso Xavier, Barbosa Calheiros e Rodrigues Arzão, bem como as setentistas

de Leme da Silva e do Iguatemy e de tantas outras, que seria longo nomear.

Ao norte as nossas fronteiras, que, pelas clausulas tordezilhanas, deveriam passar a léste do curso do Tocantins, foram recuadas até aos sopés andinos, pelos bandeirantes Domingos Rodrigues, Pedroso de Alvarenga, Sebastião Pedroso de Barros, Bartholomeu Bueno o Anhanguéra, e outros, que entraram por Goyaz; e pelos descobridores do ouro matto-grossense, que iniciaram a povoação das bacias do alto Paraguay e alto Madeira. Paulistas eram os seguidores dos Paschoal Moreira Cabral, Fernão Dias Falcão, Miguel Sutil, irmãos Paes de Barros, Antonio Pires de Campos e tantos outros, que no seculo XVIII, arrancaram á «cellula mater» paulistana a seiva, a energia e a vida para as espalhar pelos soccavões auriferos, que desvendaram no longinquo horizonte cuyabano.

O Amazonas não foi conquistado, propriamente, por paulistas, se bem que, já em 1648 a 1652, tivesse o grande Raposo Tavares com sua gente audaz percorrido as suas aguas, na sua phantastica correria em busca do ouro, atravéz da America.

Como dissémos, os cursos do grande rio e de seus numerosissimos affluentes não foram por Castella aproveitados, para a penetração de suas vastissimas colonias, ficando a bacia amazonica ao abandono. Por isso não foi difficil aos missionarios religiosos portuguezes, no seculo XVIII, ahi penetrar, fundando nucleos, que foram marcos possessorios, que valeram perante o tratado de 1750, que mais ou menos conformou o Brazil de hoje.

Não fossem, porém, os descobridores do ouro mattogrossense, que povoaram o flanco sul da bacia

amazonica certamente não seria possivel a Portugal, estender o seu dominio pelo curso do rio Mar.

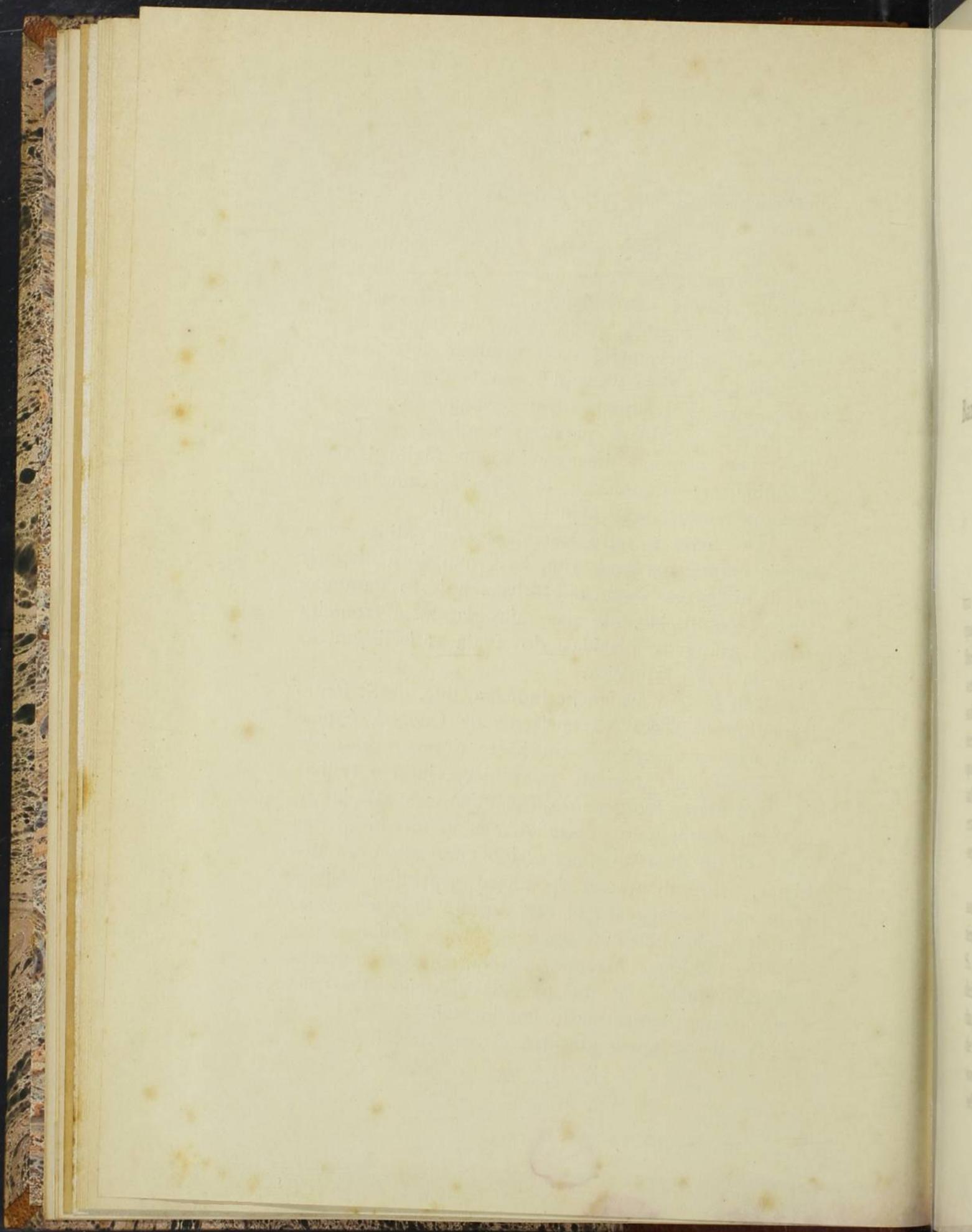
Eis a obra de conquista feita a Castella pelos sertanistas paulistas, descendentes dos povoadores vicentinos. Isso já não fallando, das expedições a léste da linha demarcadora, como as que levaram o povoamento ás regiões torridas do nordéste com os criadores de gado, além da exploração aurifera em Minas Geraes, que determinou o seu povoamento.

E esta actividade paulista, a oriente de Tordezilhas, bem como a desenvolvida em Matto Grosso, determinada pela ambição do ouro, foi uma grande causa na conformação actual do Brazil.

Não fosse o ouro descoberto em Minas e a energia empregada nesse fim, teria tomado a directriz dos dominios castelhanos, e talvez, hoje, o Paraguay estivesse comprehendido nas raias da nossa fronteira e quiçá as aguas placidas do Plata reflectissem as côres da nossa bandeira.

Não fosse a avalanche humana, que, de S. Paulo demandou os soccavões auriferos de Cuyabá, é possivel, não nos pertencessem hoje o nosso noroéste mattogrossense e o oéste amazonico, vindo a Bolivia e o Perú até as margens do Tocantins e do Araguaya, mas, em compensação, a actividade do sertanista, que para ahi foi distrahida, teria sido empregada em nos dilatar, pelo sul, atravéz do Chaco argentino boliviano, e não é exaggero em crer fossem hoje as nossas fronteiras emparelhadas com os Andes chilenos.

De qualquer maneira, porém, é certo que aos paulistas vetustos das éras passadas devemos nós o que somos como grande nação continental.

A elles a nossa gratidão e o nosso culto.

I

Bandeiras de João Pereira de Sousa Botafogo e de Domingos Rodrigues (Velho?) (1596-1600).

Após os primeiros annos de luta defensiva, contra os guayanazes, carijós, tupinaens e tupiniquins, que, constantemente, ás portas da juvenil Piratininga, lhe talavam os arredores, impedindo a expansão de seus moradores diminutos, tornaram os paulistas resolutamente a offensiva, internando-se nos sertões em dezenas de expedições, á cata do inimigo vermelho, que, impotente ante o impeto das quadrilhas de assalto bandeirantes, se embrenhavam em logares mais ermos, procurando a salvação na distancia que os separava da recem-nascida villa de Anchieta.

Sem fallar da guerra levada por João Ramalho, aos sertões do Parahyba, em 1562, desde 1574, attendendo ao appello do governador Salema, iniciára S. Paulo a sua offensiva, enviando uma pequena bandeira de auxilio ao primeiro acto da destruição da nação tamoya, emprehendida pela gente do Rio de Janeiro. Muito espaçados eram, porém, os assomos da gente piratiningana na lucta aggressiva ao selvagem, pelo menos não eram elles vultuosos, a ponto

de deixarem sulco na Historia, pois só onze annos mais tarde se assignala outra expedição ao sertão, que foi a chefiada por Jeronymo Leitão, capitão mór da Capitania de S. Vicente, em 1585, da qual fizeram parte Diogo de Onhatte, escrivão da Camara de São Paulo, Diogo Teixeira de Carvalho, Affonso Sardinha, Antonio de Proença, o moço fidalgo da Camara do Infante Dom Luiz, Sebastião Leme, Manuel Ribeiro, Paulo Rodrigues, Manuel Fernandes Ramos, Domingos Dias, o velho, padre Sebastião de Paiva, Salvador Pires, o moço, e Affonso Dias. *(«Archivo Municipal de São Paulo», «Livro do Tombo»).*

Cinco annos mais tarde o capitão Sebastião Marinho, á frente de uma pequena bandeira, attingiu as nascentes do Tocantins, em Goyaz, descobrindo, segundo consta, metaes preciosos. Foi esta expedição registrada, em um mappa anonymo castelhano da segunda metade do seculo XVIII, mappa este constante da brilhantissima collectanea, organizada pelo erudito mestre Dr. Taunay, director do Museu Paulista.

Em 1594, o substituto de Jeronymo Leitão, como Capitão Mór da Capitania de S. Vicente, Jorge Correia dirige, contra os carijós irrequietos e tupinaens, ao sul de S. Paulo, uma expedição não só registrada por Pedro Taques, como constante da provisão de cavalleiro fidalgo, outorgada por Dom Francisco de Sousa, a Sebastião de Freitas, que della fez parte, logo depois da sua chegada, da Bahia. *(«Registo da Camara Municipal»,* vol. I.º, 104).

Ameudando-se as entradas dos paulistas, que intensificavam a sua offensiva, encontramos logo ao anno seguinte de 1595 o capitão Manuel Soeiro (?) capitaneando outra léva de bandeirantes contra os carijós, ainda nella tomando parte Sebastião de Freitas, o an-

tigo soldado de Gabriel Soares, que em 1596 de novo ..se achou em São Paulo. (*«Registo»*, loc. cit.). Foi nesse anno de 1596, que sahiu de S. Paulo a mais importante das bandeiras, até então registradas. Parece-nos ter ella tomado rumo, norte, do valle do rio Parahyba, indo capitaneada, pelo Capitão Mór João Pereira de Sousa Botafogo, a fazer «guerra da Parnahyba», conforme rezam os documentos. Sahiu ella de S. Paulo no mez de outubro de 1596, na mesma occasião em que do Rio partia a gente de Martim de Sá, que ia contra os Tamoyos, orientada conforme o roteiro, que Knivet nos legou. Por este itinerario de Knivet, a arrancada de Martim de Sá deveria ter arribado em Paraty, subido a serra do Mar, atravessado os campos de Cunha, e em seguida transposto os rios Parahybuna e Parahyba, justamente na occasião em que julgamos estar trilhando estas regiões a bandeira de Botafogo, que por S. Miguel deveria ter chegado ao valle do Parahyba. E' possivel terem sido Botafogo e seus companheiros incorporados a gente de armas de Martim, indo com elles perlustrar os sertões dos rios Verde e Sapucahy, na faina de destruição dos restos da valente tribu tamoya.

Somos levados a esta supposição, pelas referencias contidas nos documentos por nós examinados sobre esta bandeira de Botafogo, a respeito do sertão de Parnahyba, ou Paranahyba, que acreditamos se tratar do rio Parahyba, bem como a coincidencia de datas com a expedição de Martim de Sá (*«Inventarios e Testamentos»*, vol. 1.º, inventarios de João do Prado e de Francisco da Gama), além de que é sabido, Botafogo, ter tomado parte activa na lucta contra os tamoyos. (*Silva Leme «Genealogia Paulista»*, 5.º, 508).

A ser verdadeira esta nossa hypothese, facilimo se tornaria o estudo do percurso da primeira grande bandeira sahida de São Paulo, qual a chefiada por Botafogo. Orville Derby, na «*Revista do Instituto Historico de São Paulo*» e Theodoro Sampaio, da «*Revista do Instituto Historico Brasileiro*», tomo especial, vol. 2.º, com grande proficiencia tratam do itinerario de Knivet, e da expedição de Martim (1).

Os paulistas que acompanharam João Pereira de Sousa Botafogo, elevaram-se a mais de uma centena, além do corpo de indios. Dentre elles, porém, só conseguimos assignalar os seguintes:

Capitão João Pereira de Sousa Botafogo (cabo da tropa), capitão Francisco Pereira, João do Prado o velho e seu genro Miguel de Almeida de Miranda, Sebastião de Freitas, Gaspar Collaço Villela, Estevam Martins, Simão Borges de Cerqueira, João Bernal, Francisco Farel, Vasco da Motta, Antonio Castilho, Antonio Pinto, João de Sant'Anna, Manuel Gonçalves, Diogo Ramires, Ascenço Ribeiro, Francisco da Ga-

---

(1) Após havermos levantado esta hypothese, que, se nos afigurava prenhe de probabilidades affirmou-nos o eminente historiador paulista Dr. Washington Luiz que, viu um documento dizendo: "passar o caminho do sertão de Parnahiba por Mogy", que seria o proprio Mogy-Guassú. A ser assim, por terra fica a nossa hypothese localisadora do rumo da bandeira de Botafogo, o qual se orienta assim para o Oéste em direcção ao Paranahiba, talvez, em vez do Norte como supunhamos. Tambem se transtorna o objectivo por nós vislumbrado, como tendo sido o procurador por Botafogo, qual a guerra contra os tamoyos de combinação com Martim de Sá.

ma, Braz Gonçalves (o velho), Tristão de Oliveira, Antonio Zouro, Antonio de Andrade, ... de Barros, Pero Velho, Mathias Gomes, Antonio Pereira e capitão Domingos Rogrigues (Velho). («*Inv. e test.*», v. 1.º, 77).

Importantes factos deveriam ter occorrido durante a «guerra da Parnahyba, pois, em julho de 1597, o chefe da entrada Botafogo foi preso, sendo obrigado a passar o commando a Francisco Pereira, que trouxe a bandeira a S. Paulo, onde chegou nos ultimos mezes do anno, tendo-se demorado no sertão pelo espaço de anno e meio. Ignoramos os motivos da prisão de Botafogo, mas o certo é que foi ella relaxada, em S. Paulo, por dom Francisco de Souza, que, por uma provisão, lhe enalteceu os meritos, galardoando-lhe, com a nomeação de capitão-mór, ouvidor da capitania, cargo esse que vinha sendo exercido por Jorge Corrêa, que nessa occasião foi apeiado das funcções. Tudo nos leva a crêr ter havido uma desintelligencia entre Botafogo e Corrêa, da qual nasceu a prisão daquelle e as medidas mencionadas de dom Francisco («*Registo*», vol. I.º, 74).

Não foram, porém, estes os unicos successos, desenrolados no decorrer da expedição. Logo ao iniciar ella a volta de S. Paulo, desgarrou-se importante grupo de sua composição, sob o commando do capitão Domingos Rodrigues (Pensamos se tratar de Domingos Rodrigues Velho, filho de Garcia Rodrigues e Isabel Velho, o unico deste nome em S. Paulo na época e com edade para chefiar emprehendimentos dessa natureza, Silva Leme «*Genealogia Paulista*», vol. 7.º, 396). E' possivel que este desgarramento-

se tenha dado, nas proximidades do Rio Sapucahy, tendo Domingos orientado a sua gente pela bacia do S. Francisco, para dahi penetrar no territorio goyano, ao norte, onde a encontramos apresando indios «*guayazes*», em pleno sertão de «*Parahupava*», que sómente vinte annos mais tarde seria trilhado, pela bandeira de Antonio Pedroso de Alvarenga.

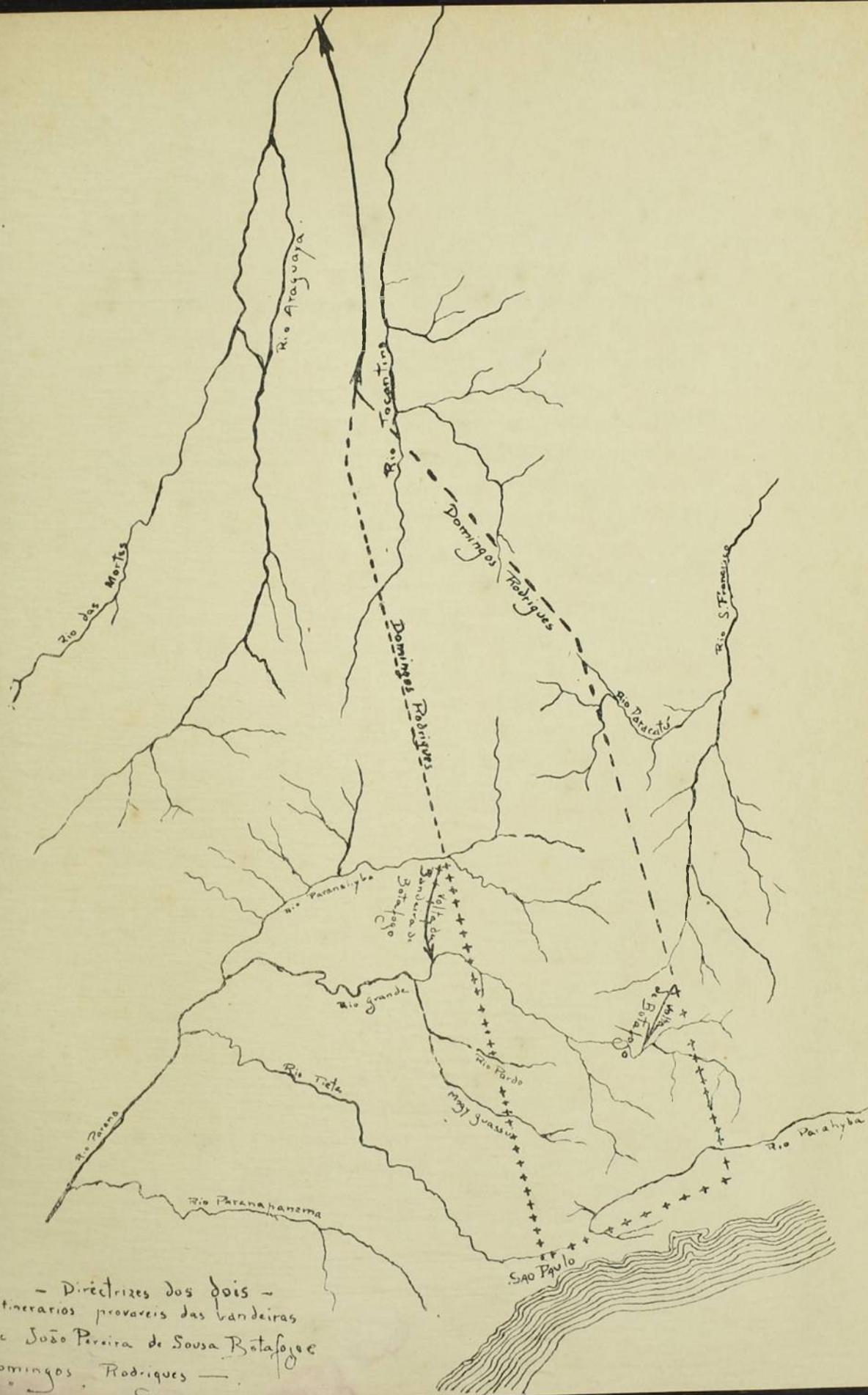
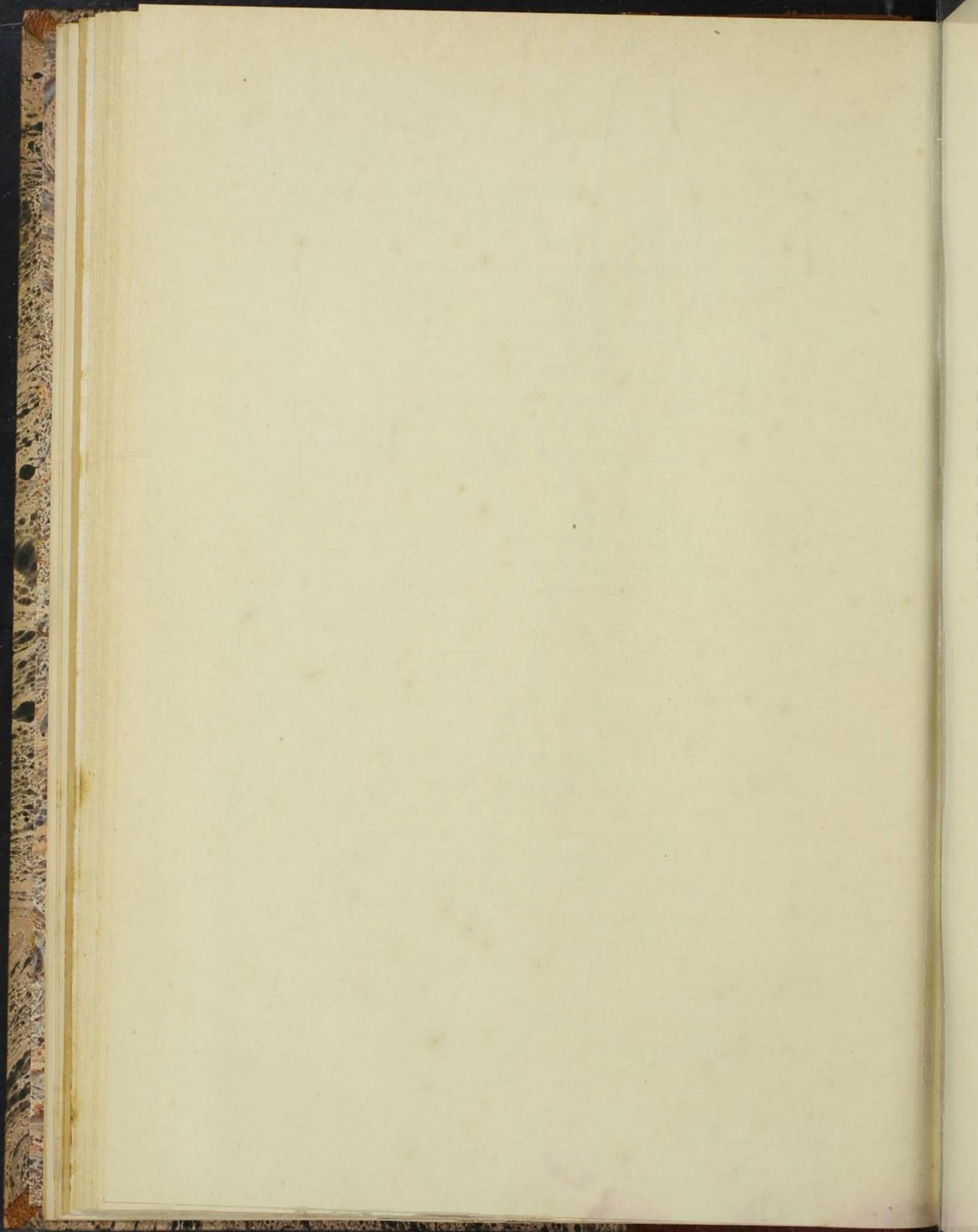
E' o que nos ensinam os documentos constantes do inventario de Martim Rodrigues Tenorio de Aguiar (Silva Leme o chama de Martim Fernandes), onde se vê o auto de avaliação de uma escrava:

> «...negra por nome «Guayá», digo da *nação Guoayá*, que diz ser escrava da *entrada de Domingos Rodrigues de Parahupava*...», (*Inventarios e testamentos*», vol. II, 6).

Ora, o territorio goyano do Tocantins e de seu affluente Araguaya era precisamente o «habitat». da nação, «guayá», da qual tirou o nome o Estado da nossa Confederação; além de que Pedro Taques, na «*Nobiliarchia*», ao falar de Antonio Pedroso de Alvarenga e sua bandeira de 1616, affirma ser nessa circumscripção territorial o sertão de «Parahupava», habitado por indios de tribu dos «guayazes» (2).

E' pois certa a vista da autoridade do nosso linhagista, e sobre tudo, por força do documento su-

---

(2) Até hoje se conservou essa denominação de Parahupava, em um rio affluente esquerdo do Tocantins no sul do Estado do Pará. E' bem provavel, que, essa fosse a região attingida pela léva.

— Directrizes dos dois —
Itinerarios provaveis das bandeiras
de João Pereira de Sousa Botafogo e
Domingos Rodrigues —

pra citado, ter Domingos Rodrigues perlustrado os sertões goyanos, nos ultimos alentos de seculo XVI.

Longos annos parmaneceu internada no certão a bandeira de Domingos Rodrigues, pois tendo partido de S. Paulo como parte integrante da expedição de João Pereira de Sousa Botafogo, como dissemos acima, em outubro de 1596, sómente chegou a S. Paulo a 23 de dezembro de 1600, isto é, mais de quatro annos depois. E' o que nos demonstra o inventario de Francisco da Gama, um dos expedicionarios, que falleceu em fevereiro de 1600, ainda no sertão, onde o capitão Domingos Rodrigues procedeu ao arrolamento dos bens, que o fallecido trazia comsigo (*«Invent. e test.»*, v. I.º, 339). Só foi iniciado judicialmente em S. Paulo esse inventario a 23 de dezembro do mesmo 1600, pela volta da bandeira. (*«Inv. e test.»*, I.º, 335).

O mesmo inventario, procedido em S. Paulo, tendo a si acostada uma sentença do juiz, Sebastião de Freitas, faz certo ter o agrupamento de Domingos Rodrigues feito parte da bandeira de Botafogo onde diz:

> «... porquanto havia perto de quatro annos que era ido á guerra da Parnahyba e não havia novas delle...», (22/7/1600);

e um documento de divida do proprio Francisco da Gama:

> «... que lhes pagarei em dinheiro de contado ou uma peça pelo que valer nesta guerra a que ora vamos com o senhor João Pereira de Souza capitão...» (22/7/1600); (*«Invent. e test.»*, vol. I.º, 340 e seguintes).

Graças aos documentos pertencentes ao inventario de Francisco da Gama, procedido pelo capitão Domingos Rodrigues, no sertão, pudemos assignalar os seguintes nomes, dos que o acompanharam ao *Parahupava*, sendo que todos esses nomes figuram tambem na lista dos expedicionarios de Botafogo:

> Capitão Domingos Rodrigues, Antonio Pereira, Mathias Gomes, Pero Velho.... de Barros, Antonio de Andrade, Antonio Zouro (del Toro), Tristão de Oliveira, Braz Gonçalves, Francisco da Gamma e Ascenço Ribeiro.

Notabilissima foi esta bandeira de Domingos Rodrigues, pela vastidão do territorio por ella percorrido, em quatro annos de immensa caminhada, attingindo remotissimas regiões do planalto central brasileiro, virgem de qualquer penetração européa. Desconhecida, entretanto, tem sido ella, na lista das *razzias* bandeirantes ao sertão brasilico, não tendo sido mencionada por Pedro Taques, o insigne historiador das bandeiras, e nem perscrutada pelos muitos devassadores do nosso passado.

O seu conhecimento, importante passo, no desvendar do mysterio, que tem encoberto o bandeirismo paulista, é devido exclusivamente ás benemeritas publicações officiaes dos governos estadual e municipal, dos nossos archivos quinhentistas e seiscentistas, deixando-os ao alcance dos que se interessam pelos feitos dos nossos maiores, nas éras que os seculos fizeram longinquas.

Oxalá, perdurem os futuros governos da cidade e do Estado nessa bendicta norma de proceder.

II

Bandeiras de André de Líão e de Nicoláu Barreto.

Emquanto Domingos Rodrigues campeava, no Parahupava, os escravos da nação guayá, Affonso Sardinha o moço, em 1593, sahia de S. Paulo á frente de corpo de armas e mais de «*çen indios xpãos e levavão intento de ir á guerra e saltos e corer a terra cõ intensão de irem tirar ouro e outros metaes.* («*Acta da Camara da Villa de S. Paulo*», vol. II, 47).

Foi sem duvida esta a entrada que Sardinha, o moço, capitaneou, contra os indios «pés largos», trazendo ao povoado grande porção de indios apresados, desta tribu, como se vê do documento constante dos «*Inventarios e testamentos*», vol. 1.º, 270. São os «pés largos», até hoje, um mysterio na nossa ethnographia historica, nada se sabendo, ao certo, sobre o seu «habitat». Talvez, fossem os mesmos que os «biobébas»!

Baseado em Pedro Taques, Basilio de Magalhães indica a entrada de Sardinha como tendo operado no sertão do rio Jeticahy. («*Rev. Inst. Hist. Bras.*», tomo especial, vol. II.º), e a ter isso fundamento, os «pés largos» não andariam longe do actual triangulo

mineiro ou da zona sul de Minas, na bacia do Rio Grande.

No anno de 1600, além da chegada da estafada bandeira de Domingues Rodrigues, que por quatro annos seguidos andára por além Tordezilhas, a principal nota do bandeirismo paulista foi o «raid» de Manuel Preto, o futuro heróe de Guayrá, o tigre dos sertões sulinos, ás cochilias rio-grandenses, affrontando o açoite gélido do minuano e as armas guaranis no Uruguay. Ahi foi o velho sertanista, o morgado de N. S. da Expectação, encontrado pelo eminente mestre Affonso Taunay, que o assignala no bellissimo mappa das bandeiras de sua autoria, um dos documentos mais attrahentes do nosso Museu Paulista.

Ainda nesse mesmo anno de 1600, no seu ultimo quartel, fazia Dom Francisco de Sousa, o lendario Senhor de Beringel, terminar o aviamento de 70 ou 80 homens, que, sem demora, chefiados por André de Lião, partiram á busca de Sabarábuçú.

Tomou esta entrada o rumo norte do Parahyba, cujas aguas acompanhou, penetrando, pelo Embahú, nas Geraes, onde afinal chegou ao curso do São Francisco, estacando em Pitanguy, para depois voltar atráz na caminhada e chegar a S. Paulo com nove mezes de ausencia. Engana-se Calogeras, ao commental-a, ter sido ella a primeira entrada paulista a tomar rumo norte e penetrar no territorio mineiro. Antes della, já não fallando das duas bandeiras de Braz Cubas, que dizem uma dellas ter chegado ao Parahopéba, Sebastião Marinho estivéra em Goyaz, certamente passando por Minas, João Pereira de Sousa Botafogo, com quasi certeza, desceu as margens do Parahyba e talvez mesmo tenha penetrado em terras do Verde e do Sapucahy, e finalmente, Domingos Ro-

drigues, com absoluta segurança, alcançára Goyaz ao norte, não sem ter atravessado o S. Francisco.

Em julho de 1601, era a expedição de Lião esperada em S. Paulo. O roteiro de Glimmer é o unico documento, que nol-a faz conhecida através dos seculos.

Muito maior vulto, porém, do que esta teve a grande bandeira que, ainda ao mando de Dom Francisco de Sousa, Nicoláu Barreto organizou, quer seja considerada sob o ponto de vista de proporções, em sua organização, quer ainda tenhamos em mente uma comparação das áreas territoriaes por ella trilhadas.

Com Barreto foram ao sertão todos os futuros vultos do bandeirismo seiscentista, na sua primeira metade. Tem sido este «raid» porém, estudado, sob uma orientação errada, a ponto de lhe attribuirem um itinerario, exactamente opposto ao que na verdade percorreu, como adeante veremos.

Foi a tropa de Nicolau Barreto a nosso ver levantada, com o fito de penetrar no sertão, proximo ao Perú, possessão castelhana, onde prosperavam as minas de Potosi, afamadas no mundo inteiro. Partiu de S. Paulo a grande expedição uns poucos dias antes de 8 de setembro de 1602, illação tirada da acta municipal da vereação dessa data, na qual o povo fez a eleição, para substitutos dos officiaes da Camara *«por se irem todos mais fóra»*. (*«Actas»*, vol. II, 100).

Enorme foi a quantidade de gente levada por Barreto. Além do grande corpo de indios mansos de arco, 300 mamelucos e europeus acompanharam o chefe citado, conforme se vê em *«Actas»*, v. II.º, 126, dentre os quaes conseguimos organizar a nominata abaixo, que é algo, mais completa que a mencionada por Derby, (*«Rev. Inst. Hist. S. Paulo*, vol. VIII.º, 401), por ter o saudoso scientista americano, deixado de ex-

aminar o inventario de Martim Rodrigues Tenorio, do qual consta o testamento do mesmo, feito no sertão, quando em companhia de Nicoláu Barreto, onde assignaram como testemunhas muitos nomes escapos á lista de Derby. («*Invent. e test.*», vol. II.º, 21 a 27).

Eis a nossa nominata:

Aleixo Leme, Antonio Luiz Grou, Antonio Bicudo (deve ser o velho), Antonio Pedroso (deve ser de Alvarenga), Antonio Pinto, Antonio de Andrade, Antonio Rodrigues Velho (Araá), André de Escudeiro Ascenço Ribeiro, Braz Gonçalves o velho, e seu filho Braz Gonçalves o moço, Balthazar Gonçalves, Balthazar de Godoy, Bento Fernandes, Domingos Barbosa, Domingos Dias, o moço, Domingoss Fernandes, (o fundador de Itú, mameluco, filho de Manuel Fernandes Ramos), Domingos Gonçalves, Domingos Pereda, Duarte Machado, Estevam Ribeiro (deve ser de Bayão, o moço), Francisco de Alvarenga, Geraldo Corrêa, Henrique da Cunha Gago, o velho, João Bernal, João Dias, João Gago (da Cunha, o velho), João Morzelho, João Jorge, Jorge Rodrigues, José Gaspar Sanches, Lourenço da Costa, Lourenço Nunes, Luiz Eanes, Manuel Affonso, Manuel Chaves, Manuel Mendes Allemão, Manuel de Soveral, Matheus Gomes, Matheus Neto, Nicolau Barreto (cabo da tropa), Manuel Paes, Manuel Preto (o futuro heróé de Guayrá), Manuel Rodrigues, Niculau Machado, Paschoal Leite (Furtado), Paulo Guimarães,

Pero Leme (o velho genro de João do Prado), Pero Martins, Pero Nunes, Rafael de Proença, Salvador Pires (de Medeiros), Simão Leitão, Simão Borges de Cerqueira, Sebastião Pires Caleiro, Antonio Gonçalves Davide, Diogo de Oliveira Gago, Francisco de Siqueira, Francisco Ferreira, Francisco Alvares Correia, Francisco Nunes Cubas Manuel Machado, Miguel Gonçalves Martim Rodrigues Tenorio de Aguilar.

Quanto ao roteiro seguido pela expedição, enganaram-se profundamente o dr. Derby e os que reproduziram a opinião deste notavel sabio, affirmando que Nicolau Barreto, com sua bandeira, rumou o norte, penetrou nas geraes e, atravessando o rio das Velhas, pelo vale, do S. Francisco, chegou ao Paracatú, nas proximidades do territorio goyano, ponto extremo, segundo o saudoso historiador americano, attingido pela léva em questão.

Tivesse sido esta a região percorrida, pela bandeira, não se justificaria ser ella a detentora, até aquella data do «record» de penetração no nosso *hinterland* conforme faz certo a estafadisssima carta de 13 de janeiro de 1606; Marinho e Domingos Rodrigues foram muito além.

Documentos existem, porém, que provam, *ex abundantia,* ter Barreto tomado rumo sudoeste e nunca trilhado as regiões, que a miragem do nome de Paracatú levou o dr. Derby a se desviar do bom caminho, na pesquiza historica.

Preliminarmente, o «habitat» dos indios tememinós, apresados, em numero de 3.000, pelos bandeirantes desta *razzia,* nunca foi o terreno mineiro.

nem tampouco o goyano, antes, pelo contrario, ficava elle ao sul da capitania de São Vicente e, para attingir os sertões dessa nação gentilica, era necessario passar pelas cercanias de Villa Rica, no Guayrá. Quem isto nos assegura é um documento municipal, que o dr. Derby não viu, documento este constante das *Actas*, v. II., 184, segundo o qual:

> «... enformado que mel. preto troichera tememinós que vinhão de sua terra em busca dos brancos os quaes vinhão de pazes y elle mel. preto vindo de Villa Rica os encontrara no caminho e os troichera a sua casa...».

Ora, a unica Villa Rica então existente era no Guayrá, territorio hoje paranaense, o que vem provar que os tememinós, que foram guerreados por Barreto e seus seguidores, tinham as suas moradas muito distante das Geraes.

Além deste preciosissimo documento, existe um outro tambem municipal, publicado em «*Actas*», vol. II, 130, mais eloquente ainda em elucidar a verdadeira região, caminhada pela expedição sob exame. Este documento confirma o supra citado completando-o. Trata-se de uma carta escripta ao Governador Geral Diogo Botelho, pelos officiaes da Camara Paulistana, sobre a terça parte dos indios apresados pela bandeira de Nicolau Barreto, que segundo corria, seria tomada para o governo.

Tem essa carta a data de 18 de julho de 1603,

> «... a cometer entrada tam perigoza e de tão pouco proveito q para se aviarem

coalqer pobre fez mais gasto do que se espera trazer de proveito e anda já tão rota a fama e esta provisão posto q nos a não temos vto. q areseamos se mãde ao sertão recado do conteúdo na provisão e eles sabendo corre mto. risco vir nhu de la se não vense caminho do *piquiri q he provinssia do rio da Prata* de q resultária mto. mal a esta capta...».

Prova este documento, que Nicoláu Barreto estava para atravessar, na volta a S. Paulo, um chamado caminho do Pequiry, que é certamente o affluente do rio Paraná, situado na então provincia do Rio da Prata, que, por força de Tordezilhas, abrangia o Guayrá, hoje Estado do Paraná. Queremos crer que o chamado caminho do Pequiry seja o passo do rio Paraná, na fóz do rio Pequiry, onde justamente o grande caudal se estreita sobremaneira, para se precipitar do alto da serra de Maracajú, nas Sete Quédas. Por ahi, talvez, Barreto tenha passado para o Paraguay penetrando, assim, no vice reinado do Perú, que então abrangia, tambem, a enorme área boliviana, em plena cordilheira andina (3).

Teria Nicoláu e sua gente, assim antecipado, de meio seculo, no inicio do seu itinerario, o famoso Ra-

---

(3) Em virtude do grande lapso de tempo demorado pela bandeira no sertão, é de crer que, muito longinquo no Perú tenha sido o extremo ponto attingido pela bandeira de Barreto. Assim o Paracatú e o Guabihi, dos documentos que Derby, erradamente quiz ver em Minas Geraes, talvez fossem no systema do Pilcomayo, ou mesmo na bacia do Madeira na Bolivia, sendo certo que Potosi, se situava no alto Pilcomayo, com suas minas, para onde

poso Tavares, que por essa região entrou para sahir em Gurupá, no Amazonas.

Essa foi a zona attingida pela *razzia* de que óra tratamos.

Infelizmente, não temos base para saber qual o ponto extremo chegado pela bandeira, mas é de suppor tenha ella ido muito ao fundo em possessões hespanhólas, ferindo de rijo a linha demarcadora de Alexandre Borgia.

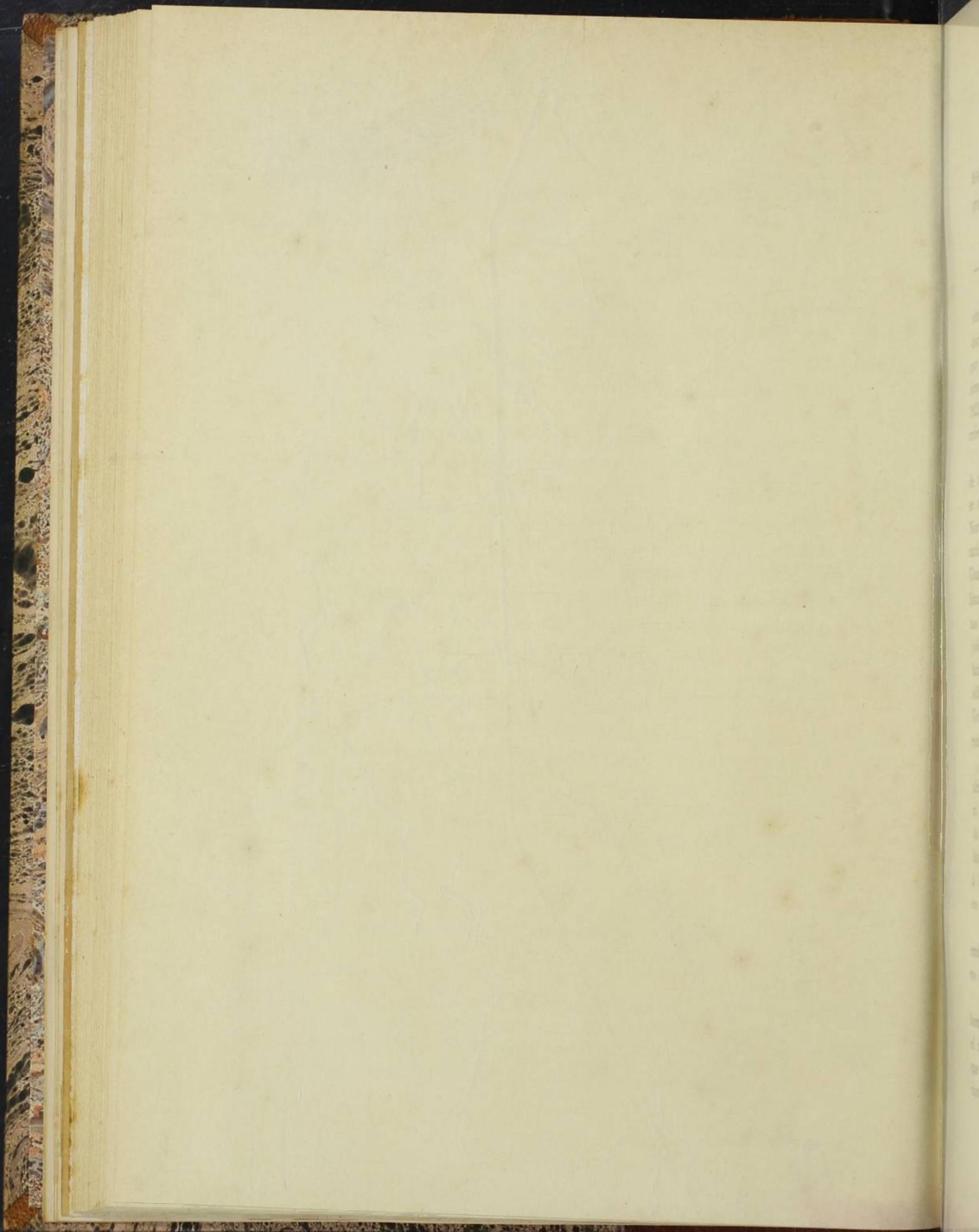
O documento por nós citado como denunciador da verdadeira direcção tomada pela expedição foi visto pelo dr. Derby, que o englobou no seu estudo, sobre a expedição óra objecto das nossas linhas. *(«Rev. Inst. Hist. de S. Paulo», vol. VIII, 422 e 423)*, infelizmente, não o podendo decifrar na parte referente ao caminho do Pequiry, na provincia do Rio da Prata, o que truncou o sentido do documento e impossibilitou o saudoso mestre de tirar uma conclusão, que, sem duvida modificaria por completo a sua orientação no estudo a que procedeu, aliás com brilhantismo. Isto fez com que o dr. Derby se deixasse levar pela indicação de Paracatú, encontrada nos inventarios dos bandeirantes fallecidos no sertão, não se lembrando que muito outro poderia ter sido o Paracatú das referencias documentaes e muito diversa poderia ter sido a região

---

muitos paulistas se haviam encaminhado, como Antonio Castanho da Silva que ahi falleceu em 1622 ("*Invent. e Test.*", vol. VI, 216).

Os dous longos annos levados no sertão por essa grande expedição, só se explicam, tendo ella attingido os Andes, talvez no meridiano de 65.º.

Os tememinós teriam sido aprezados no caminho.

Perú
Potosi
Sta Cruz de la Sierra
Rio Guapahy
Rio Pilcomayo
Rio Bermejo
Rio Tquary
Rio Appa
Rio Paraguay
Assumpcion
PARAGUAY
Rio Paraná
Corrientes
Rio Uruguay
Rio Iguassu
Rio Pardo
Rio Paranapanema
Rio Tieté
Rio Grande
Rio Paranahyba
São Paulo
Itinerario certo da Bandeira de Nicolau Barreto
" provavel " " "
em continuação pelas terras castelhanas

assim designada, cousa muito commum com as nomenclaturas topographicas de outras éras (4).

Foi sem duvida hypnotizado pela designação de

---

(4) O preclaro historiador Affonso Taunay, a proposito da bandeira de Nicoláu Barreto, descobriu um valiosissimo documento hespanhól que, em absoluto, confirma a rectificação por nós feita sobre o itinerario della. Com a venia do prezadissimo mestre reproduzimos o seu artigo de 20 de agosto de 1923, no "Correio Paulistano", sobre esse documento, na parte referente a bandeira citada:

"A proposito da bandeira de Nicolau Barreto de 1603 acaba de demonstrar, com o auxilio da documentação paulista, quanto se enganou Derby a localizar o roteiro desta entrada para o Norte o valle do São Francisco, findando a jornada em Paracatú. Muito ao envez disto, foi Nicolau Barreto ter á região do Guayrá. Um documento hespanhol serve contraprova aos paulistas adduzidos por Ellis. E' um papel que se acha incorporado aos manuscriptos intitulados *Paraquariae Historia*, em dous *in folio* pertencentes á Bibliotheca Nacional de Madrid, segundo relata o sabio Pablo Pastells. E' uma carta do padre Justo Mansilha van Surck dirigida da Bahia e de 2 de outubro de 1629 ao Geral da Companhia de Jesus, documento relativo ao assalto das reducções do Guayrá pelos paulistas:

Toda aquella Villa de San Pablo es gente desalmada y alcuantada, que no haze caso ni de las leyes del Rey ni de Dios, ni tienen que veer ni con justicias maiores deste estado, y quando no las puede ganar á su voluntad con dadiuas de oro ó Indios, las atemoriza con ameaças, ó si son pocos los culpados huyense á los bosques ó á sus heredades y smenteras, y allá se detienen, en quanto las justiolas estuuiren en la Villa.

Los años passados fueron de aqui á San Pablo unos desembargadores, que llaman, con orden del gouernador, por razon no só de que delitos, y no pudieren acabar con nadie.

Otra vez fue un desembargador llamado Antonio Misquita, hombre entero y de muchas partes, y como él les apertaba algo el negocio, tiraronle unas flechas á su ventana, con un escrito, que aquellas iuan á la ventana, pero que otras le auian de yr al coraçon, si no desistia de apertar el negocio.

Paracatú, que o dr. Derby chegou á illação que o rio Guabihi, mencionado nos inventarios, era o rio Guahicuhy nome primitivo do rio das Velhas, quando

---

De suerte que no só si en este particular acabarán con algunos do que se bueluan los yndios; porque no tienen consciencia.

Y mas digo que quando se vieran apertados con alguna mano poderosa á que no pudiessen resistir, desampararan sus casas y heredades y se fueran con sus mujeres, hijos, esclauos y toda su hazienda, (á) meterse por aquelles desiertos y montes nueas tierras; porque dexar sus casas no se les da nada, porque no so sino de tierra y tapias; y en cualquer parte que estuuiren pueden hacer otras seme(ja)ntes.

Dexar la Villa tampoco se les da nada; porque fuera de 3 ó 4 principales fiesta, muy pocos, ó hombres ó mujeres, estan en ella; si no siempre, ó en sus heredades ó por los bosques y campos, en busca de Indios, en que gastan su vida... Toda su vida dellos, desde que salen de la escuela hasta su vejez, no es sino yr y traer y vender Indios (con que se visten de mangas y medias de seda; beuen vino, y compran todo lo que les viene de tener.) Y en toda la Villa de San Pablo no abrá mas de uno ó 2, que no vayan á captiuar Indios, ó embien sus hijos ó otros de su casa, con tanta liberdad, como si fueran minas de oro ó plata, de que S. M. vuiera dado licencia, que cada uno sacasse quanto pudesse hasta las mismas Justicias y clérigos de la Villa.

Y para que tengan alguna capa ó excusa deste su atreuimento contra las leyes del Rey, los que han de ser Capitanes de la entrada, compran unas prouissiones del Capitan de la tierra, ó para yr á decubrir minas, ó á confirmar las pazes con los Indios gentiles, ó en busca de algunos Indios suyos, que injustamente pssedian por eclauos, huydos, ó en busca de algunos portuguezes vezinos de su Villa, que años auia estauan aquelles soledades y montes cautinuando Indios sim boluer á su casa, ó en alcanzes de los poco auia se auian ydo á capitulares, ó en busca de herejes metidos por allá, ó otros semejantes, que nunca les faltan para llegar al cabo de sus intentos.

Y con eso salem todos con sus armas y municiones de balas e poloura, tc., ni les falta otra cosa que tocar caja para que publicamente vayan juntos; aunque luego despues de salidos en

na verdade talvez seja Guapahy, que é hoje o alto Mamoré. Nenhum dos argumentos empregados pelo saudoso historiador póde resistir a um confronto com

---

c(i)erto parage se juntan en sus compañias y leuantan sus Capitanes, Alferezes, Sargentos y otros officios Reales: y sin hazer diligencia alguna para cumplir con las prouisiones que lleuan, van direchos á las tierras de Indios, y llegados allá, hazen su fortaleça ó cerca de palos, y en elle sus casas ó choças, y luego com(i)ençan á dar assaltos á las aldeas que allaran, y capitular a quantos pudieren, ó por engaños ó por fuerça; por engaños, diziendoles mil y mil mentiras, prometiendoles que en San Pablo han de estar todos juntos en sus aldeas y liberdad, como estauan en sus tierras, y que allá han de tener mucha ropa y hyerro, etc.; y para mejor hazer su negozio, vuo los años passados, quien se pusieron vnas sotanas largas, como si fueran de Nuestra Compañia, por el crédito que tenemos entre los Indios, y en esta entrada que muchos juntaron por via del demonio, como apuntamos en nuestra relacion. Pero no bastando los engaños les hazen fuerça (como ahora hizieran á los que sahiren de nuestras reducciones), hyriendo y matando con mucha crueldad, poniendo á veses á espada á aldeas enteras de Indios, no perdonando grandes ni a pequeños, matando á vezes mas gente que no eran los que truxeran cautinos, como si no fuesen si no perros ó caballos, trayendolos en cadenas, azotandolos y dandoles de palos y amenaçandolos de matar y matando los que se huyessen dejando solos por aquellos caminos tan esteriles, sin comida, á los que cayren enfermos, apartando los maridos de sus mujeres, hijos de sus padres, etc., quando los reparten entre si y quando los vebden.

Todos estos y otros maiores sen los agrauios y violencias que ordinariamente en todas sus entradas suelen cometer.

Vna cosa, de que me pasme mucho, me conto el P. Francisco Carneiro, que fue Rector del Collegio de Rio de Henero, y la lei escripta en vnos papeles del P. Sebastian Gomez, grande Apostol de los Indios aqui, que Dios tenga en gloria, y es que en el año de 1602 (??) fue San Pablo á buscar y traer Indios Nicolas Barreto, con licencia de su hermano, Roque Barreto, de la tierra, con capa de buscar minas; y lleuo en su com-

os que estampamos, baseados na documentação archival municipal, publicada pelo benemerito Washingtos Luis.

Graças pois, a essa publicação, fica rectificado o itinerario de uma das mais importantes bandeiras, jamais sahidas de S. Paulo.

---

pañia 270 portuguezes y 3 clerigos. Vnos 40 dellos dieron por aquellos montes con vnos Indios Christianes, que embiados de nuestros Padres de la Villa Rica de Espiritu Santo, avian ydo buscar sus parientes y traerlos para nuestras aldeas, y con lleuauan ia para ellos vnas 700 almas; pero estos portuguezes los tomaron á todos; aunque estos Indios Christianos les dizian que nuestros Padres les auian embiado, y que alli cerca auia otros muchos infieles que lleuer, etc. Y para que estes Christianos despues de hueltos no se queixassen, los ahorcaron, negandoles confession que pedian, auiendo entre ellos vn clerigo que los pedia confessar. Y que para tantos desordenes, que ya de 40 años atras continuamente hiceron, y aun todavia hazen en tierras Christianas haya castigo ninguno ni enmienda"... Ciudad del Salvador Bahia, 2 Octubre de 1629".

III

Bandeiras contra os indios "bilreiros". — Belchior Dias Carneiro, Martim Rodrigues (1606 - 1609).

Em 1604, apontou finalmente em S. Paulo, na segunda metade do anno, a valente tropa de Nicoláu Barreto. Foi tão grande o esforço feito com esta bandeira que os paulistas, como que extenuados, repousaram durante o resto de 1604, todo o anno de 1605, para sómente em agosto de 1606 se assignalarem de novo com a sua actividade no bandeirismo. Pelo menos silenciam os documentos e calam-se os chronistas a respeito de qualquer emprehendimento durante esse periodo de tempo.

E' que, Nicoláu Barreto havia feito, com a quasi totalidade da população mascula de S. Paulo do Campo, uma gigantesca caminhada, cujo ponto mais longinquo andou, por certo, a centenas de leguas da pequena villa recemfundada.

A vida administrativa de S. Paulo ficou, durante os dous longos annos em que a bandeira esteve no sertão, quasi completamente paralysada, a tal ponto que, em 1604, se resumiu ella a apenas tres vereações do mez de janeiro.

Em agosto de 1606, temos noticias de que Diogo de Quadros (membro da familia dos Quadros, não mencionado por Silva Leme. «*Genealogia Paulista*», v. IV) se aprestava para ir ao sertão com bandeira, e, apezar de todos os protestos, platonicos e fingidos, seja dito de passagem, dos Officiaes da Camara Paulistana, em Dezembro do mesmo anno estava: «*fazendo guerra aos gentios contra a ordem e regim, de sua magde* . . .». *(«Actas»*, vol. II, 161 e 169).

Diogo de Quadros foi aos carijós, como se vê em «*Registo*», v. VII, 151.

Em principios de 1607, voltava do Guayrá o capitão Manuel Preto, trazendo do caminho de Villa Rica indios apresados para a sua fazenda de N. S. da Expectação (hoje N. S. do O'). *(«Actas»*, v. II, 184), e em fevereiro desse mesmo anno aviava-se em S. Paulo muita gente, «*que hya ao sertão carijó ao resgate e tendas de fereiro*».

No mez de março, sempre do anno de 1607, a actividade irrequieta dos paulistas se accentuava com o mameluco Belchior Dias Carneiro *(«Invent. e test.»*, vol. II, 114, testamento de Belchior), que arregimentando cerca de «*corenta ou cimcoenta homes branquos com os quaes forão mta. parte dos imdios desta vila e gastarão la dous anos, e não são chegados ainda e os que chegarão trouxerão mto gemtio . . . e aqui estava hu mãdado do capitão gaspar conqro que luogo se aprezamtuou em que manda fosse toda a jemte da jornada trazida comforme a provizão de sua magestade por belchior carn.o do sertão* . . .». *(«Actas»*, v. II, 235).

E' a bandeira muito conhecida de Belchior Dias Carneiro, que nesse mez de março de 1607 partiu em demanda ao sertão dos indios «bilreiros», conforme

se vê do inventario do dito Belchior (*«Invent. e tests..»*, v. II, 196 e 197), onde se encontram no ról das dividas do finado as seguintes peças elucidativas:

> «Mais a meu sobrinho Domingos Fernandes (o fundador de Itú), um capote de crize azul para dar ao princ.... BILREIROS».

e adeante

> «e mais um facão para lhe comprar uma peça dos BILREIROS, a qual peça elle tem em seu poder por nome Guagaróba».

Fica, pois, certo que Belchior Carneiro chegou ao sertão dos bilreiros, de onde trouxe a sua bandeira indios apresados dessa nação.

Dentre os quarenta ou cincoenta companheiros de Belchior, conseguimos identificar os do seguinte ról, graças ao inventario procedido no sertão, por fallecimento do mesmo Belchior:

> Capitão Belchior Carneiro (cabo da tropa), Antonio Raposo, o velho (immediato), João Moreira, Manuel Ribeiro Boito, Paschoal Delgado, Manuel Rodrigues, Matheus Luiz Grou, Luiz Eanes Grou, Mathias Gomes, Manuel Requeixo, Estevam Raposo, o moço, Domingos Barbosa (Calheiros) (?), Miguel Gonçalves, Jeronymo Gonçalves, Lourenço Cabreira.

O fallecimento de Belchior se deu em junho de 1608, tendo assumido o commando da expedição, Antonio Raposo, o velho, que em fins de Dezembro de 1608 deu entrada em S. Paulo com parte de sua gente, sendo que o restante da bandeira, como se vê do texto supra citado (*«Actas»*, v. II, 235), permaneceu no sertão até 15 de fevereiro de 1609, data em que aportou ao povoado.

Quanto ás regiões percorridas por esta expedição de devassadores do sertão, o eminente historiador Washington Luis, na sua monographia de Antonio Raposo Tavares, *«Revista do Instituto Hist. de S. Paulo»*, vol. IX, 487, fallando de Antonio Raposo, o velho, sem attender, ter a bandeira attingido os «bilreiros», asseverou ter ella, explorado o alto S. Francisco em Minas.

Os indios «bilreiros», entretanto, não se nos afiguram ter morado junto ao grande rio de Minas Geraes.

A respeito desta tribu gentilica, temos estudado duas versões, para sua localização, e dahi concluir quaes as regiões attingidas por Belchior e sua bandeira.

Segundo uma dellas, registrada por Gentil de Assis Moura (*«O Caminho do Paraguay e Santo André da Borda do Campo»*, 15), tendo assento em Simão de Vasconcellos, «liv. I, n. 171», os «bilreiros», eram os mesmos que os «Ibirayaras», localizados ao sul do curso do Tieté, os mesmos, diz Gentil de Moura, que foram encontrados por Ulrico Schmidel, antes de sua chegada a Santo André da Borda do Campo.

Segundo esta versão, muito proximo a São Paulo, deveria ficar a tribu, alvo da incursão de Belchior, o que não justificaria os dous annos de permanencia

no sertão, por parte da expedição. A favor desta hypothese, porém, milita uma referencia encontrada no inventario de Bernardo Bicudo «*Invent. e test.*», vol. XV, 181, que diz: «*em Capivary na estrada velha do sertão que vai para o sertão dos Bilreiros*».

A outra hypothese, aliás a mais provavel, é a que está assente em um documento do padre Antonio Raposo, reproduzido pelo grande Basilio de Magalhães («*Rev. Inst. Hist. Bras.*», tomo esp. v. II, 85), segundo o qual os indios em questão eram localizados sobre o Tocantins, tendo os mesmos luctado contra a bandeira de Sebastião Paes de Barros em 1674, que por elles foi anniquilada. Eram indios de extrema ferocidade, tendo como visinhos os Aroaquins.

A se ter em conta esta versão como a verdadeira, enorme foi o percurso da léva de Belchior Dias Carneiro, sendo um bellissimo feito de bandeirismo explorador dos nossos sertões (5).

---

(5) Conseguimos conciliar estas duas versões sobre a localisação dos "Bilreiros", após havermos lido o magnifico trabalho, de assignatura do doutissimo ethnographo patricio Dr. Rodolpho Garcia, e constante do I vol. do "*Diccionario Historico Geographico e Ethnographico*", editado pelo Inst. Hist. Brasileiro.

Nesse estudo, a pg. 261, o Dr. Garcia diz que os "bilreiros" eram os mesmos que os Caiapós, conhecidos dos Tupis pelo nome de Ubirajaras (Ibirayaras), localisados entre o rio Paraná e as cabeceiras orientaes do Paraguay.

Ora os Caiapós como evidencia a serra deste nome, até hoje conservado, se extendiam pelas divisas atuaes de Matto Grosso e Goyaz, não só na bacia Parano-Paraguaya, como na do Araguaya-Tocantins, as margens do rio das Mortes, onde. Sebastião Paes de Barros, com elles foi luctar.

Após este arranco, no mez de agosto de 1608. Martim Rodrigues Tenorio de Aguiar, registrado por Silva Leme, como Martim Fernandes («*Genealogia Paulist.*», tit. Tenorios), iniciou, pelo Anhemby abaixo, uma entrada, para a qual tinha aviado varias dezenas de bandeirantes, dentre os quaes:

> Antonio Nunes,, Balthazar Gonçalves, Braz Gonçalves, o velho, Diogo Martins, João de Santanna, João Paes, Manuel de Oliveira e Lourenço Gomes de Ruxaque, («*Invent. e test.*», v. II, 357; v. III, 255 v. IX, 23).

Partiu esta expedição, com evidentes signaes de se destinar aos bilreiros, em seguimento das pégadas da gente de Belchior Carneiro conforme rezam os textos documentaes.

Infeliz, entretanto, deveria ser o agrupamento de paulistas seguidores de Martim, pois, segundo se de-

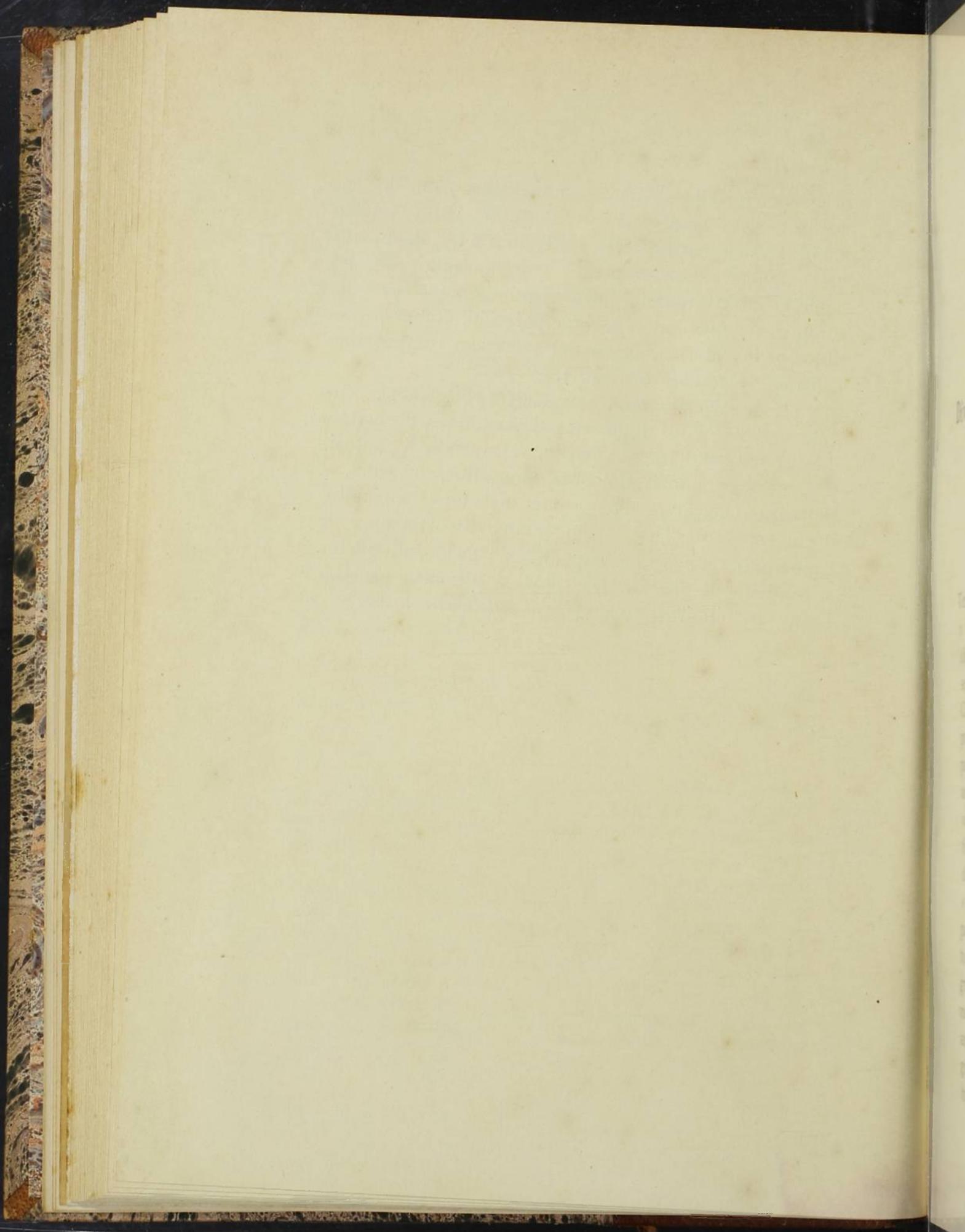
---

Toda esta região goyano-mattogrossense do divisor das aguas do Paraná, Paraguay e Araguaya, deveria ter sido percorrida pelas bandeiras de Belchior Carneiro, Martim Rodrigues e as que mais tarde marcharam contra os "bilreiros".

Eis pois conciliadas as duas hypotheses, que a primeira vista pareciam divergentes, só por ter Gentil de Moura, se baseado em Simão de Vasconcellos, que localisou os Ibirayaras, ou Ubirajaras, no curso do Tieté, até onde deveriam chegar nas suas correrias sendo porém verdade, que elles moravam mais para o Noroeste.

Felizmente o Dr. Garcia no seu trabalho citado nos forneceu optimos elementos, com os quaes pensamos ter clareado a questão.

prehende, foi elle victima da ferocissima tribu do Tocantins, visto como até ao anno de 1612, quatro annos após a partida, não havendo em S. Paulo noticia alguma a seu respeito e não havendo chegado nenhum expedicionario, bem como correndo na villa rumores de que todos haviam perecido, foram procedidos os inventarios dos bandeirantes seus componentes («*Invent. e test.*», vols. cits.).

E' possivel, porém, que, mais tarde, tenham surgido em S. Paulo alguns dos devassadores do sertão, do rol da bandeira de Martim, escapando á destruição, pois os nomes de Braz Gonçalves, o velho, e Balthazar Gonçalves appareceram mais tarde, em muitos documentos officiaes e em muitos arrolamentos de bandeirantes de outras expedições. Não foi, porém, a bandeira de Martim Rodrigues a ultima a penetrar junto aos bilreiros, como teremos occasião de ver.

IV

Diversas expedições ao sertão. — Bandeiras de Lazaro da Costa e de Antonio Pedroso de Alvarenga (1610 - 1618).

Em seguida ás bandeiras de Martim Rodrigues Tenorio e de Belchior Dias Carneiro, durante todo o anno de 1609, não conseguimos encontrar referencia alguma a qualquer expedição ao sertão. No anno seguinte, porém, de 1610, em outubro, encontrámos Clemente Alvares e Christovam de Aguiar, e muito provavelmente Braz Gonçalves (o mesmo que acompanhou a bandeira anniquilada de Martim Rodrigues, aos «bilreiros», (a ponto de penetrar no sertão dos «carijós», pelo porto de Pirapitinguy (Tieté), conforme se vê de um protesto, apparentemente energico, dos officiaes da Camara Paulistana, publicado, em «*Actas*», vol. II, 278. E' inutil dizer que os paulistas pouco se incommodavam com estes protestos e ameaças, feitos unicamente *pro-forma*, e transgredidos pelos seus proprios autores, segundo pudemos observar nos documentos municipaes. Antes do anno de 1611, em data que exactamente não conseguimos precisar, João Pereira (?), realizou uma entrada contra os indios «biobébas», (pés chatos), cujo

«habitat» constitue um mysterio para os nossos ethnographos.

E' de suppôr, porém, fossem elles os mesmos que os «Pés largos»; nem assim, porém, se adianta em saber algo da região por elles occupada.

Foi nesse anno de 1611, que teve logar a bandeira chefiada por Pero Vaz de Barros, no Guayrá, sob as instigações de d. Luiz de Sousa. Muitos eminentes historiadores, que se têm occupado do bandeirismo paulista, ao se referirem a esta expedição, attribuem-n'a erradamente a Fernão Paes de Barros, filho, dos mais moços do supra citado commandante, pois, Fernão Paes de Barros, nasceu em 1623, conforme se vê do inventario de sua mãe Luzia Leme. («*Invent. e tests.*», vol. XV, 409). (Basilio de Magalhães e Gentil de Assis Moura. «*Rev. Inst. Hist. Bras.*», tomo especial, vol. II).

O sabio mestre Affonso Taunay a ella se refere magnificamente, ao commentar, pelo «Correio Paulistano», a documentação hespanhola, sobre as bandeiras paulistas. Infelizmente não conseguimos na documentação archival paulista, nada sobre esta memoravel expedição.

Nessa mesma occasião ou quiçá pouco antes, Diogo Fernandes chefiou uma entrada contra os «Pés largos», trazendo muitos apresados a S. Paulo. («*Invent. e test.*», vol. III.º, 60). Sebastião Preto, um nos mais esforçados sertanistas do «clan» dos Pretos, em São Paulo, dos mais formidaveis no devassamento dos sertões, no anno de 1612, estava tambem internado no Guayrá, segundo menciona o insigne Basilio de Magalhães, doc. cit., e proficientemente estuda o dr. Taunay, sempre no «Correio Paulistano». Ainda quanto a

esta, não ha referencias nas publicações officiaes dos nossos archivos seiscentistas, sendo que tudo, quanto se sabe, a seu respeito se baseia na documentação hespanhola. Antes de findar o anno de 1612, Garcia Rodrigues Velho, o filho de Domingos Gonçalves da Maia, e neto do casal de povoadores Garcia Rodrigues e Izabel Velho, á frente de uma bandeira, emprehendeu nova viagem aos indios «bilreiros». Possivelmente em sua companhia falleceram, Diogo Martins Machuca, finado em abril de 1613 (*«Invent. e tests.»*, vol. III, 451), e Balthazar Alvares. A bandeira de Garcia demorou-se largo tempo no sertão, tendo dahi tornado em fins de novembro de 1613. (*«Actas»*, vol. II, 343).

Para os sertões sulinos, contra os sempre irrequietos carijós, partiu o capitão Lazaro da Costa, com grande acompanhamento de paulistas e indios mansos, nos meados de 1615. Dentre os componentes desta expedição sabemos os seguintes nomes:

> Capitão Lazaro da Costa, capitão Francisco de Siqueira, Balthazar Gonçalves (o mesmo que acompanhou Martim Rodrigues aos «bilreiros» em 1608?), Francisco Nunes Cubas, Alonso Perez Calhamares, Pero da Silva, Romão Freire, Aleixo Jorge, Simão Fernandes, João de Sousa, Manuel Rodrigues, Luiz Delgado Gaspar dos Reis, Martim do Prado, Felippe de Véres, Francisco Alvares, e Pero Sardinha, (*«Inventarios e Testamentos»*, vol. III, 394, invent. no sertão de Pero Sardinha, e vol. IV, 435, invent. de Martim do Prado).

A bandeira em dezembro estava no sertão dos «carijós», como se vê do testamento de Pero Sardinha; o que infelizmente, nada adianta sobre o ponto approximado, onde se poderia encontrar nessa occasião a expedição, pois que o «sertão dos carijós» abrangia vastissima extensão territorial desde as cercanias ao Sul de S. Paulo até á Lagôa dos Patos, no Rio Grande.

O mappa das bandeiras, do Museu Paulista, de autoria de seu director, o dr. Taunay, assignala a bandeira de Lazaro, em Sta. Catharina.

Parece-nos ter ella voltado a S. Paulo em abril de 1616, visto como nesta data ahi foi feito o inventario de Sardinha. A bandeira de Lazaro da Costa, quer nos parecer foi a continuação dos esforços feitos por Pero Vaz de Barros e Sebastião Preto, alguns annos antes, contra a fatidica linha de Alexandre Borgia.

Contemporaneamente á arrancada supra mencionada, orientada, porém, em direcção completamente opposta, partiu de S. Paulo em 1615 uma importante léva sob o mando do capitão Antonio Pedroso de Alvarenga, o mesmo sertanista da bandeira de Barreto, onze annos antes. Dirigiu o notavel bandeirante a sua tropa para o planalto central brasileiro, attingindo o curso do Tocantins e seus affluentes, em Goyaz, onde ao norte era chamado sertão de «Parahupava». Assim menciona-a Pedro Taques, que tambem affirma ter ella penetrado 300 leguas longe de S. Paulo. Muitos dos que se têm occupado desta léva têm formulado duvidas a proposito do sertão de «Parahupava», o qual querem confundir com «Parahopéba» em Minas, limitando assim de muito o percurso da expedição Diogo de Vasconcellos. (*«Hist. antiga de Minas Geraes»*). A razão está, porém, positivamente com

o portentoso linhagista, como já vimos por occasião de estudar a bandeira de Domingos Rodrigues, que dezeseis annos antes havia perlustrado o «Parahupava» e ahi apresado indios «*guayazes*». (6) Elevado foi o numero dos que acompanharam a expedição do capitão Antonio Pedroso, e graças aos inventarios dos bandeirantes, Francisco de Almeida e Pedro de Araujo, fallecidos no sertão («*Invent. e tests.*», vols. V, 149 e 173), organizamos a seguinte nominata:

> Capitão Antonio Pedroso de Alvarenga (chefe), Pero Domingues (crêmos ser o primeiro deste nome), Francisco Roiz da Guerra, Francisco de Baldim, Diogo Barbosa do Rego, Francisco Dias Pinto, Gonçalo Gil, Vicente Alvares, Pedro Alvares, Francisco Preto, Ascenso Luiz Grou, Francisco Duarte, Miguel Gonçalves Corrêa, Alonso de Gaia, Chrisostomo Alvarez, Manuel da Fonseca, João Fernandes, Raphael Dias, Domingos Marques Requeixo, Melchior de tal, Lourenço Rabelo, Pero de Araujo e Francisco de Almeida (estes dous ultimos fallecidos no sertão e cunhados do capitão).

Sahida a bandeira de S. Paulo na primeira metade de 1615, em abril de 1616 attingia ella o «*Parahupava* (testam. de Pero de Araujo, loc. cit.), onde

---

(6) O sertão do Parahupava talvez fosse o margeante ao rio desse nome, affluente esquerdo do Tocantins, quando este caudal separa o Maranhão do Pará, já bem perto da sua fóz, e junto a serra de Surubiá.

permaneceu até dezembro de 1617, quando falleceu Pero de Araujo, sendo inventariado, summariamente (loc. cit). Em junho de 1618, tres annos depois de ter partido, chegava novamente a S. Paulo, pois só nessa occasião foi acostado o testamento de Araujo, feito no «*Parahupava*».

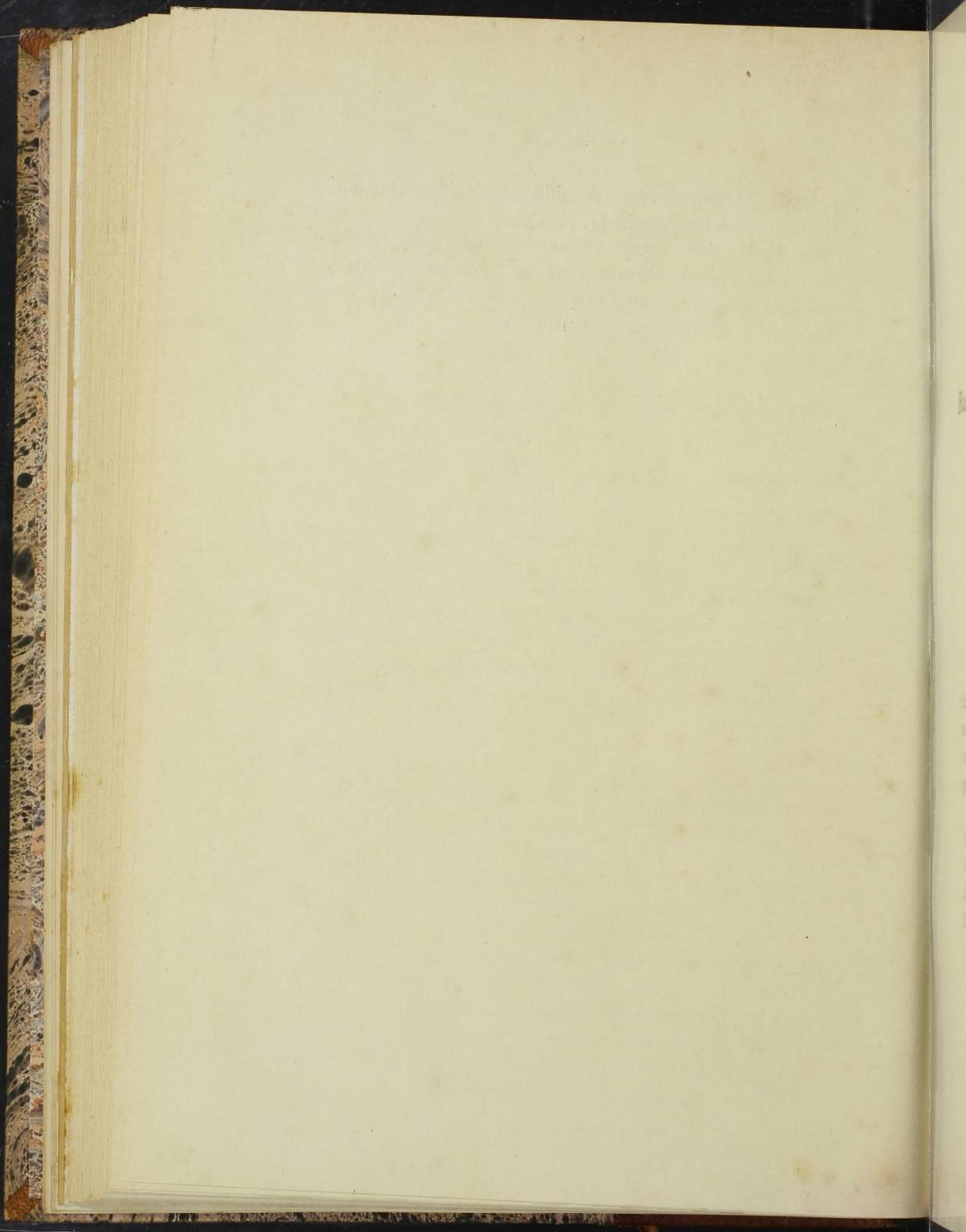
Este notabilissimo feito, na historia das bandeiras paulistas, concommitante com a expedição de Lazaro da Costa, veiu demonstrar a crescente pujança offensiva da gente paulista, que, simultaneamente, dirigia golpes ao sul e ao norte.

Após esta bandeira de Pedroso, desapparecem por alguns annos as referencias ás entradas sertanistas, na documentação archival paulista. Nada encontramos referente ao anno de 1618, nem tão pouco a 1619, a não ser um ensaio ,por ordem de Gaspar Corrêa de Sá, ouvidor e capitão mór da capitania de S. Vicente, para que fossem frei Thomé e Manuel Preto a descoberta das «*pedras de iocoaheigeibira*» (?) («*Actas*», vol. II, 413), tendo, porém, os officiaes camaristas esperado a confirmação da ordem por parte de Salvador Corrêa de Sá, não sabemos si de facto teve logar este emprehendimento. Nesse mesmo anno, combinando as chronicas patricias com as jesuiticas do padre Pastell's, Basilio de Magalhães («*Revista do Instituto Historico Brasileiro*», tomo especial, vol. II, 98), assignala o mesmo capitão Manuel Preto, tirando «*grandes contingentes de indios das aldeias de Jesus-Maria e Sto. Ignacio*», no Guayrá.

Logo ao inicio do anno immediato, entretanto, encontramos a assembléa municipal dando a commissão a José Preto (irmão de Manuel), para que fosse, com quatro homens, notificar a Simão Alvares e sua comitiva para que não fossem ao sertão, como se pre-

paravam. Crêmos não ter sido obedecida esta notificação. (*«Actas»*, vol. II, 424).

Nada diz o texto examinado, sobre o pretendido destino de Simão Alvares, mas é provavel se tratasse de uma expedição ao Guayrá, onde começavam á se concentrar as ambições paulistas.

V.

Bandeiras de Henrique da Cunha Gago, o Velho, de Sebastião Preto e Manoel Preto (1623 - 1624). — Os Hollandezes no Nordéste. — Repercusão em São Paulo da tomada da Bahia. — Pródromos da conquista de Guayrá (1627).

Por completo isentos de referencias sobre o bandeirismo são os nossos documentos archivaes, dos annos de 1621 e 1622 ;o que não se dá, porém, com os de 1623, nos quaes encontramos algumas passagens dignas de menção.

Em começos de 1623, partiram de São Paulo muitas expedições ao sertão, deixando a villa desprovida da sua população mascula, como se vê pela acta da vereação de 1.º de julho desse anno. («*Actas*», v. III, 41):

> «... que esta villa estava despejada pellos moradores serẽ idos ao sertão, pella qual rezão se não podia fazer o caminho do mar per não aver gente pera o poder fazer cõforme esta mandado...».

De facto, diversas são as referencias encontradas em outros documentos, denunciando essas expedições, que arrebanharam para fôra da villa a maioria de seus homens. Em novembro desse anno encontramos internada no sertão dos carijós, provavelmente no Guayrá, uma bandeira, da qual fazia parte Henrique da Cunha Gago, o velho, o mesmo bandeirante da expedição de Nicoláu Barreto, vinte annos antes.

Falleceu Henrique da Cunha Gago, nesse sertão dos carijós, não, porém, sem ter feito, nos seus ultimos instantes, o testamento, graças ao qual conseguimos saber dos seguintes paulistas, companheiros seus:

> João Gago da Cunha (filho do fallecido) e seu genro Jeronymo da Veiga; Matheus Luiz Grou (intrepido mameluco); Jeronymo Alves, Diogo Barbosa do Rêgo e João de tal. («*Invent. e tests.*», v. I, 215).

Infelizmente, não foi feito o inventario summario do bandeirante fallecido, o que teria, sem duvida, assignalado um numero maior de expedicionarios, e trazido bem melhores informes a respeito da léva, da qual ficamos na ignorancia, até do nome de seu cabo maior.

Pouco tempo antes da expedição supra mencionada, Sebastião Preto, notabilissimo sertanista, do qual temos já falado, fez parte de uma bandeira, talvez a mesma de Henrique da Cunha, assignalada no sertão dos indios «*abueus*», nome que nada adeanta para o estudo das regiões por ella attingidas, pelo testamento feito pelo proprio Sebastião Preto, ferido por uma

flechada recebida na lucta, contra esses indios. (*«Invent. e tests.»*, v. VI, 73 e 74 (7).

Assignaram como testemunhas esse documento denunciando-se, como componentes dessa léva, os seguintes paulistas:

> Pedro Vaz de Barros, Francisco de Alvarenga, Antonio Pedroso de Alvarenga, Aleixo Leme, Raphael de Oliveira, Domingos Cordeiro, Paulo da Silva, Francisco Alvares e Ascenço de Quadros.

Tambem não fizeram o inventario summario do fallecido, de fórma que não foi possivel colhermos mais detalhes a respeito deste feito. E', porém, muito possivel, e mesmo provavel, ter sido esta a bandeira chefiada pelo capitão Manuel Preto, que, nesse anno de 1623, e principios do seguinte, penetrou no Guayrá, onde atacou varias reducções jesuiticas, capturando cerca de 1.000 indios, que trouxe para São Paulo (Basilio de Magalhães. *«Rev. Inst. Hist. Bras.»*, tomo esp. v. II, 98). (Pedro Taques, *«Nobiliarchia Paulista»*).

Em fins de 1623, Fernão Dias Paes, filho do povoador do mesmo nome, e neto de Pero Leme, tambem povoador:

> «... queria ir ao sertão e leva comsigo segundo se dizia alguns moradores o

(7) O nome de *"abueus"*, muito se assemelha pela sua terminação aos das tribus guaicurús do Paraguay, conforme se vê do estudo ethnographico do Dr. Rodolpho Garcia no *Diccionario Hist. Ethnograph.* vol. I, editado pelo Inst. Hist. Bras. Se os *"abueus"* foram guaicurús, Sebastião Preto teria penetrado no Paraguay ou no sul de Matto Grosso.

q êra e grande prejuizo deste povo por aver pouqua jente por respto dos moradores estare no sertão...» (indubitavelmente se referindo a gente de Manuel Preto, e bandeiras supra citadas). *(«Actas», v. III, 50).*

Não sabemos si Fernão Dias Paes, tio do futuro governador das esmeraldas, chegou a penetrar no sertão, nem si outra bandeira, que concommitantemente se organizava, sob o influxo de Paulo do Amaral, Francisco Roiz da Guerra, Antonio Peres, Alonso Perez Cañamares e Jorge Rodrigues Deniza (loc. cit. «*Actas*», conseguiu sahir do povoado.

Em dezembro de 1623, as bandeiras citadas acima, de Sebastião Preto, Henrique da Cunha Gago e Manuel Preto, ainda não haviam chegado ao povoado paulistano, conforme se vê pelo seguinte documento constante do vol. III, pag. 14 da «*Actas*»:

«... pera iso por estar tudo êbarcado e a jente no sertão».

Muito tempo levariam essas expedições palmilhando os sertões agrestes na lucta homerica contra os elementos naturaes e na derrocada das possessões castelhanas, pois que ainda em 10 de fevereiro de 1624, não haviam ellas tornado a S. Paulo, como attesta o seguinte documento:

«q inda a jente não era toda chegada do sertão q ê elles vindo se faria o dito caminho e pontes *(«Actas», vol. III, 84).*

Em abril de 1624, porém, encontramos, em São Paulo, o capitão Manuel Preto, bem como muitos dos paulistas, companheiros de Sebastião Preto, da lista acima, assignando uma carta de assembléa popular, de indignado protesto, contra uma provisão do governador, sobre os quintos, dizimo, que elle queria impôr sobre o numero de indios, recentemente trazidos do sertão, os mesmos que os signatarios sertanistas nomeados apresaram nas entradas acima referida («*Actas*», v. III, 101).

Após estes feitos, succedeu, em S. Paulo, uma subita paralisação, nas entradas ao sertão, determinada pela gravissima crise politico-militar que, então, em meados de 1624, empolgava toda a colonia luso-hespanhola. E' que os flamengos, no nordéste, haviam, em um golpe de força, se assenhoreado da cidade da Bahia, pondo em polvorosa toda a colonia. Reflecte-se este acontecimento em S. Paulo, por meio de um mandado do capitão-mór Alvaro Luiz do Vale, pelo qual:

> «... em vista da tomada da Bahia pelos hollandezes, onde prenderam o governador com esquadra de 50 vélas tratando da defeza da capitania não havendo mais de 5 arrobas de polvora, e muito pouca gente na Capitania com muitos delles homisiados procurem, os officiaes da Camara saber quem tem chumbo e polvora bem como os capitães não deixem sahir gente para o sertão obrigando a gente de armas a se aprestar para a defeza da Capitania mandando ir perante si todos os que tenhã ido ao sertão sob pena de serem

havidos por traidores de sua Magestade. (*«Registo»*, v. I, 457).

Com isto, ficaram os paulistas inactivos no bandeirismo, entretidos com o continuo chocalhar de suas armas, nas constantes idas e vindas pelo «Caminho do Mar», ao menor rebate de inimigo na costa. Procedeu-se, com açodamento, á mobilização e concentração da população mascula, pondo-se á frente della, arregimentada e dividida em companhias, os capitães Manuel Preto, Antonio Pedroso de Alvarenga, André Fernandes e Fradique de Mello Coutinho, (*«Actas»*, III, 142), Salvador Pires de Medeiros, chefe dos aventureiros e Pedro Vaz de Barros, (loc. cit., III, 136). (*«Actas»*, v. III, 142), todos estes formidaveis sertanistas, autores das mais notaveis façanhas do bandeirismo seiscentista. Bem numerosa deveria ter sido a força mobilizada e armada, pelos paulistas, para a defesa da Capitania, contra qualquer tentativa flamenga, na costa, pois que, só na villa de S. Paulo, existiam para mais de duzentas e cincoenta armas de fogo (*«Actas»*, vol. III, 139), além de muitos milhares de indios de arco e flecha, o que constituiam um grande e poderoso contingente bellico, tanto mais si tivermos em conta a qualidade da tropa, que era excellente e aguerrida nas entradas ao sertão e luctas contra o gentio.

Nesse estado de cousas, entretanto, decorreu o tempo, sem que os moradores de S. Paulo pudessem pensar na sua occupação favorita, até que em 1627, quando a pressão flamenga, já afrouxada na Bahia com a retomada da cidade por Fradique de Toledo Osorio, repercutiu em S. Paulo, houve um recomeço de actividade, entre os incorrigiveis batedores de selvas.

Em outubro desse anno de 1627:

> «os ispanois de villariqua e mais povoasois vinhão dentro das teras da croa das teras de portuguall e cada ves se vinhão aposuando mais delles de sendo todo o gentio que esta nesta coroa... *(«Actas»*, vol. III, 282).

Não queriam os paulistas se capacitar da estreita união entre as duas coroas peninsulares e sempre traziam de olho os inimigos seculares da raça, pois que serviu esta noticia de incentivo para a proxima campanha de anniquilamento de jesuitas e hespanhóes, no Guayrá, visto como Antonio Raposo Tavares e Paulo do Amaral começaram, nessa mesma occasião, a aliciar gente e organizar bandeira, para uma entrada no sertão.

Os officiaes da Camara paulistana, porém, dominados ainda pelas severissimas medidas adoptadas, durante o periodo do terror flamengo, expediram logo ordens de prisão contra os organizadores de expedição:

> «prender Ãto. raposo tavares e paullo do amarall por serem amotinadores deste povo e mandarem allevantar gente pa. iren ao sertam... *(«Actas»*, vol. III, 281).

e adeante:

> «... não nos podendo prender lhe tomarão a pollvora e xumbo que levão, os coais irão até o termo de maraxubava.
>
> ... e assin prendera a todos os mais que achar que vão a sertam... que estão

em Cajuha, no curall dos padres...» (loc. cit. «*Actas*»).

Assim fracassou a primeira tentativa de Raposo Tavares para a organização da formidavel bandeira, que, com Manuel Preto, um anno depois, partiu de São Paulo, para o anniquilamento das reducções do Guayrá e expulsão dos castelhanos do territorio que hoje é o nosso Estado do Paraná.

Eis, pois, a nosso vêr, os pródromos da grande arrancada.

VI

Guayrá (outubro 1628 a julho 1632).

Muito sabida é, já, a famosa bandeira de 1628, commandada por Manuel Preto e Antonio Raposo Tavares, que destruiu Guayrá, encorporando-a ao nosso territorio.

Já tem sido ella tratada por muitos, illustres e dedicados, historiadores desde Toledo Piza, Rio Branco, Assis Moura e Basilio de Magalhães. Ultimamente, della se têm occupado, através da documentação hespanhola, o profundo sabedor dr. Affonso Taunay, que tem trazido a publico interessantes resultados de suas brilhantes pesquizas. Conseguiu o dr. Taunay, augmentar o numero de expedicionarios, conhecidos em cerca de uma vintena, além de desvendar grande serie de factos, desenrolados durante a campanha, o que constitue brilhantissimo serviço á causa da nossa historia.

Conhecida assim, como está, a grande expedição de 1628, deixaremos de repetir o que já está ao alcance de todos, nas muitas publicações que se tem feito a respeito, para só occuparmo-nos do que ainda está envolto em mysterio e procurar trazer um pouco da luz da nossa documentação archival publicada, afim

de ver si conseguimos tirar dahi algum conhecimento novo, que resulte em proveito da verdade historica.

A documentação paulista, porém, pouco adeanta, infelizmente, para o esclarecimento desta bellissima pagina do nosso passado e, por outro lado, vem revolver o que já estava assentado, como certo, trazendo confusão, na qual, difficilmente, se poderá ver claro.

Vejamos, porém, com methodo. Na documentação inserta nos «*Inventarios e testamentos*», é de onde vamos tirar os poucos esclarecimentos que, directamente, dizem respeito a esta bandeira, no que concerne á sua composição.

Nessa publicação documental, encontramos referencias a uma bandeira internada no sertão de Ibiaguira, cabeceira do rio Ribeira, a qual, pela extraordinaria coincidencia de datas e de região, estamos plenamente convencidos, tratar-se de um destacamento da grande bandeira, por qualquer motivo um pouco atrazado do grosso da expedição, que então se precipitava pelo Tabagy abaixo.

Queremos nos referir á bandeira de Matheus Grou («*Invent. e tests.*», vol. VII, 425). De facto, a grande bandeira sahiu de S. Paulo a 18 de outubro de 1628, (*Basilio de Magalhães*, «*Rev. Inst. Hist. Bras.*», tomo esp. vol. II, devendo ella atravessar a extensa zona que separa S. Paulo do rio Assunguy, (sertão de Ibiaguira), passagem forçada, para a penetração na região das reducções do alto Tibagy. De São Paulo, as nascentes do Assuguy medem, em linha recta, cerca de 400 kilometros, o que quer dizer, que a bandeira teve a vencer pelo menos 600 kilometros, através de obstaculos naturaes de todo o genero, devendo levar para chegar ao seu alvo pelo me-

Rio grande
Rio Tiete
Loreto
Rio Paranapanema
Sto Ignacio
Rio Tibagi
San Joseph
San Xavier
Ciudad Real
GUAYRA
S. Joseph
San Pablo
Encarnacion
Concepcion
Angeles
S. Pedro
S. Thomé
Sto Antonio
S. Miguel
Sertão de Jesus
Rio Paraná
Lugar onde o inventario de Luiz Eanes denuncia a bandeira dos Grous, em janeiro de 1629
Caminho provavel da grande bandeira de Mel Preto-Raposo Tavares
Reducções jesuiticas
Burgos Castelhanos
100 kilometros

nos tres mezes, de onde se conclue que, em janeiro de 1629, devia a expedição estar trilhando as proximidades do Ibiaguira, ou num raio de 50 kilometros, justamente, onde, o fallecimento de Luiz Eanes, nessa occasião, denuncia a presença da bandeira de Matheus (inicio do inventario de Luiz Eanes, 10 de janeiro de 1629). Ha ainda a coincidencia extrema de que bandeirantes, como Antonio Grou, figuram simultaneamente na lista dos companheiros de Manuel Preto, da «*Relacion de los agrabios*», e na da bandeira de Matheus Grou. Existe outro argumento ainda mais notavel e interessante. E' que Balthazar Gonçalves Malio, fazendo parte da expedição de Matheus Grou, sendo assignalado diversas vezes no inventario sertanejo de Luiz Eanes, sahiu de S. Paulo com a bandeira de Manuel Preto, a 18 de outubro de 1628, conforme prova o testamento de sua mulher Jeronyma Fernandes, feito em 5 de janeiro de 1630 («*Invent. e tests.*», vol. VIII, 237), onde diz:

> «.... e porque o dito meu marido de presente está ao sertão na companhia de Manuel Preto...».

Sendo que Balthazar só apparece no inventario em setembro de 1631.

Não ha, pois, que duvidar terem havido estreitas ligações de organização entre as duas expedições mencionadas; e a ser assim como se evidencia, a lista dos bandeirantes, conhecidos de Guayrá, pode ser augmentada de vinte e tres nomes identificados:

Pero Domingues (o velho, talvez); Luiz Eanes Grou (sobrinho de Matheus); Ma-

theus Luiz Grou (Cabo da tropa); André Botelho; *Antonio Dias Grou* (tambem na lista da bandeira de Manuel Preto); Domingos Luiz Grou; Antonio Dias de Oliveira; Ascenço Luiz Grou; Manuel de Oliveira; Antonio Fernandes; Miguel Garcia Carrasco; Jacome Nunes; Isaque Dias Grou; Jeronymo Luiz; Bernardo Fernandes; Ruy Gomes Martins; Domingos do Prado; *Balthazar Gonçalves Malio* .(marido de Jeronyma Fernandes); Antonio do Prado; Sebastião Rodrigues Velho; João Lopes; João de Oliveira (talvez, Sutil de Oliveira); Antonio da Silva.

Vejamos, agora, o outro lado da questão, em que a documentação paulista vem trazer confusão para o estudo da expedição destruidora de Guayrá, bem como do que está estabelecido como certo a respeito.

Apesar de muito estudada, esta bandeira de Guayrá, de 1628, apresenta-se ainda muitissimo obscura. Não se sabe, por exemplo, qual tenha sido o seu itinerario exacto, na sua marcha destruidora. Nem se sabe, tão pouco, como se deu esta destruição e conquista.

Teria a bandeira, sahido de São Paulo em outubro de 1628 e permanecido em campanha, no sertão, até depois de 1630, quando morreu frechado o seu chefe supremo Manuel Preto, como affirmava o padre Mazeta, para poder em 1631 completar a conquista com a destruição de Villa Rica, reducções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real?

E' um ponto profundamente obscuro, que, deante do que existe a respeito na documentação do ar-

chivo municipal de São Paulo, nos dá a impressão nitida de que a destruição e conquista de Guayrá, não foi obra de uma só bandeira.

De facto, si tivesse sido, não poderiam ter participado da segunda phase da campanha, isto é, da tomada de Villa Rica, reducções do Ivahy, do Pequiry e Ciudad Real, que transcorreu no anno de 1631, muitos paulistas constantes da lista da «*Relacion de los agrabios*», os quaes, segundo as actas de vereações do anno de 1630, não arredaram pé ininterruptamente de S. Paulo, taes como:

Antonio Bicudo, Fradique de Mello, Pero Madeira e Antonio Raposo, o velho, os quaes encontramos em São Paulo desde 25 de janeiro de 1630. («*Actas*», vol. IV, 46);

Sebastiãão de Freitas e Manuel Pires encontramos em São Paulo, desde 29 de maio de 1630. («*Actas*», vol. IV, 55) e outros como:

Dom Francisco de Lemos, Alvaro Neto, Domingos e Sebastião Bicudo, Onofre Jorge, Gaspar Maciel Aranha, Manuel Alvares Pimentel, Mathias Lopes, Manuel Mourato, Pero Moraes Madureira, Bernardo de Sousa, Pero da Silva, Simão Alvares e o proprio *Antonio Raposo Tavares*, que achamos assignado vereações desde 17 de junho de 1630. («*Actas*», vol. IV, 58).

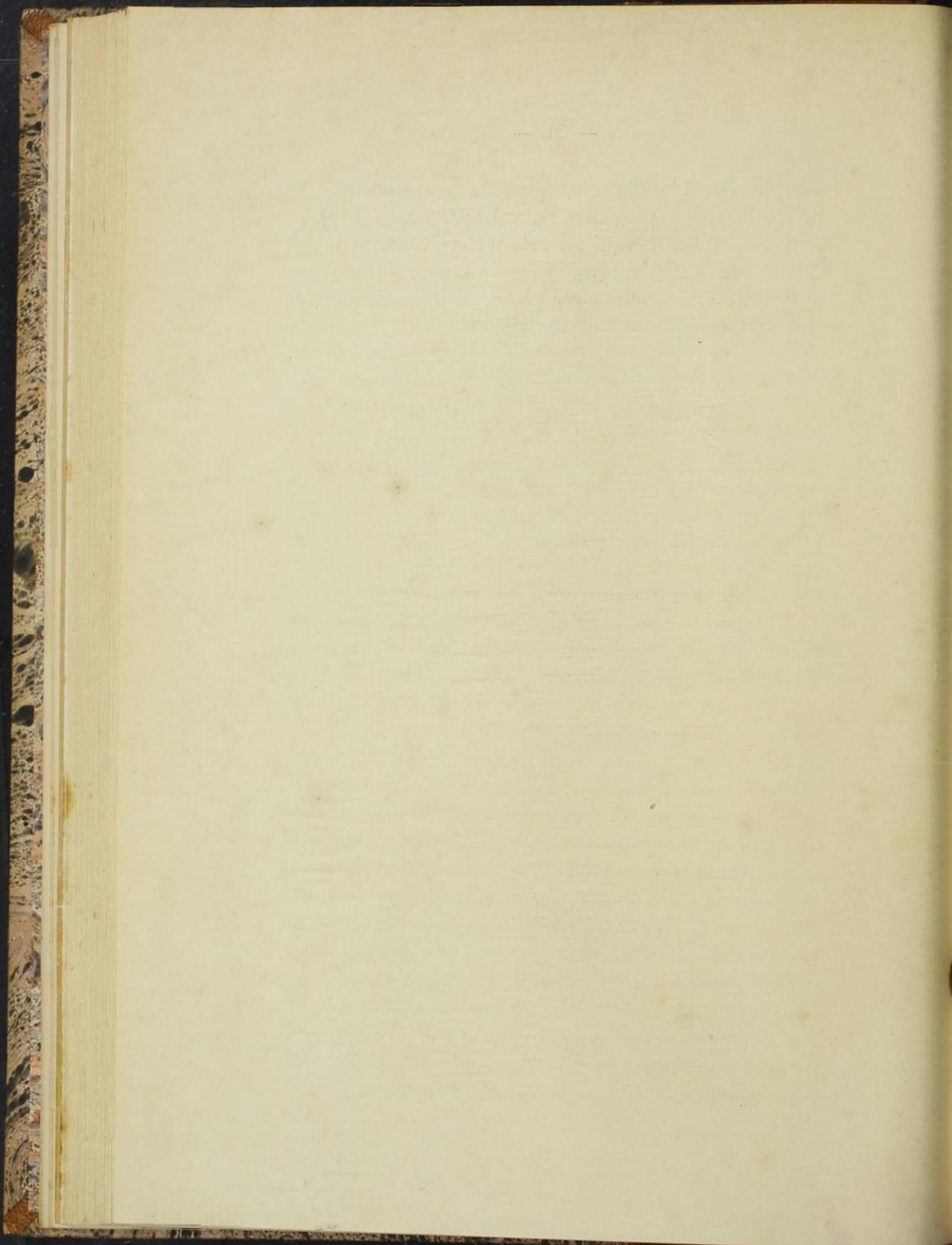
Tudo isto faz-nos crer que a bandeira, partida sob o mando de Manuel Preto, em outubro de 1628,

logo depois da morte deste caudilho, e depois de haver esmagado as reducções do Tibagy, taes como Santo Antonio, San Miguel, Jesus Maria, Encarnacion, San Xavier e San Joseph, bem como as situadas no Paranapanema (fôz do Pirapó), Santo Ignacio e Loreto, voltou a São Paulo, onde se encontraram assignando as vereações, logo no começo de 1630, quer dizer que esta bandeira esteve em campanha apenas de outubro de 1628 a fins de 1629.

Para a destruição de Villa Rica, reducções do Ivahy, Pequiry e Ciudad Real, a nosso ver, sahiu outra bandeira de São Paulo em começo de 1631, ou fim de 1630, chefiada esta pelo intrepido Raposo Tavares, que, após as destruições mencionadas, passou o Paraná e conquistou o «Itati», com o burgo castelhano de Santiago de Xerez, voltando a São Paulo antes de julho de 1632, quando Raposo Tavares é novamente assignalado em São Paulo, no inventario de sua mulher, Beatriz Bicudo. («*Inv. e Tests.*», v. XI, pag. 89 a 95).

A ser verdadeira esta hypothese de duas terem sido as bandeiras conquistadoras do Guayrá, á qual dellas será cabivel a nominata fornecida por Pastell's, da «*Relacion de los Agrabios*»? Pensamos que esta lista tenha reunido nomes de ambas as expedições, confundidas em uma só, pelos chronistas da Companhia, pois é preciso ter-se bem em mente, que muitos paulistas, taes como Gaspar Maciel Aranha, Antonio Raposo, o velho, Geraldo Correia, estiveram o anno todo de 1631 em São Paulo, embora os seus nomes constem da lista da «*Relacion*», como tendo feito parte da bandeira conquistadora de Guayrá («*Actas*», vol. IV, 75 a 102), o mesmo se dando em relação a Fradique de Mello Coutinho, Onofre Jorge e o

proprio Geraldo Correia, que não se arredaram de S. Paulo em 1632. (*«Actas»,* vol. IV, 103 a 139).

Só futuras pesquisas, entretanto, feitas em maior cabedal de documentos, poderão firmar qualquer cousa a respeito. Por emquanto, só supposições podem ser tiradas da confusão que apontamos.

VII

Conquista de "Tape" e "Uruguay"

Antecedentes historicos e organização das provincias de "Tape" e "Uruguay".

E' muito conhecida a tremenda lucta travada secularmente entre os paulistas, e os padres da Companhia de Jesus, começada pelos fundadores de São Paulo, sectarios loyolanos, e João Ramalho, o velho patriarca da nossa raça, pae dos mamelucos, os formidaveis iniciadores da conquista do nosso immenso «hinterland».

O germen do odio surdo, votado aos padres da Companhia, adormecera, por longos annos, no espirito dos nétos do alcaide mór da Borda do Campo, até que, na sua incontida expansão para o sul, os paulistas se encontraram com a corrente cathechisadora dos jesuitas, a serviço da corôa de Castella, em terras de Guayrá.

Destemerosas foram as arrancadas paulistas contra essa provincia jesuitico-castelhana, que hoje é o nosso Estado do Paraná, onde medravam em franca prosperidade dezenas de reducções ignacianas, reunindo em seu seio milhares de indios de varias nações

gentilicas, entre as quaes predominava a dos carijós, de raça tupi, além de muitas da familia guarani.

Depois de muitos annos de constantes correrias pelos territorios guayrenhos, os paulistas em 1628, capitaneados por Manuel Preto, e em 1631, mandados por Antonio Raposo Tavares, esmagaram os jesuitas do Guayrá, destruindo-lhes todas as reducções, arrebanhando para S. Paulo, milhares de indios, e expulsando para as provincias de além Paraná e além Iguassú, os pagés de batina a serviço de Castella, bem como reduzindo a ruinas os burgos hespanhóes de Villa Rica e Ciudad Real.

Com isto, foi integrado na corôa portugueza, todo o territorio, que hoje corresponde ao Estado do Paraná.

Tordezilhas fora violada, «manu militari», pelos moradores de São Paulo, ninho das aguias bandeirantes, que, altaneiras no seu vôo, implantaram as quinas portuguezas, por sobre as esguias araucarias paranaenses, ao ribombo das aguas do grande formador da Prata, que em catadupas se precipitava das Sete Quedas. A victoria paulista no Guayrá não significava, porém, só a conquista territorial ou a captura de milhares de rubros servos, mas era, sem duvida, o inicio, o ponto de partida, para a paulatina invasão de ainda mais vastos terrenos, que Tordezilhas prodigamente déra a Castella; era a situação estrategica invejavel, criada para os mamelucos paulistas, collocando-os em ameaça perenne, ao Gobierno del Paraguay, ao «Itati», e finalmente ás provincias sulinas de «Uruguay» e «Tape». A conquista de Guayrá foi o primeiro golpe no traçar das nossas fronteiras meridionaes. A elle, porém, succedeu, como era natural, a reacção jesuitica. Muitissimas foram as chorosas car-

tas, e sentidas lamurias dirigidas ao rei da Hespanha, que muito pouco caso fazia de seus dominios da America do Sul, nas quaes eram relatadas as selvagerias da conquista paulista, bem como as inominaveis traições do ingenuo Céspedes, governador paraguayo. Nada conseguindo por este lado, elevaram os padres os seus clamores até ao Papa, com quem foram mais felizes, conseguindo delle um bulla, contra os «*mamelucos gente bellicosa e atrevida*». Nada porém servia de barreira á audacia da gente paulistana, pois os proprios jesuitas portuguezes do collegio de S. Paulo foram victimas, então, do odio herdado do precursor ramalhano.

Estavam as cousas neste pé, quando em 1635 as bandeiras esticaram o seu raio da acção em direcção ao sul, onde se encontravam «Tape» e «Uruguay».

A vasta e intelligente organização jesuitica, em terras de Castella, comprehendia varias provincias, que eram enormes conglomerações de reducções indigenas. Milhares e milhares de indios viviam ao serviço da Companhia, em pleno regimen communista, sempre, porém, convertidos pelo baptismo, á medida que progredia a civilização, que os padres não se cançavam em distribuir pelas rusticas mentalidades dos nossos aborigenes. Assim, foram se formando, aos poucos, incrementadas pela formidavel expansão jesuitica nos dominios hispanicos, as provincias de «Guayra», «Itati», «Paraguay», «Paraná», «Tape» e «Uruguay».

«Guayrá», como vimos, foi conquistada em 1628-1631, pelos paulistas, o mesmo acontecendo ao «Itati», em 1632; restavam, pois, as outras, que, em breve, iriam soffrer as mesmas consequencias do espirito altamente bellicoso do paulista.

A provincia de «Tape» era situada na vasta re-

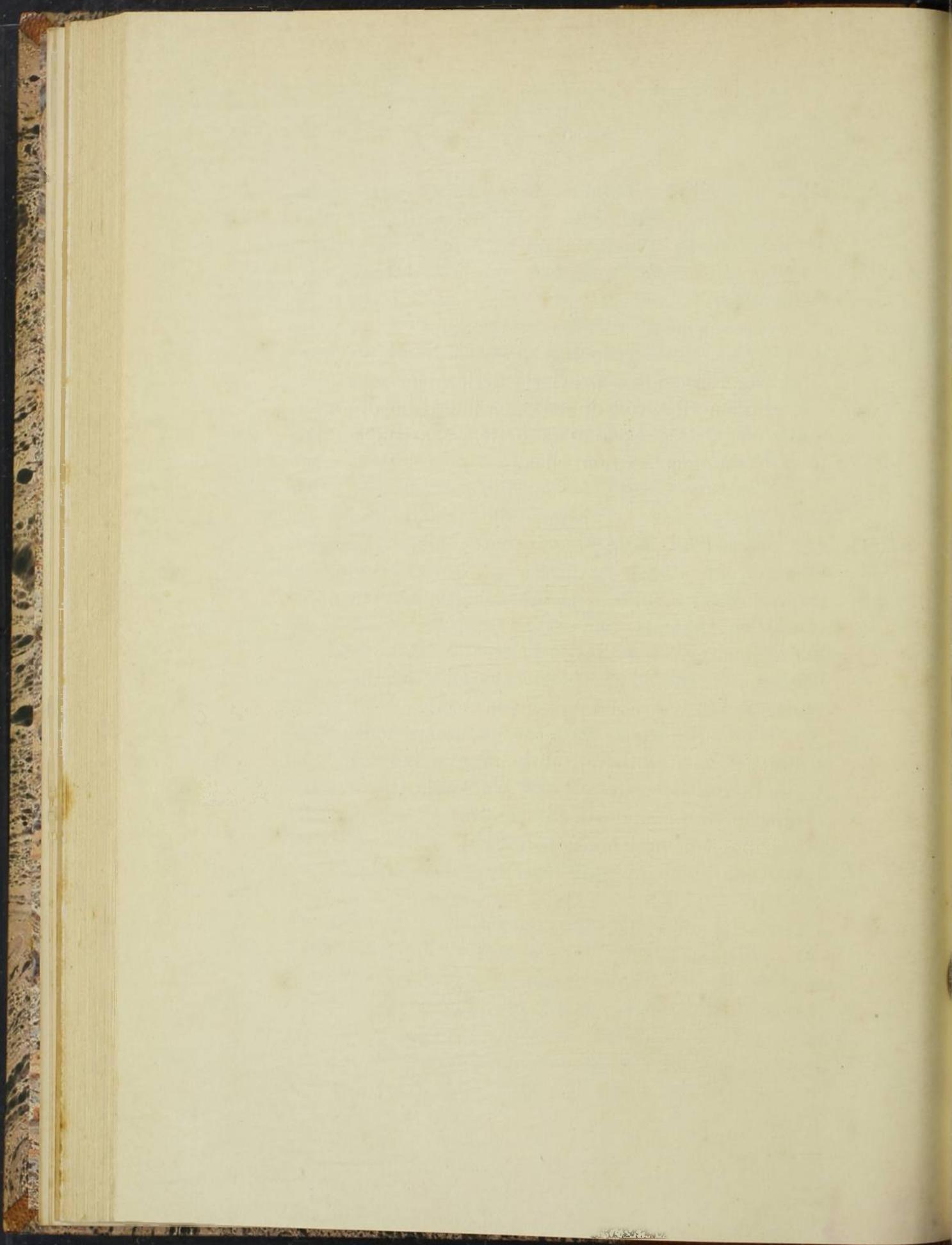
gião comprehendida, pela parte central do actual Estado do Rio Grande do Sul, abrangendo o alto Ibicuhy, ao norte a Serra Geral, a léste se extendia até ao valle do rio Cahy e para o sul ia até á Serra dos Tapes. Sobre o Alto Ibicuhy, em 1632, logo após a destruição de Guayrá, os padres Benavides e Christovam de Mendonça, obedecendo ás ordens do padre Romero, haviam fundado a reducção de *San Miguel*, onde, segundo Trecho, foram baptisados cerca de 8.400 indios em dous annos. Era esta agglomeração formada com indios da nação dos «tapes», de raça tapuya, como tambem o eram os «minuanos», «charruas», «araxanes», tambem chamados «patos», e «caaguás». Mais para baixo, no curso do mesmo Ibicuhy, localizou, em 1633, o padre Cataldino, um dos que foram expulsos do Guayrá, a reducção de *S. Joseph de Itacoatiá*. Ao norte de S. Miguel, havia a reducção de *San Cosme y San Damian*, fundada em 1634, e ainda mais para baixo, sobre o mesmo Ibicuhy, os padres Ernote e Buenavides haviam fundado a reducção de *San Thomé*, com os indios «tapes», do cacique Arazay. Nesta ultima reducção, que foi iniciada em 1632, foram reunidas cerca de 1.200 familias. Estas reducções supra mencionadas constituiam o grupo do Ibicuhy. Completando este systema, os jesuitas se extenderam pelo rio Jacuhy, na vertente oceanica, fundando os padres Romero e Mendoza, em 1633, a reducção de *Sant'Anna*, onde foram reduzidas, segundo Trecho, cerca de 7.700 almas. Mais para o norte, o mesmo padre Romero fundára, em 1633 ainda, *Nactividad de Araricá;* sempre para o norte, no Jacuhy, estava *San Joaquim*, edificada pelo padre Jimenez, ainda em 1633, e *Vizitacion*, e mais ao norte, ainda nas nascentes do Jacuhy, a reducção de *Sta. Theresa*. Para o sul, mas sempre

sobre o Jacuhy, collocaram os padres a reducção de *Jesus Maria*, e, finalmente, a duas leguas para o sul de Jesus Maria, o padre Contreras fundou, em 1633, a reducção de *San Christobal*, com indios «Araxanes», ou «Patos».

Anteriormente a estes estabelecimentos já existiam sete grandes reducções á margem esquerda do Uruguay, formando a provincia deste nome.

Foram ellas constituidas por indios de raça guarani, que, dessa região para oeste, se extendiam por todo o Paraguay. Eram ellas:

Candelaria sobre o Piratiny, fundada em 1627. *San Nicolas* sobre o mesmo rio, ahi localizada em 1626; *Caaró* e *Martyres del Japon*, sobre a margem esquerda do Ijuhy, edificadas em 1628 e 1629 respectivamente; e sobre a margem direita desse rio, *Assumpcion*, fundada em 1628; *Apostoles de Caazapaguazú*, com 3.000 indios reduzidos, e finalmente *San Carlos de Caapi*, mais ao norte com cerca de 6.000 indios reduzidos, e levantada em 1631.

Foram, como se vê, estas reducções todas estabelecidas, em formidavel movimento de expansão, entre os annos de 1626 e 1633, formando um collossal compacto de população rubra e um magnifico nucleo de civilização, implantada pelos servos de Loyola, em pleno coração da virgem America hespanhola.

VIII

Conquista de "Tape" e "Uruguay"

Inicio da invasão. — Bandeira de Aracambi (1635).

Havia muito tempo, eram os esclavagistas da raça vermelha tentados pelo grande celeiro de indios do territorio rio-grandense. Deste 1619, iniciaram-se os primordios da invasão do «Tape»; não por gente de São Paulo, porém.

Em junho desse anno, o capitão-mór Gonçalo Corrêa de Sá expediu uma provisão, que, nessa mesma occasião, foi registrada em São Paulo, ordenando a Sebastião Fernandes Corrêa, que fosse no navio São Boaventura, aos Patos, tomar um navio, que sahira do Rio de Janeiro, «*sem estar para ir resgatar aos Patos, mandou prender toda a gente a que não deixasse branco algum nos Patos*», («*Rev. Inst. Hist. São Paulo*», V. volume, 184). Apesar disso, porém, os paulistas se continham de avançar sobre tão magnifica presa, não os molestando até ao anno de 1635. E' o que nos assegura o texto documental, inserto em («*Actas*», vol. IV, 253»: «*. . . e serem nossos amiguos e de nosos antepasados avia mais de sem anos . . .*». Em 1635, porém, esgotado o immenso manancial de indios a aprezar do Guayrá, começaram os paulistas a augmen-

tar o raio de suas incursões, atirando-se a horizontes mais vastos, que tinham ante os olhos, nas provincias jesuiticas restantes de além Tordezilhas.

« Tape » era justamente a provincia que ficava ao sul do Guayrá, tendo como divisa natural entre as duas o rio Iguassú.

Nesse anno de 1635, muito sérias eram as condições do Brasil luso-hespanhol, com a guerra hollandeza, no nordéste, que, atravessando mais um periodo agudo, reflectia, temerosamente, na colonia e principalmente, em S. Vicente, pelas constantes ameaças dos flamengos em desembarcar gente armada de seus navios, que cruzavam constantemente ao largo da costa paulista.

Como em 1624, com a tomada da Bahia, passava, nessa época, São Paulo, juntamente com o resto da colonia, por uma grave crise politico-militar, de que resultou, da parte das autoridades vicentinas, a reedição da energica prohibição de sahirem os paulistas para o sertão em bandeirismo, já havida no citado anno de 1624.

Recebia o capitão-mór da capitania, Pedro da Motta Leite, constantes avisos da metropole, bem como do governador geral da colonia, de que:

> «os inimigos rebeldes hollandezes e outros de sua facção estão sobre esta barra com duas náus grossas de guerra que bem poderão vir...» (*«Registo Geral da Camara Municipal de S. Paulo»*, vol. I).

Sendo que as esculcas navaes batavas já haviam capturado em aguas vicentinas, quando em caminho para o Rio de Janeiro, a Paulo Marques, com sua embarcação carregada de fazendas.

Era necessario, pois, que se tornasse a proceder na capitania a uma nova mobilização bellica de todos os seus recursos, em homens, armas e munições, para enfrentar os hollandezes, que se approximavam.

Dahi, pois, os numerosissimos «*quarteis*» e «*bandos*», expedidos pelo capitão-mór, durante todo o anno de 1635 e mesmo principio de 1636. A' mobilização, executada, com a maior rapidez possivel, succedeu-se a concentração de forças que foram partindo para Santos, á medida que se preparavam, onde se postaram sob o commando em chefe do capitão-mór já mencionado. Assim é que, durante o mez de maio de 1635, partiu de São Paulo, pelo caminho do mar, toda a tropa de indios das aldeias que rodeavam a villa de São Paulo, commandados pelos capitães dom Francisco de Rendon e João Raposo Bocarro. («*Registo Geral*», vol. I).

Não foi, entretanto, tão rigorosa essa prohibição, por parte do capitão-mór Pedro da Motta Leite, como se vê de varios officios enviados a elle, pelos camaristas da Paulicéa, defendendo-se de uma injusta accusação, que lhes havia assacado o capitão-mór, qual a de desidia, no serviço de Sua Magestade («*Registo Geral*», v. I, 499), pela demora dos paulistas, em proceder á concentração em Santos, das companhias de homens de armas dos capitães dom Francisco de Rondon e João Raposo Bocarro.

Assim é que, em começo de 1635, tendo-se aprestado em S. Paulo poderosa léva de bandeirantes, requereu o seu cabo, ao Capitão-Mor Pedro da Motta Leite, autorização para ir ao sertão dos «Patos», onde dominavam os jesuitas das reducções de «Tape», e não sabemos porque, com tal frouxidão se houve o Capitão-Mór, apezar dos perigos, que corria a Capitania, pe-

mittiu a partida da trópa pelas suas barbas. Talvez, um occulto interesse, como facilmente se deprehende a insinuação dos edis paulistas, nos officios supra mencionados, tivesse levado o Capitão-Mór a assim proceder.

Teriam já, nessa longinqua época, a «advocacia administrativa» e a «negociata», implantado o seu terrivel dominio nas nossas plagas?

E', pelo menos, o que se vê do seguinte texto da vereação de 12 de maio de 1635:

> «... enformados que o capitão mór, pero da mota leite, POR SEUS PARTICULARES INTERESSES davalisensa pera irem aos patos e estas pesoas não levavão mais que polvora e chumbo e corentes sendo contra a lei de sua magde. estando em auto de guerra indo mais de DUZENTOS OMES AOS DITOS PATOS sem os ditos indios de sua parte darem ocasião pera serem molestados e serem nosos amiguos e de nosos antepasados avia mais de sem anos...».
>
> («*Actas*», v. IV, 252 e 253).

Muito grande era a bandeira, como se deprehende do texto supra citado, pois que só de paulistas compunha-se de 200 homens, além do acompanhamento de indios de arco. E' o que confirma a seguinte passagem de documento:

> «... com tanto escandalo desta capitania e serem elles mais de duzentos homens que eram bons para esta occasião de

guerra e assim vossa merc fez contra o serviço de sua magestade...».

(«*Registo Geral*», v. I, 499).

Depois de aviada a trópa, partiu ella de S. Paulo, nas proximidades do dia 17 de março de 1635, pois que, nessa occasião, o bandeirante Fernão de Camargo, o tigre, um dos chefes da expedição, que era então vereador, desapparece, bruscamente, das vereações sendo eleito outro em seu logar:

«... os ofisiaes da camara se juntarão em camara para fazer a votos hun vereador em AUSENCIA DO VEREADOR FERNANDO DE CAMARGO durante sua ausencia...».

(«*Actas*», v. IV, 246 e 251).

Sahindo a expedição de S. Paulo, tomou o caminho do mar, em direcção ao porto de S. Vicente ou de Santos, ou talvez mesmo de Itanhaem, onde teria embarcado, nas embarcações que ahi se achavam aprestadas á sua espera, como se demonstra, com o documento seguinte:

«... como se não fosse-mos christãos nem vassalos de el rei nós o não foramos quando em tal occasião deixaramos ir BARCOS E BARCOS com polvora e pelouros e correntes a dar guerra ao gentio dos Patos que está ha tantos annos de paz e alguns christãos, o que protestamos...».

(«*Registo Geral*», v. I, 499).

Confirmado por uma outra passagem do mesmo documento, que é uma carta escripta, pelos edis paulistanos, ao Capitão-Mór Pedro da Motta Leite:

> «... pois tendo vossa merce tantos avisos como na sua nos diz assim de sua magestade como do senhor governador geral, de inimigos, deixar ir para fóra da capitania tantos BARCOS AOS PATOS com tantos escandalos desta capitania...».
> («*Registo Geral*», v. I, 499).

Ficando, exuberantemente, provado ter esta bandeira de 1635 tomado o caminho maritimo, para o sertão rio-grandenses, onde eram os Patos, passemos a acompanhal-a no seu roteiro.

Vinte dias, mais ou menos, deveriam os barcos ter levado, na róta de Santos ao Rio Grande do Sul, pois que eram meios de transporte infinitamente mais rapidos do que as longas caminhadas, pelos sertões agrestes, da via terrestre.

Deveria a bandeira, em questão, ter desembarcado, ou na Laguna, em Santa Catharina, justamente onde passava o meridiano de Tordezilhas, e que dessa época, em deante, foi muito frequentada pelos bandeirantes paulistas, como faz certo o inventario do paulista Custodio Gomes, 1638, («*Invent. e tests.*», vol. XII, 253), ou na Lagoa dos Patos, no proprio Rio Grande do Sul, logar muito em uso, tambem, por bandeiras maritimas, paulistas, como as que são referidas, em uma carta de Felippe IV, dirigida de Madrid, ao vice reì do Perú, marquez de Mancera, em 16 de setembro de 1639, na qual dizia que os vizinhos e moradores de S. Paulo, haviam realizado, desde 1614, varias en-

tradas pelas terras do Brasil a dentro, «*como por el puerto de Patos y Rio Grande*». (Taunay, «*Era das bandeiras*», 51).

Si assim tiver sido, os paulistas teriam entrado pelo rio Grande, na Lagôa dos Patos e dahi, rumando ao norte, teriam, talvez, entrado mesmo, pelas boccas a dentro do Jacuhy, para, no curso baixo deste caudal, quaes normandos da America, assaltar as malócas dos «Patos» ou «Araxanes» e quiçá ameaçar as primeiras reducções do «Tape», que margeiam este rio.

Parece-nos mais provavel terem os paulistas deste «raid» procedido de accôrdo com esta ultima versão, do que a de terem effectuado o desembarquee no porto de Laguna, para dahi passar por terra, através de não pequena distancia, em terras dos carijós, para chegar ás margens do Jacuhy, onde eram os «Patos». De nada lhes serviria esta caminhada, si os mesmos barcos poderiam lhes deixar nas proximidades das malócas a assaltar.

Seja, porém, como fôr, sahida a bandeira em 17 de março de S. Paulo, em principios de julho do mesmo anno estava acampada, em arraial, junto á aldeia do principal de Aracambi, no sertão dos «Patos», em pleno Rio Grande do Sul.

Ahi, é ella encontrada e denunciada, pelo fallecimento do bandeirante Juzarte Lopes, que, fazendo o seu testamento, nos seus ultimos momentos, deixou-o, assignado pelas seguintes testemunhas paulistas, que fizeram parte da expedição, dentre os duzentos que a compunham ao todo:

> Luiz Dias Leme (notavel paulista, que parece ter sido o chefe da expedição, tio do futuro governador das esmeraldas), Fernão

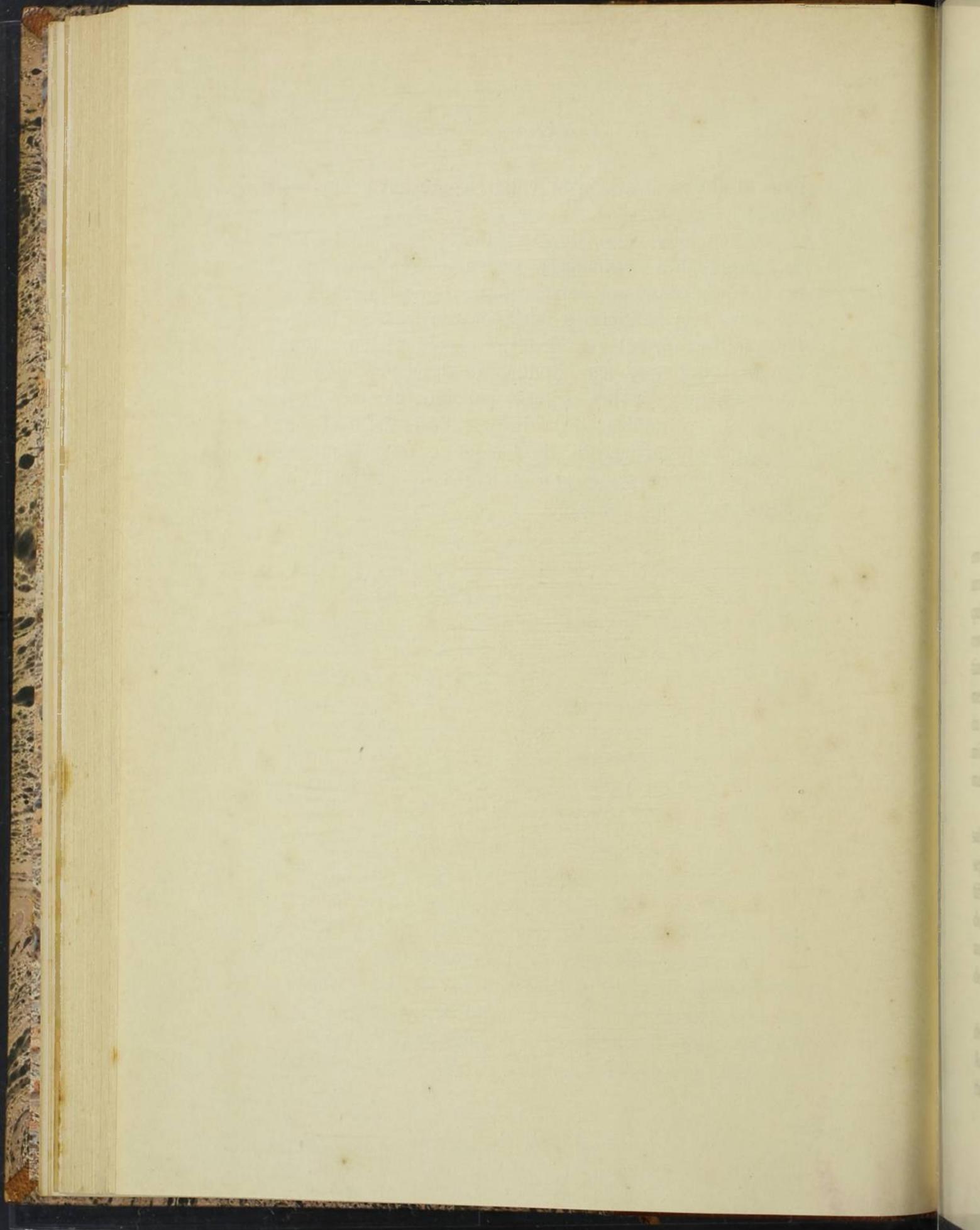
de Camargo, o tigre; Juzarte Lopes o fallecido, Domingos Vieira, Domingos Dias o moço, Francisco de Camargo, Christovam de la Cruz, Francisco de Oliveira (com certeza, Sutil de Oliveira); João de Santa Maria, Simão Leitão, Pero Lopes de Moura, Estevam de la Cruz, João Rodrigues de Moura, Francisco da Costa. *(«Inventarios e Tests.»,* v. IX, 468 e v. X, 294).

Ignoramos, infelizmente, por falta de referencias nos documentos por nós analyzados, quaes os feitos desta bandeira no sul e si chegou ella a atacar as reducções do «Tape»; curta porém foi a permanencia della, fóra do povoado paulistano, pois oito mezes depois de tel-o abandonado, a elle tornava, novamente, de regresso do seu longo percurso, pois que encontramos a Fernão de Camargo, o tigre, da lista supra, novamente, em Camara, a 10, de Novembro de 1635. *(«Actas»,* v. IV, 268), prova evidente, que a bandeira, tambem, já se encontrava em S. Paulo. O inventario de Juzarte Lopes, fallecido no sertão, só foi iniciado judicialmente, em S. Paulo a 10 de dezembro ainda de 1635. *(«Inventarios e Tests.»,* v. IX, 463).

Estes oito mezes, entretanto, de ausencia de São Paulo, não podem ser tidos em conta de pequena permanencia no sertão, pois que se deve ter em mente a insignificante parcella de tempo, tomado por ella, com o seu transporte ao local da *razzia,* pois emquanto poderia ter ella levado, cerca de quarenta dias no percurso maritimo, de ida e volta ao sertão dos Patos, a futura bandeira, de Raposo Tavares, que a ella succedeu no Rio Grande do Sul, levou dez mezes

para lá chegar e seis para voltar, como haveremos de estudar.

Com isto, vê-se, teve a expedição grande sobra de tempo, para permanecer occupada, com seus assaltos e conquistas aos desventurados indios gaúchos.

Foi esta bandeira a iniciadora da invasão do Rio Grande do Sul, pelos paulistas, e o conhecimento della é mais um passo, sem duvida, no desvendamento do mysterio, que encobre o nosso passado remoto. Ainda o devemos á publicação da documentação archival, publicada, pelos governos da Cidade e do Estado, se bem que Pedro Taques já a mencionasse e Silva Leme, reproduzisse essa menção.

IX

Conquista de "Tape" e "Uruguay"

Bandeira de Raposo Tavares (1636).

Logo após a partida da bandeira de Aracambi, em 1635, levaram os da governança todo o resto do anno a luctar desesperadamente contra a faina irriquieta dos bandeirantes paulistas, que, apesar do brado, constantemente repetido, de «*inimigo na costa*», persistiam em organizar levas e expedições, para o devassamento dos sertões, sem duvida seguindo as pégadas da bandeira, que a incuria ou o interesse do capitão-mór Pedro da Motta Leite deixara passar, pela via maritima.

Algumas expedições, quiçá, teriam conseguido sahir de S. Paulo, ainda nesse anno de 1635, na sua segunda metade, talvez, pois só assim se consegue justificar os iracundos «quarteis» e interminaveis «bandos», com que os edis paulistanos, atormentavam os audaciosos aliciadores de bandeirantes e conductores de homens aos longinquos sertões das nossas selvas.

Não conseguimos, entretanto, identificar uma só, depois da de Aracambi, até que em 1636 o famigerado Antonio Raposo Tavares, o leão dos sertões sul americanos, organizou uma poderosa bandeira, composta,

segundo parece, de 120 paulistas e mais de 1.000 indios «tupis», conforme, indirectamente, nos assevera o chronista jesuita padre Carlos Teschauer, na sua «*Historia do Rio Grande do Sul*».

Dentre os paulistas, companheiros de Raposo, são conhecidos apenas, trinta e tres bandeirantes, graças aos inventarios de Braz Gonçalves e Paschoal Neto, fallecidos no sertão.

São elles:

> Antonio Raposo Tavares (cabo da tropa), Diogo de Mello Coutinho (immediato), Pero Leme (o moço), Antonio Rodrigues (?), Sylvestre Ferreira, Gaspar Maciel Aranha, Estevam Fernandes, Estevam Fernandes, o moço, Alberto de Oliveira, Rafael de Oliveira, o moço, Domingos Borges de Cerqueira, Gaspar Vaz Madeira, Luiz Feyo, João Maciel (Valente), Matheus Neto, João Machado, João Rodrigues Besarano, Paulo Pereira, Antonio Pedroso de Freitas, Paschoal Neto, Paschoal Leite, o moço, Balthazar Gonçalves, Braz Gonçalves, o moço, (?) João de Godoy, Balthazar de Godoy, o moço, Fernão de Godoy, José de Camargo, Antonio de Faria Albernaz, Simão da Costa, Miguel Nunes, Jeronymo Rodrigues, Duarte Borges, Francisco Chaves e Pero de Oliveira.

Dentre os numerosos indios que, fizeram parte do corpo de armas dessa bandeira conseguimos encontrar oito, pertencentes a Braz Esteves Leme, tio de Pero Leme, o moço da lista supra. («*Invent. e tests*», v. X, 340).

Aprestada e bem aviada a bandeira, partiu ella em janeiro de 1636, por terra, rumando o sul, como se deprehende dos seguintes textos:

> «...... o ouvidor desta capitania de são vte. antonio rapozo tavares e bem assim o juis frco nunes de siqra, e o vereador jeronimo de brito e o procurador do conselho do ano pasado amaro domingues por ser ausente o que sahio no pelouro frco dias e sendo todos juntos en camara pelo dito ouvidor (Raposo Tavares), foi dito aos ditos ofisiaes da camara que visto averse dado jurament.º a antonio pedroso e não mostrar melhorament.º de sua apelasão e faltar hu vereador e procurador do conselho por serem ausentes e *ele dito ouvidor estar de caminho pera fora a acudir ao serviso de sua magde....*»
>
> (Acta da vereação de 1.º de janeiro de 1636, «*Actas*», vol. IV, 281).

> «..... e por respeito do ouvidor *capitão mor antonio raposo tavares levar fora da vila o escrivão da camara* e tabalião a cuja falta se deixou de faser a dita eleisão...». (Vereação de 7 de janeiro de 1636, «*Actas*», v. IV, 285).

E' de notar que, depois dessa ultima data, o nome de Raposo Tavares desapparece das actas.

Com o testemunho destes dous documentos municipaes citados, faz-se certo que a bandeira de Raposo Tavares, em serviço de sua magestade, partiu entre 1

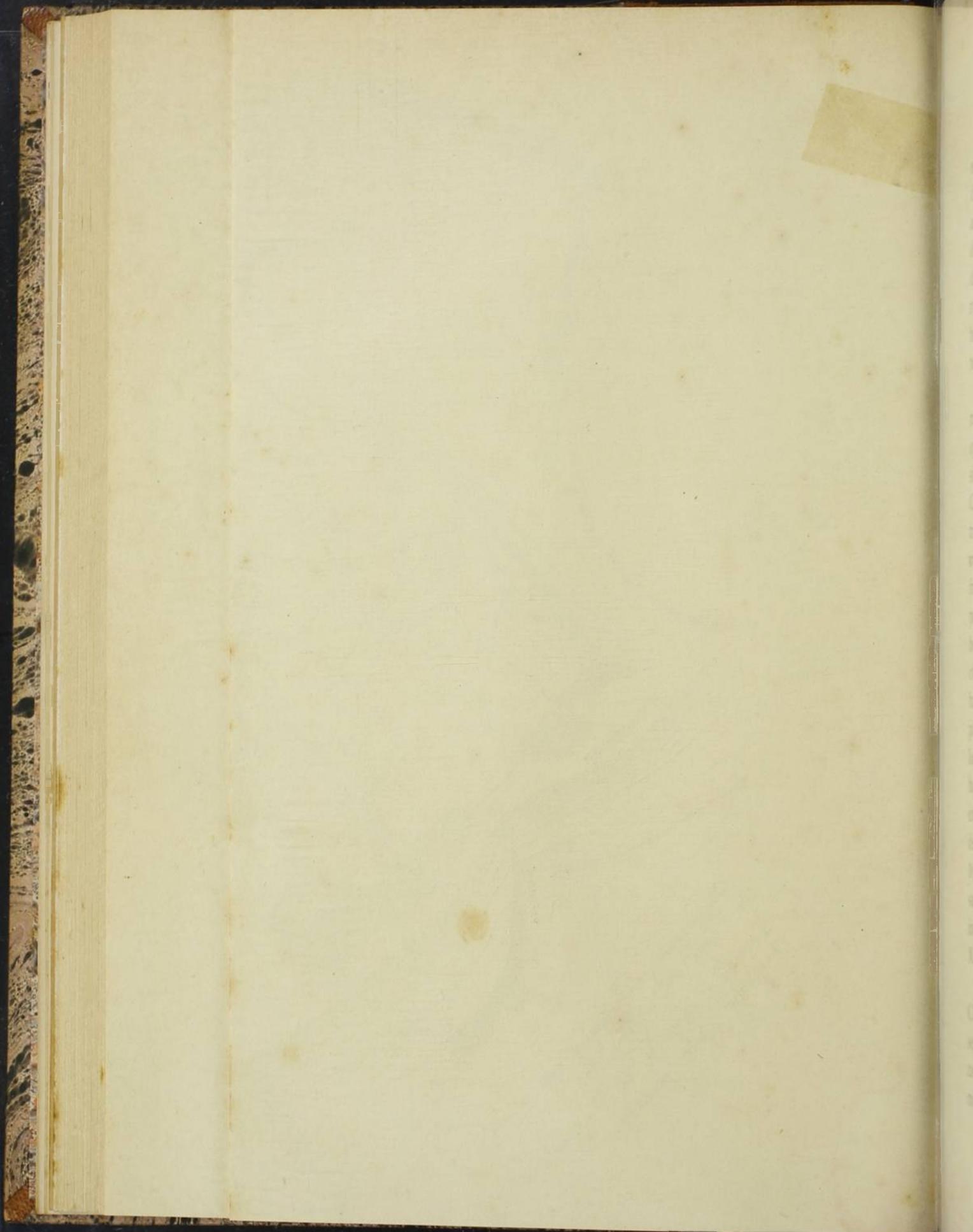
e 7 de janeiro de 1636. Curioso serviço de sua magestade, que era o proprio rei da Hespanha, senhor das terras que elle Raposo ia assaltar e conquistar!!!

Tomou a bandeira o caminho do Guayrá, passando pelo Assunguy e sertão dos Carijós, onde talvez, já em territorio do Rio Grande do Sul, tivesse fallecido Braz Gonçalves, em 10 de outubro de 1636. («*Invent. e tests.*», vol. XI, 129).

E' de notar a extraordinaria demora levada, pela expedição, para chegar ao Rio Grande do Sul, pois, tendo sahido em principio de janeiro, só dez mezes depois attingia ella os sertões de «Tape».

Espaço de tempo, este, que maior se torna si o tivermos em relação com o empregado pela expedição de Aracambi, do anno anterior, que em oito mezes foi aos Patos e tornou a São Paulo. A bandeira de Aracambi, entretanto, tomando o caminho maritimo, usou de um meio muito mais rapido e commodo, ao passo que Raposo Tavares, na sua longa caminhada para o sul, teve de affrontar toda a sorte de obstaculos naturaes além de que ia o famoso caudilho levando a raso as malócas por onde passava.

Em fins de novembro de 1636, a bandeira se approximou sobremaneira das reducções da provincia de «Tape». Atravessou ella necessariamente o rio Taquary, proximo á sua foz e, no dia de S. Francisco Xavier, segundo encontramos referencias na «*Historia do Rio Grande do Sul*», do padre Carlos Teschàuer, (3 de dezembro), attingiu ella a reducção de Jesus Maria, á margem esquerda do Jacuhy, que assaltou com mil e quinhentos tupis e grande multidão de guaranis, que, no caminho, haviam sido obrigados a incorporar-se-lhes (Teschauer loc. cit.).

Os paulistas, affirma o illustre historiador gaúcho,

estavam bem armados e revestidos por uma couraça de algodão, que lhes defendia o corpo das settas, que a não podiam atravessar e, assim protegidos, ao som de guerra, com as bandeiras desfraldadas e em ordem de batalha, atacaram a reducção ás 8 horas da manhã, resistindo esta, até ás 2 horas da tarde, durante 6 horas a seguir, sendo, porém, afinal, obrigada a ceder terreno, tendo os paulistas entrado na mesma.

Tomada Jesus Maria, espalharam-se os bandeirantes, pelas aldeias vizinhas, reduzindo á escravidão, quantos indios encontravam. Impotentes, para a resistencia, evacuaram os jesuitas a reducção de San Christobal, mais ao norte, sobre o Jacuhy, cujos indios transportaram para a reducção de Santa Anna, formando, com os desta, um corpo de 1.600 indios, á frente dos quaes se puzeram, para contra atacar os paulistas. Suppondo já terem estes entrado e se estabelecido em San Christobal, para ahi marcharam. Ahi chegando, o exercito jesuita-guarani não encontrou a bandeira de Raposo, que ainda se encontrava acampada a distancia, talvez se preparando para novas luctas. Nessa occasião, falleceu Paschoal Neto, um dos bandeirantes companheiros de Raposo, naturalmente em consequencia dos ferimentos recebidos no combate de Jesus Maria, seguramente, a 19 de dezembro de 1636, segundo se vê do inventario summario, processado, nesse sertão de Jesus Maria de Ibiticaraiba, dos indios araxans (ou patos). (*«Invent. e tests.»*, vol. XI, 143).

Occupando novamente o exercito jesuita San Christobal, a 25 de dezembro, e sendo dia de Natal, segundo affirma Teschauer, loc. cit., estavam todos rezando nas egrejas da reducção, quando foram, subitamente, surprehendidos pelo ataque dos paulistas, que

Teschauer, baseado em chronistas do tempo, como Trechc e outros, diz serem em numero de 120 mamelucos, acompanhados de 1.400 tupis.

Novo combate teve a travar a gente de Raposo. Durou a lucta cerca de 5 horas, até á noite, quando os paulistas esmagaram os indios e jesuitas, obrigando-os a se refugiarem, ao norte, no alto Jacuhy, onde se entrincheiraram, aguardando novos ataques em posição defensiva.

Achava-se nessa occasião, na provincia de Tape, em visita, o provincial padre Boroa que, á vista das devastações dos paulistas, clamou por soccorro, o governador do Paraguay Dom Pedro de Lugo y Navarro, que se recusou a prestal-o, dando como pretexto os ataques paulistas no Itati, com os quaes estava a braços.

Auxilio, tambem, foi pedido ao governador do Prata, que se recusou a dal-o. Nesta situação de desespero, para a causa ignaciana, reuniu o provincial o conselho jesuitico a 7 de abril de 1637, no qual ficou resolvido o abandono da reducção de San Joaquim, em posição muito exposta, confiar a defesa da provincia ao padre Alfaro e enviar á Europa representações, sobre o que praticavam os paulistas, em sua invasão.

Relata-nos os factos acima narrados o padre Teschauer, ob. cit., não identificando porém a expedição paulista, por elle mencionada, como sendo a de Raposo Tavares; é illação nossa, tirada da mais perfeita paridade de datas, entre os dizeres do chronista jesuita, reproducção das chronicas do tempo e os documentos paulistas, taes como o inventario e o testamento do bandeirante Paschoal Neto.

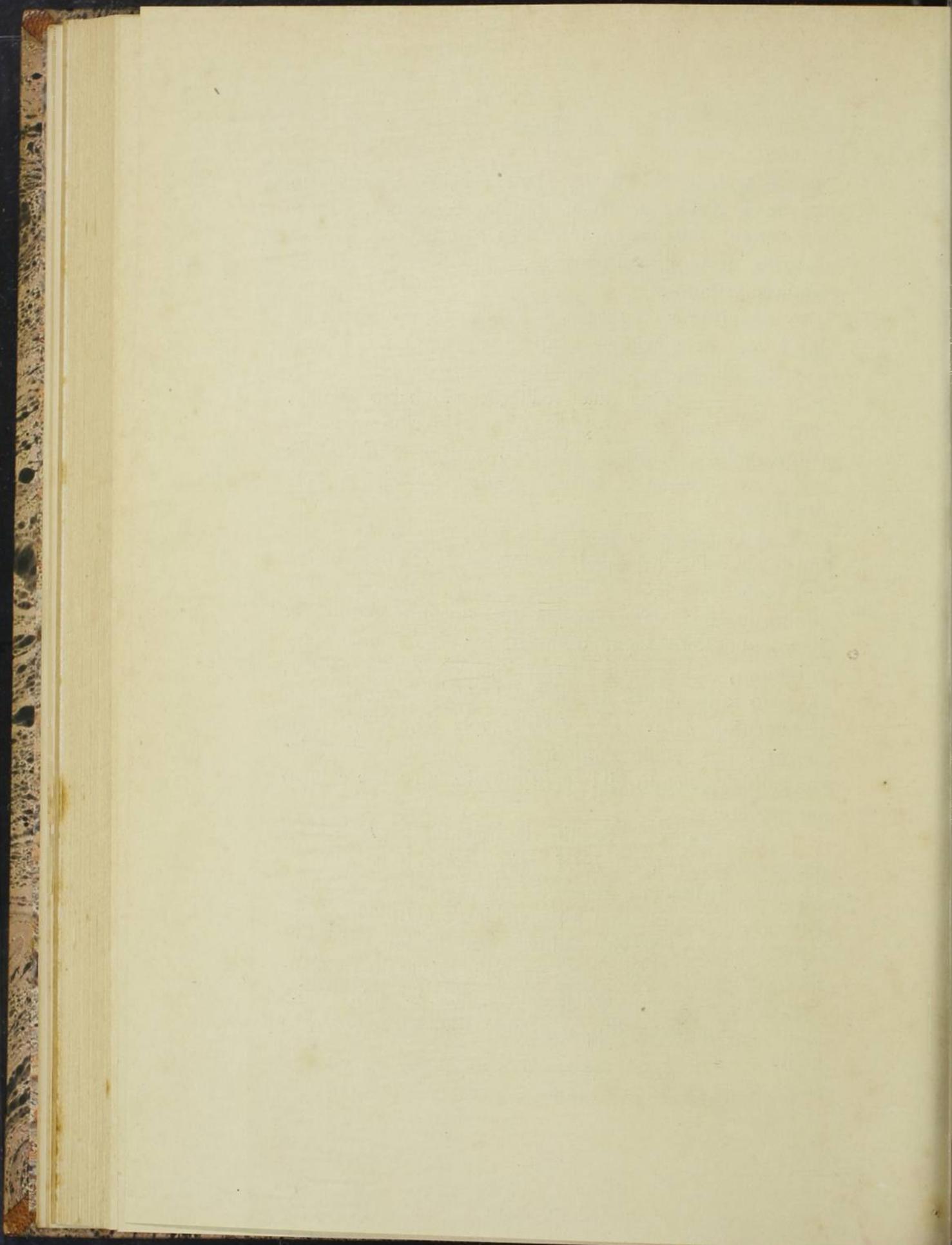
Além da exactidão das datas, existe o nome da

reducção de Jesus Maria, atacada pelos paulistas no dia de S. Xavier de 1636, segundo Teschauer, a mesma região, onde se encontrava a bandeira de Raposo Tavares, nessa mesma occasião, segundo os documentos paulistas citados.

Os effeitos da *razzia* de Raposo foram tremendos em toda a provincia de «Tape», sendo apresados muitissimos indios, que foram carregados para S. Paulo, além da tomada de duas reducções do baixo Jacuhy, sendo as restantes situadas sobre este rio evacuadas pelos padres atemorizados. Foi, emfim, outro abalo sério na conquista de terras castelhanas, de além Tordezilhas.

A bandeira de Raposo, porém, logo após a conquista de San Christobal, tornou ao povoado paulistano, onde deveria ter chegado pouco antes de 20 de junho de 1637, data esta, em que, foi apresentado, em juizo, por Pero Leme o moço, um dos bandeirantes ról supra, o inventario summario, procedido no sertão, do pelo fallecimento de Paschoal Neto, bem como o seu testamento. *(«Invent. e tests.»,* vol. XI, 153). Seis mezes foi o tempo empregado no percurso da volta da bandeira, tendo ella se demorado um anno e meio no sertão.

Rio Branco e Basilio de Magalhães *(Le Brésil, Levasseur e Rev. do Insst. Hist. Bras.,* tomo esp., v. II, 102) attribuem a Raposo Tavares a chefia dos paulistas que conquistaram a provincia de «Uruguay». Enganaram-se os egregios cultivadores do passado paulista, pois em 1638, data em que iniciaram os bandeirantes a invasão de «Uruguay», já era em S. Paulo, como acima ficou dito, o grande Raposo, com a sua gente.

X

Conquista de "Tape" e "Uruguay"

Bandeira de Francisco Bueno no rio Taquary (1637-1639).

Ainda estava no sertão do Rio Grande do Sul Raposo Tavares, com a sua grande bandeira, quando, em principios de 1637, sahiu de São Paulo uma expedição de bandeirantes, composta de mais de uma centena de paulistas, além de copioso sequito de indios. Foram seus organizadores os membros das familias mais importantes em S. Paulo quaes dos Buenos, dos Cunhas Gagos e dos Pretos, irmãos, sobrinhos e filhos do velho sertanista Manuel Preto, fallecido em 1630, na lucta contra os jesuitas hespanhoes do Guayrá.

Como chefe desta importante bandeira ia o capitão Francisco Bueno, irmão de Amador Bueno, o acclamado, filho do sevilhano Bartholomeu Bueno da Ribeira e pae do Anhanguera, o velho, tendo como immediato o capitão Jeronymo Bueno, seu irmão.

Dentre os seus componentes, são conhecidos os seguintes nomes, extrahidos dos inventarios dos bandeirantes mortos no sertão:

João Preto, Manuel Preto, o moço, Gaspar Fernandes, Estevam Gonçalves,

Capitão Francisco Bueno (cabo da tropa), seu irmão capitão Jeronymo Bueno (immediato), e seus sobrinhos Amador Bueno, o moço, e Antonio Bueno (filhos de Amador Bueno, o acclamado) e Lazaro Bueno, (não mencionado pelos linhagistas), Henrique da Cunha Gago, o moço, e seus irmãos Manuel da Cunha Gago e Francisco da Cunha, Manuel Preto, o moço, seu tio João Preto, e seu primo Gaspar Fernandes Preto, Domingos Garcia, Miguel Garcia Rodrigues, Balthazar Gonçalves Malio e seu filho Estevam Gonçalves, João Paes Malio, Antonio Ferreira Malio, Gregorio Ferreira, Francisco de Siqueira, Antonio de Siqueira, Sebastião Mendes, Diogo Aros, Antonio Ribeiro, Bernardo da Motta, Antonio Cordeiro Porto, Pero Vidal, Antonio Botelho, João Fernandes e Antonio Dias Carneiro. *(«Inventarios e testamentos», vols. XI, 178, 200,* 217 e 166).

Muitos dos historiadores que se têm referido a esta bandeira, entre os quaes Pedro Taques, citado por Basilio de Magalhães. *(«Rev. Inst. Hist. Bras.»,* tomo especial, vol. II, 104), Taunay *(«Uma Explicação»,* «Correio Paulistano»), dizem ter sido a região sul de Matto Grosso a percorrida por esta bandeira, sendo ahi o rio Taquary assignalado nos inventarios dos fallecidos bandeirantes; outros querem, á força e sem a menor base, incorporar os bandeirantes da lista supra aos destruidores do Guayrá, que, desde 1631, havia deixado de existir, por completo (Ermelino Leão, *«Os conquistadores do Guayrá».* Correio Paulistano).

Acreditamos, porém, que se enganam os que isso affirmam, a respeito da bandeira dos Buenos, visto como o rio hoje conhecido por Taquary, em Matto Grosso, ainda não devia ter essa designação, na occasião da expedição de que tratamos. Não consta, pelo menos, essa denominação dos mappas da época dessa região, embora venha o curso desse caudal nelles graphado, como em um magnifico mappa anonymo, da região parano-paraguaya, existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, datado de seculo XVIII. Da explendida collectanea de mappas antigos publicados pelo Museu Paulista, sob a direcção do dr. Taunay, consta uma copia deste citado mappa. Nada nos affirma, por outro lado, que o rio Taquary matto-grossense, já em 1637, tivesse esse nome.

De facto seria muito de admirar que o capitão Francisco Bueno dirigisse a sua gente para uma região completamente diversa da que os paulistas na occasião faziam alvo de suas temerosas incursões, internando-se no sertão ingrato do grande pantanal, que margeia o rio Taquary matto-grossense.

O alvo das *razzias* bandeirantes, na data em que Francisco Bueno, á frente da sua expedição, sahiu de São Paulo, era indiscutivelmente o sertão dos Patos, na provincia de «Tape», em pleno Rio Grande do Sul, magnifico e inexgottavel celeiro de indios, já mansos e baptizados das reducções e de onde, ainda, não havia chegado Raposo Tavares, com seus imperterritos companheiros, trazendo enormes despojos e immensa copia de indios capturados. Para estas paragens, sem duvida, deveria ter a bandeira sob exame, seguido.

Justamente neste sertão dos Patos, provincia de «Tape» havia um rio Taquary, perfeitamente mencio-

nado com este nome e muitissimas vezes assignalado nas chronicas jesuiticas do tempo e já conhecido, tambem, dos paulistas de Raposo Tavares, que, em 1636, deveriam tel-o atravessado, para poder attingir Jesus Maria, bem como, em 1635, pelos bandeirantes de Aracambi. Não nos parece que a denuncia do provincial jesuita do Paraguay, mencionando os chefes Francisco e Jeronymo Bueno, Domingos Garcia, e Aguiar Bueno, venha desmanchar o nosso raciocinio, antes, pelo contrario, pois «Tape», estava sob o provincial do Paraguay, ao passo que este nada tinha que ver contra os paulistas, que, porventura, fossem a Matto Grosso, em cujo Taquary não haviam estabelecimentos jesuiticos.

O Rio Grande do Sul, pois, deveria ter sido o territorio percorrido pelos companheiros de Francisco Bueno e o Taquary dos documentos paulistas, com certeza, foi o rio affluente do Jacuhy; e, quando não tivessem esta conclusão os argumentos acima referidos, havia um só que bastava para convencer.

E' a extraordinaria paridade nas datas, entre as chronicas dos jesuitas, synthetisadas magnificamente pelo illustrado padre Carlos Teschauer «*(Historia do Rio Grande do Sul)*», que assignala, em meiados de 1637, uma grande bandeira paulista no rio Taquary, marchando contra as reducções do alto Jacuhy, depois de ter atacado os indios Caamós e Caaguás, entre o rio Cahy e o littoral, com os documentos paulistas, quaes os inventarios citados dos bandeirantes mortos, no sertão do rio Taquary:

O de João Preto, em 8 de junho de 1637;

o de Manuel Preto, o moço, em 2 de julho de 1637,

o de Gaspar Fernandes, em 26 de maio de 1637. (loc. cit. «*Inv. e tests.*».

A bandeira assignalada por Teschauer não póde deixar de ser a de Francisco Bueno, em vista de tão admiravel coincidencia de datas, confirmando a de designação geographica, bem como a orientação natural da directriz bandeirante na época.

Isto estabelecido, e deixado o assumpto livre de qualquer sombra de duvida, acompanhemos a bandeira na sua campanha, aproveitando os magnificos, si bem que, naturalmente, apaixonados ensinamentos de Teschauer, que os bebeu nas chronicas dos jesuitas, da época seiscentista, contemporaneos da conquista de «Tape».

Sahindo Francisco Bueno e sua tropa de São Paulo em principios de 1637, para o sul, passando, talvez, pelas cabeceiras do Ribeira, classico caminho do Guayrá e nascente do Tibagy, atravessando os Estados do Paraná e Santa Catharina, penetrou no Rio Grande, surgindo em maio, desse 1637, no rio Taquary.

Enormes devastações deveriam os paulistas ter praticado já no caminho, entre os indios carijós e outras tribus sulinas, pois grande foi o pavor que os precedeu, entre os «Tapes», tendo os indios da reducção de San Joaquin, anteriormente evacuada pelos padres, se dispersado, logo á chegada dos paulistas invasores. Divididos estes em duas columnas, para mais facilmente atacar as reducções ao sul e ao norte, cahiram como um raio sobre Santa Thereza, que tinha cerca de 4.000 almas.

Eram os paulistas, diz Teschauer, 260, auxiliados por numerosos indios, cifras certamente muito exaggeradas.

Tudo destruiu a bandeira, entregando-se os habitantes de Santa Thereza, sem resistencia. Este ataque se deu em fins de 1637, no dia de Natal, tendo naturalmente a gente dos Buenos se demorado muito tempo, invernando no rio Taquary, antes de iniciar a marcha destruidora para o noroeste, onde ficava Santa Thereza.

Continuando a sua marcha nesta direcção, os paulistas de Bueno acercam-se de San Carlos de Caapi, Apostoles de Caazapaguazú, destruindo-as, após Candelaria e Caaró, todas na provincia do «Uruguay» em principios de 1638.

Ao se defrontarem os paulistas com a reducção de Caaró, conta-nos Teschauer, 1.500 indios chefiados pelo padre Alfaro deram-lhes desesperado combate, sendo, porém, depois de intensa refrega, por elles postos em fuga.

Na sua caminhada conquistadora, tiveram os bandeirantes de Francisco Bueno de travar mais um sanguinolento combate, contra os indios das reducções, commandados, desta vez, pelo famoso guerreiro rubro Niculáu Nhienguirú, o vencedor de Nheçum, combate este em que, ainda, foram os filhos de Piratininga vencedores e graças ao qual em seu poder cahiu a reducção de San Nicolas no Piratiny, a ultima restante de todo o noroéste do Rio Grande do Sul.

Com este ultimo successo foram os jesuitas expulsos para além Rio Uruguay, apenas lhes ficando das duas florescentes provincias de «Tape» e «Uruguay», as reducções situadas sobre o Ibicuhy, que, mais a sudoéste, ainda não tinham sido attingidas pelas incursões formidaveis dos moradores de São Paulo.

Em fins de 1638, deveriam os companheiros dos Buenos ter tomado o caminho de volta ao povoado,

sendo então atacados pela rectaguarda, pelos bronzeos sagitarios de Nhienguirú, reforçados por 1.500 indios trazidos, ás pressas, pelo padre Romero, travando-se então, o combate de Caazapamirim, sendo os paulistas ainda vencedores, diz o erudito Basilio de Magalhães. (*«Rev. Inst. Hist. Bras.»*, tomo esp. v II, 102), vencidos affirma Teschauer.

Com isto, voltaram os bandeirantes a São Paulo, onde chegaram, pouco antes de 19 de março de 1639, data em que encontramos João Paes Malio, da lista supra mencionada, figurando no inventario judicialmente procedido, por morte de Francisco Bueno, o chefe da expedição, morto no sertão. (*«Invent. e tests.»*, v. XIV, 35), sendo certo que, até fins de janeiro de 1639, em S. Paulo, não se tinham noticias da bandeira, como se póde ver do inventario do referido Francisco Bueno, («loc. cit.», 20):

> «... sem se fazerem nelles partilhas por razão de se esperar pelo testamento do defunto pelo trazer seu *irmão Jeronymo Bueno e até agora não é chegado nem novas delle* ...».

Muitos dos bandeirantes, componentes da léva de que tratamos, segundo parece, deveriam ter-se separado do grosso da expedição, chegando antes a São Paulo, no anno de 1638, data em que Amador Bueno o moço e seu irmão Antonio Bueno se casaram respectivamente, com Margarida de Mendonça, e Maria do Amaral, segundo nos affirma Silva Leme. (*«Genealogia Paulistana»*, tit. Buenos, vol. I, 419 e 421).

A mesma conclusão deve-se tirar, por ter sido o inventario de Francisco Bueno procedido, judicialmente, em São Paulo, muito antes da chegada da

bandeira que elle commandava. («*Inv. e tests.*», loc. cit.).

Dous longos annos levou a gente paulista de Francisco Bueno internada no sertão, sustentando as mais ardorosas pelejas, como attestam os numerosos fallecimentos de bandeirantes, assignalados pelos muitos inventarios feitos no sertão. Foi esta, sem duvida, uma das mais notaveis façanhas em toda a historia do bandeirismo paulista e um dos mais memoraveis capitulos na historia da conquista do Rio Grande do Sul, pelos nossos vetustos antepassados, na tremenda lucta, por elles sustentada contra o jesuita e o castelhano, para o maior alargamento da área territorial da nossa patria e para maior gloria da nossa historia immortal.

XI

Conquista de "Tape" e "Uruguay"

Bandeira de Fernão Dias Paes, no Rio Grande (1637-1638).

Quando, em principios de 1637, sahia de S. Paulo, em demanda aos sertões riograndenses de «Tape», a grande expedição chefiada pelo capitão Francisco Bueno, aprestava-se uma outra formidavel quadrilha de assalto, sob o mando do capitão Fernão Dias Paes Leme, o futuro heróe das pedras verdes.

Os documentos que nol-a denunciaram, entretanto, não nos permittiram determinar, com precisão, a data da partida, para o sertão da léva que mencionamos, mas é certo que, em 1.º de janeiro de 1638, data em que, em S. Paulo se procedia ás eleições para os cargos de officiaes da Camara, já a bandeira de Fernão era ausente do povoado paulistano, pois que, membros della, taes como Gaspar da Costa, tendo sahido eleitos nos pelouros, não puderam ser effectivados, em virtude de ausencia, pelo que tiveram de ser outros nomes votados, que os substituissem. («*Actas*», vol. IV, 370 e 371).

Não ha duvida de que o chefe da expedição, o capitão Fernão Dias Paes, tenha sido o que descobriu, no fundo sertanejo do rio Doce, as almejadas

esmeraldas, mais de quarenta annos depois, sendo certo que, em S. Paulo, havia um tio do famoso sertanista, com o mesmo nome e com mais edade e condições para chefiar bandeiras, tendo apenas 30 annos o estoico e tenacissimo Fernão Dias, em 1638.

O seu tio homonymo e tambem bandeirante, porém, encontramol-o em S. Paulo, funcionando no seu cargo de procurador e capitão dos indios, em 11 de setembro de 1638, época em que a bandeira de Fernão estava ao longe no sertão. (*«Actas»*, vol. IV, 402).

Qual, porém, o destino tomado, pela grande arrancada do futuro actor da monumental tragedia do Sumidouro?

O laconismo dos documentos assignala-a no sertão do Rio Grande, que o insigne mestre e profundo rebuscador do nosso passado, dr. Affonso Taunay, na sua preclarissima conferencia, proferida a proposito do grandioso vulto de Fernão Dias, quiz interpretar como sendo o rio Paraná, que então era conhecido como rio Grande pelos paulistas. E' de opinião o dr. Taunay ter a expedição, sob exame, percorrido o Guayrá devastado, chegando até ás margens do grande caudal.

A outras interpretações, porém, se presta a designação de rio Grande, unico sulco deixado, nos documentos paulistas, pela empreitada, de que tratamos. Rio Grande poderia ter sido o proprio Paraná, quando este, muito abaixo, divide os territorios, hoje argentinos das Missiones dos paraguayos, ou mesmo quando as aguas do grande rio attingem a provincia correntina.

Rio Grande, porém, poderia ter sido o rio Uruguay, caudaloso curso de agua, possivelmente, alvo de uma denominação que os paulistas prodigalisavam a muitos dos rios por elles conhecidos.

Rio Grande, dos documentos paulistas, poderia, emfim, ter sido, no proprio Rio Grande do Sul, a Lagôa dos Patos, tambem chamada Rio Grande, como faz certo a já citada carta de Philippe IV ao vice-rei do Perú, marquez de Mancera, de 16 de setembro de 1639:

> «... *como por el puerto de Patos y «rio grande»*. (Taunay, «*Era das bandeiras*», 91).

Em abono desta ultima interpretação, a nosso ver a mais acertada, milita a natural conclusão de que Fernão orientava a sua bandeira segundo a directiz invariavel da época, isto é, para as regiões da provincia de «Tape», então atacada, segundo já sabemos, pelas bandeiras de Raposo Tavares e Francisco Bueno.

Muitas foram as incursões bandeirantes assignaladas no Rio Grande do Sul, pelos chronistas da Companhia de Jesus, a devastar as reducções, sem que, entretanto, até agora se tenha sabido identificar quaes os paulistas, autores dessas memoraveis façanhas. Com os indicios que a documentação paulista nos offerece, ao lado de um raciocinio perscrutador, chega-se á conclusão de que Fernão Dias Paes, com sua bandeira, militou contra as reducções jesuiticas no «Tape».

Confirmando este resultado, achamos em Simão Pereira de Sá na sua «*Historia da nova colonia do Sacramento*», interessantissima referencia a Fernão Dias, aliás já reproduzida pelo dr. Taunay, mas que achamos esplendidamente condizente para o que affirmamos sobre a expedição sob exame:

> «... mas destas intruzoes e atentados se desforçarão as nossas armas descendo da

cidade de Sam Paulo Fernam Dias Paes com muitos naturaes intrepidos e esforçados os quaes apresentando batalhas aos Castelhanos e seus «*confederados*» por varias vezes lhes fizeram viva guerra. Constrangidos do erro e timidos da mortandade desalojarão de muitas «*aldeias*» e se retirarão para seus dominios perseguidos fugindo maltratados. Lisongeados os paulistas das victorias se hião valerosamente a encontrar as tropas...» (loc. cit. liv. 16, 46 vs.).

E' muito claro o texto de Simão Pereira de Sá, elaborado no anno de 1750, um seculo, apenas, depois das arruaças paulistas no Rio Grande do Sul, Por elle, vê-se que os paulistas de Fernão Dias deram combate aos hespanhóes e seus confederados, que não eram outros senão os jesuitas e indios das reducções, sendo estes desalojados de muitas aldeias, que não passavam das agglomerações jesuiticas do Tape e do Uruguay, sendo elles perseguidos pelos paulistas, fugindo para os seus dominios de além rio Uruguay. Muito evidencia, pois, este documento, do remoto historiador, ter a bandeira, em questão, de Fernão Dias, penatrado no territorio rio-grandese a guerrear os padres da Companhia, quando os paulistas emprehenderam a conquista desses sertões sulinos.

E' esta, pelo menos, a nossa convicção, muito embora acoimado de pouca autoridade seja Simão Pereira de Sá e apezar do doutissimo mestre dr. Taunay collocar esta expedição de Fernão Dias, referida por Simão, no territorio Uruguayo, o que a nosso ver não é provavel. *(«Mappas das bandeiras do Museu Paulista»)*.

Além desses preciosos indicios, que nos levaram ao raciocinio exposto sobre a bandeira, que o capitão Fernão Dias Paes commandou, em 1637-1638, existem varias referencias, nas chronicas jesuiticas do tempo, que serviram de base, para o padre Teschauer escrever, na sua magnifica «*Historia do Rio Grande do Sul*», a respeito de uma bandeira paulista, cujas datas coincidem perfeitamente com as em que esteve a de Fernão no sertão. E' a que Teschauer assignala, conquistando em 1638, as reducções do Ibicuhy, as restantes da provincia de «Tape»; San Cosme y San Damian, San Joseph, San Thomé, San Miguel e Nactividad.

Segundo Teschauer, ficaram estas reducções, em 1638, completamente arrazadas pelos pauistas, que voltaram a São Paulo, em seguida, levando um numero elevadissimo de indios, além de grandes despojos, da florida christandade, que ahi vivia.

Assim, pois, Fernão Dias, o bandeirante emerito, assignalado, nos documentos paulistas, no sertão do Rio Grande, seria o salteador das reducções do Ibicuhy (8).

---

(8) De facto, bem analysada a vida de Fernão Dias a luz dos documentos impressos, chega-se a certeza de que, a não ser em 1645, só em 1638-1639, poderia ter o insigne "condotieri" feito jus ás referencias da chronica setecentista de Simão Pereira de Sá.

Encontramos o sertanista das pedras verdes em S. Paulo de volta da sua peregrinação pelo sul já em 1640 (*"Actas"* vol. V; 25, "Inv. e tests." vol. XIV; 39).

Em 1641, Fernão foi o chefe da expedição a Santos, com um desembarque de flamengos, tendo em S. Paulo tomado parte não activa, na expulsão dos jesuitas.

Sabemol-o em S. Paulo até fins de 1644, quando parece

A documentação paulista a que nos temos referido, como base identificadora da bandeira, é um inventario de Antonio Silveira e seu testamento feitos no sertão, por seu fallecimento («*Invent. e tests.*», vol. XI, 239 e seguintes).

Por elles, se consegue a referencia do sertão do Rio Grande, bem com os nomes dos bandeirantes seguintes commandados por Fernão Dias:

> Capitão Fernão Dias, seus irmãos Paschoal Leite Paes e Pedro Dias Leite, e seu tio Luiz Dias Leme o mesmo

---

que, a frente de uma grande bandeira, penetrou no sertão ignoto.

Era esta bandeira desconhecida na lista das *razzias* bandeiras, até que encontramos um documento denunciando-a, constante do inventario de Lucrecia Leme. sua avó ("*Invent. e Tests.*" vol. XIV 325):

> "........ porque o capitão Fernão Dias Paes se não sabe o logar nem parte certa donde esteja para haver de ser citado".

Tem este documento a data de Julho de 1645.

Até fins de 1646, Fernão esteve ausente de S. Paulo, visto como não compareceu no inventario citado, para receber o seu quinhão de herança, em seu lugar figurando seu irmão mais velho Paschoal Leite Paes.

Talvez esta bandeira de Fernão, fosse a mesma, que descobrimos em 1646, graças ao seguinte documento: (*Actas*, V; 262):

> "......porquanto a mor parte dos m.res desta villa e ainda os de mayores poses estavam de caminho para o sertão sem nenhum temor de deos nem das justiças desamparando esta capitania e deixando-a exposta a notaveis perigos......".

bandeirante da entrada de Acarambi, ao Rio Grande do Sul), Valentim Pedroso de Barros (futuro heróe do nordeste na guerra hollandeza), Domingos Leme da Silva, Matheus Leme, Paschoal Leite Fernandes, Salvador Simões, Romão Freire, João Nunes da Silva, Sebastião Gil, o moço, Pedro Agulha de Figueiró, Antonio da Silveira (o fallecido), João de Santa Maria, Christovam de Aguiar Girão, Mauricio de Castilho, o moço, Manuel de Castilho, Gaspar da Costa, Ba..., Paulo da Costa, João Fa-

---

O certo, porém, é que só encontramos Fernão em S. Paulo em 1649 em Dezembro (*"Actas"* V. 398), sendo provavel que, bem antes, tenha chegado do sertão.

Em 1651 foi chefe do executivo, Juiz Ordinario (*"Actas"*, V. 451 e seguintes). Até 1659, não sahiu Fernão, de S. Paulo, evidenciando-se, na lucta entre os Pires e Camargos, bem como na readmissão dos jesuitas e na do vigario Albernaz, banido pelo povo, depois dos tumultos varios (*"Actas"*, VI, 27 e *"Invent. e Tests."*, vols. XV, 310, XVI, 30, etc.).

Em dezembro de 1660, o seu nome constante do *"Registo"*, vol. II, 601, prova sua presença em S. Paulo. Em 1661, sabe-se esteve elle no antigo Guayrá, entre os Guayanazes, **de Tombú**, Sondá e Gravitahy.

Já, Pedro Taques, isso nos affirma, dizendo mais ter Fernão, por alguns annos, passado no convivio dos trez monarchas de rubra raça Guayaná. E' bem certa esta asserção do insigne Plutarcho dos varões illustres paulistas, pois que, ainda em fevereiro de 1662, não éra Fernão voltado ao povoado paulistano, visto como pelo inventario de seu irmão Pedro Dias Leite, ahi figurava representado, por seu irmão e procurador João Leite da Silva (*"Invent. e Tests."*, vol. XVI, 48).

Em 1664, já de volta da sua demorada incursão, por entre a referida nação gentilica, Fernão Dias, recebia de Affonso VI de Portugal, um autographo concitando-o a auxiliar a expedição

vacho, André Bernardes, Fructuoso da Costa, Antonio Gonçalves Perdomo, Francisco Alves Marinho, João de Oliveira (com certeza Sutil de Oliveira), Domingos Barbosa (Calheiros, com certeza).

Voltando da sua peregrinação pelo Rio Grande, esta expedição ainda não havia chegado ao povoado paulista, até aos ultimos dias de 1638, como se deprehende, do não comparecimento em Camara, dos officiaes que haviam no principio do anno sido eleitos

---

das esmeraldas de Agostinho Barbalho, o que se deu pressa em fazer o magnata paulista.

Dessa occasião em deante, encontramol-o em S. Paulo, até 1666 (*Actas annexo* ao VI, 483) e em Junho de 1667, em documento inserto no vol. XVII dos "*Invent. e Tests.*", 168, prova de ter elle persistido em não abandonar a villa.

Sem ter voltado ao sertão em bandeirismo Fernão permaneceu até 1672, quando, em agosto, foi convidado a organisar bandeira para ir ás esmeraldas. (*Invent. e Test.*, vol. XVII, 266, 281, 302; "*Actas*", VI, 219, 263, 273 e 284).

No anno seguinte, em 1673, partiu Fernão, como é sabido, não mais voltando com vida, da sua phantastica empreitada, em Minas Geraes.

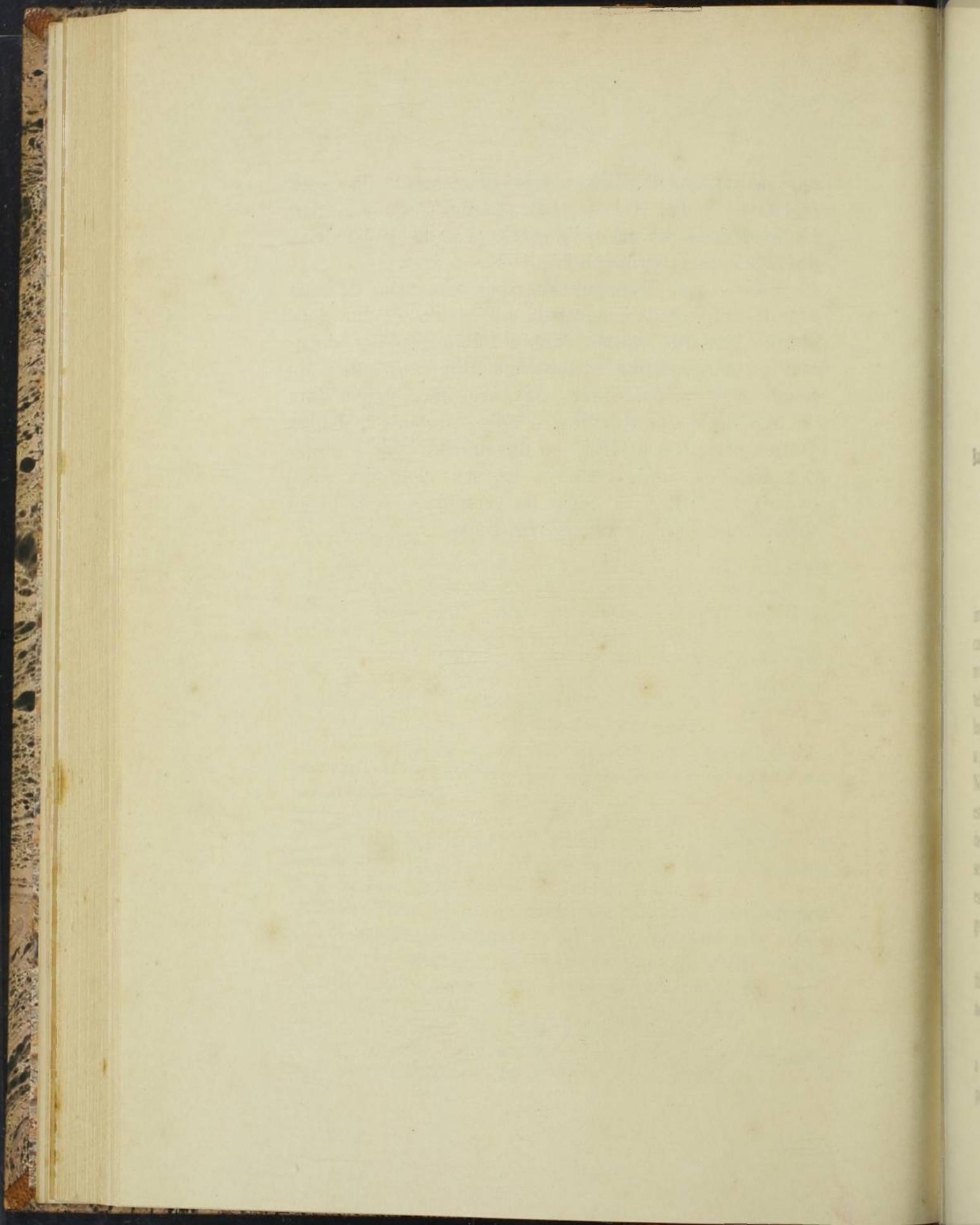
Com tudo isto, ve-se que, a não ser em 1638-39, só em 1644-1646, poderia Fernão ter luctado contra os Castelhanos e seus confederados, sendo que antes de 1638 era elle muito jovem, para chefiar bandeiras.

No dilema, pois de ter Fernão em 1638-39, ou em 1644-1646, luctado contra os Castelhanos, no sul, a primeira data reúne, sem duvida indicios muito poderosos como já fizemos notar, ao passo que a segunda, por emquanto, nada tem a seu favor, não havendo o menor ponto de partida, para se saber, onde tenham ido com seus companheiros bandeirantes.

A vista disso, não é audacia se concluir que Fernão em 1638-1639 foi conquistador do Tape.

para os cargos de officiaes, taes como Gaspar da Costa («*Actas*», v. IV, 371 a 412). A sua chegada a São Paulo deveria ter coincidido, com a volta da bandeira dos Buenos em principio de 1639.

Eis o que conseguimos saber a respeito de uma grande empreitada, sepultada no olvido de um longinquo passado, si não fôra a publicação dos documentos paulistas que citamos, em torno dos quaes, foi possivel tecer uma série de raciocinio, originadora da hypothese que constitue o nosso presente trabalho. Outras pesquizas a fazer, em documentos que a poeira dos archivos ainda conserva em seus dominios serão os juizes infalliveis a julgar da veracidade desta hypothese, que, ora, deixamos registrada.

XII

Conquista de "Tape" e "Uruguay"

Bandeira de Domingos Cordeiro (1639) — Bandeira de Jeronymo Pedroso de Barros (1641) — M'Bororé.

Em 1638, em S. Paulo, nos meios bandeirantes, intenso era o enthusiasmo bellico, contra os jesuitas e castelhanos, no sul, bandeiras numerosas se succediam, no sertão riograndense, na faina de conquista a Castella e destruição das reducções da Companhia, do allucinado fidalgo de Manreza, muito pouco se ligando a guerra hollandeza, que ia accesa no norte da colonia. Nesse anno, nada menos de trez grandes expedições estavam empenhadas na luta: a de Raposo Tavares, de Francisco Bueno e de Fernão Dias e uma quarta se aprestava para partir. Entre outros sertanistas, que escaparam a identificação, conseguimos saber os seguintes nomes, pertencentes a esta quarta expedição:

Domingos Cordeiro, Fernão Dias Borges, Mathias de Oliveira e Pedro de Oliveira. («*Invent. e tests.*», vols. VIII e IX).

Dirigindo-se ao sertão foi ella, entretanto, infeliz, a ponto de serem mortos os bandeirantes, seus componentes acima mencionados, não havendo em S. Paulo

mais noticias a seu respeito, o que dá a entender ter sido ella aniquilada.

E' o que se vê das inquirições procedidas em S. Paulo. («*Invent. e tests.*», vols. VIII, 138 e XIV, 199, 253, e 213); «... *conforme affirmam e juram numero de testemunhas de experiencia que bem sabem o risco e perigo do dito sertão* ...».

Apesar de não termos elementos que, positivamente, o assegurem, achamos que esta expedição aniquilada no sertão o tenha sido na lucta travada contra os jesuitas de «Tape», pois, na occasião, a orientação das *razzias* bandeirantes era indiscutivelmente essa região rio-grandense, tanto mais quanto, na data em que deveria ser sido destroçada a bandeira sob exame, segundo nos ensina o padre Teschauer, na sua «*Historia do Rio Grande do Sul*», iniciava-se entre os jesuitas, indios e castelhanos a reacção contra as incursões audaciosas da gente de S. Paulo, sendo combates travados, em alguns dos quaes os jesuitas, com seus indios armados, levaram de vencida os bandeirantes, que tão longe do seu ninho avançavam.

De facto em 1639, conseguiram os indios e jesuitas, dirigidos pelo guerreiro Nhienguirú e pelo padre Alfaro, esmagar uma bandeira paulista, em um combate, no qual foi morto o padre Alfaro, perdendo tambem a vida grande quantidade de paulistas, cahindo outros prisioneiros, que foram entregues, pelos padres, ao já celebre D. Pedro de Lugo y Navarro, governador do Paraguay, então em visita ás missões da margem direita do Uruguay.

Deu-se este combate nas proximidades de Caazapaguazú, em começo de 1639, sendo que a bandeira avançava pela margem direita do Uruguay, segundo diz Teschauer. Os prisioneiros foram, por D.

Pedro de Lugo, levados a Asssumpção, de onde foram libertados e tratados com muita consideração. Os paulistas, mais uma vez, deveriam se julgar afortunados com a constante boa vontade dos governadoress paraguayos a seu respeito!

Achamos muito possivel que a bandeira de Domingos Cordeiro e de seus companheiros tivesse sido a esmagada por Nhienguirú, tendo perecido no combate os bandeirantes, que não mais tornaram ao povoado paulistano.

A proposito desta bandeira existe, entretanto, uma curiosidade notavel, qual a de Domingos Cordeiro e Fernão Dias Borges, dous sertanistas dados como desapparecidos, figurarem assignando o testamento de Sebastião Gonçalves, feito no sertão em 163... (talvez 1639. («*Invent. e tests.*», vol. XI, 199). Ora, Sebastião Gonçalves falleceu no anno de 1641, no sertão, em companhia da bandeira chefiada por Jeronymo Pedroso de Barros, da qual nos occuparemos em breve. Este facto nos leva a suppor ter havido ligações entre a bandeira desapparecida de Domingos Cordeiro e a de Jeronymo Pedroso.

Ou então Sebastião Gonçalves fez o testamento no sertão, quando anteriormente ahi penetrou em companhia da infeliz bandeira de Domingos Cordeiro. A falta de outros elementos nos impede, porém, de conhecel-as, bem como deixa na escuridão do mysterio uma sciencia mais profunda a respeito da bandeira, que encontrou a desdita no sertão, provavelmente, de além Tordezilhas, nos limitando a uma hypothese, que só tem a seu favor possibilidades mais ou menos acceitaveis.

Até o anno de 1641, haviam já os paulistas conseguido expulsar os jesuitas de todo o territorio do

«Tape», bem como se assenhorear da totalidade das reducções do «Uruguay».

A grande região, que hoje constitue o nosso Estado do Rio Grande do Sul estava, por completo, conquistada, pelas armas paulistas, que, em successivas arrancadas, haviam tomado essa immensa área ás garras de Castella, para a reunir á monarchia lusa dos Braganças, recemconstituida, com o pleno successo da conspiração Pinto e consequente acclamação de D. João IV, em Portugal.

Insaciaveis, porém, os paulistas em 1641 e cada vez mais affoitos, pelas suas constantes victorias, já cubiçavam os indios fugidos, para o territorio mesopotamico, á margem direita do Uruguay, hoje provincia argentina de Corrientes, onde os jesuitas haviam erguido novas reducções, com os elementos escapos á sanha paulista no «Tape» e no «Uruguay».

Assim é que, nesse anno, vinda do norte, pela margem direita do Uruguay, surgiu deante das recem-edificadas agglomerações jesuitico-guarani uma bandeira paulista, da qual silenciam as chronicas jesuitas o nome do chefe, bem como dos componentes. Já prevenidos os loyolanos, desde 1640, da approximação dos bandeirantes de S. Paulo, haviam organizado a resistencia, preparando um exercito, com cerca de 4.000 indios, escolhidos da enorme massa rubra mobilizada, á testa dos quaes collocaram o murubixaba Abiarú, Dispunha a força guarani de cerca de 300 arcabuzes e mesmo de artilharia de bambú, diz Terchauer.

Não podia ser grande a bandeira paulista, apesar das cifras enormes, phantasticamente relatadas pelos jesuitas, que escreveram a chronica, visto como de São Paulo havia seguido para a guerra hollandeza no nordeste, reunindo-se a celebre expedição naval do conde

da Torre, não pequeno concurso militar, composto dos seus mais valorosos bandeirantes, chefiando os seus mais escolhidos guerreiros.

Talvez, mais de duas centenas de expedicionarios tenham ido a guerrear o flamengo intruso, muitos dos quaes ficaram juncando as torridas catingas parahybanas na retirada de Barbalho, outros muitos haviam se transviado, com os destroços da esquadra do titular da Torre, para Carthagena das Indias e outros, enfim, haviam se demorado na Bahia, defendendo-a contra o assalto de Mauricio de Nassáu, não dando tempo para, chegando a S. Paulo, em 1640, partir em bandeira, para o sertão sulino do Rio Grande e ahi tomar parte no combate de M'Bororé.

Tambem em 1641, duas acclamações se ouviam estrepitosas, em S. Paulo, quaes a de Amador Bueno, e a de D. João IV, reunindo avultadissimo numero de paulistas em povoado.

Com isto, facilmente se comprehende quanto modestas proporções, deveria ter a bandeira paulista que, no mez de março de 1641, descia pela margem direita do rio Uruguay. Chegando ella, proximo ao riacho, chamado M'Bororé, foi subitamente surprehendida pela artilharia dos jesuitas, nestas condições travando o combate, que, durou encarniçado tres dias, terminando com a retirada dos paulistas e victoria dos indios das reducções. Tão pequeno effeito teve, porém, esse insuccesso dos paulistas, que os jesuitas, aterrorizados ainda, pela audacia «mameluca», não tiveram coragem de reatravessar o Uruguay e se estabelecer de novo em terras do Rio Grande do Sul, sinão, no fim do seiscentismo, quando, em uma estreita faixa ao noroeste do territorio do Estado gaúcho, implantaram os celebre «Sete Povos» estando, então, os paulistas occupa-

dos com as descobertas auriferas, com que desprezavam já as *razzias* de apresamento de indios.

Qual teria sido a expedição paulista estacada no combate de M'Bororé?

A documentação jesuitica e a hespanhóla, até agora conhecidas, em nada adeantam, para o descobrimento do mysterio, que enevôa esta parte historica do nosso passado. A documentação archival paulista, por outro lado, silencia por completo a respeito deste capitulo bellico, o mesmo se dando em relação ás chronicas dos mais antigos estudiosos do passado paulista. Vejamos entretanto, quaes os emprehendimentos sertanejos, de S. Paulo, na occasião em que se feria M'Bororé.

Uma bandeira no sertão, assignalada pelo fallecimento de Luiz Dias (*«Invent. e tests.»*, vol. XIII, 434), e uma outra, tambem internada nas selvas, e denunciada pelo inventario ahi procedido por morte do bandeirante Sebastião Gonçalves (*«Invent. e tests.»*, v. XI). Era esta ultima expedição chefiada pelo capitão Jeronymo Pedroso de Barros e se achava, na occasião do inventario supra mencionado, internada em um sertão do *rio Grande*, dos *«Ganayazes»*.

Que rio Grande teria sido este? Seria, porventura, o rio Paraná?

Ou o rio Uruguay? — Ou ainda, a Lagôa dos Patos, tambem assim chamada pelos paulistas?

Que sertão de indios «Ganayazes» seria o mencionado no inventario?

Poderia ser uma má gravação de «guayanazes», que eram localizados nas proximidades do rio Paraná, no antigo Guayrá, mas é tambem muito possivel que fosse uma corruptela do *«gonanazes»*, cujo «habitat» era a região marginal do alto Uruguay, os mesmos

que Theodoro Sampaio chama de «guanás», («*Rev. Inst. Hist. Bras.*», tomo esp. vol. II, 593).

A ser verdadeira esta hypothese, ou de ser a região ribeirinha da Lagôa dos Patos, o sertão do rio Grande, do documento citado, é bem possivel ter sido a bandeira de Jeronymo Pedroso de Barros a que se bateu em M'Bororé, dada a extraordinaria coincidencia de datas, bem como o não termos noticias de outra qualquer empreitada paulista no sertão, — absorvida como estava a actividade dos moradores de Piratininga, na época em que teve logar a bandeira de Jeronymo e o combate de M'Bororé facto este que, como já assignalamos acima, torna difficil conceber-se a existencia de outra bandeira, no momento, a qual seja a vencida de M'Bororé.

Esta possibilidade que fazemos notar, porém, só poderá ser estabelecida si outros elementos a vierem confirmar, depois de terem sido submettidos a analyse esmerada os documentos referentes a M'Bororé, de origem castelhana, o que, infelizmente, ainda está por acontecer, não obstante a grande actividade do insigne mestre dr. Taunay, em procurar fazel-o. As difficuldades têm, porém, vencido todos os esforços, neste sentido, permanecendo os documentos, em candida virgindade, nos archivos de Sevilha.

Graças, ainda, ao inventario, mencionado, de Sebastião Gonçalves, feito no sertão, são conhecidos os seguintes nomes de bandeirantes que, com Jeronymo Pedroso, foram ao exercicio do bandeirismo:

> Capitão Jeronymo Pedroso de Barros (cabo da tropa) e seu irmão Capitão Antonio Pedroso de Barros, Capitão Antonio da Cunha Gago (o gambeta), Bal-

thazar Gonçalves, Bartholomeu Alvares, Sebastião Gonçalves (o fallecido), Antonio Rodrigues (?), Clemente Alvares, Simão Borges, João Leite, Mathias Cardoso (de Almeida), Pero Nunes Dias, Domingos Furtado, Miguel Lopes, Matheus Alvares, Pero Lourenço, Amador Lourenço, João Pires Monteiro, Pedro Cabral, Domingos Pires Valladares, Sebastião Pedroso Bayão, Antonio de Aguiar, Antonio Fernandes Sarzedas, Antonio Carvalhaes e João de Pina, («*Invent. e tests.*», v. XI, 500 a 507).

Esta bandeira, no sertão, em setembro de 1641, só deveria ter chegado ao povoado paulistano, em Agosto do anno seguinte, data em que, judicialmente, foi iniciado o inventario de Sebastião Gonçalves.

XIII

Primeiro soccorro paulista para a restauração do nordeste brasileiro (1639).

E' muito sabido que d. Francisco de Mascarenhas, conde da Torre, almirante da poderosissima esquadra de trinta e tres grandes navios, encarregada da restauração do Brasil, nordeste, occupado pelo batavo de Nassáu, tendo perdido, na travessia oceanica, muita gente da sua infantaria e tendo conhecido, ao chegar a Bahia, a fama dos sertanistas paulistas, como homens de grande audacia e valor, além da grande pratica no devassamento dos sertões, e que, na capitania de S. Vicente e S. Paulo se podiam levantar cerca de 300 soldados aguerridos e experimentados, a tres de Fevereiro de 1639 enviou a Salvador Corrêa de Sá uma provisão ordenando o levantamento de soldados, nessa capitania de S. Vicente e São Paulo, podendo o dito Salvador Corrêa de Sá, acabada a guerra, premiar aos voluntarios desse alistamento, com cargos e serventias vitalicias da capitania, onde eram moradores. (*«Registo da Camara»*, vol. II, 79).

Com esta ordem Salvador, por sua vez, encarregou a d. Francisco Rendon de Quebedo, que procedesse ao alistamento e levasse a expedição ao Rio

de Janeiro, para dahi ser a gente embarcada para a Bahia, onde o conde da Torre, pachorrentamente, a aguardava, no bojo de seus desgraçados galeões.

Tendo recebido de Salvador Corrêa de Sá, a ordem, para o levantamento, com a data de 18 de março de 1639, d. Francisco de Quebedo poz-se em campo, conseguindo alistar na capitania vicentina, vinte e dois infantes e cincoenta e quatro indios, insignificantes cifras, para o enorme espaço de tempo levado no serviço de recrutamento. Por estes numeros diminutos se póde verificar o pouco enthusiasmo que despertava na capitania a guerra de restauração no longinquo nordeste, pois só em agosto chegou ao Rio de Janeiro d. Francisco de Quebedo, com seu minguado corpo expedicionario (*«Registo da Camara»*, vol. II, 90), muito menor do que qualquer das expedições sahidas de São Paulo, para as bandas sertanejas, á conquista do indio.

Esta apparente falta de patriotismo do paulista, em não concorrer, com as suas forças, para a nobilissima campanha de expulsão do invasor flamengo, deverá ser attenuada, tendo-se em conta os parcos recursos economicos da gente de São Paulo, que a sua custa tinha de mobilizar e concentrar, no porto do Rio de Janeiro, a força armada alistada, com os respectivos aviamentos de bocca e de armas.

Era um duro sacrificio a se desejar, por parte dos paulistas, que tinham as suas posses limitadas a pequena lavoura de trigo, marmello, milho, canna e algodão das redondezas de S. Paulo e S. Vicente e que, não viam interesse directo na lucta da reconquista, contra o hollandez, que era considerado, pelos proprios portuguezes, como inimigos de Castella, contra quem a Hollanda dirigia os seus bótes, em Pernambuco. Ia a tal ponto a boa fé portugueza, em re-

lação á Hollanda e o inverso para com a Hespanha, que, impacientemente, aguardavam o transe de se alliarem aos batavos, para se verem livres dos castelhanos.

Julgamos tratar-se dessa primeira léva de que fizeram parte Antonio Raposo Tavares, Luiz e Valentim Pedroso de Barros, Diogo da Costa Tavares, Manuel Fernandes de Abreu e João Paes Florião, mencionados por Pedro Taques (*«Nobiliarchia», Rev. do Inst. Hist. Braz.»*, vol. 34, 177 e segs. e 35, 47).

Levado ao Rio de Janeiro este corpo de armas, por Dom Francisco de Rendon, que o fez inteiramente á sua custa, estava elle prompto para partir, reunido a mais gente alistada no Rio de Janeiro, por Salvador Corréa de Sá, quando chegou nova provisão do conde da Torre, ordenando a Salvador que, para augmentar o vulto do corpo de soccorro, perdoasse os crimes commettidos, particularmente os de entradas ao sertão, aos que se alistassem nos corpos destinados á restauração, pelo que Salvador Correia de Sá, sustando a partida das tropas já organizadas, ordenou a Dom Francisco de Rendon, por uma nova provisão, que tem a data de 2 de agosto, desse mesmo anno, procedesse novo alistamento, em S. Paulo, pelo qual elle, em nome de sua Majestade, podia conceder o perdão pelos crimes commettidos.

Maior proveito deveria Rendon ter conseguido, neste seu novo alistamento, em S. Paulo, uma vez que acenava, com o perdão de sua Majestade, ao grande numero de criminosos existentes em S. Paulo, culpados de exercicio do bandeirismo.

Não conseguimos saber o numero dos que Rendon conseguiu alistar, desta vez. Não ha nos documentos paulistas a menor referencia ao vulto deste se-

gundo corpo expedicionario. Delle, porém, deveriam ter feito parte os seguintes paulistas:

João Sutil de Oliveira, alistado para o fim de seu pae Francisco Sutil de Oliveira obter o perdão das muitas bandeiras em que tomou parte (*«Registo»,* vol. II, 99);

Paulo Pereira, (*«Registo»,* v. II, 103), que não chegou a partir, pelo que enviou quatro indios em seu logar;

Estevam Fernandes, o moço, e *Manuel Gonçalves,* loc. cit. 131);

Jeremias Nogueira, (loc. cit. 145); quatro indios de João Matheus Rendon; *José,* mameluco, filho bastardo de Pedro Alvares Moreira, acompanhado de seis indios, que haviam sido de seu pae (*«Invent. e tests.»,* vol. XI, 343 e 355); *Alberto de Oliveira,* filho de Rafael de Oliveira, o velho, que fez todos os gastos do aviamento, para ser perdoado das entradas, que fez ao sertão, (*«Inv. e tests.»,* vol. III, 311); e *Lazaro Bueno,* que chegando da conquista do Tape, na bandeira chefiada por Francisco Bueno, tambem se alistou na gente de Dom Francisco de Quebedo (*«Invent. e tests.»,* vol. XII, inventario de Francisco da Cunha Gago).

Além destes nomes mancionados, muitos outros que os documentos silenciam a respeito.

Esta nova léva, bem mais numerosa do que a primeira, foi, pelo porto de Santos, para o Rio

de Janeiro, a se juntar a outra que a aguardava e, dahi, partiram, para a Bahia, embarcando na armada do conde da Torre, pelos fins de 1639.

Em janeiro de 1640, tomaram parte os paulistas, nos combates navaes, contra os flamengos, ao longo da costa parahybana e, com a derrota e dispersão da frota do titular da Torre, nos celebres combates dos seis dias, o corpo expedicionario paulista foi desembarcado na ponta dos Touros, no Rio Grande do Norte, fazendo, dahi, até S. Salvador da Bahia, a famosissima retirada, sob a chefia de Luiz Barbalho, um dos feitos portentosos da nossa historia, e que, sobremaneira, illustrou as armas paulistas, commandadas pelo mestre de campo, Antonio Raposo Tavares.

Tomou parte na memoravel «anabase» do nordéste brasileiro, chefiando uma companhia, o capitão Valantim Pedroso de Barros bem como seu irmão, com egual commando, Luiz Pedroso de Barros, antepassado gloriosissimo de muitas das actuaes familias paulistanas e bandeirante de raça, filho que foi do capitão Pedro Vaz de Barros e futuro cabo da tropa, que penetrou e morreu nas cumiadas andinas do Perú, em lucta phantastica contra os indios serranos, ultimos vestigios da raça incaica.

Não sabemos, ao certo, si todo o corpo expedicionario paulista foi desembarcado na ponta dos Touros, dada a desordem que reinou nos destroços da esquadra luso-hespanhola, depois dos interminaveis combates navaes, em que foi batido o conde da Torre. E' possivel porém, que uma pequena parte dos paulistas tenha ido, com alguns galeões dispersos, sob o commando de Vega de Bazan, até Carthagena das Indias, para dahi se passar a S. Paulo, onde deveriam ter elles chegado em data muito posterior.

Antonio Raposo Tavares e muitos dos paulistas que, com elle chegaram a Bahia, voltaram immediatamente a S. Paulo, ao que parece, com o fito de aliciar novos soldados, tendo sido mandados pelo marquez de Montalvão, D. Jorge de Mascarenhas.

Em todo o caso, Raposo Tavares foi assignalado em São Paulo, nos primeiros mezes de 1641, acclamando D. João IV, logo á chegada da noticia da separação dos dous reinos ibericos. O' restante da gente paulista, provavelmente, permaneceu na Bahia, com os capitães Valentim e Luiz Pedoso de Barros, tomando parte na lucta contra o batavo, e defendendo a Bahia da ataque de Mauricio. O certo, porém, é que Valentim e Luiz voltaram muito posteriormente a São Paulo, casados com as irmãs Siqueira de Góes de Araujo, de nobilissima estirpe portugueza, na Bahia.

Com a volta destes dous heróes a S. ·Paulo, ter minou a; historia do primeiro soccorro paulista ao nordéste, infructifero, como vimos, sob o ponto de vista colimado, o da restauração, mas aureolado pelo martyrio estoico soffrido, com Barbalho, nas catingas pernambucanas e pela gloria de ter participado de uma das paginas mais bellas da historia brasileira.

XIV

Acclamações de Amador Bueno e Dom João IV (1 e 3 de abril de 1641).

Ainda que não sejam propriamente episodios de bandeirismo, estas duas acclamações, a elle estão ligadas, por laços taes, que resolvemos incluir o nosso estudo sobre ellas, entre os que realizamos, referentes á grande epopéa da gente paulista.

A acclamação de Amador Bueno a rei de São Paulo, bellissima pagina do nosso passado, que frei Gaspar da Madre de Deus, aquella vivida retina, onde reflectiram as variegadas côres dos afidalgados brazões dos lusos povoadores da nascente capitania vicentina, nos fez chegar com tanta precisão e que tão duramente atacada foi pelo odio surdo e inexplicavel de Candido Mendes, teve, entretanto, a sua definitiva consagração, na reconstituição das «*Memorias de frei Gaspar*», pelo tão erudito, quão incansavel historiador paulista Affonso de Taunay, que, de vez para sempre, derrocou o equivoco levantado por Candido Mendes, para lhe servir de base á aleivosa accusação, contra o monge benedictino historiador. Credor é o dr. Taunay da gratidão de todos os descendentes daquelle grandioso vulto do nosso passado, que foi

Amador Bueno, a personificação da lealdade cavalheiresca paulista, por ter sido esse insigne pesquizador o descobridor das peças documentaes, onde se assenta a verdade historica, sempre tão cultivada por frei Gaspar.

Quanto á data exacta desse acontecimento, bem como a em que teve logar a acclamação do primeiro Bragança, têm sido ultimamente objecto de alguma duvida. Acreditam alguns sabedores das sciencias historicas, que as acclamações tiveram logar muito depois de 1 e 3 de abril de 1641. Basear-se-hiam, talvez os que assim pensam, na agitação intensa, que lavrou na Paulicéa, em 19 de maio de 1641, pela expulsão dos jesuitas e pela fuga do vigario Manuel Nunes, agitação essa que foi um explendido inicio de revolução separatista, tendo a nossa, então villa, do planalto, se isolado, com as suas vias de communicação cortadas, etc.

Tal movimento teve como consequencia a acclamação de Amador Bueno, affirmam os que optam pela data posterior a 1 de abril, como a em que teve logar a acclamação do rei paulista, visto como era Amador um dos chefes do movimento ante jesuita, o que tambem attrahiu o concurso do elemento hespanhol, que teria assim servido apenas de complemento á acclamação.

Muitos são os historiadores que se filiam a estas considerações. Nellas se firmam as asserções do dr. Ermelino de Leão, no seu recente trabalho «*Vultos do passado paulista*», onde existe uma tendencia positiva para admittir as acclamações em maio e não em abril, como frei Gaspar e Azevedo Marques correctamente registraram.

Aliás, muito antes de Ermelino de Leão, assim

se manifestar sobre essas datas, já, Washington Luis, em 1904, ao escrever a sua bellissima memoria sobre Antonio Raposo, na «*Revista do Instituto Historico de São Paulo*», vol. IX, pgs. 494 e 495, asssim se manifestava:

> «Assim, pois, poderia elle ter tomado parte na acclamação de d. João IV, em S. Paulo, a 3 de abril de 1641. Escrevemos «poderia ter tomado» porque parece que Azevedo Marques se equivocou quanto a esse facto e a essa data.
>
> Nesse dia 3 de abril não houve vereança e nem nos livros de vereança existe auto algum de acclamação.
>
> Examinamos com cuidado diversos outros livros da camara — registos fianças, eleições — que serviram no anno de 1641, e em nenhum delles encontramos esse auto de acclamação: é possivel que elle exista em algum outro livro de que não tivemos noticia».

Entretanto, si ha vinte annos atrás, Washington Luis não foi feliz na sua devassa aos archivos, mais tarde, quando esse historiador, sendo prefeito da capital, mandou publicar os archivos municipaes, prestou o immenso serviço á historia de tornar publico, justamente, o documento que, sem successo, antes, tanto procurára. No volume VII, Supplemento, do «*Registo Geral*», pg. 251, vem impresso esse auto de acclamação, com a respectiva certidão, com a data de tres de abril, provando que o facto, em absoluto, não teve logar em maio, nem em outra data qualquer. Assim dizem os documentos:

“..................................
o vereador mais velho Paulo do Amaral arvorou o dito pendão por tres vezes deizendo em cada uma Real Real Real por El rei dom João o quarto de Portugal respondendo a cada uma destas vezes todos os circumstantes com mil vivas e jubilos em o dito altar que estava preparado em o qual assistia o reverendo padre vigario revestido com o sobre peliz e estola em um livro dos Santos Evangelhos ou missal jurou nelle o dito capitão mór João Luiz Mafra de conhecer e manter por estes reinos de Portugal ao senhor dom João o quarto rei de Portugal promettendo-lhe a menagem desta capitania e que a não entregaria senão a sua real magestade ou a seu certo recado e acabado tornou o dito vereador a tremular com o dito pendão tres vezes dizendo Real Real por El Rei dom João o quarto de Portugal a quem seguiam os vivas e jubilos dos mais circumstantes e sahindo da dita procissão a casa do concelho donde havia de ficar o dito pendão por remate de tudo antes de se recolher o dito vereador fez as ditas cerimonias arvorando tres vezes o dito pendão ao que se seguiu a acostumada e aprazivel voz de todos com mil vivas e jubilos e por aqui se deu fim a esta tão festejada como alegre cerimonia de que mandaram fazer este auto de juramento e obediencia e eterna vassalagem e sujeição ao dito senhor rei dom João o quarto de Portugal em que

assignara e eu Manoel Coelho escrevi. / João Luiz Mafra / Antonio Raposo Tavares / Francisco Pinheiro Raposo / João Fernandes de Saavedra / Paulo do Amaral / João Martins de Heredia / ..... Miguel Garcia Carrasco ...... frei João da Graça dom abbade de S. Bento frei Manuel de Santa Maria ....
....
.... Custodio / frei Francisco dos Santos guardião ambos de São / Fernão Dias Paes / Antonio Pompeu de Almeida / Francisco Rodrigues da Guerra / O licenciado Francisco de Chaves / o vigario Manuel Nunes / Francisco Velho de Moraes / João Ferreira Coutinho / Lourenço Castanho Taques / Victor Antonio e Castro Novo / padre Manuel Madureira Bernardo de Quadros / dom Francisco de Lemos / Manuel Lourenço de Andrade / Luiz Rodrigues Cavalheiro / Balthazar de Godoy / Claudio Furquim / Manuel Mourato Coelho / Domingos da Rocha frei Vicente de Brito frei Antonio de Santo Estevam frei Domingos da Luz frei Domingos da Encarnação Antonio Pedroso de Alvarenga / Antonio Ribeiro de Moraes / Ascenso Ribeiro / João Raposo Bocarro / Francisco da Fonseca Falcão / Gregorio Fagundes / Francisco Martins.

Como se vê, este auto de acclamação não tem data, em virtude de haver o tempo deteriorado o papel onde estava escripto o cabeçalho. Existe, porém, uma

certidão, logo a seguir esse documento que traz a data de tres de abril de 1641 e a elle se refere, como se pode vêr:

«Certidão»

«Certifico eu Manuel Coelho da Gama, escrivão da Camara desta cidade de S. Paulo e tabellião do publico judicial e notas nella e dou minha fé em como aos tres dias do mez presente de abril se jurou e recebeu nesta villa junto a nobreza della e mais povo, por rei legitimo dos reinos de Portugal, ao senhor D. João o quarto deste nome que Deus guarde, fazendo-se todas as cerimonias conteudas no auto atraz em que assignaram alguns delles confessando o dito povo uniformemente ao dito senhor D. João o quarto por seu rei e senhor, promettendo-lhe obediencia, lealdade e eterna vassalagem por bem do que passei a presente por mim feita e assignada no dito dia acima da era de mil e seiscentos e quarenta e um annos — Manuel Coelho da Gama.

(*«Registo Geral»,* vol. VII, supplemento 205).

A' vista, pois, destes dous documentos, evidente se torna, que a verdadeira data da acclamação, em S. Paulo, do monarcha Bragança, foi tres de abril de 1641; e, como consequencia logica, tambem incontestavel, faz-se, que, Amador Bueno foi acclamado em 1.º de abril, visto como esta acclamação antecedeu a do principe bragantino.

Veiu, pois, como se vê, a descoberta destes dous documentos de publicação official desfazer uma duvida e um erro que se accentuavam na nossa historia, pois a já mencionada obra de Ermelino de Leão, recentissimamente sahida a lume, muito convictamente affirma: não haver documentos que provem terem as acclamações tido logar nos primordios de abril *(Vultos do passado paulista*», 145). E' que o escriptor paranaense não teve a necessaria argucia de proceder á devassa da documentação impressa, deixando de compulsar os volumes do «*Registo Municipal*».

A causa, porém, desse erro que ameaçava se enraizar nas paginas da nossa historia, está no pouco cuidado dos que a tem estudado se limitando a copiar o já impresso, abstendo-se das pesquisas originaes, pois que chegam muitos historiadores a ignorar o nome do proprio governador da capitania nesse anno de 1641 !!! Parece incrivel que se tenha affirmado ter sido o capitão-mór nessa época um tal Luiz Leme (talvez attribuindo a Luiz Dias Paes Leme, o bandeirante, ja nosso conhecido), quando é certo não figurar nos documentos esse nome como exercendo o mencionado cargo da governança! Ermelino de Leão, corrigindo esta assserção, diz que o capitão mór na occasião foi Francisco Pinheiro Raposo e, naturalmente, o mesmo signatario do auto de acclamação de dom João IV, como vimos acima.

A emenda nos parece tão errada quanto o soneto, pois o capitão môr era João Luiz Mafra, como se vê dos documentos impressos, estando de accôrdo com a verdade o saudosissimo João Mendes, que isso affirmava.

Reintegrada, pois, a verdade historica e banida qualquer duvida existente sobre a verdadeira data das

acclamações, com elementos irrefutaveis, como os que estampamos acima, estão ellas definitivamente perpertuadas na nossa historia, marcando os episodios, que tanto enobreceram o caracter paulista.

Dignas seriam, principalmente a de Amador Bueno de um monumento que as perpetuasse á posteridade da nossa «urbs», evidenciando não só a lealdade desse vulto paulista, que foi Amador Bueno, antepassado de milhares de brasileiros contemporaneos, como a gratidão do presente ao passado remoto, que testemunhou o primeiro movimento nacionalista da patria brasileira.

A ingratidão e mais ainda a ignorancia dos presentes, em assumptos da nossa historia, têm impedido que tal preito seja levado a effeito.

XV

Diversas expedições ao sertão (de 1640 a 1650)

Segundo soccorro ao nordéste.

No anno de 1640, deveria ter sahido de S. Paulo a bandeira que se bateu no combate de M'Bororé, em março do seguinte. Como já dissemos, não podia ella ser muito grande e sem duvida são exaggeradissimos os effectivos que, a seu respeito, relatam as chronicas jesuiticas que, ainda nisto, se evidenciam parcialissimas contra a gente de S. Paulo.

Nem a pequena villa do planalto poderia nesse anno enviar ao sertão sulino uma expedição de proporções avultadas. No nordeste em porfiada lucta contra os flamengos, estaria ainda o importante corpo de soccorro enviado de S. Paulo, sob o commando do mestre de campo Raposo Tavares e dos cinco capitães, commandantes das companhias. Justamente nessa occasião em que se feria M'Bororé, ao se ter a noticia, em S. Paulo, da elevação dos Braganças ao throno portuguez, então separado da Hespanha, grande quantidade de povo acclamava Amador Bueno, rei de S. Paulo e, quasi ao mesmo tempo, outra multidão fazia o mesmo em relação a D. João IV.

Foi tambem em 1640, quando deveria ter já

partido a gente paulista de M'Bororé, que os hollandezes desembarcaram em Santos, em um «raid», de tentativa de conquista do Brasil meridional, que tanto effeito lhes tinha surtido na Bahia e em Pernambuco, annos antes. Tiveram os paulistas de, á pressa, organizar vultuoso corpo de armas, que, pela serra de Mar abaixo, correu a repellir o invasor, o que conseguiu, não sem ardorosa lucta. Foram os paulistas chefiados, então, pelo, já celebre, sertanista capitão Fernão Dias Paes Leme, como revela o emerito Taunay, na sua já tão citada, quão magnifica, conferencia sobre este mencionado «condotieri».

De sobreaviso, pois, deveriam ficar os bandeirantes de serra acima, contra outras tentativas flamengas, que muito bem poderiam repetir a façanha e encontrar os moradores do littoral, como os do planalto desprevenidos, si não estivessem elles em mobilização continua e ininterrupta. Aliás, era esta a norma de proceder dos paulistas, quando, ao longe, surgia um rebate qualquer de inimigos na costa, ficando, em consequencia, prohibido o bandeirismo.

Tremendas foram, como se vê, as energias, que os habitantes de S. Paulo tiveram de pôr em jogo com tantos perigos e tantas empreitadas em acção.

Não lhes era possivel, com isso, reunir um exercito de 4.000 tupis e 500 a 600 mamelucos, como dizem os jesuitas (Teschauer, loc. cit.), e envial-o contra os frangalhos das organizações da Companhia de Jesus, na margem direita do Uruguay.

Além de tudo isso, ainda haviam bandeiras do sertão, a chefiada por Jeronymo Pedroso de Barros, que é justamente a que julgamos ter militado em M'Bororé, e já por nós assignalada em estudo anterior e uma

outra internada em sertão anonymo, da qual faziam parte os seguintes bandeirantes:

> Vicente Bicudo, Luiz Dias (fallecido no sertão), Francisco Correia, Antonio Gil, Sebastião Gil, Pedro Furtado... Baptista, Antonio Lopes Perestrello, Francisco Barreto, Antonio Agostim e mais outros que escaparam á identificação. (*«Inv. e tests.»*, v. XIII, 434, testamento de Luiz Dias).

Em setembro de 1642, deveria estar de retorno ao povoado paulistano esta expedição.

Um anno antes, em setembro de 1641, aprestava-se em S. Paulo importante leva, para ir ao sertão, cousa que, chamou a attenção da governança, ainda abalada pelo recente «raid» e desembarque flamengo em Santos, pelo que o procurador do conselho requereu que:

> «... a sua notisia hera vindo que se aviavam desta villa mais de sesenta pessoas moradores della pera hirem ao sertão contra as leis provizões prohibições de sua magestade que pedia e requeri aos juizes ordinarios q logo e com efeito impidisse a tal hida do sertão procedendo com todo o rigor contra as ditas pessoas e prizão e sequestro de todos seus bens e indios de seu serviço postos nas aldeas pera que obrigadas de rigores deixasse de fazer hum tão grande desservico de s' magde...». (*«Actas»*, vol. V, 107).

e com tão poucos meios de impedir tal entrada se encontrava o procurador, que, talvez, já ella tivesse abandonado o povoado, em direcção a Itanhaem, onde, provavelmente, deveria embarcar com destino ao sul, segundo se deprehende do requerimento. Proseguia o procurador no seu peditorio:

> «... e outrosi requeria aos ditos officiaes da camera mandassem pasar precatorio ao capitão mór e ouvidor da capitania e repartição da condeca do vimieiro e offes. da camera de tinhaem impedriem com todo o effeito que por aquella capitania não pasase gente gente nenhua ao dito sertão nem della sahisse e do contrario protestavão de que e magde sendo informado mandar proceder contra elles e se haver per suas fazendas e bens todas as perdas damnos que da dita hida e viagem resultassem e que se fixasse quartei...» *(«Actas»,* v. V, 107).

E' muito possivel, e as datas comparadas o admittem, que esta expedição, que este citado documento municipal nos dá noticias e do qual se deprehende, com clareza, de nada terem adeantado as medidas severas annunciadas pelo procurador do conselho, seja a mesma que, um anno depois chegou a São Paulo, e da qual demos noticias acima, com uma lista de bandeirantes, conseguida graças ao testamento de Luiz Dias, fallecido no sertão.

Depois destes emprehendimentos, não nos outorgaram os documentos examinados, nenhum esclarecimento novo a respeito do bandeirismo, até 1643, quan-

do sahiu de São Paulo, uma bandeira sob a chefia de um tal João Pereira, desconhecido homonymo do capitão mór Botafogo, meio seculo atrás, da qual fez parte um dos grandes sertanistas do tempo, o capitão Jeronymo da Veiga, que, na opinião de Azevedo Marques, foi dos maiores potentados paulistas, pela sua grandeza em cabedaes. Era elle filho de Belchior da Veiga, não mencionado por Silva Leme, e genro de João Gago da Cunha.

Divergindo da direcção sul, então tomada pela totalidade das entradas, que procuravam os grandes celeiros de indios, já domesticados das reducções, de além Tordezilhas, esta expedição de Jeronymo, da qual tambem foi componente Salvador de Edra, tomou o rumo norte, já quasi esquecido no passado, pelos paulistas, para entrar no sertão dos indios guaromimis, depois chamados guarulhos, affins dos guayanazes, que ficavam em territorio actualmente de Minas Geraes, na vertente de além Mantiqueira, no alto Sapucahy, e vizinhos dos Puris e Caetés (Gentil de Moura «*A Villa de Taubaté*», «*Rev. do Inst. Hist. de São Paulo*», v. XX, 546 e 552), todos de raça tapuia (Nelson de Senna, «*Rev. Inst. Hist. Braz.*», tomo esp. vol. II, 530, Theodoro Sampaio, ibidem 563).

Eram estes territorios da vertente opposta da Mantiqueira, quasi exclusivamente trilhados, pelos companheiros de Jacques Felix, que sobre o Parahyba, nessa occasião, assentavam o alicerce de Taubaté. Trouxe Jeronymo a São Paulo, nessa occasião, grande numero de peças guaromimis que estabeleceu em sua fazenda de Caucaya.

Revelou-nos esta entrada o inventario de Pedro Rodrigues de Beja, no qual Jeronymo da Veiga fora curador de um orpham, Pedro Rodrigues, tendo

levado para o sertão um carijó a este pertencente. («*Invent. e tests.*», v. IX, 248 e seguintes).

Sem entrarmos no conhecimento de bandeiras, já sabidas, como a que Pedro Taques nos revela em 1644, sob o mando de Jeronymo Bueno, anniquilada no Paraguay, e para as quaes nada adeantam os documentos publicados, vamos em 1645 encontrar, em sertão anonymo, uma bandeira sob a chefia do capitão mór João Mendes Geraldo e com os seguintes comcompanheiros conhecidos:

> Capitão Francisco de Siqueira, Antonio Bicudo de Brito, Bernardo Bicudo, João Bicudo de Brito, Antonio Pedroso de Alvarenga (talvez o segundo deste nome), Manuel Domingues, Belchior da Costa, Luiz Castanho de Almeida, Christovam de Aguiar Girão, Manuel Girão, Pero da Silva, Miguel Gonçalves Corrêa, Antonio Gomes Borba, (fallecido no sertão) e Francisco Ribeiro de Alvarenga. («*Invent. e tests.*», v. XI, 347 a 370, inv. de Antonio Gomes Borba).

Infelizmente o documento, onde fomos colher a noticia desta empreitada sertaneja, não nos valeu para sabermos mais alguma cousa a respeito della.

Nesse anno de 1645, de Santo Antonio das Cruzes de Mogy, hoje Mogy das Cruzes, o capitão Sebastião Fernandes Camacho se punha a frente de uma expedição de descoberta de metaes, conforme se vê do texto seguinte:

> «... a notificar ao capitão Sebastião Fernandes Camacho por uma ordem por escripto que o dito senhor me deu como governador das minas e reaes quintos da

Casa da Moéda deste Estado; a que com pena de crime; de lesa magestade e confiscação de seus bens, e de se proceder contra elle com todo o rigor não fizesse ás partes donde o intentava e fazendo a dita modificação o dito Sebaštião Fernandes Camacho me respondeu que ia ao serviço de sua magestade como leal vassallo ao descobrimento das minas e metaes e particularmente ao de prata de que tinha bastante noticia; e que tinha feito grandes gastos por serviços do dito senhor; e que havia de seguir sua viagem emquanto sua magestade não mandasse o contrario...». (*«Registo»*, v. VII, 216).

No anno de 1646, além da chegada a S. Paulo da bandeira de João Mendes Geraldo, de que demos noticia acima, só encontramos referente ao bandeirismo, que em fevereiro desse anno partiu de S. Paulo, para o sertão, uma formidavel bandeira, como assegura o seguinte texto documental:

«... porquanto a mor parte dos moradores desta villa e ainda os de maiores poses estavam de caminho para o sertão sem nenhum temor de Deus nem das justiças dezamparando esta capitania e deixando a exposta a notaveis perigos sobre o que por duas vezes se tinha deprecado ao capitão mór da capitania a villa de Santos requerendo-se lhe viesse a esta atalhar estes excesssos...». (*«Actas»*, v. V, 262).

E' facto verdadeiramente notavel ter esta bandeira denunciada por este documento municipal com-

posta da maior parte e dos maiores potentados da terra passado despercebida a Pedro Taques, bem como a qualquer outro illuminador das trevas do nosso passado. Para onde ter-se-hia dirigido esta léva, que deixava desamparada a villa paulistana, exposta aos perigos e ao terror, que os cruzeiros flamengos lhes causavam; tanto mais quanto já tremenda ia de novo a guerra que os patriotas pernambucanos moviam ao intruso invasor?

Qual o emprehendimento que de longe no sertão distante attrahia a actividade de tantos bandeirantes, o qual não reflectiu, ainda, nas paginas de nossa historia conhecida?

E' o que fica ao futuro responder, quando os documentos do nosso archivo tiverem sido melhor estudados, por algum paciente rebuscador que vá escavar essa mina riquissima, até agora soterrada na poeira do esquecimento.

Em outubro ainda de 1646, o governador geral, o varonil Antonio Telles da Silva, capitão mór da Bahia, em carta dirigida aos officiaes da Camara paulistana, os convida a, uma vez ultimados os accôrdos a Hollanda (!) preparar uma expedição que fosse conquistar o Rio da Prata:

> «... e em se concluindo as conveniencias, com Hollanda se emprehender com esta armada a conquista do Rio da Prata. (*«Registo»*, v. II, 170).

Desta esquadra mencionada um dos barcos deveria ser construido pela villa de S. Paulo:

> «... me pareceu encomendar e encarregar a vossas mercês que com toda a brevidade façam por mão a fabrica deste

barco de maneira que se veja no effeito a demonstração com que espero que desempenhem vossas mercês...». Ibidem).

Barco que S. Paulo naturalmente equipararia e que sortiria de soldados para a ousada empreitada.

E' o sonho que Manuel Lobo, em 1680, realizou, em parte, com a fundação da Colonia do Sacramento. Tivessem, porém, os portuguezes conseguido esses referidos accôrdos com a Hollanda, hoje, sem duvida, as placidas do Prata reflectiriam as côres da nossa bandeira.

Que era a conquista do rio da Prata para os paulistas, que já haviam humilhado Castella, no Guayrá, no Tape, no Paraguay e no Perú, tendo mesmo os esculcas bandeirantes marchado contra Buenos Ayres?

A doce illusão de Antonio Telles da Silva, de Portugal ligar-se á Hollanda, contra a monarchia dos Filippes, fôra-se com a apparição dos canhões ameaçadores de Segismundo van Schkoppe, no reconcavo bahiano, de tal modo que, logo um mez depois do plano acima referido ter sido communicado á Camara paulistana, nova carta escrevia o governador aos officiaes municipaes de S. Paulo, não mais para propôr uma arrogante offensiva contra os antigos confederados castelhanos, mas para implorar o auxilio de 200 homens para a guerra de Pernambuco e contra os hollandezes que invadiram territorios até ao rio S. Francisco, e que fossem elles por terra, acompanhados de 2.000 indios.

São realmente admiraveis essas cartas de Telles da Silva, pois nessa occasião o poder hollandez estava em cheque pela victoriosa campanha dos brasileiros sublevados, que já cercavam o Recife.

Em março do anno seguinte, em 1647, apenas Segismundo, ainda fazia plantão com suas vélas deante de São Salvador, tendo mesmo desembarcado gente na ilha de Itaparica, e com isso mais urgente se tornou o soccorro paulista.

Além da tropa de 200 brancos e 2.000 indios, o governador pedia mais gente, tendo para isso enviado barcos que mais depressa os levassem a Bahia. (*«Registo»*, v. II, 172 a 174).

Muito pouco se sabe a respeito desta expedição de soccorro que S. Paulo enviou a Bahia. Pedro Taques apenas menciona as cartas de Telles da Silva á Camara paulistana. (*«Nobiliarchia»*, *«Rev. Inst. Hist. Bras.»*, XXXIII, p. 1.º, 221-229), e que ella seguiu em junho de 1647 sob o commando de Antonio Pereira de Azevedo.

De facto, Antonio Pereira de Azevedo, a 30 de junho desse anno, se apresentou a Camara, offerecendo-se para ser: *«Capitão de uma companhia de soldados que nesta dita villa se levanta para ir á praça da Bahia»*. (*«Registo»*, v. II, 175).

Nada se sabe ao certo si essa companhia foi levantada com o effectivo de 200 homens e mais 2.000 indios, numeros elevados de mais para uma singela companhia. Não encontramos documento algum que prove a partida da expedição.

Tambem é ignorado si, anteriormente a esta léva, já haviam seguido outras através do sertão, como queria o governador.

Pesquizas no archivo bahiano, ou mesmo no Nacional, poderiam fazer certos esses pontos do nosso passado.

XVI

Raposo Tavares, Campeador de Minas (1648-1652).

Ainda ha bem pouco tempo, quando a nossa historia jazia, quasi por completo, immersa na vastidão do oceano do desconhecido e apenas raros sedimentos se depositavam, vagarosamente, por sobre os escriptos que da immensidão do passado nos haviam legado Pedro Taques e frei Gaspar da Madre de Deus, grande era a confusão em torno de Antonio Raposo Tavares, essa figura lendaria do rei dos sertanistas e glorioso emulo do cavalheiresco Nuñez de Balbôa.

As innumeras e incriveis façanhas do heróe seiscentista eram arbitrariamente distribuidas entre varios outros moradores de S. Paulo antigo, seus homonynymos, o que embaçava sobremodo o brilho da extraordinaria personalidade dessse homem previlegiado.

Por outro lado, a tradição e o grande acervo de lendas pullulando em redor do bandeirismo mais obscureciam, com as roupagens carnavalescas da phantasia, encampadas por todos os chronistas e historiadores, a verdade historica, distinctora do unico autor de tantas paginas gloriosas do passado paulista.

Nessa meada, onde a confusão dos nomes de Antonio Raposo se misturava com tantos erros grosseiros, que, com o passar dos annos, vão sendo eliminados a bem da historia, foi preciso que Washington Luis, munido de seu talento de pesquizador e armado do alvião da paciencia, fosse derrocar os nossos archivos originaes, para delles tirar as peças documentaes com que, nos apresentou, entre os seus muitos trabalhos, a reconstituição exacta da grande figura de Raposo Tavares, com a sua vida e os seus feitos magnificamente analysados. Não tivesse o emerito historiador, no seu activo de serviços á causa sagrada do passado, trazido da poeira da documentação archival tantos conhecimentos novos, só este de reedificar o vulto de Raposo Tavares, é digno da gratidão dos que se entregam á religião dos antepassados cyclopicos da raça.

Assim, pois, foi graças a Washington Luis, que se ficou sabendo ter sido Raposo Tavares o destruidor do Guayrá, conquistador do Itati, avassallador do Tape, como chefe dos paulistas companheiros de Luiz Barbalho, na celeberrima retirada, e o autor do maior cyclo de devassamento de terras americanas, dominando os Andes do Perú e da Nova Granada, e navegando as aguas placidas do «Rio Mar».

E' justamente sobre esta ultima e magestosa empreitada de Raposo, que giram as nossas apreciações. Por que se abalançaria elle a tão formidavel entrada, empenhando-se afoito, já na lucta contra a féra natureeza, já na guerra que, as suas armas temerarias ousaram levar aos reconditos alcantis andinos, onde imperavam os leões de Castella?

Por que por quatro longuissimos annos de phantastica caminhada andaram Raposo Tavares e sua gente

diminuta devassando a America hespanhóla, na vereda da conquista e na senda do desbravamento?

Por que tanto esforço e sacrificio, em tão dura e agreste avançada?

A conquista do indio em que se esmerára o valente «*condotieri*», não era certamente o seu objectivo, pois, para isso, tanto não se fazia mister. Abundavam ainda os guaranis, nas reducções jesuiticas do territorio mesopotamico da Provincia do Rio da Prata, e o Paraguay era ainda um celeiro fecundo de servos já mansos e baptizados. Que o digam as bandeiras que Braz Rodrigues de Arzão e Barbosa Calheiros levaram em 1651 aos sertões sulinos demandando o Prata, como ensina o erudito Taunay, ou as quadrilhas que este mestre doutissimo encontrou, pela documentação hespanhola, destruindo malócas, reducções e «encomiendas», na serra de Maracajú, em 1648 precisamente!

Qual então a móla, que impulsionou o vôo triumphal da aguia bandeirante de São Paulo, por sobre as geleiras andinas de Castella?

E' o que vem responder um tão interessante quão precioso documento, por nós encontrado na documentação de publicação official, elucidando um ponto que permanecia nas trévas ignoto e accrescentando mais uma noticia á maior empreitada de bandeirismo do seculo XVII.

Não conseguiria o afan das bandeiras de conquista do indio e do territorio, bem como os echos longinquos, porém estrepitosos, das durissimas pelejas da guerra hollandeza, apagar na imaginação dos paulistas os sonhos de incommensuraveis riquezas a explorar no sertão distante, implantados pelas expedições de d. Francisco de Sousa, no começo do seculo. Assim é

que, logo á separação dos dous reinos ibericos da peninsula, com a ascenção dos Braganças se reanimou em S. Paulo a ambição do ouro, da prata e das pedrarias.

Não era para menos, pois Potosi e o Mexico, pelo muito que ainda davam á Hespanha, faziam inveja á côrte lisboeta, em apertos com a carissima paz da Hollanda!

Foi nessa occasião que, á frente de um punhado de homens, partiu o mestre de campo Antonio Raposo Tavares, em busca de minas a descobrir, internando-se pelo Paraguay nas possessões castelhanas, onde attingiu á cordilheira andina, dir-se-hia que á procura do precioso metal, nas proximidades de Potosi, onde já Antonio Castanho da Silva, bandeirante paulista, havia penetrado tempos antes e ahi fallecido em 1622. O documento a que supra nos referimos e que prova ter Antonio Raposo Tavares ido campear metaes ou pedraria é um «*traslado e registo da patente de capitão mór Manuel de Sousa Silva*», constante do vol. II, pag. 489 a 493, do «*Registo Geral*». Eil-o nos dizeres que nos interessam:

> «Dom Affonso por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa senhor da Guiné e da conquista navegação e commercio de Ethiopia Arabia Persia e da India etc. faço saber aos que esta minha patente virem que por o Marquez de Cascaes Dom Alvaro Pires de Castro donatario da capitania de São Vicente e São Paulo no estado do Brazil me haver proposto para capitão della tres pessoas na forma das minhas

> ordens para eu escolher e nomear o que fosse servido e ser uma della o alferes Manuel de Sousa da Silva que me tem servido algum tempo no Maranhão achandose com o Capitão Pedro da Costa Pavella no castigo que foi dar ao gentio truquejão por commerciar com os hollandezes acompanhando depois ao MESTRE DE CAMPO ANTONIO RAPOSO TAVARES POR SEU ALFERES NA VIAJEM QUE FEZ EM DESCOBRIMENTO DE MINAS QUE DUROU QUATRO ANNOS, e.......».

Ora, Raposo Tavares só foi mestre de campo depois que esteve no nordéste, commandando o primeiro soccorro paulista em 1640-1641, e a unica bandeira que delle se tem noticias, depois dessa data, é a que partiu em 1648, voltando em 1652, depois de ter andado por invios sertões, justa e precisamente quatro annos, como reza o documento supra mencionado.

Faz certo, pois, este texto não só ter Manuel de Sousa da Silva acompanhado a bandeira de Raposo, como seu alferes, como ter sido objectivo della a exploração de territorio, em busca de minas.

Talvez tenha o notavel sertanista seguido a esteira deixada, meio seculo antes, por Nicoláu Barreto, e dahi penetrando em terreno paraguayo de Castella, que feriu de rijo, para sahir na bacia amazonica, sendo de crer tenha elle procedido a devassas, attrahido pela fama de Potosi, bem como pelo rumor do ouro do paiz do Ophir.

O sólo foi, porém, ingrato ás pesquisas do bandeirante, que tão ao longe, no regaço da formidavel cordilheira e nas margens do caudal immenso, foi pa-

tentear a grandeza da raça, como que querendo comparal-a aos dous monumentos gigantescos que a natureza implantára na America sulina.

Não ha noticias de ter Raposo algo encontrado na sua incursão, que nem por isso deixou de ser um marco milliario no desbravamento das nossas selvas e uma gloria immoredoura para a gente de São Paulo.

O documento que estampamos, sem ter illuminado inteiramente este feito memoravel, foi, porém, o esclarecedor de seu objectivo. Outras pesquizas futuras a fazer, por quem melhor proveito souber tirar dos documentos, terão em conta, sem duvida, este ponto de partida para mais profundas conclusões.

Ainda a descoberta do documento, que é objecto deste estudo, se deve a Washington Luis com a publicação dos nossos archivos, manancial soberano, de onde jorram aos borbotões, crystallinos conhecimentos sobre a historia do bandeirismo.

XVII

Diversas expedições ao Sertão de 1640 a 1650.

Em fevereiro de 1647, quando se aviava em São Paulo o soccorro á Bahia, aprestava-se tambem, para partir, uma outra expedição, com o fito, pelo menos apparente, de descobrimento da prata, a qual seria capitaneada por Antonio Nunes Pinto, que devia levar apenas 12 homens comsigo, segundo demonstra o zeloso requerimento do procurador do Conselho, na vereação de 16 de fevereiro de 1647:

> «... porqto van a buscar o gemtio e nam ao descobrimto da prata e que fose notificado antonio nunes pto. que nam levase mais gente em sua compa. que a que tinha nomeado nesta camera por hu rol que eran doze homes e outrosi requereo mais o dito procurador do conselho que sendo cazo que o dito ant.o nunes pto. indo a busca da prata que hia descobrir que todo o gentio que troxese ho puzesem nas aldeas de sua magde...». *(«Actas»,* v. V.o, 294).

Nada mais rezam os documentos, dahi por deante, em relação ao destino tido pela léva de Antonio Nunes

Pinto, que, certamente, nada encontrou de prata nem de outro qualquer metal.

Bem mais vultuosa que a de Antonio Nunes Pinto foi a bandeira de Antonio Domingues, assignalada no sertão, em vinte e cinco de junho de 1648, graças aos testamento e inventario, feitos por morte do bandeirante Affonso Dias, de onde tiramos a seguinte lista de membros da expedição:

> Capitão Antonio Domingues (cabo da tropa), (Silva Leme não menciona este mambro da familia dos Domingues, talvez fosse elle irmão de Amaro Domingues e filho de Pero Domingues o velho), Pero Domingues, o moço, João de Oliveira, (Sutil de Oliveira, que fez parte do primeiro soccorro a Pernambuco, e outras bandeiras, já mencionadas por nós), Domingos Cordeiro, o moço, Francisco Cordeiro, Pero Cabral de Mello, João Paes Malio, Manuel Domingues, Antonio Cordeiro, (o futuro capitão mór de Jundiahy, Antonio de Oliveira Cordeiro), Jorge Ferreira da Rocha, João Ferreira, Roque Lopes do Amaral, Balthazar Ferreira, Affonso Dias (o fallecido), Antonio Martins, Balthazar Carrasco dos Reis, Matheus Serrão, Jorge Gonçalves, Pero Correia da Silva, Paschoal Dias, o moço, Jeronymo da Silva, João Dias, Martim Rodrigues, Simão Rodrigues Coelho e Affonso Fernandes. (*«Invent. e tests.»*, v. XV, 52 a 60).

Infelizmente, nesses documentos examinados, não encontramos dados para concluir quaes as paragens,

por onde andou, essa grande turma de desbravadores do sertão e conquistadores de indios.

Não voltou ella a S. Paulo, porém, antes de outubro de 1649, data do «cumpra-se» de testamento do fallecido Affonso Dias.

Quaes teriam sido as regiões attingidas por essa bandeira?

Seria ella, porventura, uma das muitas bandeiras assignaladas, pelos documentos hespanhóes, em terras do governo do Paraguay, nesse anno de 1648, assaltando as aldeias ao norte da serra de Maracajú, das quaes nos dão conta a pena perscrutadora do notavel historiador dr. Taunay?

Ou talvez fosse ella uma parte do segundo soccorro paulista ao nordeste occupado pelo batavo de Nassáu, que deveria ter tomado o caminho terrestre, sahindo de S. Paulo em 1647?

São apenas conjecturas que se esvoaçam dos laconicos documentos citados, bem como das datas das empreitadas referidas, mas que, entretanto, dellas sahir seria por demais temerario, visto como nada ha, por emquanto, que as solidifique.

Ainda nesse anno de 1648, no mez de maio, nos revela documentação impressa paulista uma outra expedição, iniciando a descida pelo Tieté, de onde deveria se internar no sertão ignoto, talvez demandando o sul de Matto Grosso ou o Paraguay.

Quando, ainda no porto de Pirapitinguy, «*estando para embarcar a fazer uma viagem rio baixo*», Pedro Fernandes, lembrando-se dos perigos que ia atravessar, teve a boa idéa de fazer o seu testamento, graças ao qual não ficou a léva de que era parte postergada ao esquecimento, por isso nos foi possivel organizar o seguinte ról de bandeirantes:

Antonio Pereira de Azevedo, Pero Fernandes, Francisco Bicudo Furtado, Vicente Annes Bicudo, Antonio de Andrade, Miguel de Qdo. Martinho, Sebastião de Peralta, Francisco Diniz e Manuel Velho Moreira. («*Invent. tests.*», v. XII, 397).

Não designando com precisão o destino desta expedição, o documento, entretanto, faz notar uma interessantissima particularidade, digna da maior attenção, e que traz não poucas reflecções a respeito della.

Como vimos, do ról acima consta o nome de Antonio Pereira de Azevedo. Ora, o paulista deste nome é o que, em junho do anno anterior, se havia proposto a chefiar a tropa paulista de soccorro á Bahia, ameaçada por Segismundo Schkoppe, conforme já fizemos notar em escripto anterior.

Si elle, em junho de 1647, partiu commandando esse soccorro, como affirma Pedro Taques («*Nobiliarchia*», loc. cit.) e como fazem entender os documentos que iria partir, como se explica, que logo, em 1648, esteja elle, em bandeira, para descer o Tieté?!!

Poder-se-hia, talvez, explicar, com a hypothese de ser a bandeira da qual fez parte Antonio Pereira de Azevedo nada mais do que o proprio soccorro paulista á Bahia, do qual foi chefe o mesmo Pereira de Azevedo. E', entretanto, esta hypothese absurda, visto como o Tieté conduz á direcção opposta á que foi alvo do soccorro paulista.

Neste caso, então, só duas explicações são viaveis. Ou em S. Paulo haveria dous moradores, bandeirantes, com o mesmo nome de Antonio Pereira de Azevedo, cousa que é muito difficil admittir, ou Antonio Pereira de Azevedo nunca seguiu para a Bahia

chefiando o soccorro paulista, que, ou não se effectivou, ou seguiu commandado por outrem. Pensamos ser esta a hypothese mais provavel, ficando em erro Pedro Taques.

Foi ainda nesse 1648, que de S. Paulo sahiu a memoravel expedição que Raposo Tavares, o maior bandeirante do tempo, levou até ás boccas do Amazonas, depois de ter assaltado as reducções de Bolaños, Xerez, Itutin e N. S. da Fé, em combinação com outra bandeira chefiada pelo mameluco «*matador de indios*», André Fernandes, segundo documentação hespanhola, revelada pelo egregio historiador dr. Affonso Taunay, pelo «Correio Paulistano». (Enganou-se Silva Leme, que, na «*Geneal. Paulistana*», vol. VII, 225, diz ter André Fernandes fallecido em 1641).

No anno de 1649, no mez de março, fazia Bernardo Bicudo o seu testamento, no sertão, onde falleceu, denunciando, assim, a léva do capitão Francisco de Paiva, em companhia da qual estava elle bandeirando. Conseguimos, desta entrada, saber os seguintes componentes expedicionarios:

> Lazaro Diniz, Christovam Diniz, Domingos Dias Diniz, Manuel Collaço de Oliveira, Domingos Nunes Bicudo, Domingos Paes da Silva e Bernardo Bicudo, o fallecido. (*«Invent. e testam».*, v. XV, 176).

Absolutamente desprovido de qualquer elemento, do qual se pudesse tirar uma qualquer illação sobre o fim desta bandeira, ficamos na impossibilidade de commental-a.

Com esta expedição, encerra-se a primeira parte do seculo de bandeirismo, que nos propuzemos a estudar.

A documentação paulista, tão parca, nas revelações sobre os feitos dos nossos maiores, nem assim, porém, nos deixou sem pontos de partida, dos quaes foram possiveis importantes conclusões, que certamente não poderão ser desprezadas na confecção definitiva da historia das bandeiras, a pagina mais gloriosa do passado brasileiro; e que, com a guerra hollandeza, fórma os pilares graniticos da nossa nacionalidade e a evidencia mais patente de uma raça definida e pujante, merecedora do futuro grandioso, do qual somos testemunhas envaidecidas.

XVIII

(1650 - 1660) — Domingos Barbosa Calheiros, Luiz Pedroso de Barros, Antonio Pedroso de Barros.

Ao se iniciar a segunda metade do seculo dos seiscentos, um «raid», verdadeiramente notavel, implantou no bandeirismo um marco memoravel, testemunhando a audacia dos sertanistas de S. Paulo. Foi no anno de 1651, conta-nos Taunay, que varios bandeirantes acompanhando Domingos Barbosa Calheiros e Braz Rodrigues de Arzão, chefiando algumas quadrilhas de assalto, perambulando pelos sertões sulinos em razzias e correrias, chegaram á vista da cidade, hoje argentina, de Corrientes, no termo mezopotamico de Castella, entre as missões jesuiticas, não trepidando, mesmo, em marchar sobre a, hoje magestosa, capital portenha, Buenos Aires. (*«Correio Paulistano»*, 11-10-921). Dessa arrancada phantastica que Taunay descobriu, analysando a documentação castelhana, conseguiu o mesmo mestre nos apresentar alguns nomes de chefes de quadrilhas que constituiram a expedição. Divergimos, ligeiramente, do doutissimo historiador, na identificação desses nomes, mal graphados nos papeis hespanhóes.

Francisco Ribeiro poderia ser identificado com o que foi inventariado em 1683 (*«Invent. e tests.»*, vol. XXVII, 540), ou então, de preferencia, com Francisco Ribeiro de Moraes, fallecido no sertão em 1665, (*«Invent. e tests.»*, vol XVI, 510), não o podendo ser com Francisco Pires Ribeiro, como pensou Taunay, (*«Correio Paulistano»*, loc. cit.), por ter este paulista, sobrinho do futuro governador das Esmeraldas, nascido em 1656, sendo que, em 1670, ao se proceder ao inventario de sua mãe Sebastiana Leite da Silva, tinha elle apenas 14 annos, (*«Invents. e tests.»*, vol. XXVII, 290, (Silva Leme, *«Geneal. Paulista»*, vol. II, 128 e 454), João Maciel, seria, sem duvida, o filho de João Maciel Valente, cunhado, portanto, de Domingos Barbosa Calheiros (*«Genealogia Paulista»*, vol. VIII, 258); e Jorge Moreira, que foi juiz em São Paulo, (*«Invents. e tests.»*, vol. XVI, seria o outro chefe bandeirante.

Desgraçadamente, pouco se sabe deste feito, que não repercutiu de maneira alguma na documentação paulista, sendo que della só tivemos conhecimento pelas noticias que publicou Taunay, que com tanto brilho se tem dedicado ao estudo da documentação hespanhóla, nas cousas que respeitam ao nosso passado.

Só assim, tal emprehendimento não passou ao esquecimento, banido como foi até então da nossa historia, pela completa indifferença dos paulistas de outras éras, em perpetuar á posteridade os seus feitos grandiosos. Talvez, fosse porque os nossos avoengos habituados com o manifestar continuo das qualidades bellicas de seus pares, não tinham consciencia do quão extraordinarias eram, achando-as naturaes, bem como aos phantasticos prodigios de audacia e temeridade, por elles praticados. Os castelhanos, mais parcos em

cousas desta natureza, e mais providos de loquacidade, que é proverbial, foram mais habeis em escrever as chronicas registradoras dos documentos para a historia.

Nesse anno mesmo de 1651, a bandeira de Barbosa Calheiros deveria ter tornado a S. Paulo, pois que logo ao se iniciar 1652 foi elle eleito juiz ordinario, cargo que occupou durante todo o anno, («*Actas*», vol. V).

Em 1651, no sertão, falleceu João Pedroso de Moraes, filho do celebre «terror dos indios». Ignorando-se o local deste fallecimento e mais detalhes delle, é possivel, entretanto, que tenha elle occorrido na companhia da expedição supra tratada.

Sempre em 1651, havia no sertão ainda outra empreza de preamento de indios, da qual fazia parte, não sabemos com que gráu de hierarchia, o capitão Antonio Pedroso de Barros, um dos maiores e mais ricos potentados paulistas, do «clan» dos Pedrosos de Barros, e irmão de muitos formidaveis devassadores do sertão. Ao fallecer sua mulher Maria Pires, Antonio Pedroso estava no sertão, como se vê do inventario da mesma («*Invent. e tests.*», vol. XV, 470, procedido em maio de 1651. Não se sabe a paragem sertaneja, onde tenha ido o poderoso caudilho paulista.

E' de notar, porém, que no inventario, procedido por sua morte, logo no anno seguinte, em 1652, só encontramos nos arrolamentos dos indios os das nações carijós e guayanazes, ainda bravos e sem baptismo, em numero de 500, mais ou menos, o que denuncia claramente, um recentissimo apresamento, fazendo suppôr que tenham sido trazidos pela bandeira de 1651, da qual fizera parte o fallecido. E', pois, possivel, ter Pedroso penetrado, com sua léva, no territorio do Guayrá devastado, onde encontraria guaya-

nazes, recem-transplantados, para ahi, bem como, carijós, mais para léste, se extendendo pelo sul até ao Rio Grande. E', porém, uma simplississima hypothese, que, infelizmente, não acha base mais seria do que uma ligação de raciocinios.

E' certo, porém, que no anno de sua morte, em 1652, Antonio Pedroso de Barros cooperava em uma bandeira, nessa occasião no sertão para onde havia mandado muitas armas de fogo, segundo se vê do seu inventario, *(«Invent. e tests.»*, vol. XX, 6 e seguintes), além de alguns indios seus.

Quantas bandeiras nessa época, teriam passado incolumes aos registros dos documentos archivaes paulistas! Muito pouca cousa, encontramos, rezando sobre o bandeirismo, após os feitos relatados. Além das bandeiras, que foram ao descobrimento do Sabarabuçú e das minas de Paranaguá, por nós tratadas em separado e com alguns detalhes, só achamos algumas allusões nos documentos, a famosa expedição do capitão Luiz Pedroso de Barros, em 1656, que, por occasião do inventario de sua mãe, Luzia Leme, se encontrava no sertão *(«Invent. e tests.»*, vol. XV, 410), em logar incerto e não sabido, como foi justificado previamente por meio de muitas testemunhas inquiridas, como era do rito processual *(ibidem)*.

Acreditamos que Luiz Pedroso, em 1656, quando os documentos mencionados o assignalam no sertão, já havia partido, no assomo de audacia medieval, para as cumiadas andinas de Perú, onde foi morrer ás mãos dos indios «serranos», como nos ensina Pedro Taques. Assim pensando, estamos, entretanto, affrontando a veneravel autoridade do linhagista, que disse ser sido tal feito em 1662, tendo o heróe paulista partido em 1660. Os indicios encontrados nas inquiriçõees das tes-

temunhas supra referidas são, porém, favoraveis, á nossa hypothese de ter a bandeira tido occasião em 1656.

Talvez, só em 1662, se tivesse em São Paulo conhecimento do glorioso fim do sertanista que tão ao longe levára as armas paulistas.

De facto, com difficuldade se admittiria que o heróe da retirada de Barbalho, havendo antes um pouco de 1656 emprehendido uma entrada, da qual ninguem tinha noticias, ignorando-se em São Paulo o seu paradeiro, tivesse logo depois, em 1660 de novo, partido, sem tomar alento, para affrontar o ex-imperio incaico, em suas enevoadas cordilheiras.

Seja como fôr, a verdade é que em 1656, já ninguem sabia de Luiz Pedroso, em S. Paulo, não havendo, dahi por deante, mais noticias do seu nome nos documentos.

Qual, porém o mobil que, tão distante da villa do planalto, impulsionára o bandeirante audaz? Por que se teria atirado esse valente paulista, com suas armas minguadas, por paragens ignotas, affrontando uma lucta tremenda contra a natureza gigante e uma guerra feroz de mil inimigos humanos?

O apresamento de indios, que a primeira vista poderia parecer, como a miragem tentadora sonhada pelo bandeirante, não póde ser levado em conta, visto como abundavam, ainda, a menor distancia do burgo paulistano, immensas reservas de indios. Além das reducções jesuiticas existentes em possessões castelhanas reunindo dezenas de milhares de servos civilizados e mansos, havia ainda territorios bem vizinhos da capital do bandeirismo, com densa população aborigena e quasi virgens da penetração de apresadores. Taes eram os sertões de além Mantiqueira, que só então começavam a ser trilhados pela gente taubateana do hespa-

nhol Jaques Felix. Taes eram as selvas goyanas ou as do sul do Matto Grosso, onde se accumulavam muitas tribus gentilicas. Com isso, queremos crêr que Luiz Pedroso quizera repetir a façanha, de que Raposo Tavares fôra autor, poucos annos antes, nos terrenos de além Tordezilhas, em busca das minas, como já deixamos provado.

Assim, pois, Luiz Pedroso, egualmente, em serviço de sua majestade, teria partido de S. Paulo atrás do mytho enganador, que a loucura collectiva da época fazia entrever nos altissimos platós castelhanos do Perú. Ainda menos feliz que o grande caudilho, a quem tomára por modelo, Luiz Pedroso de Barros nessa empreitada deixou a vida sangrando de rubro os alvinitentes tópes da grande cordilheira. Tal foi o fim do grande batalhador paulista.

XIX

(1650 - 1660) — Bandeira de Alvaro Rodrigues do Prado — Sabarabuçú — Grande bandeira de apresamento revelada.

A serra resplandecente de Sabarabuçú, cuja fama trouxeram do sertão as bandeiras bahianas de seculo XVI, fôra, já no começo do seiscentismo, a mola que impulsionára Dom Francisco de Sousa, a fazer partir em busca da prata, desses tópes rutilantes a expedição de André de Lião.

Durante cincoenta annos, calaram-se os documentos e silenciaram as chronicas, a proposito do serro phantastico, talvez, já sepultado no olvido de um passado, que se fôra em amargas desillusões, para os que sonharam com os mythos de Aspicuelta Navarro e tantos outros. Quando, porém, Eliodoro Eobanos e Gabriel de Lara, em 1649, descobrindo as minas de Paranaguá, reacenderam a ambição paulista, tendo já partido na sua sublime peregrinação pelos Andes de além Tordezilhas, á procura de minas, Raposo Tavares e já tendo Sebastião Fernandes Camacho, em 1645, seguido em busca de prata, resurgiu o nome sonóro de Sabarabuçú, desde então, nunca mais cessando de acalentar as esperanças dos sonhadores pau-

listas, atirando-os aos mais arrojados emprehendimentos.

Algo antes de 1653, sahiu de São Paulo uma bandeira anonyma, que, após tres mezes de viagem aspera, chegou a Sabarabuçú, cujas minas descobriu, trazendo para São Paulo amostras de prata e de pedras preciosas. Infelizmente, o documento, que nol-a revelou não nos adeanta absolutamente nada para proseguirmos no seu completo conhecimento. Assim, não se sabe quem a tenha chefiado, nem tão pouco os nomes dos seus componentes. A verdade, porém, é que, voltando esta bandeira, até agora desconhecida no ról das investidas contra o sertão, com a sua preciosa colheita, feita em Sabarabuçú, o barulho chegou aos ouvidos de Pedro de Sousa Pereira, provedor da Fazenda Real no Rio de Janeiro e administrador geral das minas da repartição sul, então de passagem por São Paulo, para as minas de Paranaguá, tendo este funccionario resolvido preparar uma bandeira bem apparelhada para a exploração das minas recem-descobertas por essa bandeira anonyma.

Para esse fim, logo se offereceu a Pedro de Sousa Pereira um paulista, que se propunha a chefiar o emprehendimento: Alvaro Rodrigues do Prado, que era pessoa pratica dos sertões, em condições de levar a cabo a exploração e bandeirante antes de 1641, como faz certo o inventario de seu pae Clemente Alvares, («*Invent. e tests.*», vol. XIV).

Já havia Alvaro rompido os sertões muitas vezes, chegando mesmo aos confins castelhanos, onde tivera noticias de preciosidades metallicas (!).

Com tantos dotes de sertanista, foi Alvaro incumbido pelo administrador de organizar a bandeira e a frente della partir para Sabarabuçú.

A bandeira anonyma supra mencionada, bem como a de Alvaro Rodrigues do Prado, apesar de tão importantes marcos no bandeirismo, por terem reiniciado as explorações dos terrenos promissores da zona central mineira, passaram incolumes ás syndicancias dos historiadores, entre os quaes Pedro Taques, que dellas não nos soube dar noticias. Um interessante documento, entretanto, veiu supprir essa laguna, trazendo-as ás paginas da historia paulista. E' esse documento constante da publicação official do nosso archivo municipal e trata-se de uma *Provisão de Pedro de Sousa Pereira passada a Alvaro Rodrigues do Prado, morador nesta villa de S. Paulo. («Registo»*, vol. II, 157 a 360), que diz:

> «Pedro de Sousa, etc......... Faço saber aos que esta minha provisão virem porquanto em cumprimento de uma ordem de sua magestade Deus o guarde e obrigação do cargo de administrador das minas vim a estas capitanias do sul tratar da obrigação e entabolamento e beneficio dellas e achando nesta de São Paulo..... informações grandes noticias de que algumas pessoas antigas haviam ido á serra de Saborabossu no sertão da repartição deste reino de Portugal distancia de tres mezes de viagem pela aspereza delle e haviam la achado pedras de metal de prata e outras diversidades della .... e que algumas haviam trazido que serviram e havendo... ..... a informações do mesmo modo desta serra na capitania do Rio de Janeiro considerando a importancia do descobrimento

della e a obrigação dos haveres que promette tratei de dispor logo ao descobrimento tomando o parecer de homens praticos e experimentados e sertanejos para a .... da pessoa a quem havia de encarregar e semelhante empreza, sendo ..... Alvaro Rodrigues natural e morador arraigado nesta dita capitania elle se me offereceu para fazer a dita jornada, a dita serra de Saborobossú e descobrimento dos metaes e pedras que nela houvessem dizendo que por servir a sua magestade elle com tres filhos que tinha e seus escravos, e mais pessoas que o querem acompanhar e ...... para esse effeito queria logo ..... em caminho e todos .... concordaram que ninguem era mais sufficiente para o tal descobrimento que o dito Alvaro Rodrigues do Prado por ter muitas vezes rompido grandes sertões e chegar nos confins ..... dos castelhanos onde alcançou grandes noticias de ...... e se fundarem e examinarem ..... entre os indios desinteressado e zeloso do serviço de sua majestade e bem da patria o que tudo julguei de sua resolução com animo ...... talento com que me pareceu digno de toda a honra e empreza .... delle que obrará nesta .... reino de Portugal ...... confiança que faço .... muito valor hei por serviço de sua magestade ...... eleger como pela presente faço capitão da dita empresa do desco.... da serra .... de todos os mais capitães e ..... que debaixo de sua ordem se go-

vernem .... do descobrimento digo de descobrir e averiguar tudo .... das minas pedras daquellas paragens ..... com grande clareza e verdade distincção das partes e qualidades ....tidade de amostras que for possivel e por nenhuma maneira tratará o dito capitão e cabo nem consentirá a nenhum dos que o acompanharem escandalisar o gentio daquelles sertões fazendo-lhes guerra nem lhe tomando de suas familias uma só pessoa e o que lhe hei por mui encomendado e encarregado em nome de sua magestade ...... do mesmo modo a conservação dellas e tratando com grande zelo de fazer crer que queremos sua amisade trado e commercio ...... e achando nella sitio e capacidade os aposentará por sua ordem nos logares que convierem ao intento deste descobrimento doutrinando-os para este fim, e ainda deixando com elles quem os conserve até vir dar conta usando com os ditos indios de toda a liberdade que o cabedal lhe der logar e achando que algum da dita companhia altera contra isso alguma cousa ou inquieta os ditos indios o castigará conforme o merecimento do delicto para o que lhe concedo o poder necessario ....
na villa de São Paulo ...... de outubro de 1652, Pedro de Sousa Pereira».

Eis o documento clareador dessa entrada, que atravessou os seculos na penumbra do ignoto, apesar

de marcar uma época na historia da penetração do nosso territorio.

Como vimos, em outubro de 1652, ficou resolvido que Alvaro Rodrigues do Prado levasse a bandeira a Sabarabuçú. Não conseguiu, porém esse paulista organizal-a logo a seguir, para ainda nesse anno penetrar no sertão, atrás da sua argentea méta, pois, em março de 1653, ainda o encontramos em povoado, reunindo indios para a bandeira.

E' o que se vê da acta de vereação de 29 de março de 1653. (*«Actas»*, vol. VI, 16-17).

> «... e logo pareceu tambem Alvaro roiz de prado e por elle foi requerido aos ditos ofisiaes que lhe era patente em como tinha provisam do provedor das minas pero de souza, pa., a viaje e descobrimento das minas pera que tinha todos os poderes necessarios e provisois e que pera conseguir o servîso de sua magde. por falta de indios asim lho mandasem dar e pellos ditos ofisiaes lhe foi dito e perguntado que provizois tinha e por elle foi dito que avia de mister ter indios e pellos ofisiaes da camera lhe foi dito que os indios que avia levaram ao descobrimento das minas (naturalmente em Paranaguá) e outros heram idos a boscar o ouvidor geral e que vise o dito requerente os indios que avia que se daria ordem para se lhe darem visto ser serviso de sua magde., e pera que a...».

Em junho de 1653, já deveria ter Alvaro sahido em busca da serra resplandecente, sendo certo que

á sua bandeira se refere um trecho de uma carta escripta, pelos edis paulistanos a sua magestade dom João IV, com data desse mez:

> «... capitais em todas as occasiões necessarias como em effeito se serviu o dito Pedro de Souza, levando muitos em sua companhia a buscar as pedras a Pernaguá despedindo outros para mais longe com alguns brancos a descobrir as minas de prata...». (*«Registo Geral»*, vol. II, 378).

Ainda dizendo respeito á bandeira de Alvaro Rodrigues do Prado, existe um outro documento semelhante ao supra referido, o qual é uma carta na mesma occasião escripta pela Camara da paulicéa ao Governador Geral (*«Regist»*. vol. II, 379). Entretanto, achamos uma outra peça documental com a data de maio de 1655, que é um quartel affixado pelos camaristas paulistanos, assim se referindo á entrada que óra estudamos: (*«Regist. Geral»*, vol. II, pag. 422):

> «... porquanto o dito capitão mór fixou um quartel reservando sómente o dos Arexams o que nós novamente em todo impedimos e defendemos, e sómente poderá sahir o capitão Alvaro Rodrigues do Prado com a sua fróta ao descobrimento das minas de prata por ser serviço de Sua Magestade...».

Com este documento ficamos na duvida sobre a data exacta da partida da expedição da prata a Sabarabuçú. E', porém, muito possivel que este quartel

supra-mencionado seja referente a uma data muito mais atrazada a 1653, quando, de facto, teria partido Alvaro (9)

Nada se sabe, porém, quanto tempo levou esse sertanista, com sua gente procurando a prata, nem tampoucos os nomes dos paulistas seus companheiros ou os resultados por elles colhidos no emprehendimento. E' porém de se concluir tenham sido nullos, pois não provocou alarde de especie algum, que se reflectisse nos documentos.

Pequena seria a expedição, pois assim o eram, geralmente, as bandeiras exploradoras de metaes. E' só o que nos foi dado saber sobre a entrada de Alvaro Rodrigues do Prado, que, apesar de tudo, já póde ser incluida no ról dos primiévos emprehendimentos exploradores do sub-solo mineiro, realizada em uma época de crise dolorosa para S. Paulo, que, então, assistia á terrivel lucta dos Pires e Camargos, e quando era de prevêr estivessem todas as attenções voltadas para as riquezas que Eliodóro Eobanos e Gabriel de Lara encontraram em Paranaguá, pouco tempo antes, nunca se pensando que Sabarabuçú já fôsse nessa data um phanal rutilante a attrahir a cupidez humana.

Sem embargo dos cruzeiros flamengos infestarem, ainda, a costa littoranea, da guerra civil, entre os Montechios e Capuletos paulistas, ou da grande actividade desenvolvida pelo administrador geral das minas, Pedro de Sousa Pereira, em apparelhar esquadrilhas de

---

(9) Alvaro Rodrigues do Prado era filho do grande e tenacissimo pesquizador do ouro Clemente Alvares e de Maria Gonçalves, esta filha do bandeirante mameluco Balthazar Gonçalves.

exploração para o sul, sobre Paranaguá, ou para o norte sobre Sabarabuçú, em 1655 houve importante empreitada de caça ao indio, realizada ainda na primeira metade desse anno.

Era tambem até agora, essa bandeira de prea, completamente desconhecida nos annaes do bandeirismo, até que a publicação official dos nossos archivos veiu tornar possivel o seu estudo e consequente desvendamento, se bem que, ainda, não se tenha podido conhecel-a, em seus detalhes de composição, destino e região por ella trilhada. Nem por isso, entretanto, deixamos de ter conseguido um bom principio para o seu estudo.

Grande vulto teria esta bandeira de 1655, pois com ella foi ao sertão a maior parte dos moradores paulistanos, segundo nos demonstra uma certidão dos tabelliães de S. Paulo, pela qual tremendas accusações são feitas ao capitão mór Gonçalo Couraça de Mesquita, entre as quaes a de haver deixado partir essa expedição, só a prohibindo de ir ao sertão dos Araxas, que seria o dos Patos no Rio Grande do Sul, já tão devastado algum tempo antes. Assim diz o documento citado, no que nos respeita:

> (*«Registo Geral»*, vol. VII Supplemento, 245)... e outrosim é verdade que dito capitão mór mostrou uma carta dizendo que o inimigo hollandez infestava esta costa sem embargo do que consentiu sahisse *a maior parte da gente para o sertão* e sómente impediu não fossem para o Araxans o que vendo os ofisiaes da Camara mandaram passar e fixar nos logares publicos...».

Infelizmente nenhum outro indicio encontramos nas nossas devassas para proseguirmos no conhecimento desse feito de bandeirismo; temos, entretanto, vagas suspeitas, de que essa fosse a bandeira que o capitão Luiz Pedroso de Barros chefiou em direcção ao Perú, onde foi morrer em lucta homerica contra os serranos dos Andes.

A data desta bandeira coincide perfeitamente com a da expedição que acima nos referimos, como em estudo apartado já deixamos claro, mau grado ter Pedro Taques ensinado que Luiz Pedroso foi ao sertão em 1662. Talvez, como parte desta expedição, falleceu no sertão Mathias Cardoso de Almeida o velho (Silva Leme. «*Genealogia Paul.*», vol. III, 328).

XX

(1650 - 1660) — Bandeira das esmeraldas — João Corrêa de Sá.

Basilio de Magalhães, o doutissimo historiador do bandeirismo, ao fallar sobre os documentos que descobriu, no Archivo Nacional, affirma, a respeito do cyclo das esmeraldas. («*Rev. Inst. Hist. de S. Paulo*», vol. XVIII, 438):

> «Depois da expedição dos Azeredos, Salvador Correia de Sá e Benevides, nomeado, a 3 de Dezembro de 1648, governador das capitanias do sul (rio de Janeiro, S. Paulo e Espirito Santo), organizou na Victoria, em Abril de 1659, uma bandeira chefiada por seu filho João Corrêa de Sá e por um sertanista pratico enviado de São Paulo, por Antonio Ribeiro de Moraes (que ali fora capitão mór em 1642) e destinada a continuar as pesquizas antecedentes, no vale do rio Doce. Ignora-se o resultado de mais este tentamen. Sabe-se porém que o delegado portuguez retrocedeu em 1660 para o Rio de Janeiro onde o povo levantado

depuzera o seu preposto Thomé Correia de Alvarenga . . . ».

Não é de todo falha a documentação paulista, por nós examinada, sobre essa expedição que, pelo valle do rio Doce, partiu do Espirito Santo em busca das tão ambicionadas pedras verdes, talvez demandando os serros, onde mais tarde Fernão Dias viu lhe sorrir a cor verde da esperança crystallizada nos seixos das esmeraldas que descobriu.

A respeito da bandeira de João Corrêa de Sá, achamos no «*Registo Geral*», vol. II, 530, uma carta dirigida do Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1659 aos officiaes camaristas da paulicéa que assim reza:

«Hoje 3 de Novembro tive aviso do senhor general Salvador Corrêa de Sá e Benevides em como a cinco de setembro na Bahia tomara homenagem de seu governo geral desta repartição do sul e tornava para esta cidade e por lhe parecer conveniente mandar ao descobrimento das esmeraldas se resolvera a o fazer para o que se apparelhava com toda a brevidade e me recommendou muito fizesse aviso a vossas mercês lhe remettessem a capitania do Espirito Santo a um fulano Pedroso ourives e lapidario que conste nessas villas e trinta ou quarenta homens brancos bons sertanejos de prestimo para se acharem no dito descobrimento advertindo que não provia posto senão depois de juntos para occupar os que merecessem indo por mestre de campo seu

filho João Corrêa pelo que por serviço de sua magestade e o que represento a vossas merces com toda a brevidade remettam a villa do Espirito Santo ao dito lapidario e mais gente que voluntariamente quizer ir de que faço aviso em como o hei feito a vossas merces para se esperar por essa gente porque assim se haverá sua magestade por bem servido guarde Deus a vossas merces Rio de Janeiro tres de novembro de 1659, Thomé Corrêa de Alvarenga».

Um mez depois de chegar essa carta aos da governança paulistana, já estes tomavam as providencias que o caso exigia, fixando quarteis e fazendo convites aos sertanistas que se deixassem tentar pela aventurosa eempreitada. Assim é que no vol. annexo ao VI das «*Actas*», pag. 158, encontramos, referente a essa bandeira de João Corrêa de Sá e Benevides «*hu quartel pera que quizese hir ao descobrimento das esmeraldas*», que foi passado em duplicata.

Ignoramos o effeito dessa propaganda entre os bandeirantes para a consecução do desideratum de Salvador Corrêa de Sá, com o que não se póde assegurar, siquer, tenham os paulistas participado de mais este tentamen para o desvendar do mysterio das pedras verdes.

Si, porém, de S. Paulo foi alguem ao Espirito Santo, como assegura o erudito mestre Basilio de Magalhães, parece-nos que, no mez de abril de 1660, já devia estar na companhia de João Corrêa, em face do seguinte texto de um «*traslado de uma carta de Salvador Correia de Sá e Benevides; vinda em dez de abril de 1660 annos*»:

> «Quizera em pessoa dar-lhe a vossas mercês os parabens da paz que estão hoje gosando nessa villa; que seja para sempre (evidentemente se referindo ao ajuste entre os Pires e Camargos que nessa data chegaram as boas) mas não me foi possivel fazel-o nesta occasião por estar acabando de aviar *a jornada que mando fazer ao descobrimento das esmeraldas e principiado* a fabrica destes galiões; e sem duvida me porei a caminho para tratar do entabolamento das minas de ouro de Parnaguá e das mais que se me offerecerem ...». *(«Registo»*, vol. II, 575).

Apesar disso, entretanto, ainda no mez de junho, em S. Paulo, se reunia gente para essa expedição, segundo entendemos de um outro documento constante da publicação official dos nossos archivos. Eil-o *(«Actas»*, vol. annexo ao VI, 192):

> «... maîs requereu o dito procurador; que sem embargo de que se pos he fixou coartel; pera que todos os que quizesem hir as minas por ser serviso de sua magde. o fizesen na forma da carta do sro. governador geral; salvador coreira de sa he Benevides, se se pasase avizo; as pesoas de pose de cada Bairo; manifestado lhe a dita carta e ordem pera que vão como o dito governador ordena ...». *(Termo de vereança* de 5 de junho de 1660).

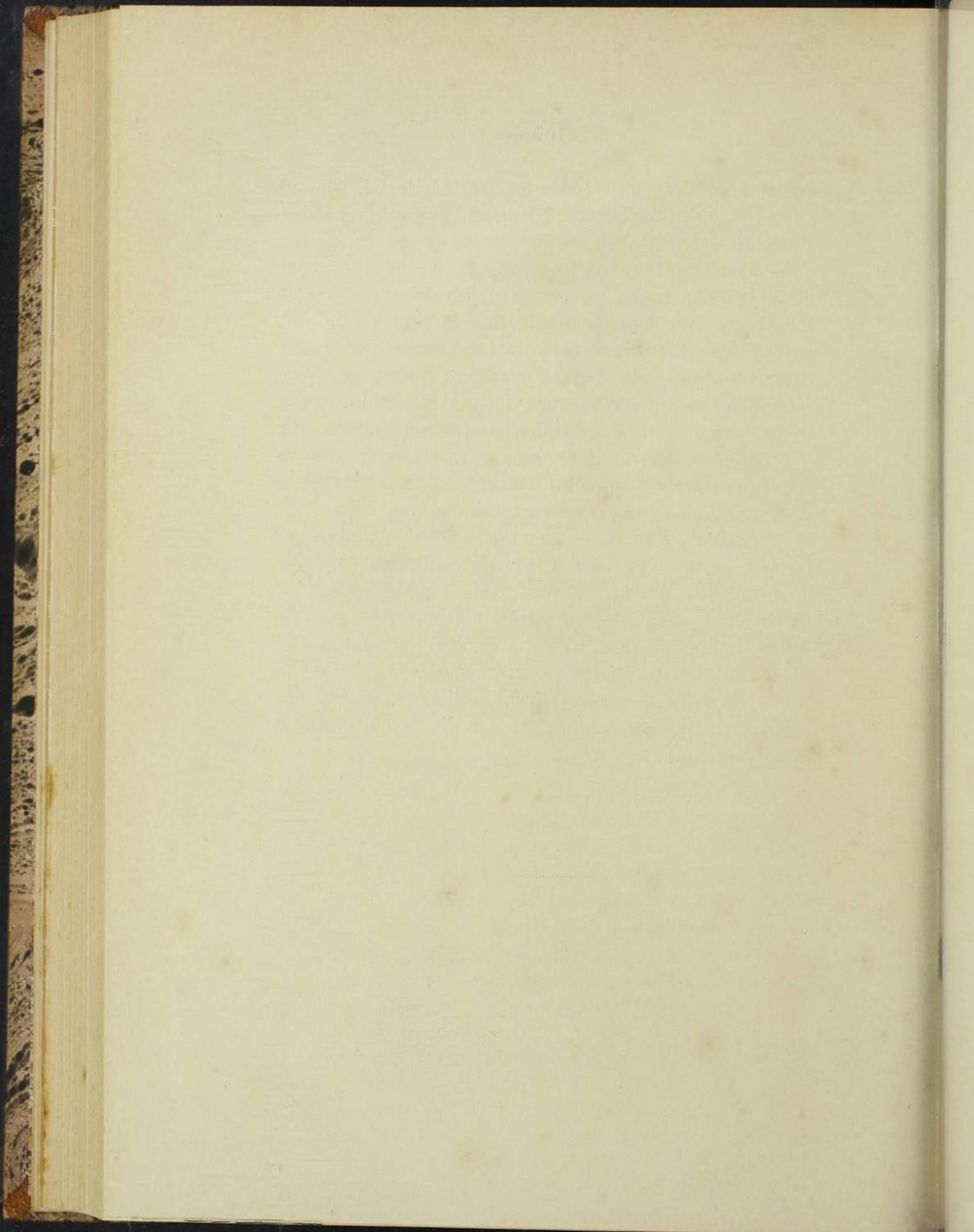
Ora, a carta do governador a que esse requerimento do procurador se refere nos parece ser a que es-

creveu, por ordem de Salvador Corrêa de Sá, Thomé de Alvarenga, á Camara paulistana e que reproduzimos na integra neste estudo.

Si assim fôr, só depois de junho de 1660 deveria ter penetrado no sertão a bandeira das esmeraldas chefiada por João Corrêa de Sá, o que nos parece bem condizente com outros factos nessa época occorrido, pois que Salvador só em novembro desse mesmo anno annunciou sua vinda a S. Paulo, prova de que nessa occasião já tinha resolvido a materia que o prendia no Rio de Janeiro, que era o aviamento no Espirito Santo da bandeira das esmeraldas, como vimos por um documento, supra mencionado.

Apesar de todas essas noticias documentadas, entretanto se ignoram outros informes sobre esta léva de João Corrêa de Sá. E' provavel, porém, que nada tenha ella conseguido, no sertão, a respeito do seu objectivo collimado, pois que sobre ella silenciam os documentos e nada dizem os chronistas.

As multiplas e successivas desillusões, porém, não matavam a doce esperança de um dia se encontrar as pedras verdes!

XXI

(1650 - 1660) - Domingos Barbosa Calheiros e o soccorro paulista ao reconcavo bahiano.

E' sabido que, após a expulsão do hollandez, o norte da colonia brasilica se viu seriamente affligido pelas sublevações negra dos Palmares e rubra do reconcavo bahiano. Ambas foram debelladas, depois de immensos esforços, pela gente paulista, chamada em soccorro de seus irmãos do norte, impotentes ante o impeto dessas féras humanas do sertão.

Só mesmo o sertanista de S. Paulo poderia dar cabo da «Troya negra» pernambucana ou da bronzea hydra do Recôncavo, que impedia a colonização das proximidades da capital da colonia.

Varios foram os corpos expedicionarios que São Paulo teve de enviar contra os barbaros infestadores de toda a região septentrional do Brasil.

A primeira, é sabido, foi a chefiada por Domingos Barbosa Calheiros, em 1658-1660. Sobre ella, não é totalmente falha a documentação paulista, que, entretanto, vem apenas confirmar o que já está na

sciencia de todos, sem trazer revelação de conhecimento digno de nota.

Em setembro de 1657, á vista da impotencia dos bahianos em esmagar as tremendas *razzias* dos indios tapuias, que durante muitos annos assolaram as proximidades de sua capital, o governador geral do Brasil, Francisco Barreto, escreveu á Camara Paulistana, pedindo o soccorro dos bandeirantes. No volume II, 506 a 509, do «*Registo Geral*», encontramos uma carta do governador tão cheia de inferesse quão laudatoria aos meritos dos homens de guerra da villa do planalto vicentino.

Por esse documento, que seria muito longo reproduzir na integra, assignala Barreto o facto de seus antecessores, já por muitas vezes, haverem mandado expedições, com muita infantaria e indios domesticados, para castigar a insolencia dos indios, que costumavam descer ao Reconcavo; — mas estes eram muito ligeiros e conhecedores das veredas da matta virgem sertaneja, de fórma que continuavam nas suas depredações, pelo que, Francisco Barreto resolvera armar uma nova expedição, que, de vez, cortasse o nó gordio bahiano e, como a infantaria regular tinha pouco habito em pelejar com os indios, entendia elle que «*só a experiencia do sertanista dessa capitania poderá vencer as difficuldades*». E, tendo em vista, continua Barreto na sua missiva, a guerra civil entre os Pires e Camargos, será grande serviço para Sua Magestade, converter a actividade dessa interminavel contenda de «clans, contra os barbaros, pelo que ordenava que a edilidade paulistana elegesse um cabo de confiança, dous capitães e mais vinte potentados, que se tenham distinguido no bandeirismo, e levantasse duzentos indios, bons soldados de sertão, fossem elles

de propriedade particular ou pertencentes ás aldeias regias, remettendo-os todos nas primeiras monções para S. Salvador, de onde depois do necessario repouso marchariam para a lucta. Como paga dos serviços prestados, Barreto consentia que os paulistas se apoderassem dos prisioneiros indios que porventura cahissem em suas mãos.

Considerando o damno que os indios rebellados vinham praticando na Bahia, desde os tempos de Telles da Silva, resolveu Barreto, nessa carta ,tomar a si a responsabilidade da escravização dos prisioneiros pelos paulistas, pelo que se haveria em tempo opportuno com Sua Magestade, para que esta autoridade confirmasse o captiveiro. Ordena outrosim Barreto aos camaristas paulistanos que tomassem todas as embarcações que houvesse na capitania, obrigando os seus capitães a carregarem a expedição, partindo todos juntos em «*frota e vindos se conservem na viagem, e seguindo a bandeira de seu cabo cheguem junto a este porto*».

Ordens tambem dá o governador ao provedor da Fazenda Real da capitania, para que supra a expedição com mantimentos, tanto na ida como na volta, etc. Termina Barreto a sua epistola dizendo que a materia era de evidente importancia, para maior gloria de S. Paulo, por serem os paulistas os libertadores da Bahia, devendo sua Majestade remunerar, «*com que Deus ha de permittir que venham esses moradores vençam e voltem para suas casas*».

E' de extranhar esse desusado empenho do governador em querer lançar mão dos paulistas para reprimir as tropelias indigenas, pois que, apenas finda a tremenda lucta contra o flamengo, deveriam sobrar elementos no norte brasileiro, para guerras dessa natureza, quer em homens aguerridos, quer em materiaes

bellicos e armamentos, que certamente, não abundavam no territorio paulista.

Entretanto, si eram os sertanistas de S. Paulo parcos em recursos materiaes, não lhes fariam falta qualidades bellicas de homens affeitos á guerrilha e á vida dos sertões.

Com a data de setembro de 1657, a carta do governador só em março de 1658 era levada á Camara, quando os da governança paulistana convidaram os que quizessem ir terçar armas na Bahia, não sem lembrar as gordas recompensas promettidas.

Nessa occasião, offereceu-se Barbosa Calheiros, o mesmo bandeirante que annos antes provara ser tão ousado quão bellicoso, querendo marchar á frente de sua gente sobre Buenos Aires, tendo mesmo chegado á vista de Corrientes. Nas «*Actas*», vol. annexo ao VI, 81 á 82, encontramos:

> «Aos dezasete dias do mes de marso de mil e seis semtos e sincoemta e oito anos nesta villa de sampaulo na casa do conselho e camera della omde se ajuntaram os ofisiaes da camera que servem este presente ano e juntamente com o capitam mor hiero nymo pamtoja leitam com os homens bõns deste povo e nobreza delle pera acordaren sobre quem avia de segir a armada da bahia visto as cartas e provizam do gdor. geral deste estado framco, barreto e as ordens que manda pera se darem embarcasois bastamtes e mantimtos. nesesarios a todos os que quizerem yr a cidade da bahia oprimir o impito e rompimto de gentio barbero e declarasam que faz em nome de sua magde. dar

por captivos ao gemtio rebelde vensido na dita gerra e as mais framquesas nas ditas que todas lhe foram lidas e patentes alem dos quarteis que este senado e camera em publico e lugares acustimados desta villa mandaram afixar pera que todos os moradores que desta villa yr a dita gera fazer pedido pelas ditas ordens o fizesem e tanben ordenado aos capitãis das aldeas desta villa pasasem palavra aos ymdios dellas se aprestasem pera o dito efeito e viesem a esta camera pera com clareza e escrito della aprezentacem na sidade da bahia amte o governo e segirem as ordens que lla se ordenasem.

E or a novamente por todos os sobreditos postas as cousas e declarasois asima e atras se ofereseram, o capitam bernardo samches dagiar e o capitam dos barbosa calheiros, a ir a este socorro da sidade da bahia cada hu com a gemte que podesse tirar e adquirir asim brancos como ymdios todos confiados na gramdesa e clemensia de sua magde. a qual viagem e partida se fara nestas monsõis ...».

A 8 de maio desse mesmo anno, não havia a expedição partido, cuidando-se ainda da sua organização.

Os cabos de guerra mencionados no documento supra que se haviam proposto a chefiar o emprehendimento, se reuniram para dentre elles ser eleito o chefe supremo. Ratinharam-se os indios das aldeias, mobilizaram-se as forças disponiveis, etc. Na reunião effe-

ctuada na Camara, e ahi presente o capitão mór Pantoja Leitão, ficou assente que Barbosa Calheiros, «*por ser um dos nomeados na carta que veiu da Bahia do senhor governador geral*». («*Registo Geral*», vol. II, 505), foi escolhido para o elevado posto, devendo ter por adjuntos os capitães Fernando de Camargo e Bernardo Sanches de Aguiar, com o que «*concordaram todos tres irem no mesmo adjunto e serem uma mesma pessoa*». Entre os outros componentes da léva elegeram mais dous capitães e mais os officiaes necessarios. Infelizmente o documento examinado não menciona os nomes desses eleitos. Combinou-se tambem na reunião que todos estariam, com a expedição, no porto de Santos, no dia 31 de maio.

Ainda nesse documento citado e constante do «*Registo*» existe mais uma curiosidade, que diz respeito ao numero dos expedicionarios:

> «... e logo pelo dito capitão mór aos sobreditos acima nomeados foi dito que nomeassem a gente que tinham para esta leva e por elles foi dito que entre todos os brancos e indios que haviam de ir nesta leva faziam somma de quinhentos homens e que todos haviam de estar na villa de Santos no dia acima nomeado...».

Como se vê não era das maiores expedições sahidas de S. Paulo. Apenas quinhentos homens a compunham, fazendo apagado vulto deante das terriveis bandeiras salteadoras do Guayrá e do Tape, algumas das quaes eram pequenos exercitos com mais de um milhar de guerreiros, como já estudamos.

Si a léva paulista deveria sahir a 31 de maio de

Santos, entretanto só em outubro conseguiu chegar a Bahia, e assim mesmo com os seus effectivos desfalcados, segundo nos consta de um outro documento, que é uma carta do governador geral registada no vol. II, 515 do «*Registo Geral*».

> «Chegou o capitão mór Domingos Barbosa Calheiros a esta praça com os soldados que se embarcaram no porto dessa e posto que não veiu o numero completo o que vossas merces me avisaram havia de vir os que chegaram são bastantes para fazer o serviço de sua magestade com elles determine acabar de arruinar o gentio barbaro do sertão... a tropa... espero restituil-a a vossa merce tão victoriosa que...».

Tem esta carta a data de 14 de outubro de 1658, quando deveriam se iniciar os movimentos bellicos contra os indios revoltados.

Sobre os successos ou antes os insuccessos desenrolados na Bahia com esta léva paulista, cala-se por completo a documentação impressa.

E' sabido, porém, já tendo Silva Leme feito publico, que no corpo expedicionario, entre os seus potententados, estavam Francisco Jorge Leite, João Leite (fallecidos no sertão), João da Costa Leal, capitão Diogo Domingues de Faria, Manuel Garcia Bernardes e o padre Manuel Nunes de Siqueira, (capellão), identificados, por um testamento feito em 1659, na aldeia sertaneja de Tapuricé.

Dous annos levaria a tropa de S. Paulo ausente do seu torrão, internada no sertão do Paraguassú, até que seu chefe Calheiros, naturalmente ante o fracasso do seu objectivo, fel-a voltar.

Não encontramos peça documental alguma, sobre a volta da expedição.

Em fins de 1660, porém, deveriam os paulistas estar de novo na sua villa do planalto vicentino, pois que, em 2 de novembro, desse anno, Domingos Barbosa Calheiros é encontrado assignando com uma multidão de moradores um energico protesto contra a vinda de Salvador Correia de Sá e Benevides (*«Actas»*, vol. annexo ao VI 209 - 210), o habilidoso quão enigmatico governador da repartição do sul.

XXII

Diversas expedições (1660-1670).

Pouco antes de 1658, data da sua morte, o capitão Pedro Dias Leite, irmão do futuro heróe das pedras verdes, foi ao sertão, de onde trouxe immensa copia de indios apresados «*mais de trezentas peças...*», como se vê do testamento de sua mãe Maria Leite. («*Invent. e tests.*», vol. XVII, 419).

Onde tenha ido o sertanista buscar essa rica preza é ainda mysterio para nós, que não conseguimos ir além de onde os taciturnos dizeres dos textos documentaes nos permittiram. Nessa época, ja não havia uma directriz costumada para as expedições, que ora faziam alvo ao norte, ás geraes e ao territorio goyano, ora era o sul o destino predilecto, pelos sertões paranaenses, paraguayos e mesmo correntinos, ora era emfim o oéste longinquo mattogrossense ou bolivio-peruano, o trilhado pelas algáras audaciosas de São Paulo.

Em 1659, estava no sertão incognito, uma bandeira da qual fazia parte Salvador Bicudo de Mendonça, filho do grande sertanista Manuel Pires e cunhado de Raposo Tavares. Levára elle seis indios do séquito de sua mãe Maria Bicudo, como transpa-

rece do inventario desta. (*«Invent. e tests.»*, vol. XVI, 84). Só em meiados de 1660, chegou a São Paulo, essa expedição, de volta de sua sertaneja caminhada loc. cit.

Muita razão tinha o velho Pedro Taques em dizer ter sido em 1661, a expedição pacifica de Fernão Dias, junto aos guayanazes de Sondá, Tombú e Gravitahy, no ex-Guayrá. A analyse dos documentos isso confirma, como teremos occasião de ver em separado.

Manuel Roiz de Arzão, foi, sem duvida, dos grandes devassadores das selvas, desse tempo, e a 23 de abril, de 1662, entrava elle pelo sertão em bandeirismo: «... *visto o juiz mel. roiz de arzam ter feito fugir desta villa pera o sertam*...». (*«Actas»*, vol. annexo ao VI, 272). Ainda quanto a esta empreitada, não adeantam os documentos, outros informes; o mesmo acontecendo a uma outra bandeira sahida de São Paulo no anno seguinte, em março, da qual era parte, não se sabe com que grau de hierarchia Estevam Ribeiro Bayão, o futuro chefe do soccorro ao reconcavo bahiano. (*«Actas»*, v. annexo ao VI, 306 e 307):

> «... visto o juis estevão ribeiro Baião Parente aver ido pera o sertão...».

Em agosto de 1664, Estevam de novo é achado no povoado, já de retorno do sertão. (*«Actas», vol. cit.* 378).

*
* *

Faziam cocegas, nas ambições paulistas, os reflexos longinquos das suppostas esmeraldas, pois a idéa das suas descobertas, nessa occasião, em S. Paulo,

parece ter attingido á maturação. Em 1663, o capitão Mathias de Mendonça, nome que, por signal, não é dos mais conhecidos no bandeirismo, resolveu ir procurar as esmeraldas e de vez desvendar o mysterio que pesava sobre os crystaes da esperançosa coloração.

Em 23 de setembro desse anno requeria elle á Camara paulistana:

> «... por ser serviso de sua magde., pera efeito do descubrimento das esmeraldas a que se obrigou o dito capitão Mathias de mendosa a fazer todas as delygensias posyveis pera o que deu fiañsa segura e abonada a noso coñtento que he o capitão joão gago da cunha he pera que se coñsiga esse descobrimento he serviso tão grañde de sua magde, nos pareseu darlhe das aldeias do dito senhor preteñdeñtes / digo preteñdeñtes a esta vyla, trinta indios des de cada hua cõnbeñ a saber; des da aldeia de são miguel; he des da aldeia de nosa senhora da conseisão dos goarulhos; he outros des da aldeia de maruery q ao todo fazem soma de trinta he dos des que der cada aldeia sera huñ deles cabo pera governar os nove que lhe tocareñ da dita sua aldeia os coais indios mañdamos acoñpanhareñ he sigão as ordens que lhe der o dito capitão matias de meñdosa, pera q coñ efeito se descubrão as ditas esmeraldas...». (*«Actas»*, vol. annexo ao VI, 335).

Logo, porém, chegaram suspeitas aos edis paulis-

tanos de que o capitão Mathias de Mendonça, não ia descobrir esmeraldas nem .cousa parecida e sim a prear indios, tendo illudido a boa fé dos membros do augusto senado piratiningano: pois que o sertanista não só desprezou a «... *provyzão*» que lhe haviam mandado passar os da governança, como «...*eisedeu as ordeñ que nesta camera lhe forão dadas*», («*Actas*», loc. cit., 336), levando para o sertão mais indios do que fôra combinado em Camara.

E' inutil dizer que muita razão deveria acompanhar os vereadores de S. Paulo, pois Mathias, nunca trouxe a S. Paulo esmeraldas ou outro qualquer precioso seixo.

Talvez fôsse o terreno mineiro o percorrido por esta empreza de bandeirismo, tendo demandado o valle do rio Doce, como com o mesmo fito já haviam feito os Azeredos e na occasião mesma fazia Agostinho Barbalho.

Nessa época, o ouro, tambem, infundia cubiças aos bandeirantes, que, innumeros, o procuravam no sertão distante. Assim é que, em novembro desse mesmo anno, logo após á partida da expedição, que dizia ir em busca das esmeraldas, se organizou, em S. Paulo, uma léva, da qual foi parte Paulo da Fonseca, que então exercia o cargo de juiz de orphãos. E' o que nos assegura o seguinte texto documental, inserto em «*Actas*», vol. annexo ao VI, 338 e 339:

> «... pareseu o capitão paulo da foñseca juis de orphaus desta dita vila he por ele foi dito aos ditos ofisiaes da camera que a ele se lhe ofresia ocazião de la ao descubrimeñto de huas minas de ouro por ser serviso de sua magde., he Beñ comuñ desta

capitañia e que podia gastar no dito descobrimeeñto alguas somanas...».

Um longo anno permaneceu esta bandeira de descobrimento de ouro, no sertão, sendo que, em novembro de 1664, teve a Camara paulistana a noticia do fallecimento, talvez, ainda fóra do povoado, de Paulo da Fonseca: «... *he que era falesido da vida preseñte o vereador paulo da foñseca*...». («*Actas*», loc. cit., 386).

E' provavel que tenha tambem sido o territorio de além Mantiqueira o alvo desta expedição, não havendo indicio absolutamente algum nos documentos, sobre a identificação dos sertões por ella percorridos.

O anno de 1665 registrou uma interesssante expedição, por parte do padre Matheus Nunes de Siqueira, que penetrou em territorio da vertente opposta da Mantiqueira, de onde trouxe para S. Paulo copioso numero de indios da tribu dos guarulhos, dos quaes já haviam numerosissimos na terra, conhecidos por guaromimis.

O padre Matheus Nunes de Siqueira localizou-os nas cercanias de S. João de Atibaia, depois de os chamar ao catholicismo pelo baptismo, como faz certo o seguinte documento: «... *o R.º matheus nuñes de sequeira; Avia por seus meios desido do sertão; cantidade de gentio goarulho o coal por dexeijar; de se chegar ao gremio de sañta madre igreja vinha reseber a agua do sñto bautismo... o coal geñtio estava já eñ povoádo he termo desta vila; ña paragen chamada atubaia; he que o dito reverendo pe. eñtregava o dito gentio; e eles ditos ofisiais; pera que formaseñ aldeia*...». («*Actas*», loc. cit., 428).

De S. Paulo, nesse anno de 1665, sahia outra ex-

pedição para as bandas sertanejas, da qual foi parte Lourenço de Siqueira, pae do futuro descobridor do ouro nas geraes, Bartholomeu Bueno de Siqueira, o grande bandeirante. («*Invent. e tests.*», vol. XVII, 29 a 33).

Ainda em 1665, no mez de dezembro, encontramos internada no remoto sertão goyano importante bandeira, sob a chefia do capitão-mór Francisco Lopes Buenavides, a qual já era conhecida, por intermedio de Azevedo Marques e já citada por Basilio de Magalhães (loc. cit.). Desta bandeira fizeram parte, além do commandante, os seguintes sertanistas:

> Capitão Antonio da Rocha do Canto, João Rodrigues (de Oliveira), Pero da Silva, Bento de Sousa, João de Lara de Moraes, Francisco Sutil Side, Bento Gil de Oliveira, Antonio Domingues, Isidoro Rodrigues, Jeronymo Bueno, Antonio Alvares Machado, Antonio Lopes, João Martins Eredia, Pedro Gonçalves Meira, Antonio Ribeiro Roxo e o capitão Francisco Ribeiro de Moraes, este fallecido no sertão de Goyaz. («*Invent. e tests.*», vol. XVI, 510 a 515).

Infelizmente, os documentos municipaes não dão a menor referencia a este notavel emprehendimento devassador do planalto central brasileiro, de maneira que nada mais se sabe a respeito delle.

Grande bandeira deveria ter partido para o sertão em começos de 1666, é o que se deduz de um documento municipal, constante do volume annexo ao VI, 469 das «*Actas*», termo de vereação de 20 de fevereiro, onde diz: «... *he se tereñ notifiquado alguñs capitais que vão pera o sertão*...».

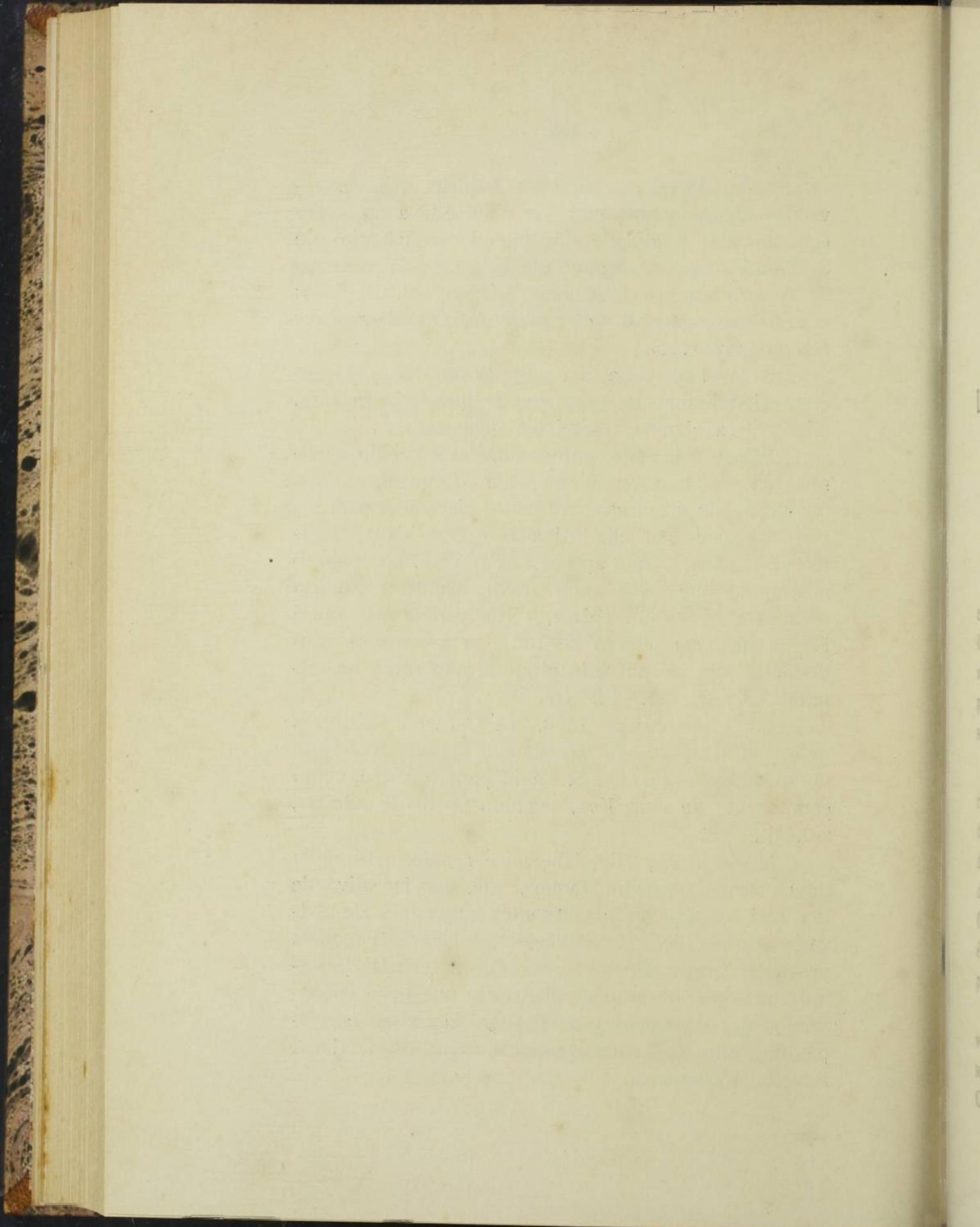
Seria, talvez, esta a mesma bandeira que, em novembro desse mesmo anno de 1666, estava no sertão com a quasi totalidade dos moradores masculos de S. Paulo, a qual é denunciada pela acta da vereação de 29 de novembro desse anno («*Actas*», vol. cit., 508): «... *he por estareñ a maior parte dos moradores desta vila no sertão* ...».

Notavel bandeira esta deveria ter sido, pelo numero elevadissimo de componentes que teria reunido, talvez para alguma empreitada gigantesca.

Passou este feito, entretanto, despercebido ao linhagista, o que é verdadeiramente admiravel. Ainda quanto a esta arrancada não temos elementos para saber as regiões por ella trilhadas e nem siquer a directriz tomada, o que apenas nos resume, no conhecimento, de que nesse anno grande bandeira paulista se achava no sertão. Talvez, a ella pertencesse André Lopes, que, em janeiro de 1667, se encontrava bandeirando fóra do povoado piratiningano como nos attesta «*Actas*», vol. cit., 528.

Em principios de 1668, era Cornelio Rodrigues de Arzão, irmão do já mencionado Manuel Rodrigues de Arzão, que sahia de S. Paulo para o sertão, como componente de uma léva, segundo se vê de «*Actas*», vol. cit., 564.

Nesse anno partiu, tambem em maio, a bandeira de Lourenço Castanho Taques, que, por incentivo de um real autographo e constantes suggestões de Salvador Corrêa de Sá e Benevides, foi aos Cataguazes procurar o ouro tão almejado. Desta entrada desejamos tratar de modo particular, pelo que della encontramos nos documentos publicados, fazendo-o em separado, afim de poder com mais vagar examinal-a á luz dos documentos.

XXIII

Lourenço Castanho Taques, o velho — Bandeira dos Cataguazes (1668 - 1670) — Engano de Pedro Taques.

Como vimos, anteriormente, enorme foi o desenvolvimento do bandeirismo na decada de 1660 a 1670. O apaziguamento da tremenda lucta entre os «clans» Pires e Camargo fez sem duvida com que os paulistas volvessem com recobrado ardêr ás incursões sertanejas, seu sport favorito.

Logo no primeiro lustro da decada, em 1664, chegou a S. Paulo a celebre carta de 27 de setembro desse anno, pela qual Affonso VI incitava o bandeirismo paulista, avido das descobertas, além do grande concurso a elle dado pelo governador Salvador Correia de Sá e Benevides, sendo que nessa mesma época, com o auxilio paulista, Agostinho de Barbalho, pelo Espirito Santo, penetrou á procura das esmeraldas.

Foi indubitavelmente a de Lourenço Castanho, o velho, a mais importante empreitada de penetração do sertão, em toda a decada; marchando contra os ferozes Cataguazes e abrindo caminho nas geraes, que ficou

livre da tribu gentilica de verdadeiros cerberos das minas de ouro.

Acreditamos ter Lourenço Castanho entrado nas Geraes pelo Lopo e dahi attingido o Sapucahy, junto ao qual começou a bater os cataguazes, e não pelo Embahú, seguindo o Parahyba, como quer Diogo de Vasconcellos. *(«Historia antiga de Minas Geraes»)*. Parece ter o bandeirante paulista ido até ao Paracatú, affluente do S. Francisco. Quanto á data do emprehendimento ha, porém, controversia; Pedro Taques, o velho linhagista, que, neste caso, deveria se revestir da mais particular e pujante autoridade, visto como Lourenço Castanho, o velho, foi seu bisavô, affirma ter o velho sertanista ido aos Cataguazes em 1674, logo após ter recebido do principe regente D. Pedro, o aguilhão ferreo e ponteagudo de uma carta autographa, incentivadora de descobrimento de ouro e prata. Continuando Taques a fallar de seu antepassado, affirma ter elle fallecido em 1677 a 5 de março, logo á volta da viagem, da qual resultára o primeiro descobrimento do ouro nas geraes.

Outros chronistas, de menor autoridade sobre a materia, se têm manifestado, diversamente, sobre a data da bandeira de Lourenço Castanho o velho, divergindo do patriarcha da nossa historia.

Assim é que o Barão do Rio Branco, no seu já citado resumo historico do «Le Bresil» de Levasseur, talvez, apoiado em Azevedo Marques *(«Apontamentos»*, vol. II, 55) e tirando errada illação da mencionada carta regia de 1664, assevéra ter Castanho realizado o seu «raid» antes dessa data em 1663. Diogo de Vasconcellos, o historiador mineiro, estudando melhor

as circumstancias, com razão achou errada a data da sive o egregio autor da «*Nobiliarchia*», abandonou a mais ou menos, conforme o legado do linhagista.

A todos estes devassadores do passado, inclusivé o egregio autor da «*Nobiliarchia*», abandonou a verdade historica.

Preliminarmente Lourenço Castanho o velho não falleceu em 5 de março de 1677, como diz Pedro Taques e copiam outros historiadores, mas sim seis annos antes, em 5 de março de 1671, conforme se vê do seu inventario, iniciado em S. Paulo, onze dias depois desta data. *(«Inventariose testamentos», vol.* XVIII, 69 a 151).

Não podendo o sertanista illustre chefiar bandeiras tres annos depois de morto, fica por terra o que affirma Pedro Taques, indesculpavelmente em lamentavel erro.

Resta o que dizem o Barão do iRo Branco e Azevedo Marques, (loc. cit.), de ter sido em 1663 a expedição de Lourenço o velho.

Erram, tambem, estes dous analysadores do passado paulista, porquanto Castanho é facilmente encontrado em São Paulo, desde 1659, funccionando como procurador de sua filha, Anna de Proença, no inventario de seu genro Pedro Dias Leite, *(«Inventarios e tests.»,* vol. XVI, 29 a 58), em datas successivas até 1664; bem como á testa de sua vara de orphams, em 6 de abril de 1663, *(«Invent. e tests.»,* vol. XVI, 421), em 12 de maio desse mesmo anno, presidindo o inventario de Antonio Raposo da Silveira, *(«Invent. e tests»,* vol. XVI, 416), em 8 de junho, sempre de 1663, fazendo o inventario de Manuel Perez Calhamares, *(«Invent. e tests.»,* vol. XVI, 393), em 23

de novembro, fazendo o de Maria Leme, (*«Invent. e tests»*, vol. XIII, 382). Como se vê, pois, durante todo o tempo decorrido desde 1659 a 1664, estava Castanho em S. Paulo, não podendo estar ao mesmo tempo penetrando nos sertões mineiros dos cataguazes.

Provado, pois, fica terem tambem estes dous historiadores mencionados cahido em erro. Vejamos, porém, a verdadeira data da expedição, cuja existencia não póde ser posta em duvida.

Não occorreu ella, temos a certeza absoluta, nos annos de 1664, 1665, 1666, 1667 e 1668, até maio deste, tempo em que esteve, todo elle, Lourenço Castanho, o velho, em S. Paulo, á frente da mencionada vara de orphams, tendo funccionado ininterruptamente nos inventarios de Estevam Furquim, (*«Invent. e tests.»*, vol. XVI, 197 a 369), de Lourenço de Siqueira (loc. cit. vol. XVII, 27 a 49), no de Henrique da Cunha Lobo, loc. cit. XVII, 65), de Ignez da Costa (loc. cit. XVII, 95).

O seu nome, porém, brusca e repentinamente desapparece da vara de orphams (Pedro Taques diz que Lourenço a abandonou ao penetrar no sertão), a 15 de maio de 1668, passando a figurar em seu logar o nome de seu filho, do mesmo nome, Lourenço Castanho, o moço, como se verifica dos *«Invent. e tests.»*, vol. XIV, 202, inventario de Miguel Garcia Galera; vol. XVII, 223, vol. XVI, 25, invent. de Estevam Furquim e do inventario de Lourenço Siqueira, vol. XVI, 49 e seguintes.

O nome de Castanho não apparece nos documentos examinados, até á morte de sua mulher, Maria de Lara, em dezembro de 1670, quando subi-

tamente reapparece, não tendo assumido, porém, o exercicio da vara de orphams, («*Invent e tests.*», vol. XVIII, 153).

O seu testamento, que tem a data de 20 de julho de 1670, parece ter sido feito já em São Paulo. De tudo isto é facil concluir-se que Lourenço Castanho, tendo deixado o exercicio da sua vara de orphams em 15 de maio de 1668 e reapparecido em 20 de julho de 1670, neste lapso de tempo tenha realizado a sua empreitada de bandeirismo, tendo ficado provado que não o poderia ter feito em outra occasião.

E, quando não bastasse já tão evidente documentação, temos outra prova, que categoricamente confirma a nossa argumentação supra referida, de fórma a não ficar sombra de duvida sobre o caso.

Trata-se da acta de vereação de 7 de abril de 1668, publicada em «*Actas*», vol. annexo ao VI, 575. Por esse documento, Lourenço Castanho surge em Camara e se demitte do cargo de Juiz de Orphams, cuja vara entrega, bem como as chaves do cofre, visto ter de seguir para o sertão:

> «Aos sete dias do mez de abril de mil he seisseñtos he seseñta de oito años ñesta vila de são paulo estañdo eñ vereação os seňhores offisiaes da Camera; pareseu loreeñso castanho taques juis dos orfaus; he por ele foi dito he referido aos seňhores ofisiaes da da camera; *eñ como ele estava de caminho pera fora desta vila; pera o que vinha exebirse; do dito ofisio*, eñtregando;

> a chave do cofre ao juis ordinario ant.º de almeida; pera que sua merse; eñ sua somana; acudise a obrigasão coñforme sua magde. lhe eñcomeñda; eñcoañto o dito juis dos orfaus não torña a eñtrar no dito cargo . .. ».

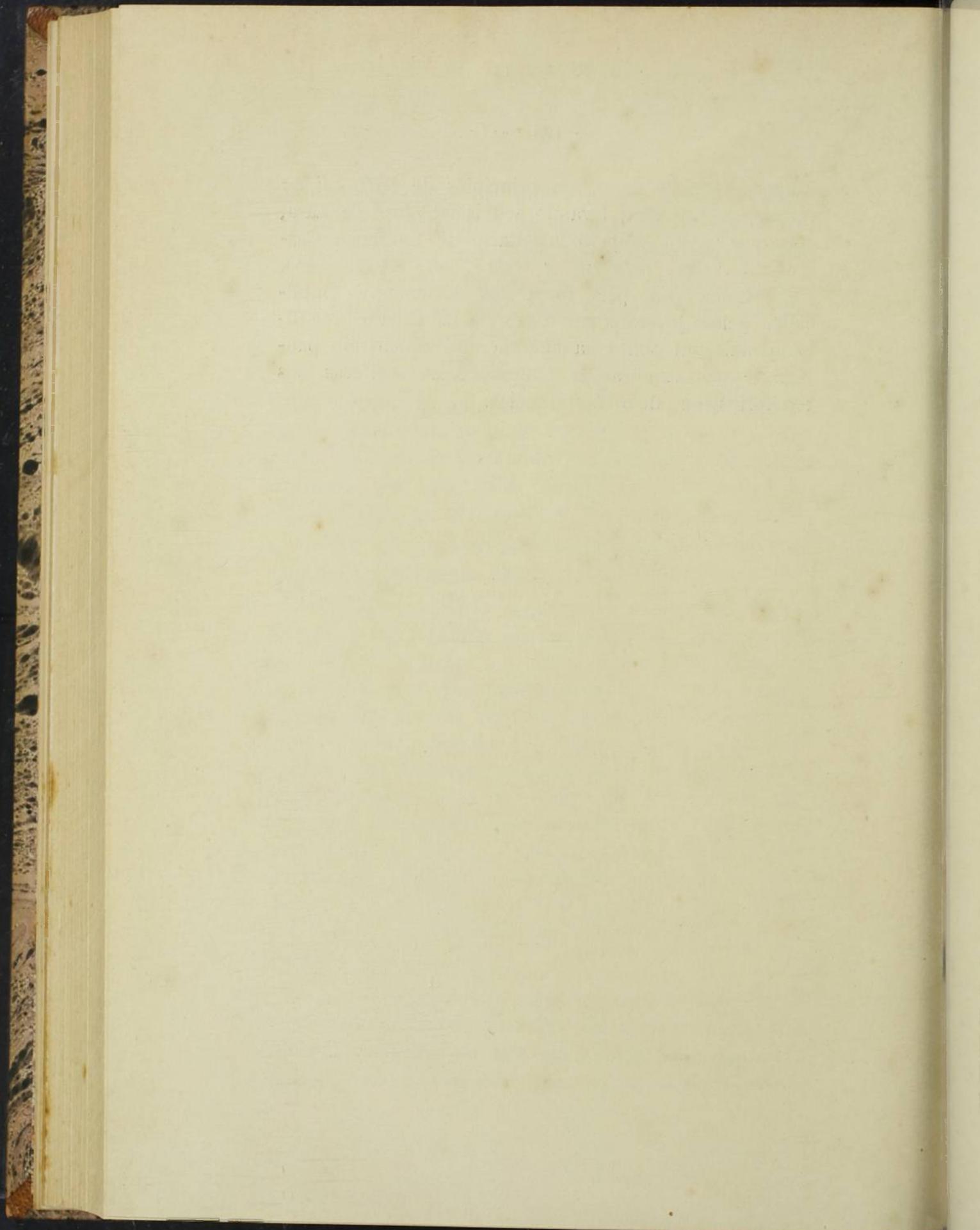
Com este texto, crystalina torna-se, pois, a verdade historica, e, si algum dos muitos historiadores, que se tem occupado desta bandeira, em vez de cégamente copiar a Pedro Taques ou delle divergir absolutamente sem base, fosse consultar os documentos do nosso archivo, não teriamos tido a controversia de datas a que nos referimos acima e que tanto prejuizo tem trazido ao conhecimento exacto do passado.

E' extraordinario constatar o engano de Pedro Taques, principalmente quanto á data do fallecimento de Lourenço o velho, seu bisavô, o que certamente determinou o erro em que incorreu com a data da expedição, por ter na verdade Lourenço fallecido logo depois de sua chegada do sertão. Talvez se pudesse attribuir esta falha da «*Nobiliarchia*», a cópia do original de Taques feito por Diogo de Ordonhes, si não fosse tão accentuada, com as referencias nella feitas á bandeira de Fernão Dias, que, segundo a «*Nobiliarchia*», foi anterior a de Castanho, quando, na verdade, esta a precedeu de quatro annos no sertão, sendo que, quando Fernão sahiu de S. Paulo, já era morto Castanho.

A unica explicação, clara e logica para o desvio na verdade historica do relato do linhagista, está na evidente confusão por elle feita entre Lourenço Castanho o velho e seu filho homonymo (avô de Pedro

Taques, que, de facto, em principios de 1676 foi ao sertão em bandeira, levando seu irmão José de Lara, como se vê do proprio inventario de Lourenço Castanho o velho. (*«Invent. e tests.»*, vol. XVIII, 146).

Assim, fica, pela força dos documentos publicados pelos governos do Estado e da Cidade rectificado mais um ponto na historia do bandeirismo paulista e das explorações e descobertas auriferas dos territorios de além Mantiqueira.

XXIV

Fernão Dias — Varias bandeiras entre 1670 e 1680.

S. Paulo, neste periodo, chegára ao apogeu na senda do bandeirismo.

Dezenas e dezenas de vultuosas expedições seguiam á conquista do indio, ao sertão longinquo, ao lado de muitissimas outras que partiam em exploração á cata do fascinante metal ou da pedraria que a avidez da corte portugueza fazia de miragem aos olhos cupidos do paulista aventureiro.

Iniciou a decada bandeirante Bartholomeu Bueno de Siqueira, o futuro descobridor do ouro nas geraes, com uma bandeira de prea em 1670. Sertões ignotos foram trilhados por Bartholomeu e sua gente nesse anno. Em 1671, S. Paulo, transbordando na sua plethorica accumulação de audaciosissimos aventureiros bandeirantes, que o tornava pequeno para conter o agigantado numero de «condotieri», que, sem cessar, se multiplicavam com o andar dos annos, organizou a famosa léva capitaneada pelo governador Estevam Ribeiro Bayão Parente, auxiliado pelo, já notavel, Braz Rodrigues de Arzão, Manuel Vieira Sarmento, Pedro Vaz de Barros, o Vazguassú e tantos outros. Livrou

esta expedição a capital da colonia da formidavel pressão que contra ella exerciam os indios revoltados no reconcavo, cousa que não pudera fazer Domingos Barbosa Calheiros e seus 500 seguidores em 1659.

Nesse 1671, de gloriosa memoria, Luiz Castanho de Almeida vae até aos reconditos confins goyanos (*«Nobiliarchia»*, XXXIII, p. 2.º, 48-50), não sem padecer, porém, a guerra de seus seguidores indios revoltados, em cujas mãos deixou a vida.

Antonio Soares Paes, nesse mesmo anno, depois de encontrar os destroços, diz-nos Pedro Taques, da bandeira de Castanho, vae tambem até ao planalto central de Goyaz, onde, tambem fallece, não porém sem deixar inventario ahi feito, denunciando o valente feito de conquista do bravio sertão. (*«Invent. e tests.»*, vol. XIX, 131 e segs.).

Nesse meio tempo, de S. Paulo sáhem duas bandeiras para o sertão: A de Manuel de Campos Bicudo, com seu filho Antonio Pires de Campos, que chegou, em Matto Grosso, a desvendar o lendario Pactolo dos Martyrios, attingindo Goyaz e a dos dous Anhanguéras, que nesses mesmos sertões erraram, durante largo tempo.

Ainda uma terceira bandeira nessa época, a mando do Bixira, Manuel Dias da Silva, attingiu as remotissimas paragens de Santa Fé, hoje cidade argentina. Taunay, na sua tão citada carta das bandeiras, do Museu Paulista, acha que esta entrada do Bixira se effectuou em 1660, tendo ella passado pelo Rio Grande do Sul.

Em fevereiro de 1673 estava elle porém em São Paulo, onde foi almotacé (*«Actas»*, vol. VI, 298). Em outubro do anno de 1672 é Manuel Paes Linhares quem, já velho, parte á frente dos homisiados á cata

do ouro, que, tão teimosamente, se occultava a tão repetidas tentativas.

Antes um pouco dessa data, em principios de agosto, em S. Paulo já se faziam sentir os prodromos da grandiosa expedição, a mais memoravel da época, que deveria passar á historia immortalizando o seu lendario organizador e commandante supremo. Em oito de agosto de 1672, appareceu em camara Manuel de Brito Nogueira, que, apresentou em vereação uma carta recem-vinda do conselho ultramarino portuguez pela qual:

> «encommendava que este senado q' pellas notiçias que sua alteza q' deos gde. (o regente d. Pedro) lhe forão dadas sobre averem nos çertoin do destricto desta terra minas de prata e ouro de fundição e esmeraldas o que encomendou o dito sñor., ao secretario de seu conselho ultramarino escrevesse, e lhe dessemos notiçia sobre a dita materia, da çerteza que nella avia e como a notiçia destas couzas não nos foim manifesta, nem por pessoas algua, somente ditos, de alguas pessoas que ouvirão a homens antigos averem minas de prata em sabarabuçú, o que se não tem averiguado nem averiguou athe o prezente e pera que isto enha efeito o que se emcarregou mandar chamar, ao *capitão fernando dias paes* para que elle declarasse a ordem que tinha do governo geral, sobre o descobrimento das ditas minas, que o tinha por çerto, ou era aventura de experiencia e pello dito capitão foi dito que elle hia aventurar pellas infor-

maçoies dos antigos, e, que se reportava ao que tinha escrito ao governador deste estado sobre as minas de prata e esmeraldas, com hua relação pera que o dito guovernador geral do estado afonsso furtado de castro do Rio de mandonça enviasse a sua alteza, de que fiz este termo... (*«Actas»*, v. VI, 283 e 284).

Eis o inicio da bandeira que iria assombrar a historia, pelas phantasticas peripecias de heroismo sem par, tenacidade sem egual e estoicismo maravilhoso. Fernão Dias, como indica este precioso documento, já em agosto de 1672 se aprestava, para a sua magnifica entrada de exploração. Ia aventurar a descoberta da prata e das esmeraldas, como diz elle singellamente em seu depoimento.

Mal sabia o maior potentado paulista da época, que tal aventura lhe custaria sete longos annos de soffrimentos inominaveis, nas agrestes paragens mineiras, onde deixaria a vida, em troca das amostras das famosas pedras verdes.

Basilio de Magalhães, insigne poeta e magnifico historiador de além Mantiqueira, no seu monumental estudo sobre as bandeiras (*«Rev. Inst. Hist. Bras.»*, tomo esp. v. II, 87), menciona ligeiramente a existencia deste documento por nós reproduzido na integra. Azevedo Marques, (*«Apontamentos»*, v. I, 146), porém, induziu o erudicto mestre em erro, fazendo-o attribuir como figura principal nesse documento a Fernão de Camargo Ortiz, o filho do Tigre, em logar do futuro goveernador das esmeraldas, como supra se verifica.

Eis rectificado um desculpavel engano do sabio historiador, baseado num cochilo de Azevedo Marques.

De todos são conhecidos os detalhes da formidavel empreza, levada a cabo por Fernão Dias Paes. Pouquissimas, porém, são as referencias nos documentos a ella feitas. Encontramos, nos *(«Inventarios e tests.»,* vol. XVII, 318), que Fernão levou em sua companhia seu sobrinho e curatelado Francisco Dias da Silva, que foi chefiando «*quatro negros* (indios) *e um rapaz a saber Sebastião carijó, e Manuel e José, e outro que se não sabe qual será e Jeronymo as quaes peças*...».

Foi este o sobrinho de Fernão Dias que depois passou a assignar-se Francisco Ribeiro, como diz Silva Leme. («*Geneal. Paul.*», vol II, 129, nota). Enganou-se, porém, Silva Leme ao affirmar que este sobrinho do governador da trópa levava grande séquito de administrados armados, pois, como se vê do texto acima, só o acompanharam cinco pessoas. Feu de Carvalho, o erudito pesquizador mineiro, afirma ter Balthazar da Costa de Veiga feito parte da bandeira de Fernão Dias. Deveria ter partido, porém, depois de 1675 para, já em Minas, a ella se aggregar, visto como o encontramos em S. Paulo, em agosto de 1675, discutindo o testamento de sua mãe, Maria da Cunha. *(«Invent. e tests.»,* vol. XVII, 500).

Ao mesmo tempo em que Fernão Dias levou ás Geraes a sua grande bandeira, a qual pertenciam varios dos mais famosos sertanistas da época como Mathias Cardoso, Borba Gato e outros, de S. Paulo sahia em direcção norte outra bandeira, que ia sob o commando de Sebastião Paes de Barros, em exploração ao valle do Tocantins. Foi esta léva de bandei-

rantes exterminada pelos ferocissimos «bilreiros» ou caiapós. Taunay, no seu mappa das bandeiras, colloca esta expedição no norte goyano, porém. Ainda em 1674, com João Gago da Cunha, o moço, deste nome, foi ao sertão uma algára de paulistas em exploração. Não sabemos, entretanto, qual a direcção tomada pela trópa, em vista do espartano laconismo do texto documental, de onde colhemos esta informação. *(«Invent. e tests.»,* vol. XVIII, 412).

Em principios de 1675, sahia de Parnahyba a importantissima léva ao commando de Francisco Pedroso Xavier, potentado abastado dessa localidade nas proximidades da Paulicéa, levando o terror ao Paraguay, onde, em plena serra de Maracajú, depois de ter tomado e destruido Villa Rica del Espirito Santo, esbarrou Andino, ex-governador do Paraguay, com 1.000 homens castelhanos e indios, em batalha defensiva, derrotando-o e obrigando-o á retirada. Enorme foi o aprezamento feito por este filho do «Terror dos indios».

Foi tambem em 1675 que Manuel de Campos Bicudo perlustrou o norte de Matto Grosso, chefiando temeraria algára, segundo nos ensina Taunay no seu bellissimo mappa do Museu Paulista.

Além desta empreitada em 1675, conseguimos assignalar no sertão nesse anno João de Araujo (?), fazendo parte de uma bandeira que teria penetrado onde não conseguimos desvendar *(«Invent. e tests.»,* v. XIX, invent. de Margarida de Brito). Manuel Pereira Sardinha tambem rumou fóra do povoado paulistano, nessa occasião chefiando para o Sul (Taques *«informações»,* 31) da capitania, mas em janeiro de 1678 de novo estava elle em S. Paulo*(«Invent. e tests.»,* vol. XIX, 202). No anno seguinte, além da volta victo-

riosa da bandeira de Francisco Pedroso Xavier, foi importante a expedição ao sertão de Lourenço Castanho o moço, («*Invent. e tests.*», vol. XVIII, invent. de Castanho o velho), bandeira esta que fez a confusão estabelecida por Pedro Taques, a proposito dos dous paulistas homonymos, pae e filho, bem como das duas bandeiras em épocas diversas por elles chefiadas.

Não sabemos si pertencendo a esta gente de Lourenço Castanho o moço estava no sertão o bandeirante Ascenço Gonçalves, conforme nos revela «*Invent. e tests.*», vol XIX, 246, ou si era parte da expedição que, nesse anno, Bartholomeu Bueno Cacunda conduziu, por paragens ignotas («*Actas*», vol. VI, 403) (10)

Em 1677, possivelmente com Lourenço Castanho o moço, ou com Bartholomeu Bueno Cacunda, ou ainda com outra expedição sertaneja qualquer, no sertão falleceu Domingos Góes Pereira, que tinha em sua companhia Manuel Pires Salvago, Clemente Portes, Miguel Garcia, Jeronymo Bicudo Cortes e João Luiz do Passo («*Invent. e tests.*», vol. XIX, 193, inv. de Domingos Góes Pereira).

Bartholomeu Bueno de Siqueira, em 1676, é assignalado por Taunay, no seu mappa do Museu Paulista, trilhando os territorios goyanos do norte do Paranahyba. E' possivel seja esta mesma a bandeira de Bartholomeu Bueno Cacunda supra referido (11).

---

(10) Bartholomeu Bueno Cacunda era filho de Mariana de Camargo e de Bartholomeu Bueno da Ribeira o moço.

(11) Bartholomeu Bueno de Siqueira era filho de Maria Bueno, esta filha de Jeronymo Bueno e de Clara Parente filha de Manoel Preto. Era seu pae Lourenço de Siqueira, tambem bandeirante.

Entre outras bandeiras partidas para o sertão, que escaparam até agora á identificação, está a de que fez parte Antonio de Almeida Lara, irmão do mencionado Lourenço Castanho o moço, partida em maio de 1678. («*Invent. e tests.*», vol. XIX, 382, testamento de Antonio de Almeida Lara), bem como uma outra em 1680, á qual acompanhou Balthazar de Godoy, (Balthazar de Godoy Bicudo, provavelmente).

O capitão Manuel da Cunha Gago, genro de Manuel Garcia Velho, foi tambem dos bandeirantes mais esforçados desse tempo, tendo, repetidas vezes, penetrado em bandeira pelo sertão, conforme se vê do seu testamento e inventario («*Invent. e tests.*», vol. XIX, 232 e seguintes).

Qual, porém, a região trilhada por essas numerosas expedições sertanejas que assignalamos? E' o que o mutismo dos documentos não nos dá o menor ponto de referencia. Nessa época, era, entretanto, o planalto central goyano a zona preferida pelos devassadores das selvas, que não demandavam a esteira deixada no oceano verde da matta virgem das geraes pela grande bandeira de Fernão Dias. Os sertões paranaenses não estavam fóra do raio de acção das bandeiras paulistas, desse tempo, que ahi se afazendavam nas sesmarias que lhes eram doadas com generosidade; além de que as minas de Paranaguá despertavam então a attenção do tenente general Jorge Soares de Macedo e a do administrador dom Rodrigo de Castello Branco.

Raras eram já as turmas paulistas a attingir as colonias castelhanas do Paraguay ou das margens do Uruguay, onde medrosamente se estabeleciam de novo os jesuitas com suas reducções de guaranis.

XXV

Segundo soccorro paulista ao reconcavo bahiano. — Estevam Ribeiro Bayão Parente, Braz Rodrigues de Arzão (1670 - 1680).

Desde 1669, segundo se conclue de Pedro Taques, citado por Basilio de Magalhães, na sua magnifica e já por nós tão citada «*Expansão Geographica do Brasil até fins do seculo XVII*», (*Rev. Inst. Hist. Bras.* tomo esp. vol. II, 117), o governador da Bahia Alexandre de Sousa Freire, á vista do insuccesso da expedição de Domingos Barbosa Calheiros em 1658-1659, pedira a Pedro Vaz de Barros, o Vazguassú, um auxilio para esmagar de vez os indios revoltados do reconcavo bahiano. Nada encontramos na documentação impressa que diga respeito a este tópico do linhagista. Ignoramos tambem o que tenha conseguido o governador geral com o potentado paulista Pedro Vaz de Barros, mas o certo e livre de duvidas é que, em 1670, á vista de não terem, ainda, conseguido os governantes da capital da colonia dar um cheque de morte nas tribus que assolavam sempre as regiões bahianas do reconcavo, de novo o Governo Geral escreveu a Camara paulistana, reclamando outra vez

um corpo paulista para ser a guerra levada aos indios indomaveis.

A vinte de maio de 1670, reunia-se a assembléa municipal de São Paulo, para tratar desse assumpto, havendo recebido a requisição do Governador Geral com a presença do capitão mór da capitania Agostinho de Figueiredo e do provedor da fazenda real, Pedro Taques de Almeida. Nessa vereação ficou determinado que Estevam Ribeiro Bayão Parente, sertanista já nosso conhecido, e seu adjunto Braz Rodrigues de Arzão, bandeirante emerito, tambem já por nós innumeras vezes referido, organisassem a força expedicionaria. O curioso documento que comprova estas asserções, que, aliás, não são novidades, sendo já de ha muito sabidas, está constante das «*Actas*», vol. VI, pag. 205:

> «Aos vinte dias do mes de Maio de mil he seis sentos he setenta anos nesta vila de san paulo na caza he pazo do conselho he camera dela donde se ajuntarão os ofisiaes da camera com o capitão mor desta capitania agostinho de figeiredo he o provedor da fazenda real he capitão pero taques de almeida, pera efeito de tratar he deferir as materias mais convinientes ao serviso de sua alteza he em particular a viajen recomendada do sor. governador deste estado, pera que os moradores desta capitania fosen a estingir he afugentar os indios muito barbaros que infestão a sidade reconcavo he moradores da baia, he estando os ditos ofisiaes da camera, capitão mór e provedor en consulta sobre o asima referido pareseu ante

> eles o capitão estevão ribeiro baião parente he por seu adjunto bras rodrigues de arzão he por eles foi dito que eles ambos se ofresião pera a dita jornada do sertão da baia, pera o que trazião a ditos senhores as propostas que for escrito Antes eles eixevião pera que sendo manifestas ao sor. governador geral he estando por elas e querendo lhas aseitar he conprir, como nelas se conteen se obrigavão a fazer a dita jornada a todo o tenpo q do sr. governador geral lhes for mandado ir con presa posto que tendo efeito o asima referido avião de segir a sua viaden por mar por mais conveniente e breve; o que tudo visto peles ditos ofisiaes capitão mor he provedor aseitarão a sua proposta somente pera as remeter he avizar ao governador geral: he avendo por bem de se lhe conseder o que pedem, he con avizo do sor. governador geral segirão dita viagen pera o que con as condisois referidas he consetas fiquão obrigados os ditos capitão e adjunto con a gente que tivesen A iren fazer a entrada contra estes barbarros infestadores he por asin ser proposto he aseito na forma sobredita mandarão os ditos senhores fazer este termo en que todos asinarão . . . ».

Muito tempo levou a resposta do governador geral ás propostas de Estevam Ribeiro Bayão a chegar a S. Paulo, pois quasi um anno após á reunião que menciona o documento supra ainda a expedição de soccorro a Bahia não havia marcado a data exacta

da partida, tendo apenas sahido da sua phase de organização.

E' o que nos demonstra o seguinte documento, que é um termo de vereança, do dia 27 de março de 1671 ·

> («*Actas*», vol. VI, 243). «Aos vinte he sete do mes de março de mil he seis sentos he setenta he hum anos nesta vila de san paulo na caza he paso do conselho he camera os abaixo asinados he por eles foi dito Ao procurador do conselho se tinha alguma couza que requerer do serviso de sua Alteza he ben comun deste povo o fizesse he por ele foi dito he requerido aos senhores ofisiaes da camera que suas merseses mandasen notificar ao capitão da leva pera o sertão da baia estevão ribeiro baião pera pasar mostra da gente que ten. A coal lista pasara a segunda oitava pera ir consegir aua viagen Antes que se pasen as monsois o que visto pelos ditos ofisiaes mandarão se fizese logo deligensia con o dito capitão mór da leva estevão ribeiro baião se aprestase pera segir sua viagen de que tudo fiz este termo . . . ».

Dous mezes depois desta vereança, ainda se tratava da léva de Estevam Ribeiro Bayão, que, não sabemos porque, permanecia no povoado paulistano.

Talvez esperasse elle recursos para fazer a viagem, sendo que o governador havia mandado lhe fornecer mil cruzados em dinheiro, que lhe foram entregues pelo thesoureiro do donativo real, Bartholomeu

Monteiro, segundo nos assegura o termo de vereança de quatro de maio de 1671. *(«Actas»,* vol. VI, 246).

Não encontramos nos documentos, nada que se refira á data da partida da expedição de Estevam para a Bahia, assegura-nos Pedro Taques *(«Nobiliarchias», Rev. Inst. Hist. Bras.,* vol. XXXV, p. 1.º 55), porém que ella sahiu de Santos em junho desse mesmo 1671, o que é muito provavel, por ser a ultima referencia a seu respeito encontrada nos documentos, a mencionada com a data de 4 de maio, desapparecendo ella dahi por deante da attenção dos camaristas paulistanos.

Sobre a sua composição, além do que já é sabido por intermedio de Taques (loc. cit.) como por exemplo terem feito parte da expedição Manuel Vieira Sarmento, João Maciel Parente, filho do cabo da tropa e Braz Rodrigues de Arzão, adjunto do chefe, temos sérias suspeitas de que Cornelio Rodrigues de Arzão, irmão de Braz, e que foi em 1671 juiz ordinario, tambem tomou parte nella, tendo sahido de S. Paulo nessa data *(«Actas»,* 253, VI).

Pedro Vaz de Barros tambem se nos afigura ter sido um dos membros importantes da empreitada, visto como, sendo testamenteiro no inventario de Antonio Pedroso de Barros, seu irmão, e tutor de seus sobrinhos menores, funccionando ininterruptamente com essas qualidades no inventario, precisamente em abril de 1671, deixou esses cargos desapparecendo o seu nome nos documentos *(«Inventarios e testamentos»,* vol. XV).

Pedro Taques, referindo-se a Pedro Vaz de Barros, demoradamente falla sobre esse soccorro paulista a Bahia, sem, porém, peremptoriamente, affirmar ter o Vazguassú delle participado. E' certo, porém, que a

expedição paulista de soccorro a Bahia permaneceu em campanha até ao anno de 1674, data em que sabemos com certeza estar Pedro Vaz de Barros internado no sertão, segundo pudemos colher do inventario de Sebastião Paes de Barros, procedido em S. Paulo em 1674. («*Invent. e tests.*», vol. XVIII, 452):

> «Deu-se-lhe um cavallo de carga que levou o capitão Pedro Vaz de Barros para o sertão ...».

Não tendo ainda o soccorro da Bahia em 1674 tornado a S. Paulo, é muito possivel que esse sertão, no qual estava Pedro Vaz de Barros, fosse o do Reconcavo bahiano, onde os paulistas permaneciam, então chefiados por João Amaro Maciel Parente, visto como Estevão Ribeiro Bayão fallecera em São Salvador.

Pedro Taques affirma ter o governador geral escripto em 1673 a Camara de São Paulo, dando conta do successo da gente que, de São Paulo, levou essa bandeira de Estevam Ribeiro Bayão, conseguindo debellar os indios assoladores do Reconcavo bahiano; nós, entretanto, por mais cuidado posto nas pesquizas, não conseguimos encontrar esse documento, entre os da publicação official, talvez por que o tempo o tivesse consumido, juntamente com os que tinham a data de 1672 a 1677, formando uma grande lacuna no «*Registo Geral*». Não conseguimos, por esse motivo, adeantar cousa alguma no que já é de sobejo conhecido a respeito da grande gloria na Bahia colhida por essa expedição paulista.

Devassas nos archivos bahianos, entretanto, poderiam nos proporcionar interessantes pormenores a respeito deste victorioso emprehendimento paulista.

XXVI

Diversas expedições ao sertão entre 1680 e 1690 — Garcia Rodrigues Paes.

Grandes esperanças animavam o principe regente, o futuro Pedro II, de que em Paranaguá fosse o ouro abundantemente encontrado. Em 1678, choviam as provisões de seu punho regencial, promovendo descobertas auriferas e argentiferas, na distante colonia de além mar. Nesse anno resolveu o regente:

> «fossem ao descobrimento das minas de prata e ouro de Pernaguá o administrador geral Dom Rodrigo de Castello Branco e o tenente general Jorge Soares de Macedo para de uma vez se vir em conhecimento de que ha estas minas, ou de todo colher o desengano...». («*Registo*», III, 195).

Chegando á capitania vicentina o tenente general no dia 29 de novembro de 1678, promettia, por meio de um bando, o perdão aos criminosos, e pedia um auxilio para a expedição de descobrimento que ia emprehender «... *das minas de prata que houver neste sertão até o rio de Buenos Aires*...». No co-

meço do anno seguinte estava tudo preparado e nomeado para capitão mór da gente Braz Rodrigues de Arzão, segundo se vê da provisão passada a 24 de janeiro de 1679 (*«Registo»*, III, 203 a 205). Em março affirma Taques, partiu elle de Santos. Levava grandes effectivos, pois, só de indios das aldeias, iam cerca de 500, como se vê da acta de vereança de 13 de março de 1681 (*«Actas»*, VII, 113), e não 200, apenas, como affirma o linhagista. Sabidas são de sobejo as desventuras desta empreitada, que depois de muitos insuccessos chegou á ilha de Santa Catharina, onde se bipartiu, indo uns, com o tenente general e Braz Rodrigues de Arzão, para a ilha de São Gabriel, onde se encontrava Manuel Lobo, na nova Colonia do Sacramento, e outros, cerca de trezentos e tantos indios, sob o mando do vedor capitão Manuel da Costa Duarte retornaram, por terra a S. Paulo, sendo que só chegaram nove indios, com o referido vedor, devido a falta de mantimentos ao chegar ao rio de S. Francisco, tendo os restantes se dispersado nessa occasião. (*«Actas»*, loc. cit.).

Muito conhecidos são, já, os malogros de Jorge Soares de Macedo e seus companheiros, até chegar á Colonia do Sacramento, que finalmente cahiu em poder dos castelhanos, ficando o general e os paulistas prisioneiros em Buenos Ayres.

Em 1681, já era partido Dom Rodrigo, em busca da «prata de Sabarabuçú», e ainda estava no sertão Balthazar da Costa da Veiga, como se vê, em *«Actas»*, vol. VII, 86, só se assignalando em povoado em março do anno seguinte de 1682, sendo certo que em todo o anno de 1681 esteve ausente no sertão, não tendo apparecido em camara para tomar posse do cargo de vereador, para o qual havia sido eleito. Em

março do anno seguinte, como dissemos, o seu nome de novo surge, assignando um indignado protesto, contra um breve de Sua Santidade, pelo qual supprimia ao *«povo seus escravos, que com tanto custo de sua vida e bens tinhão adquirido no sertão»*. (*«Actas»*, vol. VII).

Balthazar estava no sertão, desde 1676, em companhia de Fernão Dias Paes, a cata das esmeraldas, tendo com elle feito a gigantesca peregrinação, contanos o insigne Taunay, na sua magnifica conferencia sobre o Governador das esmeraldas, sendo porém accusado de ter abandonado a Fernão, quando voltava elle ao arraial do Sumidouro, em 1681, com as pedras verdes emfim descobertas, tendo, assim, cedido ás injuncções de seu parente, Antonio do Prado da Cunha, que muito desfalcou a bandeira do grande sertanista paulista. E' possivel que Balthazar tenha chegado a S. Paulo em companhia de Garcia Rodrigues Paes.

Em fevereiro de 1681, Lucas Ortiz de Camargo, depois de requerer á Camara que «... *a elle se lhe offerecia hir Buscar Remedios no sertão que he o trato ordinario desta terra, pelo que Requeria a suas merces o ezevicem da assistencia, porquanto não podia deixar de seguir viagem* ...». (*«Actas»*, vol. VII, 92), penetrou no sertão todo o anno de 1681 ignorando-se porém onde tenha ido bandeirar.

Em 1682 internados do sertão estavam Innocencio Preto (*«Actas»*, vol. VII, 166), que tornou a São Paulo, em fins do anno referido, e Salvador Pontes, irmão do celebre Padre Belchior de Pontes. No anno de 1683, encontramos internada em anonymo sertão uma bandeira pelo capitão João Lopes de Lima, da qual faziam parte entre outros: Francisco Rodrigues, Antonio Vaz, (fallecido e inventariado no sertão, (*«Invent. e tests.»*, vol. XXII, 12), capitão Antonio Do-

mingues Galera, Manoel Ferreira de Lemos, Domingos Luiz, João Baptista de Moraes, Joseph da Fonseca, Carlos Pedroso da Silveira, o futuro manifestador do ouro nas geraes, e Manuel Rodrigues de Arzão.

Em setembro de 1684, no sertão, estava a bandeira, em junho do anno seguinte, de volta a São Paulo, onde foi feito judicialmente o inventario de Antonio Vaz, fallecido. Ignoram-se as regiões percorridas por esta expedição; é possivel, porém, estar ella á cata de metaes em cuja mineração tanto se distinguiu João Lopes de Lima nas minas do Carmo, nas décadas subsequentes. Nessa época, fechavam as bandeiras paulistas densa urdidura nos sertões, com as esteiras de suas passagens, á cata do ouro, tal era o numero de expedições, que, abandonando a caça ao indio, cediam ás ambições metropolitanas, divergindo das primitivas directrizes, para concentrar os pertinazes esforços nas Geraes e no territorio dos guayazes.

Apenas divergiam dessa regra as bandeiras de conquista de Pero Leme da Silva em Matto Grosso, de Mathias Cardoso ou de Domingos Jorge Velho, no norte do paiz, assombrando com seus pasmosos feitos de heroismo e audacia contra os hespanhóes, indios insubmissos ou negros quilombolas dos Palmares.

Nesta data, já havia o novo monarcha portuguez Dom Pedro II, resolvido a continuar com os esforços para a excavação das esmeraldas, que Fernão Dias descobrira, no fundo sertanejo do serro de Itacambira. Em 1683, 23 de dezembro, passou uma provisão de «*administrador das minas de esmeraldas que descobriu e gosará todas as horas...*», visto como. «*tendo respeitado á Garcia Rodrigues Paes á haver acompanhado a seu pae Fernão Dias Paes do descobrimento das minas de esmeraldas, de que trouxe*

amostras e nellas se fazer exame e se offerecer a ir continuar com elle profundando mais a terra por se entender que só assim se virão achar mais perfeitas e com differente bondade em razão das que trouxe, serem de superficie e para que, de uma vez, se tome desengano deste descobrimento ha tantos annos pretendidos, fazendo-se esta ultima experiencia e se consiga esta diligencia . . .». («Registo», III, 431).

Desde muito, desejava el rei ardentemente enviar á procura de esmeraldas mais uma bandeira, pois que já em fevereiro, desse 1683, escrevia á Camara paulistana, assim se manifestando e ordenando que dessem a Garcia Rodrigues Paes os indios das aldeias (*«Registo»*, III, 428). Muito tempo, porém, levou o filho do grande Fernão a se preparar para a empreitada, pois que, só em 1686, na sua primeira metade, se achava elle em condições de partir, pelo que requeria á Camara paulistana em 28 de fevereiro:

> «... pareseu o Capam. Maior garsia Riz Pais pello qual foi requerido q em virtude de hua provizão q tem de sua Mag. que deus guarde q estão registadas nesta Camera fas conta com o favor de deus seguir viagem ao descobrimento das esmeraldas pa. depois da pascoa logo pa. o q lhe era necessario conduzir todos os Indios das aldeas de S. Magde. q. estivessem por caza dos Moradores pa. lhe não faltarem».

Só tendo partido em meiados de 1686, logo devia ter Garcia attingido, sinão as esmeraldas, ao menos as regiões onde abundava o fulvo metal, pois que em 1697, recebia elle uma carta régia, pela qual se vê

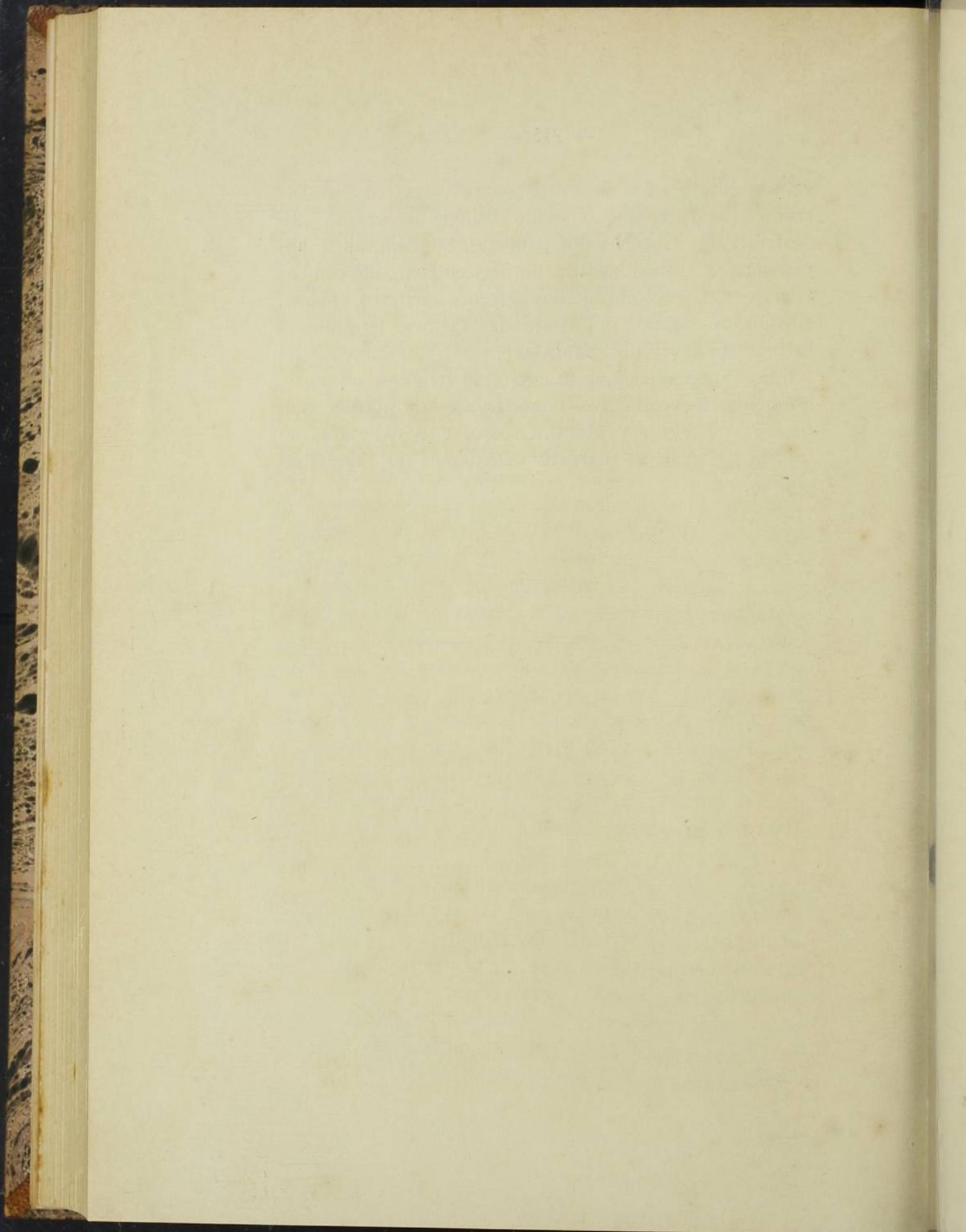
que foi elle o «*primeiro que descobriu o ouro de lauagem dos Ribeiros, que correm para a Serra de Serababasú*». (Basilio de Magalhães, «*Rev. Inst. Hist. Braz*», tomo esp., vol. II, 124), o que obriga a concluir que Garcia foi o verdadeiro desvendador do mysterio que, secularmente encobria o territorio mineiro, occultando systematicamente aos esforços paulistas o brilhar do precioso metal.

E' do anno de 1689 que encontramos nos documentos publicados pelo governo da cidade a ultima referencia ao bandeirismo seiscentista. Trata-se da bandeira de Mathias Cardoso, o destemido bandeirante que acompanhou ao sertão das esmeraldas Fernão Dias e dirigiu a expedição de d. Rodrigo para o mesmo sertão. A dezenove de fevereiro de 1689, recebia a Camara Paulistana uma carta do «*sr. Arsebispo e governador geral do estado em que avia emcarregado aos ofisiais da Camera se fizese gente pa. o sertão ou comquista do Rio grande como tambem pareseu salvador c. de Alma. com outra carta do mesmo governo em q emcarrega a mathias cardoso de Almeyda pa. a dita comquista*» («*Actas*», vol. VII.º, 374). E concordando os edis «*qera bem se dese calor e ajuda a fazer gente pa. esta conquista do Rio* grande o q todos em adiunto *admitirão q hera bem...*». («*Actas*», vol. VII, 375).

E assim foi organizada a expedição que o famoso sertanista levou aos sertões do nordeste, a debellar a crise por que atravessavam Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, atropellados pelas correrias dos indios revoltados. Calam-se os documentos sobre a partida da bandeira guerreira, bem como quanto á sua composição.

E' que os documentos archivaes paulistas torna-

vam-se muito mais laconicos sobre coisas de bandeirismo, á medida que o seculo attingia o occaso. As destemerosas façanhas dos paulistas, tambem, ao se approximar a ultima decada do seiscentismo, descambavam para as explorações dos terrenos auriferos, até que, encontrado, afinal, o Pactolo das Geraes, terminou a lucta formidavel dos paulistas para o afastamento da fatidica Tordezilha, que já então, ao longe se sumia no horizonte enevoado dos remotissimos e fragosos confins dos Andes em Matto Grosso, a oeste, para, ao sul chegar quasi ás margens castelhanas do Prata longinquo.

XXVII

Diversas expedições ao sertão, entre 1680 e 1690 — Dom Rodrigo de Castel Branco.

Em fins de maio de 1680, aportava, pela segunda vez a S. Paulo, Dom Rodrigo de Castello Branco, com suas «*provizoins e Regimtos.*», como se vê da acta de vereação de 1.º de junho desse anno, («*Actas*», vol. VII, 60), e não no mez de julho conforme affirma Basilio de Magalhães («*Rev. Inst. Hist. Braz*», tomo esp. vol. II, 90). A 20 de junho apparecia dom Rodrigo em Camara, para requerer aos:

> «... ditos srs. officiais que era necessario para o serviço de S. A. que deus gde. que suas merces como vasalos leaes de Sua Alteza avizasen as cameras de pernaiba moegi e taubaté que pa. Sancta Izabel mandasen vir esta villa os homens ancioins e de respeito e os homens Bons desses povos para se deliberar o seguinto, da funsão de Sabarabuçú...» («*Actas*», vol. VI, 62).

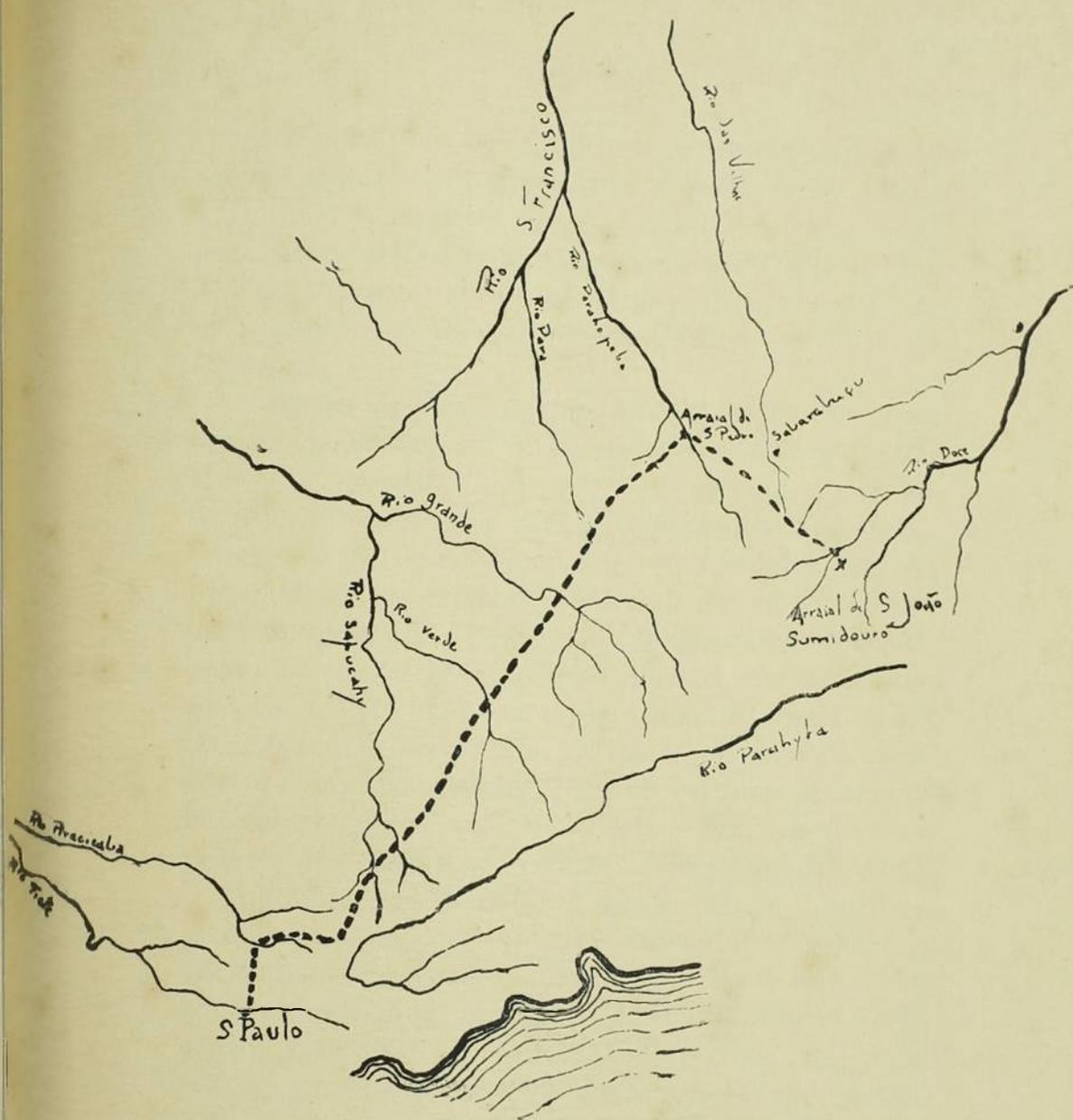
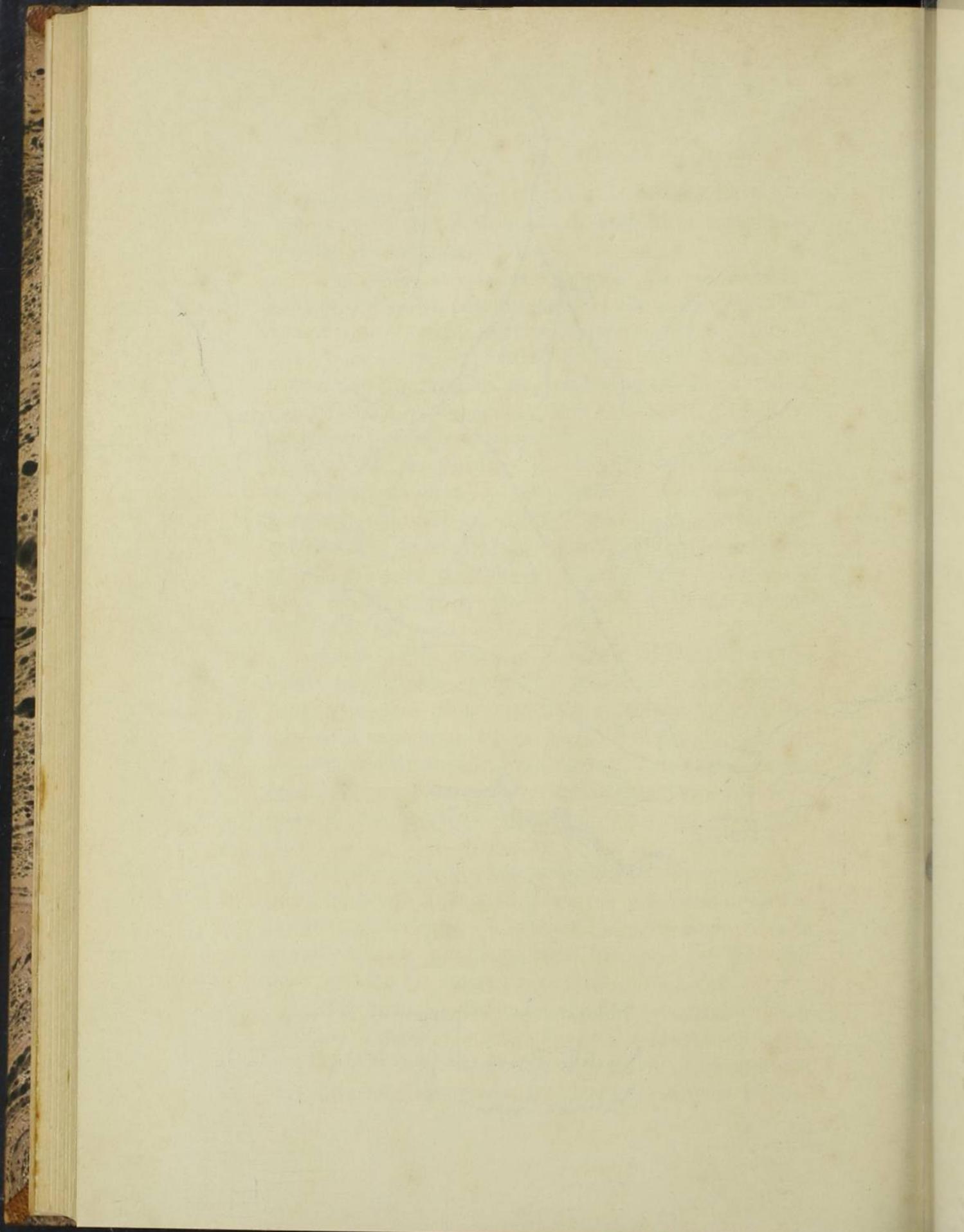
Eram sem duvida, os primordios para a organização da expedição que o desventurado mineiro cas-

telhano fora incumbido de levar ao encontro das pedras verdes, que Fernão Dias descobrira aos olhos cupidos da metropole lusa.

Por entre as varias diligencias (Basilio de Magalhães, loc. cit.), impulsionadas pela indiscutivel boa vontade do fidalgo castelhano, foi-se organizando a léva, com gente das villas de S. Paulo e Taubaté. Convocado o conselho de homens notaveis de experiencia, como vimos acima, ficou deliberado que Dom Rodrigo seguisse em Fevereiro de 1681, «*para a jornada do descubrimento da prata de Sabarabuçú*», e não o fazendo ante» ... *pella falta de mantimtos* ... ». («*Actas*», VII, 64). E' muito curioso verificar-se que, não obstante haver Fernão Dias descoberto esmeraldas e não prata se continuasse a designar a entrada de Dom Rodrigo como indo a procura da prata de Sabarabuçú.

Logo, nessa occasião, Taubaté offerecia ao fidalgo bandeirante todos os indios de suas aldeias, bem como para mandar plantar mantimentos, pelo caminho da expedição, talvez, pelas cercanias do valle do Parahyba, a principio escolhido para roteiro; para *mais faselidade se conseguir o descubrinto da prata* ... ». dizia a boa gente de Taubaté, («*Actas*», VII, pag. cit.).

Deste generoso offerecimento o fidalgo hespanhól só acceitou o contingente de «*sessenta indios*», porque «*tinha carta de Anto da Cunha gago, o coal promettia levar mantimentos pa. paragem con que não hera necessario plantas*». («*Actas*», VII, 65).

Até o fim de 1680, febrilmente se aprestou Dom Rodrigo, reunindo em S. Paulo das diversas aldeias de Sua Alteza cerca de 120 indios, não sem grandes trabalhos de alistamento, devido a estarem os effecti-

Roteiro da expedição de D. Rodrigo de Castello Branco, á procura da prata de Sabarabuçú

vos dessas aldeias desfalcados, com as expedições ao sul ao mando de Jorge Soares de Macedo (*«Actas»*, VIII, 88); além dos 60 de Taubaté, de onde tambem, Antonio da Cunha Gago (provavelmente o filho de Bartholomeu da Cunha Gago) deveria enviar de seu séquito 150 e mais 60 de Mathias Cardoso de Almeida.

Apesar de haver faltado Antonio da Cunha Gago com a promessa de «... *cento e sincoenta Indios seus*...». (*«Actas»*, VII, 96), o que não é de extranhar, pois que nessa occasião o potentado taubateano estaria no sertão em companhia da bandeira que seu pae chefiava em exploração da vertente de além Mantiqueira, partiu D. Rodrigo a 19 de março de 1681, segundo, muito bem, affirma Basilio de Magalhães, (*«Actas»*, VII, 117 e 118), levando para mais de 200 indios, sendo a expedição chefiada pelo mencionado Mathias Cardoso, com a patente de tenente general (*Registo»*, vol. III, 297), e por André Furtado com a patente de capitão. (*«Registo»*, III, 299).

Sahindo de S. Paulo a 19 de março, a léva tomou o caminho do Juquery, chegando a Atibaia a 24 de março, segundo se vê de um recibo que Dom Rodrigo passou ao capitão João Paes Rodrigues (*«Registo»*, III, 293). E' facil se deprehender que uma vez assignalada a presença da expedição em Atibaia, cinco dias após a partida de S. Paulo, despresou ella o caminho do Parahyba, divergindo portanto do roteiro de André de Lião, no começo do seculo, e talvez da esteira deixada por Fernão Dias, si é que o grande bandeirante, tambem, já não havia penetrado nas geraes, por Atibaia, o que, aliás, é opinião do grande Capistrano.

De Atibaia, Dom Rodrigo devia ter seguido o

curso do Camandocaia, entrando em Minas, com o Lopo á direita, para chegar em meiados de abril ao Sapucahy, onde estacou, com a fuga de 27 indios da expedição, que lhe roubaram muito material e armamento. («*Actas*», VII).

Só em junho, pouco antes de 15, a entrada attingia o arraial de São Pedro de Paraubipéba, de onde escreveu o fidalgo mineirador uma carta a Fernão Dias, que Taunay reproduz na sua esplendida conferencia, proferida sobre o vulto do maior paulista da época.

Longo tempo, devia Dom Rodrigo ter permanecido no arraial de S. Pedro, pois a 26 de junho, ahi chegando, Garcia Rodrigues, com os restos mortaes de Fernão Dias e amostras das pedras preciosas encontradas, entregou-as ao administrador Dom Rodrigo, sendo lavrado o manifesto:

> «... aos vinte e seis de junho em os mattos de Paraibipéva, arraial de São Pedro em pousadas do administrador geral Dom Rodrigo Castello Branco pareceu Garcia Rodrigues Paes e em presença de mim escrivão ao diante nomeado appareceu o dito Garcia Rodrigues Paes ao administrador geral com uma pedras verdes as quaes disse serem esmeraldas que o governador Fernão Dias Paes seu pae que Deus haja havia mandado tirar de uns cerros que antigamente tinham tirado os azeredos em reino dos patachos as quaes ditas esmeraldas as manifestada em esta administração para o dito administrador as fizesse presentes a Suas Alteza por duas vias para que o reino

> se visse se tinham a dureza e fineza e que entretanto que vinha resposta do dito senhor administrador mandasse tomar posse em nome de sua alteza dos ditos cerros adonde se tiraram as ditas plantas digo pedras para que nenhuma pessoa descobrindo-as possa ter direito nellas visto elle dito havel-as manifestado nesta administração...». («*Registo*», III, 307).

Do arraial de S. Pedro, no Paraopéba, em 18 de julho, o administrador Dom Rodrigo enviou a São Paulo Francisco João da Cunha com as amostras das esmeraldas, que recebera de Garcia, e com cartas para a Camara de S. Paulo, sempre terminadas com o classico...: «*bejo las manos de vostras mercedes...*». («*Registo*», III, 310).

Chegou a S. Paulo Francisco João e sua preciosa carga, em fins de agosto só surgindo perante o Conselho Municipal Paulistano, em 1.º de setembro, chamado pelos homens da governança:

> «... que foi portador de um prego com cartas para Sua Alteza, com hũ saquinho todo lacrado e cozido para Sua Alteza com pedras que manda o administrador dom Rodrigo Castel Branquo que dis serem berdes transparentes que paresem ser esmeraldas e pelo dito ajudante frco João da Cunha foy dito que as ditas pedras que paresem ser esmeraldas de que elle fora portador forão descubertas pello governador Fernão Dias Paes no reino dos patachos na mesma mina ou serro de onde an-

tigamente tirarão os azeredos e recolhendoce com ellas para as plantas do sumidouro adoecera em caminho de que morera com muita parte dous indios domestiquos de seu serviço e q vendoce seu filho Garcia Roiz Pais emposivilitado com seus indios doentes por combalecer e chegar naquelle asidente o administrador e provedor geral das minas Dom Rodrigo Castel Branquo o dito garcia Roiz pais filho no dito descubridor viera ao areal do dito administrador a aprezentarlhe as pedras que o defunto seu pay tinha descuberto pedindolhe que pella emposivilidade com que se achava sem poder vir logo com ellas pera levar aos pes de Sua Alteza pedira ao dito administrador as remetese logo por duas vias para que brevemente se mandarem a Sua Alteza o que logo o dito administrador fes logo prontamente remetendo hua via a esta camara e outra a de guaretinguetá (naturalmente para seguir atravez da serra do Mar e Paraty para o Rio de Janeiro e dahi para Lisboa) e alem das plantas do sumidouro tinha mais duas outras plantas é que em hu dellas deixara a Joze de Castilho por guarda das esmeraldas descubertas pera que ninguem fosse a ellas...». *(«Actas»,* VII, 136 e 137).

Nesta data, (1.º de setembro), já devia ter a entrada de d. Rodrigo abandonado o arraial de São Pedro no Paraopéba, em demanda ao Sumidouro, onde chegou através do rio das Velhas. No Sumidouro arraial de S. João, encontrou o fidalgo castelhano o

féro Borba Gato, o formidavel genro de Fernão Dias, com os restos da bandeira do grande paulista. Muito differente da de Garcia deveria ser a acolhida de seu rude cunhado.

Conhecidas são as particularidades tragicas e violentas, succedidas por entre as abruptas penedias do fatidico lugar mineiro, que já vira um dia, tantos annos antes o balouçar soturno do cadaver de José Dias, o filho traidor do estoico bandeirante das esmeraldas.

Ignora-se com exactidão a data da chegada da expedição de d. Rodrigo ao arraial de S. João. A morte do fidalgo hespanhol teve logar, porém, em meiados de 1682, como com muita razão affirma o «portento de retentiva» Pedro Taques e não em fins de 1681, como pretender corrigir o grande Basilio de Magalhães (*«Rev. Inst. Hist. Braz.»*, tomo esp., vol. II, 91), pois que a 6 de janeiro de 1682, ainda escreveu aos officiaes da municipalidade paulistana, o desventurado administrador, conforme se vê do *«Registo»*, vol. III, 331 e 332. Com a data de 25 de maio de 1682 encontramos uma outra carta de d. Rodrigo, escripta do Sumidouro (Reg. III, 388), da qual foi portador Manuel Castanho. Só em 21 de outubro de 1682, teve a Camara paulistana noticias do assassinato de d. Rodrigo, como se vê do seguinte documento, registro de uma carta que a Camara escreveu ao Principe Regente:

> «A vinte um de outubro deste presente ano nos veiu por leves noticias vulgarmente que haviam morto o administrador geral das minas Dom Rodrigo Castello Branco na paragem chamada Sumidouro distante desta villa mez e meio de viage e como andava no real serviço de Vossa

Alteza que se tem averiguado ser certa a morte e não temos mais conhecimento nem consta que pelas noticias nem sabemos quem commettesse o delicto...». *(Registo»,* III, 360).

Não é crivel que esta noticia acima mencionada, do assassinato do fidalgo, levasse um anno para chegar a S. Paulo, que estava apenas mez e meio de viagem de distancia do Sumidouro.

*
* *

Bem fundos desgostos deveriam estar cavados no seio da familia de Fernão Dias, pela intromissão de d. Rodrigo, nas minas das pedrarias, a querer abocanhar os fructos dos martyrisantes sacrificios da via sacra dolorosa dos sete longuissimos annos no sertão impervio, atravessado pela gloriosa bandeira de Fernão. De facto, em setembro de 1681, appareceu repentinamente em Camara o padre João Leite da Silva, irmão do formidavel sertanista, e indignado proferiu energico protesto, dando largas ao seu genio arrebatado:

«... por mim e como irmão do defunto capitam fernão dias pais descobridor das esmeraldas e em nome da viuba sua mulher Maria garcia como seu procurador e de seus filhos requeria a suas merces hua e muitas vezes da parte de sua Alteza que deus gde. e das nossas atalhem e proivão pellos meios mais combenintes a dom Rodrigo castel branquo os ententos que consta

tem de mandar apoderarçe das minas das esmeraldas que o dito meu irmão descobriu os quais ententos se verifiquam por hua carta que Mathias Cardozo conpanhero seu escreveo a seu irmão Salvador cardozo em que lhe dis que das esmeraldas espera tirar os gastos da jornada e por outra ao padre capelam felis pais nogueira em o chama e convida para o acompanhar na entrada das esmeraldas e porque de elles asim o fazerem se segirão grandes desservissos de sua Alteza descaminhos das esmeraldas e prejuizos aos que somos intresados neste descubrtimento lhes ordenem vms. ou admoestem que não vam nem mandem nem consintam pesoa algua chegue as ditas minas pellos danos que dahy se podem segir antes conservem o capitam Joze de castilho a quem o dito descobridor deixou em guarda dellas pello que torno a requerer a vms. da parte do prinsipe nosso senhor e de seu reeal serviço mandem pello mesmo ajudante que trouxe o avizo e torna intimar este meu protesto e requerimento ao dito Dom Rodrigo e a todas as pessoas de sua companhia e delle cobrem vms. resivo em que se obrigue a entregarlho porque fazendo algum delles o contrario ou constando que forão ou mandarão bolir nas esmeraldas ou nisso consentirão sem ordem eispreça de sua Alteza ou do governador geral protesto de haver pello dito Dom Rodrigo . . . ». (*«Actas»*, vol. VII, 134 e 136).

Foram estes desgostos da familia de Fernão, dos quaes se achava certamente saturado o impulsivo Borba Gato a causa da triste morte de dom Rodrigo, que apenas ia «*por obrigação de fazer pela razão de meu posto*», segundo respondeu o fidalgo ao protesto do padre acima mencionado, («*Registo*», III, 131 e 132), e tanto mais que o «*capitão Garcia Rodrigues Paes, por carta que me escreveu e pelo manifesto feito nesta administração, fez de tudo deixação ao Principe nosso senhor*...», justificava ainda o administrador a sua resposta ao protesto (loc. cit.).

* * *

Desprendido e bondoso mancebo, Garcia Rodrigues, que tudo dava a seu principe depois de tão ingentes sacrificios feitos por seu pae para a descoberta das pedrarias! Em dezembro de 51, apparecia em Camara paulistana, Garcia Rodrigues, offerecendo: «*as esmeraldas q apresentava e manifestava descuberta por seu pay o governador fernão dias Pais as quais l'he restarão das que tinha oferecido ao administrador geral Dom Rodrigo Castel branco*».

Extranha gente a paulista, que de tudo se privava, para offerecer a seu principe o fructo precioso de seu immenso esforço, sem, nem ao menos, a si reservar uma amostra, que lhe recordasse os duros dias do sacrificio!

XXVIII

Grandioso movimento nacionalista em S. Paulo — Acclamação de Amador Bueno da Veiga — Guerra dos Emboabas.

Logo após as descobertas das «minas», pelos paulistas, nas Geraes, no fim do seculo XVIII, passaram elles a exploral-as febrilmente, retirando do seio da terra as oitavas auriferas em abundancia, o que constituiu o chamariz de immensa corrente de immigração da metropole, em busca das serranias mineiras e dos soccavões generosos, que phantasticamente povoavam todas as imaginações.

Ao começar o seculo dos setecentos, surgiu, porém, entre os paulistas e os adventicios a odiosidade, que, em poucos annos, deveria ensanguentar o territorio mineiro, segundo se deprehende de uma reclamação constante de um «*termo de Requerimento do povo sobre o descubrinto dos cuatagoas*», dirigido em abril de 1700 a Arthur de Sá e Menezes, segundo o qual:

> «as terras do territorio das minas de catagoas asim campos como matos lavradios de direyto pertensia aos paulistas pa. pos-

suirem por datas de S. Magde. q deus gde. ou de quen for donatario porqto. elles foram os q conquistarão as ditas terras e são os descubridores das minas de ouro q do presente se lavrão o q he notorio e patemte o q tudo fizerão a custo de suas vidas e fazendas sem dispendio da fazda. Real e q seria hua gramde emJustisa comsederse as dias terras aos Moradores do Rio de Janeiro q nunqua tiverão parte tamto no comquista como no descubrimento...». («*Actas*», vol. VII, 536).

Estavam, pois, como se vê, as autoridades do Rio de Janeiro a proteger os moradores desta cidade contra os paulistas, cousa que continuaram a fazer, dahi em deante, em relação a todos os adversarios dos paulistas, não dando importancia aos protestos dos legitimos donos do riquissimo «*Pactolo*» das Geraes. Profundos foram os rancores originados na alma paulista, por esta protecção aos seus rivaes, a ponto de o celebre episodio, de que foi protagonista Jeronymo Pedroso de Barros, não passar de um simples accender do rastilho, já assim preparado. A lucta tomou proporções de sanguinolenta guerra civil, cheia de violentissimas refregas, nas quaes, de um lado, pelejavam os paulistas, valentes descendentes dos rudes bandeirantes seiscentistas, e de outro a infrene multidão de forasteiros, protegidos pelos dragões portuguezes, que a governança colonial não deixava de emprestar aos seus patricios reinóes, para atemorizar os indomitos bandeirantes paulistas.

Em 1709, depois das vergonhosas scenas de innominavel covardia do Capão da Traição, onde, á falsa

fé, foram trucidadas, desarmadas, dezenas de paulistas, com suas mulheres e crianças, em S. Paulo, logo ao chegar a infausta noticia, se preparou grande expedição, para castigar o vandalismo estupido de Amaral Coutinho e seus asséclas emboabas.

Memorabilissimo foi o movimento de reacção, entre os moradores do velho S. Paulo do Campo, magnifico surto nativista, contra os portuguezes, nas paginas da historia brasileira, signal primiévo e inconfundivel da differenciação da raça paulista, demonstração cabal da emancipação do nosso torrão, insigne e inesquecivel precursor secular da conspiração de Tiradentes, émulo remotissimo, no passado, da convulsão epilogada na sacrosanta collina do Ypiranga.

Organisada a expedição vingadoura, em 1.º de abril de 1709, foi eleito e acclamado pelo povo, para «*cabo mayor e defensor da patria*», Amador Bueno da Veiga: (*«Actas»*, vol. VIII, 190).

> «Ao primeiro dia do mes de Abril de mil eessetecentos e nove annos en as Casas e pessoas do conselho dela adonde forão trazidos os offes da Camra, a instancia e requerimto do Povo todos universalmte, e todos por hua vôs dizendo q eles da aquelle instante nomeavão e elegião por cabo universal pa. qualquer invazão e defensa da *Patria*, e bem cumum della e em pról de todo o bem e conservasão da *Patria* ao cap.am Amador Bueno da veyga, a qm. disserão havião de obedesser como seu cabo mayor em tudo do q fosse em prol do q assima fica d.o porq assim achavão q con-

vinha. *E como aos impulsos dee hu povo não ha qm. rezista . . .*».

Este bellissimo documento de acclamação de Amador Bueno da Veiga, terminando com este periodo inconfundivel, foi seguido de mais de uma centena de nomes dos mais em evidencia da governança paulistana, todos descendentes dos velhos pelejadores da época lendaria das bandeiras seiscentistas. O documento, como se vê, eivado do mais accentuado nacionalismo, define com clareza a noção da patria.

O vulto que, em São Paulo, representava a porsonalidade do cabo maior, acclamado, era o mais genuino representante da raça paulista, trazendo nas veias o sangue de varios dos maiores sertanistas do passado, autores de grandes façanhas de bandeirismo, além de ser puro descendente de innumeros povoadores da capitania vicentina, mesclados com o sangue aborigene dos regulos guayanazes.

Pertencente á velha familia dos Buenos, iniciada com o sevilhano Bartholomeu Bueno da Ribeira, e caldeada de sangue indigena pelo casamento deste povoador castelhano, no «clan» dos Pires, de Mecia Ussú, era elle bisnéto de Amador Bueno da Ribeira, que em 1.º de abril de 1641 (notavel coincidencia), fôra em S. Paulo acclamado rei e alvo do primeiro movimento separatista no Brasil de que se tem memoria; e neto de Amador Bueno o moço, imperterrito sertanista destruidor de «Guayrá» e «Tape». Ainda, por Amador Bueno da Ribeira, procedia elle de sangue mameluco, descendendo de Pequeroby, o maioral do Ururahy. Pela mulher de Amador Bueno da Ribeira, Bernarda Luiz, era elle procedente de Domingos Luiz, o carvoeiro, casado na raça mameluca de Tibiriçá.

Por seu pae, o capitão Balthazar da Costa da Veiga, companheiro de Fernão Dias, na peregrinação das esmeraldas, Amador era neto de Jeronymo da Veiga, insigne bandeirante, e pela mulher deste, filiado á familia dos Cunhas Gagos, onde havia grandes devassadores do sertão, como João Gago da Cunha, seu bisavô.

Eram ainda seus antepassados Henrique da Cunha Gago, o velho bandeirante da entrada de Nicolau Barreto; João do Prado e Salvador Pires, o companheiro de Jeronymo Leitão, quando este capitão mór em 1585 iniciou a lucta contra os formidaveis carijós. Bandeirante de raça, era, pois, pelos seus quatro costados, o cabo maior acclamado, pelos paulistas. Reunindo taes dotes de geração ás suas qualidades pessoaes e grandes cabedaes de que era possuidor, além de ser pessoa notavel da governança ,entre os paulistas, como nos dizem os chronistas de outras éras, foi elle, nos primordios do seiscentismo, o que seu memoravel antepassado fôra em meiados do anterior.

Muito tempo deveriam ter levado para organisar a mencionada expedição, pois a 24 de agosto de 1709, quasi cinco mezes depois da acclamação, foi chamado em Camara, Amador Bueno da Veiga, ao qual foi feito, pelo procurador do conselho capitão Manuel de Avila, um requerimento:

> «... que visto seguir pa. as Minas em serco. de Sua Magde. (extranho serviço) que Deus gde. e por bem da *Patria* e bem commum della que da parte do dito sor. lhe requeria não permittisse se fizecem absurdos, roubos, Hostilidades e ultimamte.

> mortes, porque de tudo se daria El Rey nosso sor. por mal servido, e q naquellas Minas existia o sor. Gor. e capm. gl. desta repartição, a cuja obediencia estivesse gente... dizendo q obrando, elle do cabo mayor o contrario: o imprazavão pa. o tribunal divino... e o dito cabo mayor segurou... porque o seu animo era entroduzir aos seus naturais naquella sua antiga posse, o que havia de fazer por meyos licitos e em ton pacifico, mas, que, havendo algua opozição alterada e quizecem os levantados com aquella costumada ouzadia rouballos desarmallos ou matallos (como tinhão feito) que el tal cazo era natural a desfensa, mas que havia de sempre sujeitar-se a rezão e obrar com os mais maduros conselhos, porque a sua vontade era em tudo acertar...». («*Actas*», VIII, 198, 201).

Após isso, partiu a expedição paulista, rumando o norte pelo Parahyba, Mogy das Cruzes, Taubaté e Guaratinguetá.

Ao chegar a esta ultima localidade, como é sabido, encontraram os paulistas o general Antonio de Albuquerque, que, como bom portuguez, se deu pressa em avisar os emboabas, que, em posto avançado, sobre o rio das Mortes, eram chefiados pelo intrepido reinól Ambrosio Caldeira Brant, illustre antepassado de tantos paulistas de hoje. A proposito deste aviso de Antonio de Albuquerque ,na documentação de publicação official, consta uma interessantissima carta subscripta por Caldeira Brant dirigida a um tal Domingos Gonçalves Candido, legitimo portuguez, na

qual são pedidos esclarecimentos sobre a marcha do exercito paulista, que, em novembro de 1709, já havia abandonado Guaratinguetá em demanda do passo do Embahú, onde foi a Mantiqueira escalada, para a penetração nas Minas.

Eis o curioso documento: (*«Registo»*, IV, 3). (12)

> «Senhor Domingos Gonçalves Candido, como o senhor general Antonio de Albuquerque nos avisasse do exercito de paulistas que achou em Guaratinguetá, vinha infallivelmente a estas Minas, estamos em todas ellas, não só promptos para os receber em batalha, sinão tambem para os buscarmos em qualquer parte onde constar que estiverem aquartelados, porém, antes de fazermos movimento algum, queremos saber em que situação se acham ou si ainda estão em Guaratinguetá e como desta circumstancia nos parece, é vossa mcê, sabedor e pelo que tem legitimo portuguez e leal vassallo de El Rei (vê-se por este trecho que a campanha dos paulistas nas minas foi uma guerra puramente nacionalista em que paulistas se oppunham a todos os elementos portuguezes, mesmo os moradores de territorios paulistas) nosso senhor despachamos estes proprios para que vossa mercê nos informe do referido e de tudo que souber do dito exercito e dos seus movimentos,

---

(12) O original deste documento se acha no Museu Paulista.

> fiamos de vossa mercê e do senhor João Antonio, seu genro, obrem neste particular, como se deve esperar de legitimos portuguezes e leaes vassallos de El Rei nosso senhor, Deus guarde a vossa mercê muitos annos, etc. Rio das Mortes, 19 de novembro de 1709. — Ambrosio Caldeira Brantes».

Quanto á resposta a este pedido, talvez não tivesse sido o seu conteúdo muito tranquillizador, para a gente de Ambrosio Caldeira, porquanto não foi o seu proceder de accôrdo com as bravatas exaradas no documento reproduzido acima.

Muito longe de os portuguezes buscarem os paulista, onde constasse estivessem elles acampados, limitaram-se a fortificar-se nas margens do rio das Mortes e clamar por soccorro não só dos patricios, chefiados por Manuel Nunes Vianna, como dos lusos governantes do Rio de Janeiro, que não se fizeram de rogados em mandar auxilios armados aos intrusos das Geraes.

São muito conhecidos os resultados dessa empreitada bellica paulista, bem como suas aventuras em além Mantiqueira, contra o arraial do rio das Mortes e fortim da Ponta do Morro, commandados pelo mencionado Ambrosio Caldeira. E' sabido como este quiz pôr-se á discreção dos paulistas, rendendo-se com toda a sua soldadesca, comtanto que poupadas fossem as vidas de suas mulheres e crianças, embora em holocausto fossem tomadas as suas. Com esta solução, victoriosa para os paulistas, não concordou uma minima parte do exercito vingador, encabeçada pelo féro Luiz Pedroso de Barros, neto homonymo do bandeirante que eternamente dormia no bojo granitico dos

Andes bolivio-peruanos. Esta discordancia entre os moradores de S. Paulo determinou a volta do grosso da expedição chefiada por Amador Bueno da Veiga, continuando, porém, o pequeno numero de esforçados a lucta tremenda, no rio das Mortes, até que, chegando um grande auxilio de emboabas, tambem se retirou para áquem Mantiqueira, logo chegando a S. Paulo, sem ter conseguido levar a cabo os seus fins. A dissenção interna entre os paulistas foi a unica causa de não ter sido levada a bom termo a expedição vingadora do massacre do Capão da Traição.

Não tivesse ella existido e os paulistas teriam levado de vencida os seus inimigos reinóes, embora fossem estes acobertados pelas autoridades coloniaes, e apesar de terem os paulistas as suas forças em grande parte dispersas com as constantes expedições aos longinquos sertões, onde se fixavam formando nucleos de colonização, que depois se transformaram em Estados da nossa Federação. Com Domingos Jorge, Mathias Cardoso e os Macieis Parentes, para o norte do paiz haviam partido paulistas aos caudaes, ahi se estabelecendo: com os Brito Peixoto e os Dias Velho se iniciou o povoamento de Santa Catharina e Rio Grande do Sul, tambem depauperando as forças vivas da cellula mater paulista. Por outro lado, nas geraes, permaneciam, em mineração, avultado numero de paulistas, com immenso séquito de indios e negros escravos, e, no Paraná longinquo, distribuiam-se, generosamente, as sesmarias, onde o capitão Nuno Bicudo de Mendonça iniciára o povoamento do «hinterland», nos meiados do seculo anterior.

Eram os primordios da proxima decadencia de S. Paulo, que já se faziam sentir no horizonte escuro do seculo XVIII.

Sabidos tambem são os successos da rebellião de Nunes Vianna á frente dos emboabas e como os paulistas foram de novo postos nas suas lavras, ao se saber, na governança da colonia, que os paulistas organizavam uma expedição mais poderosa que a que havia fracassado, para de vez se imporem aos emboabas e mais intrusos.

XXIX

Bandeira das esmeraldas — Bandeira do ouro de Amador Bueno da Veiga — Anhanguéra — Ultimas referencias documentaes sobre o bandeirismo.

O tão lamentavel laconismo paulista, já observado no seculo XVII, em transcrever nos documentos os seus feitos, se transforma em quasi absoluto mutismo, no seculo dos setecentos.

As «*Actas Municipaes*» só cuidam de cousas referentes á administração da villa do planalto, em 1711, feita cidade. Nos «*Registos*», só se acham provisões e mais provisões de pessoas da governança. Nos «*Inventarios*», fontes magnificas de revelação de ignotas bandeiras, desapparecem os inventarios summarios, feitos no sertão, excellentes peças identificadoras de listas de bandeirantes e de impervias regiões por elles percorridas. Nas «*Sesmarias*», finalmente, explendida reunião de cartas de doações, com as quaes se podem acompanhar o paulatino povoamento das zonas vizinhas do burgo anchietano pelo Anhemby abaixo, ou Parahyba afóra, só se nos deparam as cartas doadoras de terras, cortando os interminaveis sertões do Paraná, pelos campos de Curitiba, ou pinheiraes do Tibagy. De bandeiras

propriamente nada se encontra de aproveitavel a não serem tres referencias, duas das quaes identificadoras de até então desconhecidos emprehendimentos sertanejos.

Logo após os successos desenrolados na lucta dos forasteiros nas minas, orientaram os paulistas, como é sabido, a directriz de suas entradas de exploração, para as bandas goyanas e matto-grossenses, onde logo descobriram novos « El dorados », que lhes presentearam ouro ás arrobas.

Foi logo ao iniciarem os paulistas as suas incursões, pautadas por essas directrizes, que resurgiu na cidade do planalto vicentino a idéa das esmeraldas.

Dom Braz Balthazar da Silveira, governador da capitania de S. Paulo e Minas Geraes, tratou, então, de pôr em pratica essas idéas concretizadas em noticias de concepção de Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo, que muitos annos fôra companheiro de seu cunhado Garcia Rodrigues Paes, na famosa expedição das esmeraldas que Fernão Dias levára ao valle do rio Doce. (13)

Dom Braz incumbiu a Sebastião Pinheiro de organizar a leva e proceder ao descobrimento, com a promessa do habito de Christo, mercê, então, muito cubiçada.

---

(13) Sebastião Pinheiro Raposo era filho de Antonia Pinheiro Raposo e por esta neto do grande Antonio Raposo Tavares e de sua segunda mulher Lucrecia Leme Borges de Cerqueira. (Silva Leme, *"Genealogia Paulist."*, vol. III, 543).

Foi Sebastião Raposo, um formidavel sertanista, explorador do "hinter land" mineiro e bahiano, onde falleceu assassinado.

Neste paulista bem se reflectiram as virtudes ethnicas herdadas de seu avô, o maior bandeirante de todos os tempos.

Eis o documento, encontrado no vol. IV do «*Registo*», 103, em que tem assento este emprehendimento:

«Registo de uma provisão do capitão Sebastião Pinheiro Raposo para o descobrimento das esmeraldas».

«Dom Braz Balthazar da Silveira do conselho de Sua Magestade que Deus guarde Mestre de Campo General dos seus exercitos governador e capitão general desta capitania e Minas Geraes etc. Faço saber aos que esta minha provisão virem que tendo consideração a me representar Sebastião Pinheiro da Fonseca Raposo que elle tinha noticia do sitio em que havia esmeraldas pela experiencia que fez no tempo em que andou occupado, no descobrimento dellas em companhia de Garcia Rodrigues Paes e que presentemente se offerecia para continual-o á sua custa levando para esse effeito escravos e o mais que era necessario, e attendendo ao muito que convem que se consiga assim para maior augmento destes povos como da real fazenda. Hei por bem encarregar ao dito Sebastião Pinheiro, deste descobrimento e tendo elle effeito por sua via, e á sua custa lhe prometto em nome de Sua Magestade a mercê effectiva do habito de Nosso Senhor Jesus Christo para seu filho Antonio Raposo Tavares com a tença que Sua Magestade for servido, e o foro de cavalheiro fidalgo da sua casa, tendo para uma e outtra mercê os requisitos necessarios sem que da parte do mesmo An-

> tonio Raposo haja defeito inedispensavel pelos definitivos da mesa da consciencia, e regimentos dos filhamentos da casa real; e ordeno a todos os ministros cabos, e officiaes de guerra e de justiça e a todas as pessoas de qualquer qualidade e condição que sejam não embaracem nem ponham impedimento algum a diligencia deste descobrimento antes dêm ao mesmo Sebastião Pinheiro toda ajuda e favor de que necessitar, facilitando-lhe todos os meios. Dada nesta cidade de São Paulo aos vinte e dois dias do mez de outubro de mil e setecentos e treze ...».

Não obtivemos mais noticias desta empreitada, quer nos documentos do «*Registo*», quer nas syndicancias procedidas nas «*Actas*». E', porém, provavel tenha esta nova bandeira das esmeraldas fracassado no seu intento de desvendar o mysterio, que tempos antes roubára a vida a Fernão Dias. Talvez fosse esta expedição a que Sebastião Raposo levou ao rio das Contas, na Bahia, onde achou grande quantidade de ouro.

Após este feito sertanejo, que, partiu em busca das pedras verdes, em 1713, os documentos só se referem ao bandeirismo, quando noticiam uma expedição, até agora conservada na penumbra, na lista das gloriosas bandeiras do ouro, talvez porque o seu feito não tivesse sido aureolado, com os louros de preciosas descobertas, fructos de penosas peregrinações por invios sertões.

Dous longos annos permaneceu ella fóra do povoado, nos sertões oeste de Minas e talvez nos goquista do Rio grande como tambem pareseu salvador

yanos, até que, extenuada, já de volta ao povoado paulistano falleceu-lhe o chefe. Foi esta expedição commandada pelo, já tantas vezes mencionado, Amador Bueno da Veiga, que, ém 1717, no mez de setembro, recebia de Dom Pedro de Almeida Portugal a incumbencia de fazer novos descobrimentos:

> «... tendo em consideração a me representar Amador Bueno da Veiga, que elle tinha noticia de alguns sitios, onde se podiam fazer novos descobrimentos de ouro, e se offerecer a ir fazel-os a sua custa levando para esse effeito, escravos, e o mais que fosse necessario: e attendendo o muito que convem se façam os ditos descobrimentos, assim para augmento destes povos, como da real fazenda: hei por bem encarregar o dito Amador Bueno da Veiga da diligencia de novos descobrimentos de ouro, com obrigação de me dar parte dos que fizer, o remetter as amostras de ouro que tirar, a mim, ou a quem tiver o governo desta capitania...». *(«Registo»,* IV, 240).

Longa caminhada deveria ter effectuado o *ex-cabo mayor* da gente paulista, com a sua bandeira, pois Pedro Taques nos transmitte ter elle fallecido em 1719, nos sertões do Rio Pardo, nas cercanias das divisas estaduaes de S. Paulo e Minas, naturalmente quando de volta de seu cyclo, talvez infructifero, quanto ás descobertas, que projectara.

Entre as muitas bandeiras já conhecidas, foi a do Anhanguéra o moço, Bartholomeu Bueno da Silva, dos ultimos esforços sérios de descobrimentos de novas ja-

zidas auriferas. E' sabido, partiu ella em 1722, para as bandas sertanejas, onde, outróra, em companhia do velho Anhanguéra, seu pae, o chefe da tropa vira o ouro abundar, entre os indios guayazes.

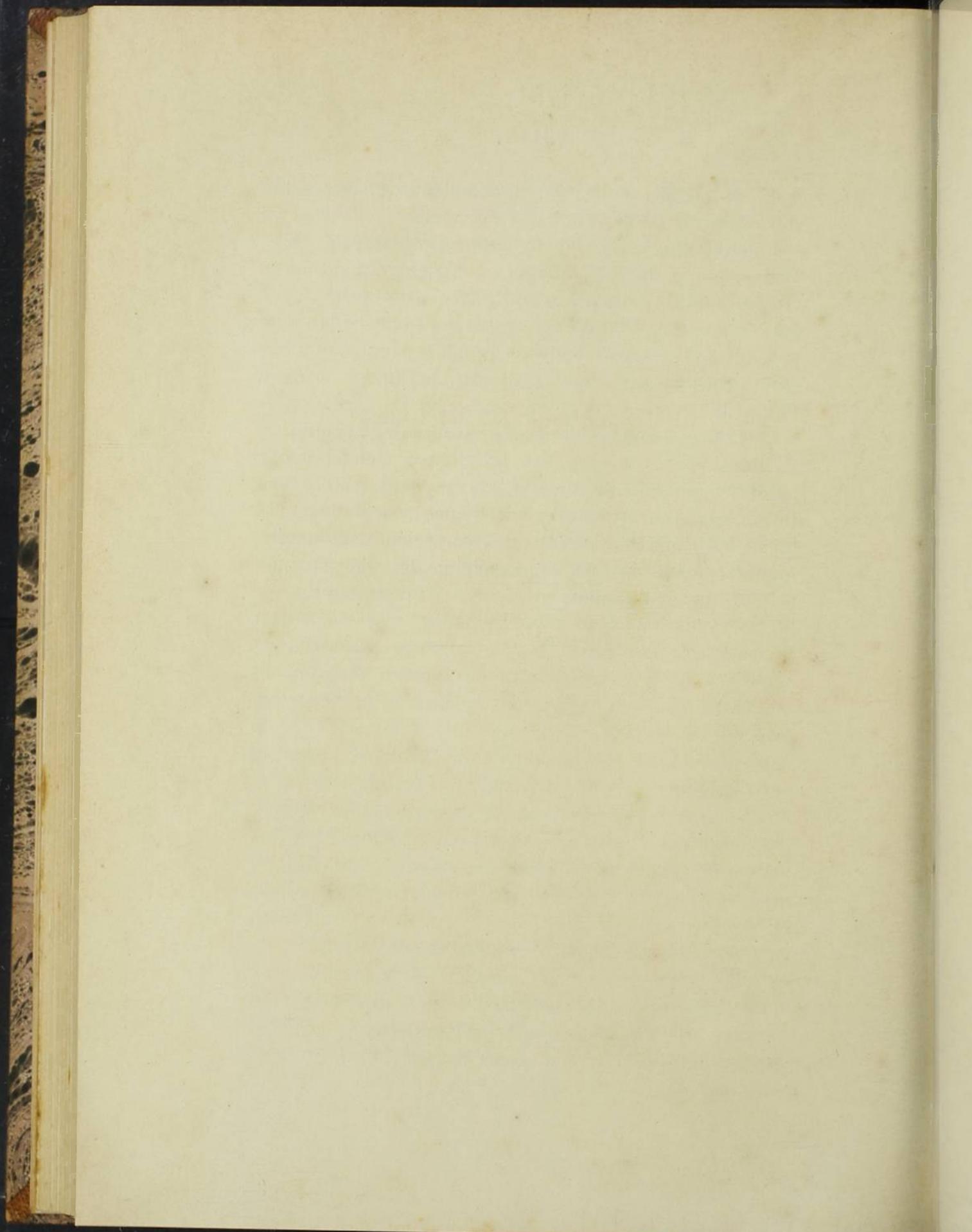
Tres annos de martyrios infinitos em luctas phantasticas, contra a natureza gigante do nosso sertão, perambulou o formidavel vulto do sertanista, Anhanguéra o moço, até 1725, quando o celeberrimo Rodrigo Cesar de Menezes, governador da capitania de S. Paulo e das Minas Novas do Cuiabá e Pernampanema, recebia noticias de que «... *o capitão Bartholomeu Bueno da Silva e mais pessoas que o acompanharam ao descobrimento do sertão dos Goyazes, não haviam descoberto ainda o ouro a que se destinava aquella diligencia e ficar ainda continuando nella e ser conveniente ao serviço de Deus e de Sua Magestade e ao bem commum desta capitania soccorrer-se áquella tropa assim com gente como com munições, e ter resoluto mandar ao dito sertão, ordeno e mando que todas as pessoas que quizerem ir a ella fazer serviço a Sua Majestade que Deus guarde se ponham promptas para irem na tropa que se ha de expedir e se attendera para este serviço aos requerimentos que tiverem como tambem se dará aos que forem pobres polvora e munição para a dita jornada* ...». (*«Registo»*, IV, 527, *«Registo de um bando do exelentissimosenhor general sobre mandar soccorro ao sertão dos Goiazes»).*

Eis a ultima referencia encontrada nos documentos publicados a respeito do bandeirismo. Muitas entradas mais, dos setecentos, são conhecidas, mas dellas os documentos examinados não nos dão noticias, só se referindo vagamente a viagens ás minas, por caminhos já certos e estabelecidos, através de paragens

mais ou menos civilisadas, não podendo ellas ser levadas em conta de bandeiras sertanejas.

De facto, essas viagens eram descidas pelo Tieté abaixo, em periodicas monções, em demanda a Matto Grosso, onde abundavam os arraiaes, ou pelas margens do revolto Parahyba, já plantadas de villas, em procura das Geraes, onde as minas e agglomerações eram mais densas em população do que a propria Paulicéa.

Poucos eram os aventureiros que, despresando os Pactolos em exploração, se internavam pelos sertões ignotos á procura de novos filões, travando com a natureza gigante espantosas luctas de tenacidade e estoicos soffrimentos. Destas raras empreitadas de mérito immorredouro é que lamentavelmente silenciam os textos que analysamos.

XXX

O bandeirismo em declinio.

Quando o nascer de seculo dos setecentos presenciava as multiplas descobertas auriferas, por entre as fragas das serranias centro-mineiras, coroando os esforços tenazes da gente paulista, lavrou o cruento destino o decreto irremovivel do declinio do bandeirismo.

O ouro, chamariz fulgente, phanal rutilante, attrahia para a sua mineração todas as ambições paulistanas e com ellas as energias da quasi totalidade dos moradores das villas paulistanas.

Para os arraiaes mineiros se transplantaram ás dezenas grandes e poderosas familias piratininganas, levando comsigo os seus haveres, a sua actividade e a vida, emfim, da villa do planalto, gigantea cellula mater da patria brasileira.

E, quando a invasão emboaba saturou as minas do elemento reinól, indesejavel e insupportavel para a arrogancia aristocratica do paulista, atirou-se este ao desbravamento dos mysterios do sub-sólo goyano e matto-grossense, fazendo surgir desses longinquos confins novos eldorados que desviaram para si a corrente emigratoria que de São Paulo partia em busca da opulencia.

E, então, foi Ararytaguaba a dolorosa sangria, dilatadamente aberta nas veias paulistas, de onde jorrára, para as bandas de além, o sangue aos borbotões das forças bandeirantes, despovoando o berço piratiningano, para povoar os extensos territorio goyano e cuyabano, com a immensa alluvião de exploradores do ouro.

Com este depauperamento accelerado pelo setecentismo adeante, S. Paulo ainda, na primeira metade do seculo, viu-se precipitar no abysmo da decadencia, com a sua população decrescida e sua agricultura supprimida. Seus moradores, aventurosos, valentes e emprehendedores, transfiguraram-se nos caipiras atrophiados e sedentarios, vivendo miseravelmente nos sitiécos circumdantes dos Guarulhos, Santo Amaro, Parnahyba e Araçaryguama. A gloriosa villa das bandeiras foi, no seculo XVIII, a lousa fria de um marmoreo tumulo sem epitaphio, onde anonymamente repousavam os louros de um passado esquecido e o inanimado corpo em catalepsia de um povo adormecido e exangue.

Sua seiva, antes tão pujante, fôra aurida soffregamente pelas minas de ouro das geraes, pelos preciosos cascalhos de Matto Grosso ou pelas campinas de araucarias paranaenses, serros e cochilias rio-grandenses ou pelas torridas fazendas de gado no distante nordeste. E o astro grandioso, que, em éras passadas fulgia na escuridão da noite eterna, rasgando-a em um raio luminoso pelo destino ignoto, do universo immenso, apagára-se refrigerado e extincto, esboroando-se em milhares de infimos bolidos, que, precipitados em varias direcções, logo se tornaram pallidas nebulosas sem calor nem brilho.

O velho tronco de jequitibá altaneiro, em antigos tempos o gigante formidavel da matta virgem, copado

e verdejante a «dominar ufano os altos topos da floresta expessa», despira-se e murchára estiolado, para se mostrar secco e esgueirado, qual esqueletico phantasma, no negror da noite procellosa, com a galharada mirrada e resequida, chocalhando macabramente, ao tufão infrene da desgraça.

Só duas luzes brilharam, nas trévas desse seculo aziago para a fidalga villa de Anchieta, a murmurar-lhe lembrando o passado grandioso:

Pedro Taques, o Plutarcho incansavel dos varões illustres da expansão bandeirante, e frei Gaspar da Madre de Deus, o monge aristocrata rememorador das antigas éras dos povoadores lusitanos.

Um longo seculo S. Paulo dormiu no somno lethargico da decadencia.

Suas seáras alouradas de trigo pujante, seus altaneiros milharaes, niveos algodoaes e verdejantes canaviaes, entrecortados de vergeis infindaveis e de extensos marmeleiros, deram logar ás maninhas capoeiras, pardacentos cerrados e interminaveis carrascaes, marginantes do Tieté, que tristemente se serpenteava, através desse quadro lugubre, arrastando, na sua corrente vagarosa e lamacenta o humus e a riqueza deste sólo para os caudaes immensos, formadores do Prata.

Seus solares senhoriaes, poderosos nucleos de clans bellicosos, que lembravam os castellos medievos e onde dominaram, nos saudosos tempos dos seiscentos, os potentados que esmagaram na America a Companhia de Jesus e roubaram a Castella um continente, dominando as martyrizantes intemperies de uma natureza phantastica, jaziam em ruinas, desmoronados e encimados de vegetação rasteira e musgosa, seguidora infalivel do abandono e do olvido.

Emigrara para o longinquo horizonte cuyabano

a grandeza paulista, levando a grei da população do planalto vicentino, os varões de animo aventuroso, ambicioso e idealista, deixando sómente os timoratos e sedentarios, assim se operando a selecção regressiva.

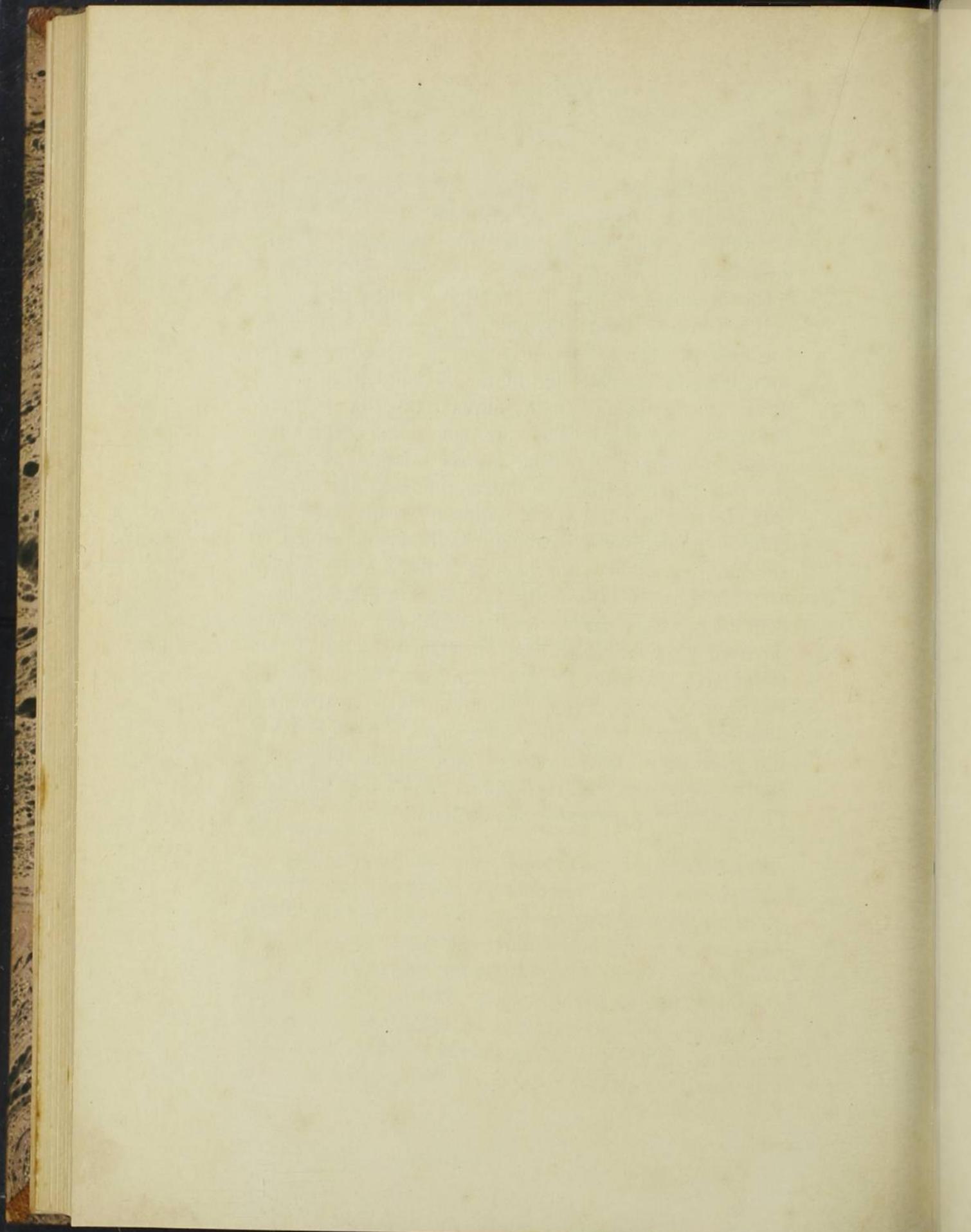
E como não bastasse, ao quadro dessa desdita e colorido tetrico de um despovoamento a realçar a figura horrida da miseria, teve ainda o nosso torrão de supportar os abusos e desmandos dos governantes lusos, que não trepidavam em lhes sugar os resquicios de vida, enviando ao matadouro distante de Iguatemy as derradeiras energias paulistas, que, sem queixume, ahi, nas aguas pestilentas desse rio de negra memoria, espelharam as tradições herdadas de seus maiores: lealdade, abnegação, ao lado de um estoico e inegualavel espirito de sacrificio.

O ouro que as entranhas terrenas vertiam em abundancia, em Matto Grosso e Goyaz, nem ao menos serviu para dourar os brazões carcomidos e enferrujados das velhas casas paulistanas, pois que, emquanto, o berço do bandeirismo se baloiçava vasio, ao vendaval da miseria, gosava a metropole potugueza com o fausto dos quintos arrecadados, pelos cerberos exactores, aos rudes desbravadores dos segredos do sólo, e com as extorsões da governança portugueza, na colonia vicentino-paulista.

Emquanto em ruinas tombavam os taipaes paulistanos e desmoronavam os alicerces da villa anchietana, rendilhavam-se em Portugal os granitos gothicos da Batalha, reesculpiam-se as pedras vetustas das arcadas manuelinas dos Jeronymos, reburilavam-se os mosaicos do regio Pantheon de Lisboa, cinzelavam-se os marmores de Belém, trabalhava-se febrilmente, na pombalina reedificação da capital portugueza, construindo-se S. Roque, Estrella, a Patriarchal, enriquecendo-

se a Sé, e entalhando-se admiraveis preciosidades que cumulavam a ostentação de José I.º.

Eis os ultimos degraus que descemos, no ingrato setecentismo, onde nos demoramos, por longuissimas décadas, até que a cruzada nobilitante do trabalho iniciada sem duvida pela gente campineira, sorocabana, ituana e paulistana em quem germinára finalmente, a semente heriditaria do bandeirismo, veiu nos trazer a segunda e definitiva phase da grandeza da nossa patria paulista que tem como pedestal o maior monumento agricola, jamáis existido na superficie do planeta, que é a nossa immensa lavoura de café, levantada em um sólo ingrato, pelo braço herculeo e infatigavel do caboclo paulista, mameluco fixado, empunhando o machado e a foice e do escravo africano, impulsionado e dirigido unica e exclusivamenpela energia sem par do paulista moderno, bandeirante da terra roxa e descendente inconfundivel dos velhos Camargos, Buenos, Prados, Cunhas, Pires, Moraes, Penteados, Lemes, Pretos, Godoys, Macieis, Almeidas, Taques, Laras, Castanhos, Alvarengas, Proenças Campos e Bicudos, esses cyclopes seiscentistas que recuaram o meridiano, de Tordezilhas emparelhando-o com os contrafortes andinos de Castella.

XXXI

João Pereira de Sousa Botafogo.

Estudavamos os documentos referentes ao bandeirismo e ao fallarmos da bandeira levada ao sertão do rio Parahyba, em 1596, pelo capitão mór João Pereira de Sousa Botafogo, já haviamos dito que, dos laconicos documentos do tempo, claramente se deprehendia ter havido seria lucta entre o capitão mór João Pereira de Sousa Botafogo e o capitão mór Jorge Corrêa, em virtude da qual este, por ordem de Dom Francisco de Sousa, havia sido suspenso das funcções do cargo de Capitão Mór da Capitania, sendo aquelle galardoado, pelos seus meritos.

Era nossa intenção, após haver-mos passado em revista o bandeirismo, apreciado através do prisma da documentação paulista impressa, aprofundarmos o estudo dessa questão, quando nos surgiu ás mãos um livrinho: «*Vultos do passado paulista*», de Ermelino de Leão, membro do Instituto Historico de S. Paulo etc., no qual é tratado, em um de seus capitulos, o assumpto referente á prisão de João Pereira de Sousa Botafogo.

Assim pois, aproveitando as referencias feitas pelo historiador paranaense, resolvemos antecipar o nosso estudo.

Como muito bem disse Ermelino de Leão, o interessante episodio da nossa historia de que foi protagonista João Pereira de Sousa Botafogo foi olvidado pelos historiadores e chronistas, de maneira que o devemos reconstituir, por inteiro, unicamente amparados pela documentação de publicação official.

Tendo esta analysado, o dr. Leão chega á conclusão que João Pereira de Sousa Botafogo, em 1595, ao concluir Jorge Correia o seu trienio de Capitão Mór da Capitania de S. Vicente, appareceu com uma procuração de Lopo de Sousa e com ella tomou posse do cargo que Jorge Corrêa, muito naturalmente, havia deixado, por se ter extinguido o seu tempo regulamentar. Com isto o Botafogo ás pressas organisou uma bandeira e, contra a opinião de Gaspar Nabo, o ouvidor, e da Camara de Santos, penetrou no sertão do rio Parahyba, onde, em 1597, em fevereiro, iniciou o inventario, por morte de João do Prado, o qual, não acabou, por ter sido preso, por Jorge Corrêa, que marchou para o sertão, logo que verificára a falsidade da procuração de Lopo de Sousa, com a qual Botafogo se tinha apoderado do poder. Preso Botafogo por Jorge Correia, continua o Dr. Leão, foi elle conduzido a S. Paulo, onde na «*forca pagou as suas culpas*».

Ao proceder a esta reconstituição, phantasista, o dr. Leão não teve porém a curiosidade de examinar os documentos constantes da collecção do «*Registo Geral da Camara Municipal*», porque, si o tivesse feito, certamente não se abalançaria, com tamanha facilidade, a enforcar a Botafogo, attirando-lhe a pecha de falsario.

Si o historiador paranaense, fosse folhear a documentação municipal do «*Registo Geral*», encontraria

no vol. II, 74 e 75, o documento que escapou á sua visão e ficaria sabendo uma serie de cousas em relação a este curioso capitulo historico, de maneira a orientar a sua reconstituição por vias bem diversas.

Eis o documento que bem define o caso:

«Traslado provisão de João Pereira de Sousa de capitão desta capitania de São Vicente.

«Dom Francisco de Sousa do conselho de el rei nosso senhor governador deste estado do Brasil etc. faço saber a todos e quaesquer justiças da capitania de São Vicente a que esta minha provisão fôr apresentada e o conhecimento della com direito pertencer que eu mando «ora vir emprezado a esta cidade S. Salvador da Bahia) e alçada Jorge Corrêa logar tente. de capitão e ouvidor da dita capitania e outrosim devassar delle pior m'o requererem as Camaras principaes Santos e São Vicente por seu procurador bastante Athanasio da Motta por razão... (infelizmente o documento aqui estava comido, de maneira que o decifrador não conseguiu reintegral-o nesta parte o que prejudica o sabermos o motivo das accusações a Jorge Corrêa)... logar tenente se dizer... bem em seus cargos... sua magestade... bem commum da republica como... que delle ... foram apresentadas ... as ditas ... pelo dito Athanasio da Motta (aqui nos parece que Athanasio apresentou as provas da accusação) ... «por esta razão fi... vaga a dita capitania emquanto se tirar a dita devassa e fizerem ... diligencias que mando fazer para se saber a verdade do conteúdo nos ditos capitulos hei por bem a serviço de sua magestade de prover por capitão da dita capitania de S. Vicente a

João Pereira de Sousa por ser pessoa benemerita e de que confio faça o que convem ao serviço de sua magestade obrigação do dito cargo e para que nelle corra com mais brevidade e inteireza lhe nomeio por seus adjuntos a Simão Machado e João Baptista Malio para todos trez determinarem os casos e negocios da dita capitania como lhes parecer justiça e augmento... o qual cargo o dito João Pereira de Sousa servirá emquanto eu o houver por serviço de sua magesstade e o dito senhor não mandar o contrario... ordenado prós e percalços ao dito cargo pertencentes assim de maneira que... o dito Jorge Corrêa, e elle me deu... menagem da dita capitania obrigando-se na forma della como é costume e houve juramento perante mim dos Santos Evangelhos de bem e verdadeiramente servir o dito cargo guardando em tudo o serviço de sua magestade e ás partes seu direito pelo que mando ás justiças da dita capitania que tanto que o dito Jorge Corrêa for suspenso do dito cargo de capitão e ouvidor por virtude da provisão que para isso mando passar seja logo remettido de posse do dito cargo o dito João Pereira de Sousa com os ditos... nomeados e os deixem servir... declarando e esta cumprisse... (*«Registo»*, II, 47 e 75).

E' este o documento que escapou á visão do dr. Ermelino de Leão. Por elle se vê que dom Francisco de Sousa nomeou a João Pereira de Sousa Botafogo para exercer, interinamente, o cargo que Jorge Corrêa deixara vago, em virtude de suspensão, motivada pelas accusações que lhe foram feitas, como se vê acima.

Portanto, Botafogo nunca esteve em exercicio, por força de uma «procuração» de Lopo de Sousa, a qual é accusado de ter falsificado, e sim, por mãos do go-

vernador geral dom Francisco, que o considerava pessoa benemerita.

Nem se affirme que Botafogo tenha falsificado a provisão de dom Francisco acima reproduzida, visto como elle foi accusado de havel-o feito em relação a uma procuração de Lopo de Sousa, segundo este affirma no documento que levou o dr. Leão as conclusões que ora rebatemos:

> «Por carta que desa camara que me foi dada entendi e me maravilhei das maldades de joão pra. de sousa e atrevimt.º tão grande como foi levar hua provisão falsa MINHA e hua provizão pa. cobrar o meu...» («*Actas*», vol. II, 175).

Assim sendo pois, cahe por terra a affirmação do dr. Ermelino de Leão de ter havido um falso governador da capitania de São Vicente, visto como o exercicio de capitão-mór de Botafogo foi perfeitamente legal, uma vez que, para tal cargo, foi elle nomeado, pelo governador geral, si bem que, interinamente, e que essa nomeação foi feita por uma provisão onde nada ha que nos autorize a pensar ter sido falsificada.

E' verdade que o registo da provisão acima citada do sr. de Beringel não contém a data do documento, em virtude de ter o tempo comido o fim do papel, mas quanto a isto não ha a menor duvida de que a provisão foi passada em 1595, pois estava o registo della entre os papeis desta data, sendo o ultimo documento do volume I do «Registo», que no Archivo Municipal tem o numero de 126, além de que é sabido terem sido consummidos os registos, depois

de 1595 e antes de 1600, quando dom Francisco já se achava em São Paulo e Botafogo já deveria ter morrido.

Não houve, pois, como quer o historiador paranaense, um falso governador da capitania vicentina. Botafogo foi capitão-mór de facto e de direito.

Quanto á Jorge Corrêa, parece ter elle se defendido com exito, junto a dom Francisco, das accusações que lhe haviam feito as Camaras de Santos e de São Vicente, pois, em 22 de novembro de 1597, a acta de vereação o menciona como capitão-mór, novamente. («*Actas*», vol. II, 29).

Ao reassumir Jorge Corrêa o cargo, cessava *ipso facto* a interinidade de Botafogo, que estava no sertão, tendo sido preso, entre fevereiro e julho de 1597, («*Invent. e tests*», vol. I, 79 e 87, invent. de João do Prado). «*por culpas de sua devassa*». Em março de 1598, ainda funccionava Jorge Corrêa como capitão-mór, para, em novembro desse anno apparecer com esse posto Roque Barreto. («*Actas*», II, 39 e 47). (14)

Por outro lado, é certo ter sido Botafogo preso e substituido no commando da bandeira pelo capitão Francisco Pereira, bem como accusado de haver falsificado uma provisão de Lopo de Sousa. («*Actas*», II.º, 175).

---

(14) Enganou-se o Dr. Leão ao affirmar que a bandeira de Botafogo em 14 de Novembro de 1598, ainda estava no sertão, pois que, Sebastião de Freitas um dos membros da dita bandeira, desde março de 1598, é encontrado em S. Paulo ("*Actas*" II, 39). E' que, o historiador paranaense, se baseou no documento encontrado em "*Actas*", v. II, 47.

> "... e outrosi que se requeresse ao dito capitão e p.r coãto a nossa gente; ficou no ser-

Não se sabe, ainda, porém, que natureza de provisão tenha falsificado Botafogo, devendo ser forçosamente, referente a outra cousa qualquer, que não ao cargo de capitão-mór, para o qual estava, como vimos, regularmente habilitado a exercer.

Em todo o caso, essa decantada provisão que Lopo de Sousa tão indignamente diz ter o infeliz Botafogo falsificado, não apparece em parte alguma dos documentos publicados officialmente, pois que a unica provisão referente a Botafogo e registrada na Camara paulistana é a que reproduzimos firmada por Dom Francisco.

Onde, pois, o corpo de delicto, contra o insigne bandeirante do rio Parahyba, na ultima decada do seculo quinhentista?

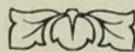
Convém, além de tudo, não esquecer que João Pereira de Sousa Botafogo pertencia, em Portugal, a uma familia incessantemente perseguida, por ordens régias, não se sabe por quaes motivos, mas que até suas propriedades de Elvas viu confiscadas.

Herdou Botafogo essa perseguição, não lhe dando tregua os do governo portoguez, até que aproveitando uma permissão aos criminosos virem fazer guerra

---

> tão da comp.ª de joão p.ra de sousa não vinha e podia estar necessitado de socorro q hera bem q se lhe desse soccorro e se soubesse de nada estavão... "

interpretando-o mal, porém, pois este texto documental é referente a bandeira de Domingos Rodrigues, que se destacou da gente de Botafogo, só chegando ao povoado paulistano em 1600. Isto se evídencia da documentação, que fizemos acompanhar o nosso estudo deste emprehendimento, que attingia os sertões goyanos.

ao gentio no Brasil, emigrou o destemido bandeirante. Na colonia brasileira, o seu valor na lucta, contra os tamoyos e a sua grande proeza do Cabo Frio, exterminando os francezes e prendendo Tucen Gurgel, fizeram-no respeitado, mas parece que o destino cruel lhe fadara ser victima da odiosa perseguição, que atravessando o oceano, viera encontral-o á frente de sua bandeira, como capitão-mór da vicentina capitania, levando-o a morte infamante. Eis o que sabemos a respeito dessa personagem da nossa historia, que, apesar de tudo, foi um grande precursor dos memoraveis sertanistas do seculo dos seiscentos, no qual sem duvida eram incarnadas as virtudes da raça, que já estavam escrevendo a grande epopéa das bandeiras e traçando o sulco luminoso mais fulgente do nosso passado.

Nota ao Capitulo XII, pg. 111

O erudito historiador Dr. Taunay, recebendo do Archivo das Indias de Sevilha os documentos referentes a M'bororé, conseguiu saber que a bandeïra paulista derrotada nesse combate foi na verdade a que assignalamos, chefiada pelo capitão Jeronymo Pedroso de Barros, bem como por João Pires, que a nosso ver seria o bandeirante João Pires Monteiro, da lista por nós organïsada ao tratar dessa expedição.

Ficam assim comprovadas, em documentos de origem castelhana, as nossas conclusões, feitas muito antes de se conhecer esses documentos, e então apenas baseadas em um raciocinio.

INDICE